A MEMÓRIA DO TERROR

A Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro, constituída pela Lei Estadual nº 6335/2012, tem por finalidade elucidar os fatos e as circunstâncias das graves violações de direitos humanos praticadas no período de 1946 a 1988, promovendo, em particular, o esclarecimento circunstanciado dos casos de torturas, mortes, desaparecimentos forçados, ocultação de cadáver e sua autoria. Entre várias atribuições, deve identificar e tornar públicas as estruturas, os locais, as instituições, bem como suas eventuais ramificações nos diversos aparelhos estatais e suas ramificações civis, relacionadas à prática de violações de direitos humanos. Os trabalhos também auxiliam à Comissão Nacional da Verdade, contribuindo, para a efetivação do direito à memória e à verdade histórica.

No dia 08 de maio de 2013, a Comissão da Verdade do Rio iniciou seus trabalhos com uma solenidade pública, realizada na sede da Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro, para a posse de seus sete membros: Wadih Damous, na condição de Presidente e os demais integrantes, Álvaro Caldas, Eny Moreira, João Ricardo Dornelles, Geraldo Cândido, Marcelo Cerqueira e Nadine Borges.

O esforço inaugural em criar um Fórum de Participação permanente com a sociedade civil com encontros mensais foi determinante, após um ano de trabalho, para consolidar e identificar o que pode significar a verdade, nesse ambiente de Testemunhos da Verdade, e a dimensão de sua expressão diante, por exemplo, da narrativa de um torturador.

É nesse cenário que a Comissão da Verdade do Rio torna pública a revelação do Coronel Reformado, Paulo Malhães, um torturador confesso que integrou o Centro de Inteligência do Exército (CIE).

Em depoimentos à esta Comissão assumiu: sua participação como um dos mentores da Casa da Morte de Petrópolis, considerada por ele um "laboratório" clandestino fora dos espaços militares, que permitia uma atuação mais livre e mais violenta em seu aspecto psicológico. Segundo ele "era para ser um lugar calmo, tranquilo, e despercebido. Petrópolis só foi alcaguetado pelo filho do dono do prédio. Senão ninguém saberia dele. A Inês diz que tinha estado em Petrópolis e localizou a casa, pelo telefone, pelo número do telefone, mas, ela localizou depois que o garoto já tinha alcaguetado".

Ele reconheceu que o Exército adotou uma política de desaparecimento com uma técnica de ocultação de cadáveres em que retirava a arcada dentária, as pontas dos dedos e cortava o ventre das vítimas antes de colocá-las em sacos impermeáveis e lançá-las em um rio na região serrana do Rio de Janeiro, tornando impossível sua localização e identificação; o desenterro dos restos mortais do Deputado Rubens Paiva; o assassinato de Onofre Pinto no massacre de Medianeira em Foz do Iguaçu e o destino dado ao seu corpo, com a mesma técnica de desaparecimento; a participação durante a Guerrilha do Araguaia, como repórter infiltrado da Presidência, na região, e a posterior atuação na Operação Limpeza que desenterrou e lançou no Rio Araguaia os restos mortais dos guerrilheiros. Para Malhães era "apenas um trabalho científico, adquirido em cursos de aperfeiçoamento". Em suas próprias palavras:

"Quando o troço virou guerra, guerra mesmo, é que as coisas mudaram. Porque a gente também foi aprender fora, alguma coisa. Aí os perfis das prisões daqui mudaram; a forma de contato com os presos mudaram; surgiu a necessidade de aparelhos; porque – isso foi uma grande lição que eu

aprendi – o que causa maior pavor, não é você matar a pessoa. É você fazer ela desaparecer. O destino fica incerto. O seu destino como... fica incerto. O que aconteceu, o que irá acontecer comigo? Eu vou morrer? Não vou morrer? Entendeu? O pavor é muito maior com o desaparecimento do que com a morte. Já quando você desaparece – isso é ensinamento estrangeiro – quando você desaparece, você causa um impacto muito mais violento no grupo. Cadê o fulano? Não sei, ninguém viu, ninguém sabe. Como? O cara sumiu como?"

Os relatos anteriormente descritos são apenas fragmentos de um depoimento que retira das entranhas do período da ditadura militar fatos [*que foram*] transformados artificialmente em verdade oficial. No entanto, a verdade não é algo que se alcance facilmente, nem que se demonstre de modo inequívoco, justamente por ser um conceito aberto e suscetível de diferentes abordagens.

As revelações do Coronel Malhães demonstraram aspectos parciais de uma "guerra" , em que ele se apresentou como um dos principais personagens de eliminação dos inimigos e adversários *do regime de exceção* que só desapareceriam com a morte psicológica. É temerário ler esse depoimento sem imaginar a possibilidade de uma armadilha, uma vez que, por mais verossimilhança que tenham, estas informações podem ter uma dimensão exagerada e, dessa forma, se prestariam para almejar um determinado resultado gerando um registro histórico que ele, o torturador, não conseguiria sozinho.

Sua atuação passa pela definição lógica de que as violações previstas na lei que criou a Comissão da Verdade são *exclusivamente* as praticadas pelos agentes do Estado. No caso de Malhães, ele aparece como o grande personagem dessas ações e violações sistemáticas como política de Estado. É imprescindível atentar ao fato de que os particulares, diferentemente dos

agentes do Estado, não praticam violação de direitos humanos e sim crimes comuns, já previstos em lei.

Dar publicidade ao depoimento de Malhães, antes do término do relatório final, significa promover um debate público a respeito da urgência de se tratar esses sofrimentos com novas lentes. Mesmo que se comprove a verdade dos fatos descritos pelo torturador confesso, o que só será possível com a abertura dos arquivos das Forças Armadas, o que se busca é dar conhecimento e lutar para o esclarecimento desses [*destes*] fatos. Trata-se, nesse momento, de permitir que a sociedade possa delimitar e qualificar as responsabilidades institucionais, sociais e políticas daquele período, a fim de transformar um paradigma que nos acompanha até hoje, quando o Estado, por meio de seus agentes, mantém sua prerrogativa de promover matanças sem qualquer responsabilização.

A divulgação do aparato repressivo montado naquele momento, com detalhes de seu funcionamento, revela ao longo de toda a narrativa a estratégia ideológica dos órgãos de repressão de destruição não apenas física, através da morte, da tortura, do desaparecimento forçado, da ocultação de cadáver, praticados no exercício da atividade estatal, mas também a psicológica, daqueles que eram considerados subversivos. É a apuração dessas violações, com definição da autoria e instituições envolvidas até o mais alto comando das Forças Armadas do período, que pode ser considerada a matéria prima da produção da verdade que almejamos em nosso trabalho.

O caso Malhães, na condição de agente do Estado que exercia o monopólio da força em circunstâncias especiais, acaba encobrindo outro monopólio, menos explícito, mas inaceitável, que é o monopólio da produção da verdade. O desafio colocado é enfrentar exatamente esse poder de produção da verdade exercido de tal forma que não permite contestação, já que o Coronel Malhães reporta os fatos atendendo aos seus interesses e

reveste a narrativa com versões que reforçam o estigma dos adversários pela responsabilidade dos atos de “terrorismo” e, ao mesmo tempo, justifica pelo caráter de “guerra” instalado no período.

É por isso que a apuração da verdade, em rigor, equivale a fazer despir da versão oficial as vestimentas inverídicas e impor no discurso oficial também os elementos recolhidos da versão e da memória dos vencidos, à exemplo das atividades públicas denominadas Testemunhos da Verdade, realizadas pela Comissão da Verdade do Rio. Soma-se aos testemunhos a coleta de informações e documentos públicos (sigilosos ou não) que reportem os acontecimentos. Nesse caso, cabe referir a recente abertura de uma ação penal proposta pelo Ministério Público Federal, contra os acusados de terem matado e desaparecido com o deputado Rubens Paiva. A denúncia também foi subsidiada com documentos encontrados na casa do torturador após sua morte em 24 de abril de 2014.

A verdade histórica que nos desafia é também a reconstrução da versão real ou a mais aproximada do fato acontecido na convergência dos depoimentos. A verdade histórica, nessa linha, passa a ser a versão dominada pelos fatos e não pelas partes, desprezando as projeções subjetivas de qualquer delas. Portanto, não se pode, em hipótese alguma, confirmar a veracidade da narrativa de um torturador de forma absoluta.

Ao ler o depoimento, o leitor deve encará-lo como uma versão capaz de recuperar uma verdade histórica, mas não pode prescindir dessa dimensão relativa da própria verdade, imprevista na leitura reta dos depoimentos ou da documentação existente sobre o período.

Os casos pessoais e particulares sempre importantes, não se prestam a reconstituir com rigor a verdade histórica, senão na dimensão individual e limitada, a qual raras vezes alcança patamar capaz de mostrar a visão integral da verdade. Por isso, a investigação pormenorizada de alguns casos como o

de Rubens Paiva, o de Inês Etienne (única sobrevivente da Casa da Morte de Petrópolis) e tantos outros, assume importância ao traduzir uma época que influi decisivamente na reconstrução da verdade histórica do Brasil.

É nesse contexto que as declarações do Coronel Reformado Paulo Malhães, torturador confesso que reportou as condutas e comportamentos dos agentes do Centro de Inteligência do Exercito – CIE, cujos detalhes interessam menos pelos fatos narrados, mas por reproduzirem um momento histórico, como por exemplo, o reconhecimento de sua autoria no desenterro dos restos mortais do Deputado Rubens Paiva. Vejamos:

"O Rubens Paiva, eu calculo, ninguém me disse, morreu por um erro. Alguém cometeu um erro para ele morrer. Não era para ele morrer. Então, esse alguém tinha que arranjar um jeito de dar sumiço no corpo. Contar este negócio de sequestro, não sei o quê, inventar uma história.(...) Então, aí tiraram ele (*do Recreio dos Bandeirantes*) e deram um destino certo para ele. Ninguém nunca mais acha."

O importante neste depoimento também foi a admissão da existência de uma verdade paralela de poder, sem registro, permitindo mais liberdade aos agentes ideológicos, integrados a uma estrutura extra-oficial, contudo, submetida ao topo da cadeia de comando. Leia-se presidente da Republica e ministro da Guerra ou do Exército. Nesse caso, o exemplo de sua proximidade com o "presidente" Médici fala por si. Conforme Malhães disse:

"Teve um presidente da República que era muito amigo meu. Se tornou por coincidência. Eu fui segurança quando foram escolher ele para presidente. Eu fui segurança dele, não sei o que, pê, pê, pê... Aí voltei, ele se tornou íntimo comigo, eu tomava conta da casa em que ele ficou, que foi do ministro da Aeronáutica no Rio de Janeiro. Aí ai passei a jogar, ele viu eu jogando buraco com o meu pessoal, ele disse 'adoro jogar isto. Você vai jogar contra eu e minha mulher. Trás o seu parceiro aí, vamos jogar'. Médici. Então o Médici,

acontecia problemas, o Médici mandava me chamar. Eu ia lá no palácio. Já almocei do lado dele. Ele perguntava, 'e aí?'. Eu dizia, 'O senhor quer que eu resolva? Eu resolvo'. 'Então está, Malhães, resolve", descreveu.

O próprio "presidente" Geisel admitiu expressamente o uso da tortura como técnica de repressão em nome do Estado, assim como outros militares, direta ou indiretamente o fizeram em depoimentos para diversas obras de reconstituição.

A escolha do método de utilização em casas, sítios, apartamentos, isto é, em lugares fora dos espaços militares para torturar e matar, era a garantia de uma atuação mais livre e autônoma, embora sempre comunicada aos superiores hierárquicos. Essa técnica usada na Casa da Morte e em tantos outros locais eliminava o resquício de qualquer esperança, pois os presos estavam nas mãos de uma repressão que sequer os registrava e, consequentemente, sabiam que dificilmente haveria alguma apuração dessas violações.

Pode- se afirmar como pontos relevantes no depoimento de Malhães: a atualidade das afirmações; a consciência da importância das revelações e certa temeridade manifesta em sua resistência em nomear agentes da repressão ainda vivos.

O resultado, praticamente previsto por ele mesmo, mostrou-se fatal um mês depois de sua aparição em uma audiência pública, quando foi encontrado morto em sua casa. As circunstâncias da morte estão sendo investigadas pela Polícia Civil e acompanhadas pela Polícia Federal, mas as autoridades desse processo que corre em segredo de Justiça apontam para a hipótese de latrocínio em um cenário ainda pouco esclarecido e que não afasta a hipótese de possível eliminação.

Paulo Malhães pode ser um exemplo da condição humana e real de um agente que, ao manipular a história e a memória por ele apropriada, é capaz de jogar de forma perversa com aqueles que não têm acesso ao passado, já que os arquivos da ditadura continuam nos porões.

O desafio da Comissão da Verdade do Rio e de todos que lutam pelo direito à verdade, à memória e à justiça, é descortinar esse passado que não passa e que se perpetua, transformando torturadores em contraventores, em homicidas, em matadores, em milicianos, em criminosos comuns, em corruptos, a revelar que a verdade só se tem transformado ao longo do tempo sem perder sua essência de ilicitude.

Fragmentos dessa ilicitude são elucidados em um dos trechos destacados por Malhães: “O Zamith entrava aqui na Baixada de chicote e quando encontrava um vagabundo, ele dava uma surra. Porque tudo é você ter amizade. Você demonstra ser um cara bom, dá porrada, dá... No time que dá porrada, você passa a integrar o time automaticamente.”

O que Malhães fez foi romper a verdade oficial, expondo visivelmente as entranhas da máquina de produção de violência e sofrimento mediante o reconhecimento da autoria dessas graves violações de direitos humanos.

Ao reconhecer as violações, o agente rompeu os limites da verdade de formal oficial.

Levando em consideração que muitos personagens dessa história de violações silenciada ainda estão vivos, por algum tempo ainda teremos testemunhas às quais desejamos coragem para enfrentar os fantasmas e a violência que nos rondam até hoje.

A verdade, por fim, é que ninguém poderá sempre fugir da verdade, porque ninguém pode fugir de si mesmo, de modo que efetivar o direito à

verdade histórica, além de dever pessoal de cada um, é obrigação comum da sociedade, e nesse momento histórico também da Comissão da Verdade do Rio. Sem isso, os algozes de ontem, protegidos equivocadamente pela Lei da Anistia, continuarão *impedindo a* cidadania de construir a história do nosso país, inspiradora de ações democráticas, para que os crimes da ditadura nunca mais se repitam.

Rio de Janeiro, 30 de maio de 2014.

Wadih Damous
Presidente da Comissão da Verdade do Rio
Álvaro Caldas
Membro da Comissão da Verdade do Rio
Eny Moreira
Membro da Comissão da Verdade do Rio
Geraldo Cândido
Membro da Comissão da Verdade do Rio
João Ricardo Dornelles
Membro da Comissão da Verdade do Rio
Marcelo Cerqueira
Membro da Comissão da Verdade do Rio
Nadine Borges
Membro da Comissão da Verdade do Rio

1ª - Conversa Com PAULO MALHÃES – 18 de fevereiro de 2014
Parte 1
Malhães – .... até procurei aonde, desde garoto ....
CEV-RJ - Coronel, qual a sua formação, quando o senhor acabou o colégio, antes de ingressar no serviço?
Malhães – Eu lia muito sobre isto.
CEV-RJ - O senhor sempre teve esse interesse, desde menino.
Malhães – Desde menino. Eu lia muito...
CEV-RJ - Isto faz diferença, né?
Malhães – Eu lia muito, lia um livro que até os comunas mandam os caras lerem para se desenvolver...
CEV-RJ - Qual o livro, coronel?
Malhães – Deixa eu me lembrar, daqui a pouco já me lembro...
CEV-RJ - Mas, isto já menino? O senhor começava
Malhães – Menino não, já ginásio para científico. Aí eu já tinha ideia das coisas. Menino não tem muita noção. Mas, como eu gostava de História, gostava de .... lia muita História e tal, eu gostava de raciocinar em termo disto. Aprendi a ter um raciocínio, jogava muito bem Xadrez, também, desculpe em dizer muito bem... Então eu desenvolvi na minha cabeça um processo de raciocínio. E este processo de raciocínio me foi muito útil. Da pesquisa, da... Depois eu me formei em psicologia. Aí eu melhorei mais ainda. Foi por causa disto que, no final, eu me tornei condutor dos infiltrados e até de fazer infiltrados.
CEV-RJ - Mas, o senhor aprendeu isto não foi de um dia para o outro....
Malhães – Não, levou tempo. Então eu terminei, então quando em terminei, quando eu vim embora, eu tratava dos infiltrados. Os infiltrados que eu tinha feito e às vezes alguns que eu herdava que, por um motivo ou outro, o sujeito saía do Sistema. Então, meu papel era este...
CEV-RJ - Foram muito?
Malhães – Han?
CEV-RJ - Foram muitos?
CEV-RJ - E esta rede, coronel ela alcançava aonde?
Malhães – Nós destruímos todas as organizações subversivas porque nós acabamos com a cabeça delas..
CEV-RJ - Os líderes?
Malhães – É. Quando você corta a cabeça de uma cobra você acaba com a cobra. Então, este foi o nosso trabalho.
CEV-RJ - Mas, o senhor conseguiu chefiar isto porque sempre se dedicou a este trabalho de inteligência?
Malhães – Eu acabei sendo, porque eu conseguia conversar com os infil..... muito, com o pessoal, para transformá-los em infiltrados. Eu passei 30 dias em uma cela para poder convencer um sujeito a trabalhar para a gente.
CEV-RJ - Conseguiu?

Malhães – Consegui. Ele era, vou lhe dizer a ocupação dele. Era do comando central do PCdoB. Então praticamente, daí pra frente, nós anulamos o PCdoB. Depois teve do PCB, PCBR..
CEV-RJ - PCdoB foi aquela operação em São Paulo.
Malhães – Não.
CEV-RJ - Não teve uma operação grande, em São Paulo, na Lapa?
Malhães – Teve, mas não...
CEV-RJ - que estouraram uma reunião do Comitê Central?
Malhães – Mas, isto porque nós sabíamos quem eles iam. Nós não adivinhamos.
CEV-RJ - Sim. Mas, ali foi o senhor com o Fleury ou foi o senhor sozinho?
Malhães – Não, eu dei a direção. Eu sabia aonde era, que horas que ia ser, tá, tá, tá, tá, tá tá... Não cabia a mim decidir se eu... difícil... eu comecei fazendo tudo: interrogando, prendendo, é um grupo de combate, eu comecei assim. E terminei eu analisando e dava para o meu chefe.
CEV-RJ - Este mapa, assim....
Malhães – O que ia acontecer. Quando eu voltava de viagem, porque eu viajava ... conheci o Brasil todo, Graças a Deus... quando eu viajava, marcava um ponto, igualzinho... Funcionava igualzinho funciona uma organização subversiva.
CEV-RJ - Os senhores copiaram o modelo ou eles que copiaram dos senhores?
Malhães – Não, é uma tendência normal. Para poder fazer o trabalho. Nós tínhamos aparelhos, eles tinham aparelhos. Porque quando você entra com um preso, por exemplo, dentro da PE, fica ali registrado que ele é preso. Para ele, depois, se transformar em infiltrado fica difícil. Os caras dizem ‘mas, você foi preso’. Mas, quando você sequestra o cara e não leva para a prisão, leva para um aparelho e ali trabalha ele....
CEV-RJ - E não faz registro?
Malhães – Não há registro.
CEV-RJ - Deixa eu voltar um pouco atrás. Quando o senhor entra na área de inteligência, logo após se formar na Academia?
Malhães – Não.
CEV-RJ - O senhor se forma na Academia quando?
Malhães – Eu me formo em 60.
CEV-RJ - Nestes primeiros anos de 60 o senhor lidou com isto, com inteligência?
Malhães – Eu comecei a trabalhar neste ramo, ... coronel... eu fui trabalhar... Nós fomos, como aspirante e tenente, eu cheguei a ser contra a posse ... quer dizer, eu não fui por ideologia, nem ... Fui porque o meu comandante foi, contra a posse do Jango.
CEV-RJ - O senhor estava aonde?
Malhães – Eu estava em (demora a lembrar) São Paulo.... desculpe estes lapsos..... eu estava servindo, em Pirassununga, no 17º RC. Então, eu era de Pirassununga. Meu comandante foi contra a posse. Meu comandante dava

aulas às vezes... Chegamos quatro aspirantes, como eu fui o primeiro da turma eu fui o mais antigo. Então tinha função de capitão liberada e eu fui ser capitão. Embora aspirante, assumia um esquadrão.
CEV-RJ - Mas, isto ali pelos anos de 1962, início de 60.
Malhães – Por aí, 1961. Eu saí da Academia e fui para Pirassununga. Dali eu fui trabalhando. Eu era comandante de Esquadrão, então quando ocorreu o Jango toma posse, não toma posse, uma parte do Exército foi a favor e outra parte foi contra, eu fui contra. Não fui contra por minha vontade...
CEV-RJ - O senhor ficou contra.
Malhães – Então eu fiquei contra. Fui para São Paulo para ser contra a posse do Jango. Mas, o Jango virou e tomou posse, em consequência meu quartel foi desfeito. Foi uma solução que eles fizeram, o quartel contra ...
CEV-RJ - Isto, uma questão interna do Exército, ou chegou à presidência da República?
Malhães – Do Exército. Não, do Exército.
CEV-RJ - Desmantelou, assim.
Malhães – O Exército transferiu não sei quem para cá e eu, por ser comandante do Esquadrão de apetrechos pesados, quer dizer o que levava as metralhadoras, foi escolhido o quartel mais comunista que existia, foi escolhido para mim.
CEV-RJ - De propósito
Malhães – De propósito
CEV-RJ - Qual era?
Malhães – Foi o 3º BCC
CEV-RJ - Onde?
Malhães – Em Realengo.
CEV-RJ - E era, realmente...
Malhães – Era. O pessoal todo ali era
CEV-RJ - Janguista?
Malhães- Não eram comunistas, mas eram governistas. Janguistas.
CEV-RJ - Estavam do outro lado.
Malhães – Estavam do outro lado que eu fui. Então, quando eu cheguei lá, eu vim marcado na paleta, como se diz, não é? Este cara é contra. Então, tudo de ruim que tinha no quartel, caía na minha mão. Aí fui me revoltando com aquilo e passei a ser contra, passei a ser de direita. Embora não existe esquerda, direita, não existe.
CEV-RJ - – Mas, o senhor não concordava
Malhães – Não concordava com o meu tratamento. Então, em consequência, eu fui contra. Certo? (09:50)
(começa uma explicação sobre esquerda e direita após a Revolução francesa)
CEV-RJ - (10:58) Mas, lá em Realengo. Quando o Sr. chegou, como o senhor falou, já estava marcado..
Malhães – Marcado. Fui mal recebido e por sorte minha, isto foi sorte, eu era instrutor do curso de sargento, dava aula aos sargentos sobre , a parte ... eu estudei blindados bem, fiquei bem em blindados, aí eu fiquei... mas trabalhava

enquanto todo mundo coçava, eu estava trabalhando. Isto até doi a causa da minha primeira separação, da primeira esposa que eu tive. Eu às vezes saía do quartel sete ou oito horas da noite. E tinha que estar no quartel sete horas da manhã, antes dos meus soldados e meus sargentos acordarem. Então fui maltratado. Eu me considero hoje maltratado. Então, eu era contra eles.
CEV-RJ - Mas, tinha mais gente junto com o senhor...?
Malhães – Não, não.
CEV-RJ - ... que o senhor fosse se aproximando, ou não?
Malhães – Depois é que alguns tenentes ficaram a meu favor.
CEV-RJ - E o senhor fez a cabeça destes seus alunos, quando o senhor dava o curso?
Malhães – Exatamente. Então aconteceu, quando houve a revolução, eu tinha o meu quartel, o quartel era meu, não era do comandante.
CEV-RJ - O senhor foi ganhando...
CEV-RJ - Ganhando na sala de aula. Cabos, sargentos...
Malhães – Quando o coronel Frota chegou lá para assumir a minha unidade, ele procurou a mim. 'Quero falar com o tenente' – eu era tenente – 'com o tenente Malhães'. Aí pergunto: 'você me dá posse no seu quartel?' . Eu disse, dou, o senhor pode entrar que o senhor é o comandante.
CEV-RJ - Quem era o comandante que caiu?
Malhães – Ah, nem me lembro. Não vamos falar em nomes. Tem nomes que a gente pode falar, tem nomes que a gente deve esquecer. O coronel até levava mulher para o quartel, era uma bagunça danada. Mas, aí o coronel caiu, o coronel assumiu, acabou assumindo a Divisão Blindada, foi a general rápido, né? E assumiu a Divisão Blindada e eu passei a ser o maior peixe do mundo do coronel. E fui peixe dele até morrer.
CEV-RJ - O Fróes?
Malhães – O Frota.
CEV-RJ - Era o Sylvio Frota.
Malhães – Era. Até morrer nós éramos amigos.
CEV-RJ - Ele morava ali no Grajaú
Malhães – No Grajau, eu também depois morei no Grajaú.
CEV-RJ - – Mas, assim, nesta época, quando teve a revolução, ele reconhecia o seu trabalho...
Malhães – É, porque eu já era do MAC – Movimento Anticomunista.
CEV-RJ - Já existia?
Malhães – Já existia. Eu era um dos membros do MAC. Andei botando umas bombinhas por aí.... Nunca matou ninguém, mas andou, né?
CEV-RJ - Assustando.
Malhães – ...o Diário de Notícias, que era o jornal.....
CEV-RJ - A relação destas bombas está nesta denúncia nova no caso do Riocentro
Malhães – Não.
CEV-RJ - Não, mas isto é depois.
Malhães – Isto é depois.

CEV-RJ - Mas, eles não relacionam ao MAC, mas ao grupo Secreta.
Malhães – Isso é depois,,,,
CEV-RJ - Mas, após 64, o senhor continuou lá em Realengo.
Malhães – É, continuei um certo tempo. (15:16) Aí eu fui tirar.. criaram o primeiro curso de informações no Exército. Aí o Frota me pegou e me botou para tirar. Aí, praticamente eu saí do BCC. No Rio. Saí do BCC, 3º Batalhão de carros de Combate. Saí e fui trabalhar na 2ª Seção do Exército. Aí já fui para o Exército, 2ª Seção do Exército
CEV-RJ - O então Comando do Primeiro Exército.
Malhães - Então Primeiro Exército.
CEV-RJ - Mas, ainda como tenente, ou não?
Malhães – Não, aí eu fui promovido a capitão e fiquei lá. Como fui o primeiro lugar no curso também, me chamaram para lá e eu fiquei lá. E lá, aí é que eu comecei a desenvolver já a mentalidade de informações. Por que o coronel que era o E2 do Exército, já me pegava e me botava para estudar certos problemas, antagonismo, que havia contra o governo, esta coisa toda. Aí eu comecei a trabalhar mais... me botaram para ouvir loucos, uns troços gozados à beça, mas vamos lá. O cara que via disco voador, né?
CEV-RJ - O senhor tinha um time junto com o senhor?
Malhães – Eu sempre procurei fazer o meu time. Eu não ganhava de graça o time, não. Comecei a pegar o sargento que eu achava mais inteligente, melhor, e tal, não sei o que, e fazia, então, o grupo..
CEV-RJ - que se destacava...
Malhães – Então, nós íamos para a rua, pra acompanhar os movimentos dos estudantes. Aí, na época, já começou, porque começou lá foram, na Holanda, na Alemanha...
CEV-RJ - Isto ainda não era 68, era 60 o quê? Era Castelo, era Costa e Silva?
Malhães – Não, acho que era Castelo.
CEV-RJ - Mas, logo no início?
Malhães – Era Cstelo
CEV-RJ - Só tinha ainda os tradicionais PCB e PCdoB...
Malhães – Não, ainda não.
CEV-RJ - Ainda não tinha o PCdoB?
Malhães – Não, ainda não. Quem tinha.... já existia, pelos meus estudos, o PCB. Porque o PCB é muito antigo.
CEV-RJ - Só para não perder. Ai nestas passeatas de estudantes o senhor já tinha a sua equipe?
Malhães – A gente já se infiltrava...
CEV-RJ - Mapeando...
Malhães – Já procurava conhecer quem era os líderes. Então ai começou o trabalho, este. Mas não tinha ainda o infiltrado.
CEV-RJ - Mas, esta tática de já ir identificando os líderes, isto já passava pela sua cabeça?
Malhães – Não, já tinha. Passava. Então, nós procurávamos, por exemplo, um lugar bom para observar... aquela missa que foi feita pelo...

CEV-RJ - Edson?
Malhães – É, que foi assassinado pelos próprios comunistas, né?
CEV-RJ - Do Calabouço?
Malhães – Foi
CEV-RJ - Não, esta historia eu não sei.
Malhães – Era um cara que não tinha família, que estava encostado, que vivia no calabouço, que comia e dormia no calabouço, então não tinha ninguém para reclamar dele. E em uma destas fugas da polícia, um próprio cara do... que era.. já nem podia dizer que era comunista , um próprio cara atirou nele e botou a culpa na polícia.
CEV-RJ - Mas, é porque era alguém que não iria ter ninguém que reclamasse?
Malhães – Reclamasse por ele.
CEV-RJ - Mas, aí já era 68?
Malhães – 68. Aí nós vamos
CEV-RJ - Aí já estava efervescendo.
Malhães – Estava efervescente.
CEV-RJ - Já tinha o Ai-5.?Não, ele veio depois.
Malhães – Logo depois. Aí nós provocamos praticamente o AI-5.
CEV-RJ - Como assim?
Malhães – Por ações, destas, de botar... por exemplo, o Diário de Notícias era um jornal que era contra.. era a favor do governo, aí botava uma bombinha no jornal de Notícias. No dia, não fazia mal a ninguém, mas ..
CEV-RJ - Mas, dava o susto?
Malhães – Entendeu? Então o cara, baseado neste esquema, o presidente da República resolveu baixar o AI-5.
CEV-RJ - Mas, para segurar os senhores ou para segurar a esquerda que se movimentava via estudantes?
Malhães – É, uma era motivação para a outra. Era só você botar a culpa naquilo, simples...
CEV-RJ - Os senhores jogavam a culpa na esquerda?
CEV-RJ - Era também o jeito de ganhar o apoio da sociedade, porque as pessoas não queriam ver baderna, bagunça, bomba?
Malhães – Se assemelha muito à situação atual. Só que a esquerda bobeou. O esquerdista, em vez de ser um cara oculto, que caminhasse nas sombras igual a gente, todo mundo sabia que o cara era comunista.
CEV-RJ - Não bastava ser, tinha que dizer que era.
Malhães – Que era...
CEV-RJ - Era mais fácil para vocês identificar?
Malhães – E a gente só nas sombras em que eles estavam aparecendo.
CEV-RJ - Os senhores eram muitos, nesta época?
Malhães – Não. Sempre foi um grupo pequeno. No máximo de 25 homens.
CEV-RJ - Só no Rio?
Malhães – Só no Rio. Depois é que se fez nos estados, eu não posso dizer em.. eu vou julgar os outros, eu não gosto de julgar. Se bem ...
CEV-RJ - montados ou não?.

Malhães – ... montados ou não. Mas, nós tínhamos no Rio já, no Exército, um grupo bem formado.
CEV-RJ - Uma boa estrutura.
Malhães – Tanto é que logo assim que isto virou o AI-5 nós fomos convidados então para fundar o CIE, o Centro de Informações do Exército. Já tinha os oficiais, que eram todos coronéis, entramos nós....
CEV-RJ - Quem eram estes coronéis? Eles já morreram?
Malhães – Alguns, eu posso dizer para você. Tinha sujeitos notáveis. Adyr Fiúza de Castro, já escutou falar?
CEV-RJ - Já.
Malhães – Exímio jogador de xadrez,
CEV-RJ – Inteligente?
Malhães – Inteligente.
CEV-RJ - Sobre ele, a gente conversa depois que eu tenho uma historia que me contaram dele.
Malhães – Fantástico. Um cara superinteligente. Eu jogava muito xadrez com ele, jogavam sempre pelo empate, porque eu nunca podia tentar ganhar ele, só ganhei dele uma vez. Então, eu jogava sempre para o empate..
CEV-RJ - Ele ainda era coronel, nesta época?
Malhães – Era coronel
CEV-RJ - E este Centro, o CIE, foi montado no Rio? No primeiro Exército?
Malhães – No primeiro Exército. Lá em cima, aí já foi no 23º andar, que já era do gabinete do ministro. O CIE não era mais do Exército, o CIE era do ministro.
CEV-RJ - Sim, tanto que se a gente pega a estrutura da época era ligado direto ao gabinete
CEV-RJ - O ministro era o?
Malhães – Como é que era? Um cara que fumava charuto. Não vou lembrar o nome dele[1]. Eu não me lembro. Ele fumava charuto, eu achava gozado.
CEV-RJ - O CIE garantiu a capilaridade, esta estrutura?
Malhães – Aí nos fomos... nós fomos para a seção, existia a seção de operações, a seção de informações e a seção de contrainformações.
CEV-RJ - Isto os senhores copiaram de quem? Dos Estados Unidos?
Malhães – É mais da Inglaterra do que dos Estados Unidos.
CEV-RJ - O modelo é mais parecido mesmo.
Malhães – Mais da Inglaterra do que dos Estados Unidos. Porque, inclusive ...
CEV-RJ - Mas, na Escola das Américas, o senhor teve formação para isto?
Malhães – Tive. Mas, aí já era para guerrilha rural.
CEV-RJ - Sim, outro foco.

[1] - Provavelmente Aurélio de Lira Tavares, que foi ministro de 15 de março 1967 a 30 de outubro de 1969, no governo Costa e Silva. Com o ministro o da Aeronáutica, Marcio de Souza Mello e o ministro da Marinha, Augusto Rademarker, participou da Junta Militar que substituiu Costa e Silva entre 31 de agosto e 30 de outubro de 1969;

Malhães – Outro foco. Então, nós começamos a trabalhar. Estudar, todo mundo gostava. Era uma condição “sine qua non” para você ir para lá. Então, todo mundo estudava, conversava, discutia, pá, pá pá. ‘ Não, vamos fazer istyo’. ‘Não, isto nós não vamos fazer porque está errado. Nós temos que... Não podemos esquecer que somos membros do gabinete do ministro’.
CEV-RJ - E o ministro acompanhava, coronel? Ele sabia passo a passo? Os senhores tinham esta obrigação de estar sempre...
Malhães – Ele era sempre informado.
CEV-RJ - Vocês não faziam nada.... poderia até não estar junto mas ele estava sabendo?
Malhães – Estava sabendo. E o ministro faz – quem faz isto é o presidente, mas o ministro também faz o dele – os EEI – os Elementos Essenciais de Informações que ele precisa, sobre o Exército, em especial, e normalmente sobre o envolvimento do governo..... Então, através destes EEI, eles sabiam tudo. Relatórios eram feitos. Nós fazíamos relatórios, passavam pelo chefe da seção. Eles se ligava mais aos chefes das seções. Eu tive oportunidade de me ligar a ele algumas vezes por uns contratempos que houve. Então ele mandou me chamar, eu expliquei o que tinha acontecido, ele me deu razão e então ficou por isto mesmo.
CEV-RJ - Nestas três linhas, o senhor atuava mais forte em qual? Ou eram nas três?
Malhães – Eu comecei como Operações.
CEV-RJ - De captar informações na rua?
Malhães – Na rua, no grampo telefônico.
CEV-RJ - Já tinha, nesta época?
CEV-RJ - Mas aí vem aquela coisa que o senhor falou no início, que o foco era mapear as lideranças, a cabeça da cobra?
Malhães – É, e com isto nós formamos, já começamos a fazer as famosas “Aranhas”. O que é uma “aranha”? Você faz uma bolinha, bota o nome do cara que você tem e começa a seguir ele, escutar ele, para ver a quem ele era ligado. Assim você vai expandindo isto. Aí você descobre fácil o que é o chefe. Por causa das linhas que as “aranhas” vão traçando. Uma “aranha” significa isto. Era o estudo que você fazia. Eu tinha uma parede quase toda minha, em que eu fazia isto, as bolinhas... isto eu fiz durante toda a vida
CEV-RJ - Naquela época não era muito fácil de gravar um telefonema, era? Os senhores gravavam na Telerj, não é?
Malhães – Era direto de lá. Ai vinha um ramal, no gabinete. Este gabinete tinha os gravadores e cada um, dependendo do nível, cada um era obrigado a estudar....
CEV-RJ - Sim, da sua investigação...
Malhães – ... da sua investigação. (28:29) Ou seja, estudava ali. Até é interessante porque você passa a conhecer a vida...
CEV-RJ - pessoal da...
Malhães – ...pessoal da ... E tem coisas interessantíssimas, né?
CEV-RJ - Devia ter muita história....

Malhães – Às vezes você ri muito.... Então
CEV-RJ - Mas, tinha limitação do numero de telefonemas?
Malhães – Ah, tinha.
CEV-RJ - Porque houve uma época em que no Brasil se dizia que todo mundo estava grampeado
Malhães – Não. Como dizem hoje que os Estados Unidos fez. Os Estados Unidos não grampeou todo mundo. Os EUA grampearam os elementos principais do governo. Certo? E, provavelmente, do contrário ao governo, o principal. Grava. Para que ele possa fazer este mesmo serviço que nós fizemos. Ah, porque os EUA espionava o Brasil. Não espionava o Brasil, espionava o presidente da República, aonde ele enfiava o dinheiro dele que a gente sabe que é lá no Caribe, né? Isso, depois eu entro neste detalhe... Bom, então, nós estamos naquela história, né?
CEV-RJ - Mas aí, coronel, neste momento das operações, nesta coisa da Aranha que o senhor começa a, a partir do momento que vocês identificavam a ideia já era pegar estes elementos ou vocês esperavam para avançar mais?
Malhães – Não. Nós não tínhamos ordem para prender ninguém.
CEV-RJ – Identificando?
Malhães – Só identificando. Normalmente identificando...
CEV-RJ - E aí apresentavam isto, conforme ia fechando...
Malhães – Apresentava o resultado, 'acompanha. Continua acompanhando'.
CEV-RJ - E o tempo, coronel? Demorava muito?
Malhães – Não. Aí depois de um certo tempo você tinha mais prática. Sua análise era mais rápida. Mas isto demorou na evolução na sua mente. Tinha que evoluir dentro da cabeça da gente. Trabalhar em informações você leva anos e anos aprendendo. Porque cada trabalho que você faz, ele é feito de uma forma. Então, não adianta você querer pegar um cara que não conhece nada, botar ali e diz 'você vai fazer isto'. Porque ele não vai fazer. Ele precisa ter uma certa experiência. Então, foi isto que aconteceu. Nós fomos criando experiência, criando experiência, criando experiência e chegamos.. O tempo foi evoluindo, as condições de antagonismos foram aumentando, até chegar ao momento em que não era mais suportável aceitar quanto ao antagonismo do comunismo em relação ao governo. Porque eles se diziam, e está provado que é mentira, que eles queriam a libertação, que eles queriam transformar o país em um país comunista. Isto era impossível transformar o Brasil em um país comunista. Se quiserem depois eu explico para vocês. Então, mas eles diziam isto, que iam transformar o Brasil em um país comunista. Eles na realidade queriam, a maioria dos líderes, é uma boca para poder roubar. Isto você está vendo hoje. O governo é comunista hoje. Você sabe disso, né? E você só vê roubo. Eles não atravessam o passo para transformar o país em um país comunista porque eles sabem que o Brasil não aceitará isto, do brasileiro, a formação cultural do brasileiro, ele não aceitará. Aí eu vou dizer para vocês o que eu aprendi com o Adyr Fiuza de Castro. O comunismo é um inseto, é a vida da abelha, a vida da formiga, tudo certinho, você nasce mas já está direcionado para ser aquilo, você não pode mudar, não pode galgar um grau

superior, você já nasce conectado com aquela direção, então você vive em função da colmeia, ou do kibutz ou da comuna, tanto faz. Já o homem, a natureza do homem, ele é um animal. Então já é mais parecido com o lobo. O que o lobo faz? O lobo vive a vida dele e cada lobo vive a sua vida. Quando chega o inverno, o lobo se reúne em uma alcateia para poder vencer, favorecer e caçar os animais e estas coisas todas, para dividir entre o grupo. Só que se um lobo encontrar sozinha uma presa e ele conseguir, ele leva para a casa dele, não divide com os outros. Isto é do animal. E nós somos assim. Não somos formiga, nem abelha. Não aceitamos esta igualdade, certo? Que eles querem imprimir no comunismo. Você não tem casa, você não tem nada. Tudo é do governo. Você não pode ter religião, você não pode ter isto, ter aquilo. O comunista não pode. Então nós não temos, no Brasil condições de mais de aplicar isto. Isto foi possível aplicar em um país como a Rússia. Por quê? Porque o cara disse que acabou com um terço da população. Assim disse Lenin. Matei um terço... Stalin, aliás. 'um terço da população para poder transformar em um país comunista'. Ele alega até isto, na época em que ele governava, que isto seria aplicado em um país capitalista. Você teria que exterminar pelo menos um terço da população, porque senão você não conseguia enquadrar dentro do comunismo.
CEV-RJ - Pelo o que o senhor falou, vocês conseguiram eliminar as organizações, não é que tenha sido fácil, mas vocês fizeram um trabalho que deu para identificar?
Malhães – É.
CEV-RJ - Quando é que é o up grade? Quando é que os senhores param de levantar só informações e começam a .. É em 70?
Malhães – É. É 70, 71.
CEV-RJ - É quando surge o DOI?
Malhães – É, surge o ....
CEV-RJ - Mas isto era pensado, coronel? Ter uma estrutura para dar uma sustentação?..
Malhães – Era, Era o sistema de informações funcionando.
CEV-RJ - E o senhor vê isto como êxito, porque esta experiência do Rio, pelo pouco que eu sei da história, ela foi... nem sempre foi bem replicada, mas tentaram reproduzir em outros estados, inclusive na América Latina, enfim...
Malhães – São Paulo, também não foi 100% aplicada, houve furos. Então, é...
CEV-RJ - O senhor acha que aqui foi melhor? Foi mais bem organizado? O senhor acredita nisto?
Malhães – Não. Acredito que só existiu uma organização bem organizada, que aqui era o CIE. Na Marinha era o Cenimar e na Aeronáutica era o CISA...
CEV-RJ - Eles copiaram dos senhores? Os senhores foram os pioneiros?
Malhães – Eu ajudei a fundar o CISA
CEV-RJ - E o Cenimar?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Mas, o Cenimar é depois do CIE?
Malhães – É, depois. Como é ...

CEV-RJ - O Exército foi o primeiro?
Malhães – Foi o primeiro. Como é que foi o do CISA. Do CISA era o brigadeiro Burnier, chefe de gabinete do ministro da Aeronautica...
CEV-RJ - O Mello[2]
Malhães – É. O Mello maluco. Então, ele queria fundar o CISA...
CEV-RJ - Mas, já partindo que a experiência do CIE estava tendo êxito?
Malhães – Então, ele chamou eu e um colega...
CEV-RJ - nesta época o Perdigão já estava com o senhor?
Malhães – Já, Perdigão...
CEV-RJ - O Paim Sampaio também?
Malhães – O Paim Sampaio...
CEV-RJ - O outro também, o ...
CEV-RJ - Brant
Malhães – O Brant, o Branzinho
CEV-RJ - Quem mais?
Malhães – Ah, tinha.... vamos deixar isto de nome de lado....Mas, cada um tinha a sua função, cada um era.... Éramos todos amigos...
CEV-RJ - Mas este grupo ajudou também o Cenimar e o CISA? Ou foi só o senhor?
Malhães – Não, Cenimar fui eu e o Brant. O Burnier chamou a gente e disse...
CEV-RJ – CISA?.
Malhães – ... 'eu preciso fundar o CISA. Mas, não encontro como mostrar ao ministro que isto funciona'.
CEV-RJ - Vocês não eram a prova de que isto funcionava?
Malhães – Não, mas o ministro não reconhecia muito isto. 'Então eu quero que vocês façam o seguinte. Eu tenho um problema no ITA. Eui quero que vocês vão para lá, entre como faxineiro, vamos arranjar um jeito de colocar vocês lá dentro. E quero que vocês mostrem quem é que faz... vamos dizer, o problema ao contrário, procura prejudicar as ações do ITA'. Aí nós fomos, levantamos tudo direitinho. Era um major da Aeronáutica. E levamos para ele...,
CEV-RJ - Mas tinha ligações políticas?
Malhães – Ele era esquerdista.
CEV-RJ - Mas, sem ligações com partidos?
Malhães – Deveria ter... PCB.. não era guerreiro.
CEV-RJ - Não era um Lamarca?
Malhães - Eu digo que o PCB não é guerreiro. Tanto é que foi o ultimo que tivemos que derrubar foi o partido, porque não tínhamos mais nada a fazer e derrubamos o coitado do Partidão. Né? Porque são mais velhos pensadores. Eles são comunistas, eles acham que é o ideal....

[2] - Marcio de Souza Mello foi ministro da Aeronáutica de 1964 a 1965 e de 1967 a 1971. Com o ministro do Exército, Aurélio de Lira Tavares e o ministro da Marinha, Augusto Rademarker, participou da Junta Militar que substituiu Costa e Silva entre 31 de agosto e 30 de outubro de 1969;

CEV-RJ - Não pegaram em armas.
Malhães – Não. Nem tentaram...
CEV-RJ - Mas, isto no ITA teve sucesso?
Malhães – Teve sucesso. Ai levamos para o Burnier. O Burnier mostrou para o ministro 'Poxa que troço, ah, então funciona assim, eles descobrem. Ele disse é, então funda o CISA'. Aí ele fundou o CISA. Tanto é que eu e o Brant temos uma medalha de Mérito da Aeronáutica. Nós ganhamos, o Burnier fez nós recebermos esta medalha.
CEV-RJ - Reconhecendo o trabalho de vocês.
Malhães – Eu até me senti muito orgulhoso, foi o dia em que eu fiquei mais vaidoso.
CEV-RJ - Isto foi em 69? Por que o CISA já existia em janeiro de 70 quando cai o Rubens Paiva. Já foi um trabalho do CISA a prisão daquelas moças que desceram do Chile com as cartas. Então isto era 19 de janeiro.
Malhães – É já existia
CEV-RJ - Então 69?
Malhães – 68, por aí. Não lembro muito as datas não. Mas aí passou o CISA e o nosso relacionamento com o CISA sempre foi ótimo, por causa disto.
CEV-RJ - E com o Cenimar, havia disputa?
Malhães – Eu, por exemplo, não era disputa. Eu, por exemplo, não concordava com muitas coisas que eles faziam.
CEV-RJ - Tipo, assim?
Malhães – É você... eles prenderem seu informante....
CEV-RJ - Informante da outra força?
Malhães – Nosso informante. Eles prendiam e dava sumiço, embora a gente protestasse pela prisão do cara...
CEV-RJ - Mas, que ainda podiam ser úteis?
Malhães – É. Ele era um informante. Fazer um informante não era fácil..
CEV-RJ - Mas, eles faziam isto para impedir o trabalho dos senhores e aparecerem mais?
Malhães – Não, eles faziam isto por ideia deles mesmo...
CEV-RJ - Estratégia equivocada?
Malhães – ... não interessava quem era. Nem que ninguém (inaudível).. então, quando eu tive oportunidade, eu fiz a mesma coisa com eles. Daí nós começamos a entrar em choque. Eu chiei, quando fizeram comigo e eles chiaram quando fizeram com eles. Então, daí para a frente nós vivemos em choque, eterno choque. Tanto é que eu não tenho medalha nenhuma da Marinha. Entendeu? Todo mundo ganhou, era uma medalha jogada para o alto. E eu não tenho, nunca me deram. Eu nunca fui convidado para visitar o Cenimar. Nem sei aonde que era, sei que era ali pela Ilha das Cobras, por ali, mas nunca fui lá. Já o CISA não, eu ia constantemente. Nós precisávamos de um avião, para ir a qualquer lugar...
CEV-RJ - Coronel, o senhor estava ficando conhecido por isto. Aí o senhor começou a sair do Rio de Janeiro? Tinha um papel de formação? O senhor ia levar adiante este papel?

Malhães – Eu comecei, eu ia.... Foi feita uma prisão grande no Ceará. Aí eu pedia para ir para o Ceará para tentar captar informantes. Eu geralmente captava um, dois. Embora um não soubesse que o outro era. Isto vai explicar muito a Casa de Petrópolis, aí eu vou explicar a vocês a Casa de Petrópolis. Por que um infiltrado não pode saber que o outro é. Por que um toma conta do outro, é obrigado, né? Sem ele saber que o outro é, ele toma conta. Então, para você é o ideal. Aí eu corri praticamente o Brasil inteiro coletando informantes. Então eu viajava muito.
CEV-RJ - Porque tem algumas coisas em que o nome do senhor aparece em um período em que o senhor esteve em Porto Alegre, depois tem lá em Foz do Iguaçu também...
Malhães – Em Santa Catarina
CEV-RJ - Aparece isto, depois, mais tarde, um pouco mais para a frente, foi lá no Araguaia?
Malhães – No Araguaia foi aonde nós transformamos a tropa fardada em tropa a paisana... Porque um soldado correndo no meio do mato você escuta a três quilômetros de distância. Sacode o cantil, sacode aquele bando de bagulho que ele leva, então não tinha como combater os guerrilheiros.. ali já eram guerrilheiros... Porque o importante de tudo..
CEV-RJ - O senhor ia nestes lugares?
Malhães – Ganhava alguns. Então, o importante disto tudo era vocês entenderem o principio. Nós nunca prendemos garotinho jogando bola de gude, nem garotinho soltando pipa na rua. Nós prendíamos guerrilheiros. O que são guerrilheiros? Eles se diziam guerrilheiros, podia ser quer não fossem. Mas, eles se diziam guerrilheiros. Guerrilheiro é quem guerreia. É preciso entender isto, é muito importante a gente entender... ‘Ah vocês pegaram deram sumiço no X, no Y, no H, no C, no D..’. O que eles eram? Eram guerrilheiros.... Não foi... Não pegaram ela porque ela estava passeando lá, como ela disse que conheceu lá...
CEV-RJ - No rio Araguaia...
Malhães – ... no rio Araguaia, ela estava passeando e pegamos ela e... Não. Ela não era guerrilheira. A gente já tinha identificado todos os guerrilheiros que estavam lá.
CEV-RJ - Os senhores, CIE?
Malhães – É. Então, a primeira tropa que foi, foi a paraquedista, para lá. Depois foi a tropa regional mesmo para lá e não deu certo. Foi um fracasso. Aí entramos as zebras, que eram formadas por 13 homens e um campeiro, um cara da região que conhecesse a terra.
CEV-RJ - Um mateiro, como eles chamam?.
Malhães – É, um mateiro. O cara que soubesse como era a região. E aí sim, o troço começou a dar certo. O mateiro me ensinou uma coisa importantíssima. Ele olhava. Eu perguntava, ‘pô passou alguém por aqui?’ Ele disse, ‘passou. Faz quatro horas que eles passaram por aqui’. Eu pensava, maluco, como é que ele sabe? ‘Passou alguém por aqui?’ ‘Passou. Faz dois dias que gente passou por aqui. Eles andam e voltam aqui, é só esperar eles passarem de

volta. Vamos esperar eles passarem de volta'. Aí eu perguntei para ele. "Ué, meu amigo. Estou abismado com você. Como você sabe que passou três horas, vai voltar?". Ele disse, pelo mato. Aí fui olhar com ele. 'Está vendo estes mosquitinhos, que dão na folha? É porque a folha está com suor. Então, tem que ter passado um ser humano por aqui para deixar suor na folha'. Então, a quantidade de mosquitinhos indicava o tempo... Como é que a gente ia saber disto? Se a gente fosse cru iria ficar procurando em zigue-zague...
CEV-RJ - E os índios, coronel, eles fizeram também... porque este tipo de conhecimento para eles também é muito presente?
Malhães – É, mas os índios não interferiram não. Interferiram mesmo os mateiros, campeiros. Eles é que nos ajudaram, nos ensinara, inclusive..
CEV-RJ - Para o senhor, para este trabalho que os senhores faziam lá, era muito difícil chegar nos mateiros ou os mateiros mesmo sentiam segurança?
Malhães – Quando nós chegamos lá, os comunistas já tinham mexido na região...
CEV-RJ - Isto é o que se fala, que eles foram para lá e ajudaram a fazer parto, ajudaram a dar remédio para as pessoas.
Malhães – Se aproximaram da população...
CEV-RJ - E como foi isto, de vocês conseguirem .?.
Malhães – Quando nós chegamos, eles nos chamavam de a Força. Não tinha nome porque não sabiam se era Exército, Marinha, Aeronáutica..
CEV-RJ - Os moradores ou os guerrilheiros?
Malhães – Os moradores. Chegou a Força. Então víamos quem era o campeiro, perguntávamos se o campeiro queria trabalhar, pagava ao campeiro, ele era remunerado, é logico, e ele passava a trabalhar em uma destas zebras. E foi o que acabou com eles lá.
CEV-RJ - Os senhores montaram quantas zebras?
Malhães – Ah, era variável à beça...
CEV-RJ - Mas, apesar do lugar, a técnica é muito similar com o que o senhor já vinha acumulando com conhecimento, mapeamento?
Malhães – Mas, ali era procurar o guerrilheiro, não queria saber quem era. Se ali passava guerrilheiro, nós íamos pegar o guerrilheiro ali.
CEV-RJ - Mas, este apoio local, o senhor acha que isto foi uma bota tática que vocês usaram?
Malhães – Foi a melhor coisa que nós descobrimos na vida para guerrear no mato. Você conheceu a selva amazônica, você sabe que o dia vai clarear às 10hs da manhã, se clarear um pouquinho, vai escurecer antes das quatro da tarde, aquelas árvores gigantescas fecham. Você anda de lama até aqui...né? Se você andou no meio do mato
CEV-RJ - Andei lá, tudo.
Malhães – Você sabe que anda de lama de folha. Não é lama de terra, é lama das folhas que caem, apodrecem e faz uma lama. Então, é difícil. A guerrilha, tanto é que o americano perdeu na guerrilha. Perdeu porque o americano, como perde em tudo quanto é país que ele ocupa, ele erra em um principio básico e aí.. porque ele quer fazer daquele lugar que ele ocupa o mesmo

estiulo de vida que o americano tem nos Estados Unidos. Ele jamais vai conseguir convencer aquela população a aceitar aquele estilo de vida. Então foi o grande erro deles..
CEV-RJ - O senhor não ficou muito tempo lá, não é?
Malhães – Não, eu ia de vez em quando.
CEV-RJ - Já no final, meados de 70?
Malhães – Depois da passagem das tropas. Logo depois vieram as zebras. Aí eu já estava começando as zebras. Porque o general Bandeira, que era o comandante da região, no caso, comandante de guerra da região, era também meu chapa. Porque tudo é amizade que você vai fazendo. Vão gostando do seu trabalho, o cara passa admirar você, embora seja coronel, seja general...
CEV-RJ - E foram lhe dando espaço?
Malhães – ... então, ele passa a acreditar no seu trabalho. Então, o general Bandeira era muito meu amigo, era amigo do Curió...
CEV-RJ - O senhor tinha relação boa com o Curió também?
Malhães – Tinha. Eu sacaneava muito o Curió. Brincava muito com ele. Por que o Curió era muito fantasioso. Não sei se ainda é. Ele era muito fantasioso. Ele fazia grandiosidade de bobo. Quando a gente ia ver na realidade, não era nada daquilo. Eu sacaneava muito ele, brincava muito com ele. Mas ele era trabalhador.
CEV-RJ - Ele tem este traquejo da política..
Malhães – É, ele já é mais político. A queda dele foi uma burrice dele. Os garimpeiros, ele dominava os garimpeiros. Porque ele é quem foi tomar conta de Serra Pelada, então ele dominava os garimpeiros. Os garimpeiros iam fazer uma marcha até Brasília, contra o término do garimpo, este troço todo e o Figueiredo pediu a ele que não deixasse isto acontecer. Ele disse, ‘presidente, eu não posso. Estou do lado deles’. Aquilo praticamente terminou... porque ele era muito peixe do Figueiredo.. Aquilo praticamente terminou com o comando dele em Serra Pelada. (55:26)
CEV-RJ - Vamos voltar um pouco atrás. O senhor estava falando da criação do CIE e nós íamos falar no up grade. Antes vamos perguntar, o SNI nasce e se dá bem com o CIE?
Malhães – A maioria do pessoal do SNI era do Exército. Muitos deles nascidos junto com a gente. Pelo menos a parte operacional.
CEV-RJ - E como era esta aproximação para puxar para o SNI, como era a definição de quem ficava no CIE?
Malhães – Bom, eu fui puxado para o SNI, mas o CIE negou me ceder ao SNI, então fiquei no CIE.
CEV-RJ - Mas, o senhor tinha uma relação...
Malhães – Boa, até com o chefe da seção de operações. Tinha trabalhado comigo, e tudo.
CEV-RJ - O Perdigão foi para o SNI.
Malhães – Depois, bem depois. O pessoal preferiu ir para o SNI. Eu também preferia, ganhava mais.

CEV-RJ - Mas, tinha uma coisa de status, coronel? O senhor acha que rolava isto?
Malhães – Não, informações não tem status. Não tem status. Eu não me vangloriava pelo o que eu fazia, eu fazia e pronto. Os outros também não se vangloriavam pelo que faziam. A diferença do Curió era esta, por causa disto é que a gente perturbava muito ele. Era esta. Ele, não. Ele era político. Tanto é que depois ele foi eleito deputado.
CEV-RJ - E quando nasceu a estrutura DOI-CODI?
Malhães – O DOI-CODI nasce...
CEV-RJ - da necessidade do CIE ter um braço operacional?
Malhães – Não. Eu acho que foi mais o orgulho ferido dos comandantes do Exército de não ter um órgão de informações nas mãos dele. Quando todo mundo descobriu que a informação realmente funciona, que ela realmente trás dados para você analisar, todo mundo quis ter um CIE na vida. Aí nasce a estrutura que chama-se Sistema de Defesa..
CEV-RJ - Não, começa com Departamento de Operações e Informações...
Malhães – É mas chama-se Sistema de Defesa Interna. Porque..
CEV-RJ - Aqui no rio foi o Sizeno Sarmento..
Malhães – Porque o DOI só trabalha dentro da região da área dele, certo? Então é Sistema de Defesa Interno. Aí surgiram.. o CODI não tem nada a ver, o CODI é uma falsa união entre o Exército, a Polícia Militar, a Polícia Civil, todos os órgãos repressores. Aí tem o CODI, entendeu? Aí você tem o CODI, que é uma coisa falsa.
CEV-RJ - Mas como espaço, coronel, é uma coisa falsa? Como espaço físico para que aquelas pessoas identificadas fossem presas e levadas para estes espaços?
Malhães – Não, cada um trazia um pouco de informações, facilitava às vezes na busca de informações. Mas, só teve um oficial, até o apelido dele – o nome dele eu não lembro - era Jacaré Engomado, que tinha a concepção da informação, tanto é que ele foi ser E2 da Polícia Militar, que tinha esta concepção. Os outros não, os outros tiraram cursos, eu fui instrutor deles, e você via que eles não estavam muito interessados naquilo.
CEV-RJ - Mas o senhor acreditava nesta estrutura, o senhor acha que foi bom ter montado esta estrutura dos CODIs dos DOI, neste perído aí?
Malhães – É, aliviou muito a gente.
CEV-RJ - Esta questão de ser dentro de uma estrutura do Exército, isto não era complicado, por que quando a gente fala destes outros aparelhos – e aí o senhor falou lá de Petrópolis, em que momento foi necessário pensar isto assim, de não ser só dentro do espaço oficial?
Malhães – Não. Eu acho até que, em alguns casos, os DOIs, de alguns Exércitos, foram peças tão falhas que se você for estudar isto, você vai dizer até que foram peças corruptas.
CEV-RJ - Aqui no Rio aconteceu muito disso.
Malhães – Entendeu? Ele está dizendo uma verdade, não está dizendo uma mentira.

CEV-RJ – Nós temos um depoimento...o senhor conheceu o Riscala Corbage, da PM, que funcionou no DOI?
Malhães – Não
CEV-RJ - Ele está mal, agora, parece que está internado. Ele nos deu um depoimento por telefone em que ele fal que o DOI só tinha a escória do Exército. Pessoas que iam ser expulsas do Exército.
Manhães – Não, isto é mentira.
CEV-RJ - É exagero?
Malhães – É exagero. Vou dizer pra você que não tinha a nata, não era... Mas, tinha pessoas qualificadas. Acho que, infelizmente, quando você tem o poder na mão, você... é o que acontece no governo hoje, a primeira coisa que você pensa é se locupletar. Não é gerir aquele cargo que você tem, não interessa muito. Foi a falha do DOI do primeiro Exército.
CEV-RJ - Mas o senhor acha que esta estrutura foi mal pensada?
Malhães – Ou mal estruturada...
CEV-RJ - A estrutura era boa, ou as pessoas que corromperam a estrutura?
Malhães – As pessoas é que erram.
CEV-RJ - Faltou comando?
CEV-RJ - Mas porque criar outras estruturas, coronel? Por que pensarem em lugares que não eram dentro das unidades, embaixo da saia de vocês. Tá aqui, aqui a gente cuida, a gente sabe quem entra, o que acontece. Pensar em lugares alternativos? Isso era uma estratégia?
CEV-RJ - Como a Casa de Petrópolis, São Conrado..? Foi porque estava enfraquecida a estrutura dos...
Malhães – Não.
CEV-RJ - Por quê?
Malhães – Eu já disse, foi o orgulho dos comandantes do Exército de ter um instrumento de informações dentro do comando dele. Porque o comando era dele. Nós não tínhamos, não podíamos interferir em muito. Às vezes até interferíamos, mas isto dava umas faisquinhas, né? Às vezes a gente interferia. Eu mesmo trabalhei no DOI. Cheguei a trabalhar no DOI. Então, eu acho que depende de quem esteja...
CEV-RJ - O DOI surge depois da OBAN.
Malhães – É, também depois da OBAN. Mais ou menos parecido.
CEV-RJ - Mas, os aparelhos que os senhores montaram surgem antes da OBAN e do DOI, ou surgem depois? Petrópolis foi depois?
Malhães – Não sei se foi muito depois, não.
CEV-RJ - Qual foi o primeiro? São Conrado?
Malhães – Não. O primeiro foi Petrópolis
CEV-RJ - O primeiro foi Petrópolis? Foi 69/70?
Malhães – Ah, não me lembro.
CEV-RJ - Coronel, por que Petrópolis? Era para ser bem reservado?
Malhães – Era para ser um lugar calmo, tranquilo, e despercebido. Como era Petrópolis. Petrópolis só foi alcaguetado pelo filho do dono do prédio. Senão ninguém não saberia dele.

CEV-RJ - Não. Foi pela Inês, não?
Malhães – A Inês diz que tinha em Petrópolis.
CEV-RJ - E localizou a casa, pelo telefone, pelo número do telefone.
Malhães – Mas, ela localizou depois que o garoto já tinha alcaguetado.
CEV-RJ - Se ele tivesse negado? se ele nunca tivesse falado nada?
Malhães – Vocês não saberiam. Porque a Inês.., entenda bem, eu não tinha nada a ver com a Inês, tanto é que ela não me conhece. Porque ela era produto de outro operador. Até um cara que se achava o máximo, e tal. E foi um grande fracasso. Mas, a Inês também não bate bem da ... Pelo que eu soube da Inês, na época, ela não bate bem das bolas não. Ela diz que teve gente... Ela alcagueta oito pessoas, né? Que estiveram presos em Petrópolis. É totalmente mentira dela. Ela não podia ter visto este pessoal.
CEV-RJ - Não, ela não diz que viu. Ela diz que ouviu falarem. Falaram isto...
CEV-RJ - Mas, coronel, voltando, esta coisa lá de Petrópolis, esta ideia de montar a estrutura tem muito a ver com esta questão de ser um lugar calmo, despercebido
Malhães – Despercebido..
CEV-RJ - Mas, aí, coronel, por que São Conrado. Era por que era mais rápido, mais fácil?
Malhães – São Conrado não era nosso.
CEV-RJ - Era Cenimar?
Malhães – É Cenimar, meio DOI, nós fomos para ..
CEV-RJ - O senhor esteve lá em São Conrado?
Malhães – Não. Nunca tive lá. Eu tinha muito trabalho só com Petrópolis.
CEV-RJ - Petrópolis durou muitos anos?
Malhães – Durou. E nós não tínhamos só um em Petrópolis. Nós tínhamos outros mais desviados. Nós queríamos um lugar que fosse tranquilo, que fosse calmo. E a casa de Petrópolis era o ideal. Atrás tinha um alemão. Morava um alemão, com a irmã dele, com a mãe, que ganhavam dinheiro graças ao pai que aplicou dinheiro no Banco do Brasil, então ganhavam dinheiro, não precisavam trabalhar. E tinha um relacionamento com a gente maravilhoso e nunca viram nada. Se você chegar perto deles – não sei se já morreram – se vocês chegarem perto dele e perguntarem eles vão dizer, 'não é possível. Nós nunca vimos nada'. E eles, inclusive entravam na casa, quer dizer, chegavam na casa.
CEV-RJ - A Inês disse que ele a viu.
Malhães – Eu estou achando que... eu não acredito muito nas histórias da Inês não. A Inês, para mim, ela quer aparecer, então ela diz muita coisa que eu acho que, realmente. Porque o trabalho é muito compartimentado. Se você está trabalhando aqui, nenhum outro vem aonde você está. Nenhum outro membro do Exército vem aonde você está.
CEV-RJ - A Inês não sabia do senhor e o senhor não sabia dela?
Malhães – ..não sabia da Inês. Era um trabalho compartimentado.
CEV-RJ - O senhor cuidava dos seus?
CEV-RJ - Mas, o senhor esteve lá enquanto a Inês estava lá?

Malhães – Eu devo ter estado, devo ter estado. Não uma vez não, várias vezes. Devo ter ficado até na casa com a Inês lá.
CEV-RJ - Sem ela saber que o senhor estava lá?
Malhães – Lógico, era uma compartimentação.
CEV-RJ - Coronel, não eram muitas pessoas, como dizem, que os senhores levaram para lá?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Era bem selecionado?
Malhães – Era.. você tem que ver o tamanho da casa e ver quantas pessoas podem ser ocupadas em um lugar só.
CEV-RJ - Simultaneamente.
Malhães – É
CEV-RJ - E a casa funcionou durante anos?
Malhães – Tu tem, vamos dizer, não me lembro agora quantos quartos tem a casa. Mas, vamos supor que tenha seis quartos. Seis pessoas podem ter estado lá..
CEV-RJ - Mas, vocês tinham isto na...
Malhães – Isto era obrigado a ser cumprido. Mesmo que eu tivesse um elemento para entrar lá, eu entraria ... por causa disto é que foi criada outra casa.
CEV-RJ - Lá em Petrópolis.
Malhães – Entendeu? Porque aí ficou uma...
CEV-RJ - Como se fosse uma fila de espera?
Malhães – É. Senão não dá. Eu ganhei um cara do PCdoB, artista, ele era artista. Quero levá-lo para um lugar, para poder... achei que ele é frouxo e dá para trabalhar com ele. Aonde eu vou levar ele? Aí alugaram uma casa correndo e tal, não sei o que... esta era bem mais isolada.
CEV-RJ - Lá, também?
Malhães – Em Petrópolis. Aí, lá fui eu, com o cara, fiquei com o cara 12 horas, uma noite e soltei o cara de manhã. Nem sentiram falta dele.
CEV-RJ - Precisou usar de rigidez com ele?
Malhães – Sempre você começa meio rígido. Mas, rigidez não é porrada não. Vou lhe ensinar uma grande coisa que eu aprendi: um homem que apanha na cara, não fala mais nada para você.
CEV-RJ - Mas, o senhor demorou a aprender isto?
Malhães – Um pouquinho. Não foi muito tempo não. Um homem que apanha na cara, você dá uma bofetada nele, ele se tranca, você passa a ser o maior ofensor dele e o maior inimigo dele. A rigidez é o volume de voz, apertar ele psicologicamente, sobre o que ele é, quais são as consequências. Isto sim. Dele ser aquilo, o que pode acontecer a ele, tudo isto é psicológico. Principalmente quando houve outros casos, né? Fulano foi preso e sumiu. Ele quando é preso... Não é preso em uma unidade militar, ele vai para um lugar completamente estranho, civil, vamos dizer assim, uma casa...
CEV-RJ - Ele sabe que não tem registro.é isso?.
Malhães – É. Ninguém sabe que ele está lá. Tudo isto é coação psicológica

CEV-RJ - Mas, a maioria dessas pessoas que o senhor conseguia ter oportunidade de trabalhar, o senhor adotava como estratégia levá-los diretamente para estes lugares ou elas sempre passavam por uma unidade militar antes?
Malhães – Não, nunca passavam.
CEV-RJ - Então, esta construção é falsa, dizer ah, eles saíram do DOI-CODI e foram para a casa de Petrópolis, para o sítio de não sei aonde? Isto não tem sentido?
Malhães – Não. Que vinham da OBAN para a casa da Petrópolis. Não existe isto.
CEV-RJ - O sentido era outro?
Malhães – O sentido era outro. Então, você sabe o que vai te acontecer se você não aceitar, e tal. Há vários processos de coação. Mas, como você já sentia que o cara era fraco de personalidade, era mais fácil. Voce podia fazer qualquer tom de ameaça para ele. Mas, bater, não.
CEV-RJ - Coronel, desculpa a sinceridade mas, sem desmentir o senhor e desacreditar no senhor. Pela sua conversa, então não houve tortura em Petrópolis?
Malhães – A meu ver. A meu ver, não.
CEV-RJ - Então não desapareceu ninguém lá?
Malhães – Ah, isto eu não sei. Não sei se desapareceu, desapareceu, se desapareceu é desaparecido. Mas, não venha me perguntar isto porque eu não posso responder a você.
CEV-RJ - Algum dos seus desapareceu? Foi obrigado a desaparecer com ele?
Malhães – Também não posso te responder isto.
CEV-RJ - Coronel, quando o senhor fala como esse exemplo, tem alguém com o senhor, passa a noite lá e ai o senhor depois de 12 viu que...
Malhães – Viu que o cara era frouxo e então pode soltar
CEV-RJ - E se o cara não fosse frouxo?
Malhães – Aí não, aí ele podia ficar mais tempo preso para se tentar conversar, se não conseguisse...
CEV-RJ - Mas, este convencimento era possível? Coronel, isto acontecia mesmo? Por que as pessoas falam tanta coisa disso....o senhor conseguia ganhar as pessoas?
Malhães – É. O problema é o seguinte..,.
CEV-RJ - E isto ajudava?
Malhães – O problema é o seguinte, o comunista brasileiro nunca foi nem comunista. Tinha um, isto aconteceu em Recife. Tinha um menino preso lá, também em um aparelho em Recife, que eu queria convencer ele a trabalhar com a gente, que eu tinha uma dificuldade, que eu tive que..., eu já tinha estudado o comunismo, mas tive que voltar a estudar o comunismo, ler a Veja no avião quando ia para lá, para preparar para discutir com ele. Porque ele botava em questão vários itens, e eu tinha que rebater os itens que ele botava. Custei e acabaram botando o menino noticia de jornal e ele era do comando nacional do PCdoB. Mas um chefe meu resolveu ir visita-lo comigo e conhece-

lo.b Ficou admirado de ter ganho ele. Então levou com ele um sargento para gravar e tal. Eu raramente gravava, procurava guardar na cabeça. Mas, ele levou, gravou na frente do infiltrado no encontro que nós tivemos, aí não era aparelho, era uma casa alugada para estes encontros.
CEV-RJ - Não é aquela Chácara de São Bento, em Olinda?
Malhães – Era. Então, nós aí, mostrei, apresentei, disse o codinome do meu chefe. Quando ... Eu fiquei e ele voltou para Brasília. A primeira vez que eu voltei para falar com ele, ele disse 'nunca pensei que você fosse fazer isto comigo. Primeiro me apresentar a outra pessoa. Segundo eu vi que estavam gravando o que a gente estava conversando. Já pensou se isto caísse nas mãos dos meus parceiros?'. Eu até tomei uma bronca do cara e aí procurei minimizar e tal, não sei o que. E este sargento, alguns anos atrás, o coronel se matou, por problema de mulheres. Tinha mulher, era casado, depois tinha outra mulher que ele arrumou, uma confusão dos diabos...
CEV-RJ - Então o senhor pode dar o nome do coronel, se ele já morreu.
Malhães – Ele comandou o quartel de... se matou no comando.. o codinome eu me lembro, o nome já é mais difícil. (01:19:00)
CEV-RJ - Qual é o codinome?
Malhães – Bom, mas vamos lá, ele se matou e o sargento que era peixe, por ser peixe caiu em desgraça. Aí teve que pedir baixa do Exército, já tinha tempo, pediu baixa e foi morar lá no Espírito Santo. E lá ele contou o nome do infiltrado para os jornalistas. Eu não sei o que aconteceu com este menino. Ele era deputado estadual naquela época. Lá em Pernambuco. Você vê que há incoerência nisto tudo. Eu quase saí do CIE por causa disto.
CEV-RJ - (01:19:53) Mas coronel, o senhor está contando a história de um infiltrado que voltou para a vida normal e passou a dar informações sem ninguém saber. Agora temos uma relação de nomes, de pessoas, que não voltaram a circular mais, que sumiram, desapareceram...
CEV-RJ - E que eram líderes.
Malhães – E o que eu posso fazer?
CEV-RJ - Então, ali, a Casa da Morte teve caso que desapareceram?
Malhães – Eu conversei isto com o meu amigo, ou ex-amigo, e disse para ele que era uma casa de conveniência, não era um lugar de morte. Era uma casa de conveniência.
CEV-RJ - Mas ocorreram mortes. O senhor admite que ocorreram mortes?
Malhães – Eu não posso falar isto, certo? Porque eu aí eu vou estar condenado vários amigos meus. Não sei o que houve.
CEV-RJ - Coronel, mas os nomes dessas pessoas, obviamente o senhor sabe, circulam por aí. Tem gente que fala 'ah, mais de 20, mais ou menos uns 30'. Eram muitas pessoas? O senhor vendo esta lista, o senhor acha que é uma construção falsa, ou aquelas pessoas – independentemente do destino dela, que é isso que o senhor falou, o senhor não vai reconhecer se morreu ou não morreu, isto não interessa – mas, assim, o senhor ao ver este nomes, o senhor poderia, por exemplo, dizer 'não estas pessoas, isto eu garanto, nunca pisaram em Petrópolis"?. Este tipo de coisa. Porque estas pessoas, alguns deles

desapareceram e parte do nosso trabalho é a gente tentar, e aí independente do desfecho final disto, pode ser eternamente um desaparecido, mas não dá para a gente, no final do nosso trabalho, e isto é uma preocupação muito séria que eu tenho com o meu trabalho, assim como o senhor tinha com o seu. Dez pessoas me dizem, 'ah, não, o Rubens Paiva foi para a Casa de Petrópolis, para o aparelho de Petrópolis, para o centro de conveniência, como o senhor está falando...
Malhães – Eu acho difícil.
CEV-RJ - ..aí eu ouço dez pessoas dizerem isto. Aí eu vou lá e escrevo. Embora não tenha prova documental e tal, mas tudo indica que ele foi para lá.
Malhães – É difícil.
CEV-RJ - O que eu não quero coronel, no final do nosso trabalho, e por isto que eu vim conversar com o senhor e estou sendo muito sincera com o senhor, é a gente mais uma vez na história deste país, e isto desde que ele existe, desde 1500, é mais uma vez o estado, seja o Estado de hoje, o Estado de ontem ou o Estado de amanhã, botar um carimbo em cima de histórias que não são verdadeiras.
CEV-RJ - Falsas verdades...
CEV-RJ - Aí o senhor, por exemplo, pode aparecer em uma nota de rodapé que oito pessoas, por qualquer razão, dizem 'não, o Paulo Malhães estava em Montevideo, o Paulo Malhães', entendeu? Aí eu vou dizer que isto é verdade, mas eu estou tendo a oportunidade de ouvir o senhor dizer 'eu nunca pisei em Montevideo, então não poderia ter sido eu'. Este tipo de coisa, coronel, estas pessoas passaram por lá, ou não passaram por lá?
Malhães – Eu não sei todo mundo que passou por lá....
CEV-RJ - Mas o caso, por exemplo, que nem o do Rubens Paiva, que o senhor sabe que é um caso que gera ...
Manhães – Eu sei
CEV-RJ - ... gera uma comoção, né?...
Malhães – Sei..
CEV-RJ - Tem uns que aparecem mais, tem outros que aprecem menos..
CEV-RJ - O senhor deve ter acompanhado que nós conseguimos um depoimento do coronel Raimundo dizendo que aquele sequestro foi um falso sequestro do Rubens Paiva. Aquela operação em que ele teria sido sequestrado, no Alto da Boa Vista, de madrugada, não sei o que, e levado e daí sumiu..
CEV-RJ - Isto é uma história, coronel, que vem desde 78...
CEV-RJ - Não, desde 71,
CEV-RJ - Não, em 71 ele desapareceu, mas desde 78 outro jornalistas começou. Tem um cara que eu vou falar o nome para o senhor, que esteve preso na Fortaleza de Santa Cruz, um cabo, Severino Manoel Ciriaco, o senhor lembra este nome?
Malhães – Não
CEV-RJ - Nem de jeito nenhum, não diz nada para o senhor?

Malhães – Eu não lidava com cabo. Entendeu? Mesmo que eu fosse ao DOI, eu me dava.... o meu contato não era nem com sargento, eu não gostava muito disto. Eu tive um sargento que ameaçou, por circunstâncias próprias, querer mudar até de lado. E até hoje ele diz que ele ia ser morto por mim. Então, não sei se é verdade ou não, mas ele realmente saiu fora. Porque, o nível..., o nível cultural tem uma influência muito grande, o nível de conhecimento, o nível cultural tem influência muito grande. O cara assimilar o que ele está fazendo, a importância daquilo que ele está fazendo, tem oficial que não entende isto. Então, o nível cultural, vamos dizer, de conhecimento também, do problema, é difícil. Você quando escolhe, quando você conhece um cara e acha que ele dá para trabalhar no seu sistema, fala com seu comandante, com seu chefe, no caso nós não temos comandante, temos chefe, que pode trazer o capitão tal, o major tal para trabalhar coma gente, a sua responsabilidade é muito grande. Porque você está trazendo um cara que pode te causar problema. (01:26:10)
CEV-RJ - Coronel, só para não perder. O senhor falou do Rubens Paiva. Esse caso, caso do Rubens Paiva, que todos conhecem... tem pessoas que dizem que ele esteve em Petrópolis.
Malhães – Eu acho que ele nunca saiu do DOI-CODI
CEV-RJ - com vida.
Malhães – certo?
CEV-RJ - Então, alimentar esta ideia de que ....
Malhães – Que ele tenha ido...
CEV-RJ - E iria fazer o quê? Se a ideia era trabalhar as pessoas. É neste sentido?
Malhães – Não tem lógica você pegar o Rubens Paiva e levar ele para tentar fazer a cabeça dele. O nível, do Rubens Paiva, você estudava a vida dele, era um nível elevado. Já você cortava de saída. Rubens Paiva para mim...
CEV-RJ - Mas, coronel, como a gente explica as pessoas falarem do Carlos Alberto Soares de Freitas, que a Inês diz que – entendendo o que o senhor está falando, que eu peguei sua ideia –
CEV-RJ - O Breno.
CEV-RJ - É, o Breno, que ele .. também é um outro, que pelo que a gente sabe, tinha um nível...
Malhães – E ele veio também do DOI-CODI?
CEV-RJ - Não. O senhor, na sua conversa com o Chico Otávio, disse que o Breno o senhor lembrava que poderia ter passado por lá. (lendo depoimento de Inês Etienne) ‘ter ouvido de Mariano Joaquim e que soube, pelos carcereiros, que ele foi morto. Não faz referêcia dele por Petrópolis, mas em seu depoimento consta que o carcereiro contou ainda que Maria Helena Vilas Boas estivera também naquela casa e que fora, com Carlos Alberto Soares de Freitas, condenados à morte e executada. Amilcar Lobo disse ter tratado dele no DOI-CODI’.
Malhães – Então, você tem que puxar pela origem. Se ele esteve no DOI-CODI, dificilmente ele esteve na casa de Petrópolis. Já estava preso, já estava fichado, já estava amarrado, dificilmente ele iria.

CEV-RJ - Coronel, mas uma coisa anula a outra?
Malhães – Uma coisa anula a outra. A OBAN uma vez quis levar um cara para Petrópolis, estava preso na OBAN e eles queriam levar o cara para Petrópolis. Nós não deixamos.
CEV-RJ - A OBAN não tinha aparelhos deste tipo?
Malhães – Não. Que eu saiba, não.
CEV-RJ - Coronel, como é que vocês tinham esta agilidade, esta rapidez, para poder fazer este filtro e não errar?
Malhães – Porque, talvez seja experiência. Com um pouquinho de noção de psicologia...aí você prende oficialmente o cara (01:29:51).Pode ser uma solução. Que tenha outras soluções, pode ser que tenha. Não posso dizer para você que não tenha...
CEV-RJ - O senhor acha que tem gente que saiu deste centro, que até hoje estão quietos? Pessoas que o senhor teve oportunidade de trabalhar mas que .....
Malhães – Ah, tem.
CEV-RJ - E vão morrer quietas?
Malhães – pelo menos, eu chamei eles, quando eu vi que ia terminar tudo, eu fui ao encontro de um por um,
CEV-RJ - Eram muitos?
Malhães – Eram, bastante.
CEV-RJ - Quantos?
CEV-RJ - Mais ou menos?
Malhães – Voce não vai acreditar
CEV-RJ - Pode falar.
Malhães – Trezentos. Mais ou menos.
CEV-RJ – Não todos deste lugar lá, de diferentes, ou tudo de Petrópolis?
Malhães – Não, tudo. Do Brasil inteiro.
CEV-RJ - Mas, por Petrópolis o senhor levou quantos?
Malhães – Uns trinta ou quarenta.
CEV-RJ - O senhor, só.
Malhães - Só
CEV-RJ - Mas, trezentos, o senhor diz destes trabalhados.
Malhães – E eu fui a um por um e disse, a partir de hoje, que era um compromisso que o cara assumia contigo e você assumia com ele (...) eu fui a um por um e disse ‘a partir de hoje nosso compromisso está no fim. Voce que sabe o que você vai fazer da sua vida. Prometo a você que nunca direi seu nome, nem direi que você trabalhou para mim’. Porque eles tinham muito isto, eles achavam que trabalhavam para o dr. Pablo.
CEV-RJ - Uma relação pessoal.
Malhães – Uma relação pessoal. A gente fazia amizade, eu fui convidado para ser padrinho de vários filhos, meu Deus! Era amizade mesmo
CEV-RJ - Mas, o senhor tem orgulho disto, coronel? De ter conseguido isto?
Malhães – Tenho. É uma ligação que fica íntima. O cara às vezes trazia os problemas dele para você, para ver se você ajuda ele nos problemas dele, tal,

não sei o que, pé, pé, pé... Com o tempo se tornou uma relação. Mas, eu fui a um por um e disse que eles estavam livres. Que nunca os nomes deles sairiam em lugar nenhum. Eu nunca falaria os nomes deles. E se eles quisessem se expor, o problema era deles.
CEV-RJ - Em algum momento o senhor viu algum destes se expor?
Malhães – Não. Eu vi um ser queimado por este sargento que acompanhou o coronel comigo na visita do Recife. Só foi este queimado. E um que mataram.
CEV-RJ - Mas, mataram sabendo?
Malhães – Descobriram que ele trabalhava, ele deve ter dado uma bobeada qualquer, foi em Foz do Iguaçu. Então mataram ele, enfiara dois tocos de pau no olho dele, cortaram a língua dele fora, cortaram as orelhas. Mostraram para mim – eles não sabiam que estava mostrando – que eles sabiam que ele era um infiltrado.
CEV-RJ - Eu tinha dois nomes aqui para perguntar ao senhor , do Otavio e do Alberi, lá de Foz do Iguaçu.
Malhães – O Alberi foi o que eles mataram. O Alberi foi morto assim. Voce pegou.
CEV-RJ - Me diz uma coisa, então estes todos que a Inês Etienne disse que viu lá...
Malhães – Eu acho difícil. Não vou dizer que é impossível.
CEV-RJ - Mas não tem lógica, é isso que o senhor quer dizer?
Malhães – Não tem lógica.
CEV-RJ - Por exemplo, teve gente que foi levado direto. Mariano Joaquim da Silva.
Malhães - Nem sei quem era.
CEV-RJ - Tinha um “Dr. Teixeira”
Malhães – Tinha
CEV-RJ - Ela disse que, ‘em principio de junho, o carcereiro conhecido como Dr. Teixeira disse que Mariano fora executado porque pertencia ao comando da Var-Palmares’.
Malhães – É provável. Se ele foi executado ou não, não sei. Mas ele pertencia ao comando da Var-Palmares.
CEV-RJ - Marilena Vilas Boas Pinto. Etienne diz que foi a segunda presa a passar por Petrópolis e que segundo o carcereiro ela, Etienne, usou a mesma cama de campanha em que a Marilena foi morta.
Malhães – Isto eu não sei.
CEV-RJ - Aluisio Palhano
Malhães – Escutei falar.
CEV-RJ - Mas não era um que passou pelo senhor, mas escutou falar.
CEV-RJ - Que esteve lá.
Malhães – Que esteve;
CEV-RJ - Walter Ribeiro Novas
Malhães – Não escutei falar
CEV-RJ - Heleni Guariba
Malhães – Esta muito menos

CEV-RJ - Este Walter Ribeiro dizem que ele era um ex-salva-vidas de Copacabana, que esteve entre 8 e 14 de julho na Casa da Morte e que um dos repressores, Marcio, falou que o mataram e que houve, inclusive, ruidosa comemoração. A Heleni Guariba, segundo o depoimento de Etienne, ela foi a segunda militante da VPR, o primeiro foi o Walter Ribeiro, levada à Casa da Morte no mês de julho. Foi barbaramente torturada, durante tres dias, inclusive com choques elétricos na vagina.
Malhães – Choque elétrico é mentira
CEV-RJ - Não tinha choque lá?
Malhães – Não
CEV-RJ - Paulo de Tarso Celestino da Silva, da ALN.
Malhães – Conheço por nome.
CEV-RJ - Passou por lá?
Malhães – este eu não sei.
CEV-RJ - Ai vem um outro que ela faz referência...
Malhães – este que falou, o Márcio, realmente existia um sargento Márcio, existia com este codinome. Estou dizendo isto, existia um carcereiro Márcio com este codinome.
CEV-RJ - Ai, a Etienne fala de Ivan Motta Dias, mas ela declarou ter ouvido do carcereiro, Dr. Guilherme, que Ivan iria ser preso e, posteriormente, o mesmo agente lhe disse que Ivan teria sido morto. Não faz referência à sua passagem na Casa da Morte. Fala que lá na Casa da Morte, lá no aparelho, soube que o Ivan teria sido morto. Mas, depois ele aparece na relação da revista Época, muito tempo depois.
Malhães – O Dr. Guilherme existe, né?
CEV-RJ - Existiu.
Malhães – Existe, deve estar vivo ainda. Dr. Guilherme existe.
CEV-RJ - Era oficial?
Malhães – Era oficial.
CEV-RJ - Esse Márcio, o senhor não sabe se está vivo ou não?
Malhães - Isto eu não sei. O Dr. Guilherme eu sei quem é. Ele também tinha infiltrado. Até era um cara de respeito, também nesta atividade. Agora, acho difícil que a Ines Etienne ter conhecido ele.
CEV-RJ - Por que? Era de outro grupo?
Malhães – Não, porque o Dr. Guilherme era um sujeito que eu reputo que trabalhava inteligentemente. Ela só pode ter sabido da existência dele porque ele era muito colado com o cara que era o tutor da Etienne.
CEV-RJ - O tutor da Etienne não era o Perdigão?
Malhães – Não. Perdigão tinha muito pouco trabalho na Casa da Morte. Perdigão não era destas, Perdigão gostava muito de rua, porrada, de tiro. Agora, só se foi isto. Era o único jeito dela ter conhecido o Guilherme, era através do contato com o tutor dela – vou chamar de tutor – o cara encarregado de fazer a cabeça dela, que errou, completamente, o controle dela. Vou lhe explicar o que aconteceu.
CEV-RJ - Ele vive ainda? (01:40:22)

Malhães – Não sei. O problema é que, a gente quando começou a fazer infiltrado, todos os oficiais do Centro ficaram muito entusiasmados com esta ideia e alguns tentaram se aproximar da Casa da Morte. Para tentar, vou pegar um lá, mas foram proibidos disso. Não foi permitido.
CEV-RJ - Vocês mesmo que proibiram? Quem mandava? Quem tinha autorização para proibir ou para autorizar?
Malhães – Uma das pessoas era eu.
CEV-RJ - O senhor fazia este filtro, 'aqui não!'
CEV-RJ - Mas, o senhor sozinho podia tomar esta decisão?
Malhães – Não, eu comunicava ao meu chefe, ao chefe do CIE que aquilo era impossível de acontecer.
CEV-RJ - Então o senhor diria que o aparelho de Petrópolis, embora clandestino, não era um aparelho foram da estrutura do CIE.
Malhães – Não, ele tinha controle.
CEV-RJ - O CIE tinha controle daquilo?
Malhães – Tinha controle.
CEV-RJ - Sabia o que se passava por ali?
Malhães – Sabia, lógico.
CEV-RJ - O seu chefe, que era chefe dos outros, era informado de todas as pessoas que eram levadas lá?
Malhães – Era.
CEV-RJ - Mas, coronel, tinha registro disso?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Era ordem não ter registro?.
Malhães – Você, quando... Vou fazer um relatório de você que se tornou infiltrada. Eu vou criar um codinome para você e vou fazer um relatório. Quando eu for entregar ao meu chefe o seu relatório – seu nome é Rosa. Aqui é da Rosa.
CEV-RJ - Seu chefe não sabia que Rosa era fulana?
Malhães – Ele passava a saber que Rosa era fulana.
CEV-RJ – Mas, só na hora de entregar?
Malhães – Aí, se ele anotava, não anotava, eu não sei. Eu sei que entregava o relatório dizendo que ela havia sido transformada em filtro, passava a ser uma infiltrada. Então, isto se fazia. O CIE tinha o controle. Embora às vezes não nominal, mas tinha um controle de quantos filtros tinham, mais ou menos quem eram os filtros.
CEV-RJ - Isto dava certo no país inteiro, coronel? Ou o senhor acha que aqui em Petrópolis os senhores tiveram mais êxito?
Malhães – Que eu saiba, em outro lugar nenhum houve infiltrado.
CEV-RJ - Só no Rio?
Malhães –Não, só no Rio, não. Eu tive no Maranhão, tive em outros....
CEV-RJ - Mas, com casas, assim, montadas?
Malhães – Não. Tive até dentro do DOI do lugar
CEV-RJ - O Cenimar, a casa de São Conrado deu o mesmo resultado?
Malhães – Acredito que tenha. Tem resultado e tem não resultado.

CEV-RJ - O que é não resultado?
Malhães – É quando você não tem um infiltrado que não é um infiltrado verdadeiro em você. Verdadeiro.
CEV-RJ - Não passava as informações certas?
Malhães – Ele quer ganhar o dinheiro. Porque todo o infiltrado ganhava dinheiro, não era assim no amor não.
CEV-RJ - E era um dinheiro que valia a pena, coronel? Tinha diferença entre o dinheiro?
Malhães – Tinha. Lógico que um cara do comando ganhava mais do que um pé de chinelo, né? Então, eles, por exemplo, para mim, o contato que eu tive com o infiltrado deles foi completamente furado. O cara me mostrou um lugar que tinha subversivo, na realidade não tinha. Se eu tomasse uma ação de invadir, ia ser o caos.
CEV-RJ - O senhor credita isto à esperteza do infiltrado ou a inoperância dos seus colegas?
Malhães – É uma mistura. Primeiro que eu nunca dei para ninguém, para órgão nenhum, Cenimar, CISA, o que meu infiltrado disse ou não disse. Nem nunca mandei meu infiltrado encontrar em um local X o cara de outra unidade militar. Não aconteceu comigo, tenho certeza. Mas havia troca. Eu não gostava, mas cada um tinha... se foi ele quem cantou, ele tinha responsabilidade. É o caso da Ines Etienne.
CEV-RJ - Que troca que foi com a Inês Etienne?
Malhães – A Inês Etienne foi de um coronel chefe de uma seção, 'se estes meninos fazem infiltrado, eu vou fazer também'.
CEV-RJ - Chefe de seção é chefe de quê? chefe do DOI-CODI? de onde?
Malhães – Não, de dentro do CIE. E ele foi, fez o trabalho e soltou a Inês Etienne. E a Inês Etienne chegou lá fora e colocou a boca no trombone.
CEV-RJ - Fez mal o trabalho?
Malhães – Eu não sei nem como é que foi o trabalho feito por ele, mas porque eu sabia que ele estava cuidando da Inês Etienne e não me interessou. Ela disse que nunca me viu, eu nem passar por lá eu passava. Aliás, eu não gostava deste coronel.
CEV-RJ - Mas, coronel, uma coisa só para entender. Tinha esta coisa de cada um cuidando da sua vida. O senhor sabia da Inês Etienne, o senhor também sabia de outros, embora não estivesse sob a sua.. o senhor tinha esta obrigação pelo comando que o senhor exercia? Desde que o senhor não se envolvesse, o senhor mais ou menos sabia?
Malhães – Eu sabia, mais ou menos.
CEV-RJ - Era mais ou menos, ou era tudo?
Malhães – Não, tudo não. Quando eu conhecia quem era o cara que estava trabalhando, e eram excelentes, eram excelentes, como este Dr. Guilherme, um senhor trabalhador em infiltrado..
CEV-RJ - Ele era da mesma patente que o senhor, major?
Malhães – Era. Então ele ficava na dele e eu ficava na minha. Mas eu gostava do trabalho dele. Mas, quando este coronel entrou para fazer o trabalho da

Etienne eu fiquei preocupado. Aí quis saber quem ele estava trabalhando. Aí me disseram, Inês Etienne. Aí eu fiquei na minha. Eu não conhecia Inês Etienne, não sei nem porque ela foi presa. Então ele estava trabalhando, trabalhou. Vai soltar a Inês Etienne, o problema é dele. A Inês Etienne fala no nome dele[3].

CEV-RJ - Fala? No depoimento?

Malhães – Fala, no codinome dele.

CEV-RJ - Codinome.

Malhães - Nome não, ela não tinha conhecimento de nomes. Dr. Guilherme, Márcio, são pessoas fictícias, são nomes fictícios.

CEV-RJ - Aliás, Dr. Pablo vem de onde?

Malhães – De Paulo em espanhol.

CEV-RJ - Não tem nada a ver com sua ligação com o Chile? Com o pessoal da DINA? Eu li alguma coisa sobre isto.

Malhães – Tem ligação com o mundo que fala espanhol, não é só com o Chile. (01:49:13)

CEV-RJ - Eu só queria voltar um pouquinho atrás. Quando os senhores resolvem criar o aparelho de Petrópolis, quem tem a ideia, o senhor, o Brant, o Perdigão ou um oficial do CIE acima dos senhores?

Malhães – Nós, eu Brant, Perdigão, Sampaio conversamos. Não fui só eu, cada um deu uma ideia, nós discutimos - eu gostava muito disso, gosto muito de discutir, não discutir brigando, discutir um assunto, porque da discussão nasce a luz. Não fui eu quem falou isto não, isto já é famoso. Então, nós discutimos e chegamos a conclusão que isto teria que ser realidade, nós teríamos que ter um aparelho. Eu disse da minha dificuldade em fazer isto, outro também falou da dificuldade de fazer aquilo, (inaudível por conta dos latidos do cachorro)... Então, como é que nós vamos fazer? Montar ele clandestino, sem ninguém do CIE saber? A ideia inicial era esta. Vamos montar um troço altamente clandestino. Eu fui contra isto. Isto é uma traição à confiança que nós temos aos nossos chefes. Realmente, existia uma confiança muito grande do nosso chefe.

CEV-RJ - O senhor pode dizer quem era o chefe nesta época?

Malhães – Não, porque ele é general de Exército.

CEV-RJ - Está vivo, ainda?

Malhães – Está. Aí eu disse para ele... aí nós fomos lá e ele ‘como meninos, vocês já viram o problema que vai dar? não sei o que”, (inaudível) arranjamos o caseiro, vamos lá resolver o problema...

CEV-RJ - E a casa surgiu?

---

[3] - Inês Etienne em seu depoimento fala em Dr. Bruno – “baixo, meio gordo, tipo sírio libanês. Pareceu-me o mais graduado do grupo (coronel). Defendeu tese na Escola Superior de Guerra, segundo me contou. É gaúcho”. Entre outros codinomes cita: Dr. César; Dr. Pepe (acho que é Orlando Rangel); Dr. Teixeira (é oficial); Dr. Roberto (Freddie Perdigão Pereira); Dr. Guilherme (baixo, magro); Dr. Carneiro (o médico Amilcar Lobo); Dr. César (baixo, meio gordo. É oficial);

Malhães – A casa surgiu de um contato de um coronel com aquele advogado, o filho dele é que era advogado ...
CEV-RJ - Fernando Aires da Mota, o ex-interventor.
Malhães – Ele é que arranjou a casa...
CEV-RJ - O coronel é que tinha esta relação
Malhães – É.
Malhães – Aí conseguiu para nós a casa. Aí nós fomos lá, estudamos a casa, fizemos contato, demos festa na casa. Eu, por exemplo, em Petrópolis era conhecido como fazendeiro de Mato Grosso, fazendeiro rico de Mato Grosso. Eu frequentava a nata da sociedade de Petrópolis.
CEV-RJ - Aí tem uma segunda pergunta relacionada a isto. O senhor mesmo falou... a casa foi emprestada, não sei o que, mas o senhor tinha caseiro, o senhor pagava salário aos informantes. Quem financiava? De onde saia este dinheiro?
Malhães – Do próprio CIE.
CEV-RJ - Mas o CIE tinha fundos oficiais do orçamento para isto ou recebia doações de empresários?
Malhães – Não.
CEV-RJ - ..como a OBAN tinha.
Malhães - Não.
CEV-RJ - A Operação Bandeirantes teve a ajuda de empresários.
Malhães – Nós não tínhamos.
CEV-RJ - No Rio não teve isto?
Malhães – Não, não tínhamos. Era do dinheiro do Exército mesmo.
CEV-RJ - Nem doação? Coronel, lá na casa do Molina, que morreu em Porto Alegre... o senhor conheceu ele?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Mas o senhor sabe de quem eu estou falando? Dentre os documentos, tinha o que comprovava a entrada do Rubens Paiva, a folha dizendo que ele tinha uma caneta BIC no bolso e tinha também outro documento, que era uma espécie de planilha de doações da Volkswagen para as delegacias, inclusive tinha a de Nova Iguaçu, como é que era um nome? Tinha um delegado, na época...
CEV-RJ - Mauro Magalhães...
CEV-RJ - Não, não, não. Não era o... era ... Eu tinha anotado o nome aqui. Luiz Claudio, pode ser?
Malhães – Luiz Claudio nunca esteve em delegacia.
CEV-RJ - Não. Enfim, mas aí tinha esta tabela, uma tabelinha assim, Volkswagen chassi, Kombi, Fusca, aí era de doações para toda esta estrutura assim. O senhor lembra disso? Tinha esta coisa dos carros que vocês usavam, assim ?
Malhães – Não. Não. Eu fui um dos que fui buscar os Volks que o Exército comprou...
CEV-RJ - Mas isto, tudo legal?
Malhães – É legal.

CEV-RJ - Tinha orçamento para isto. Aqueles do DOI eram legais? Do Exército?
Malhães – Acredito que sim, porque os nossos eram.
CEV-RJ - Era tudo da estrutura das Forças? Não tinha doação das empresas?
Malhães – Não. Inclusive, eu levei um documento de pagamento do Exército, lógico que os carros saíram bem mais baratos, saíram a 33% a 40% do valor real deles. Só isto. Mas tinha lá o pagamento dois oito carros que nós fomos buscar. Cada um trouxe um. Então, quando chegou lá eu fui e paguei. Eu entrei lá na Volks e tal, fomos muito bem recebidos, serviram almoço para a gente, mas eu fui lá aonde tinha que pagar, pagar
CEV-RJ - Em São Bernardo?
Malhães – Fui lá em São Bernardo buscar os carros. Não tinha doação, nós não tínhamos. Só teve um comandante do CIE, mas isto já na modernidade, que tinha contato com empresários, mas isto ele fazia em proveito dele mesmo. Nós não tínhamos nada a ver com isto.
CEV-RJ - O senhor ainda estava lá?
Malhães – Estava lá.
CEV-RJ - Coronel, mas lá em Petrópolis,,
Malhães – Chamava ele de caçador e pescador...
CEV-RJ - Mas, coronel, por exemplo, lá em Petrópolis, o senhor ... a casa era emprestada ou vocês pagavam aluguel?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Não, era emprestada mesmo, com este contato lá do prefeito...
CEV-RJ - Com a família Lodders...
CEV-RJ - E as pessoas que trabalhavam na casa? Não estou falando vocês, obvio, estou falando ..
Malhães – Só tinha um, este caseiro, mas saiu do Exército mesmo. Paraquedista, até.
CEV-RJ - Não houve uma mudança do caseiro por lá?
Malhães – Não.
CEV-RJ - E os vizinhos, coronel, ninguém percebia? Vocês eram muito cautelosos nisto? Não tinha quase ninguém...
Malhães – Eu não... não permitíamos nenhum movimento muito grande de carros. Quando tínhamos que fazer um movimento muito grande de carros, nós dávamos uma festa na casa. Certo? Movimento grande de carros, aí a gente tinha umas meninas, um pessoal lá em Petrópolis, que a gente convidava e iam para a festa, um churrasco, uma feijoada, quem fazia era até um menino, um sargento, que cozinha muito bem. Ele que fazia e tal, não sei o que, pé, pé, pé e nós dávamos uma festa...
CEV-RJ - Mas, as pessoas que vocês estavam trabalhando, elas ficavam lá e estas pessoas sequer percebiam ... era algo muito..
Malhães – Sequer percebiam, era..
CEV-RJ - Ficavam no quarto? Ficavam trancadas em quartos? Não andavam livremente pela casa?
Malhães – Não. Ninguém andava livremente, Deus me livre...

CEV-RJ - Qual era o tempo de permanência de uma pessoa destas, o máximo que podia ficar? Que o senhor lembra que ficou mais tempo.
Malhães – Vamos raciocinar?
CEV-RJ - A Inês fala que ficou cinco meses...
Malhães – É mentira. Vamos raciocinar. Você extrai, você vê que é cabeça, você extrai um cara do seu meio ambiente, das ligações que ele tem. Você pode ficar com ele cinco meses e mandar de volta para ser um infiltrado. Como ele vai justificar estes cinco meses que esteve fora?
CEV-RJ - Para a mãe, para a tia?
Malhães – Não. Para o partido.
CEV-RJ - É, é. Mas eu digo não só para a organização, mas para a própria família, se não tomar cuidado...
Malhães – Para o partido.
CEV-RJ - A família, às vezes ele estava afastados da própria família...
CEV-RJ - Mas sumiu, como é que a pessoa some e depois de cinco meses
Malhães – Volta para o partido? Não pode.
CEV-RJ - Então era o quê? Eram dias?
Malhães – Eram dias. Se pudesse, até, eram horas. Eu disse para vocês que em uma noite ...
CEV-RJ - 12 horas, o senhor falou aqui.
Malhães - ... eu cantei um cara e o cara topou e eu botei na rua e ele foi cobrir... Porque, o primeiro passo do infiltrado era cumprir um ponto comigo. Por exemplo, o meu infiltrado era cumprir um ponto comigo, aí eu sabia que realmente ele se tornou infiltrado. Eu dizia assim ‘oh, você está saindo hoje, amanhã em tal hora, em tal lugar você vai me encontrar. Vai lá, vai me dizer como é que foi que você foi recebido’. Então, não podia ser cinco meses. Ninguém aguentava nem tratar do infiltrado cinco meses. Pera aí.(01:59:12)
CEV-RJ - Mas a casa funcionou pelo menos quatro anos, não é?
Malhães – É. Mas...
CEV-RJ - De 70 a 74?
CEV-RJ - Mais coronel? Tem gente que diz que funcionou até 78, o senhor comprova isto?
Malhães – Não.... Ai eu tenho que ver....
CEV-RJ - Mas, pelo tempo, bem depois do Araguaia, destas coisas.
Malhães – Ih. Bota tempo nisto.
CEV-RJ - Então pode ser, o Araguaia o senhor esteve lá em 75...
Malhães – Pode ser. Eu já perdi as datas...
CEV-RJ - Não, mas mais ou menos, pensa aqui, eu ajudando o senhor, vamos pensar na Anistia ali, em 79, quando o pessoal começa a voltar....
Malhães – Já não funcionava mais.
CEV-RJ - - Mas, foi até perto disto?
Malhães – Foi até perto disto.
CEV-RJ - É, porque isto aí que...
Malhães – A volta dos anjos e dos arcanjos?
CEV-RJ - É

Malhães – Que o Golbery prometeu e cumpriu.
CEV-RJ - O Golbery sabia da casa?
Malhães – Não.
CEV-RJ - O ministro do Exército sabia?
Malhães – Sabia.
CEV-RJ - Todos, enquanto ela existiu?
Malhães – Não, todos, assim de ele chegar e saber na hora que ele chegar, não. Você aguardava para ver qual a atitude dele.
CEV-RJ - Walter Pires já é Figueiredo e vem depois..
Malhães – Vem depois. A casa já não funcionava..
CEV-RJ - Você tinha ali Sylvio Frota, no Geisel, que depois caiu e entrou o Dilermano, não. Dilermano era segundo Exército. (02:01:00)
Malhães – Bethlem[4].
CEV-RJ - Estes souberam?
Malhães – Souberam.
CEV-RJ - Coronel, e tinha muita gente de fora do Rio?
Malhães – Tinha.
CEV-RJ - Valia fazer isto assim?
Malhães – Tinha..
CEV-RJ - Trazer lá de Porto Alegre para ficar quatro dias em Petrópolis? Valia a pena fazer isto?
Malhães – Não.
CEV-RJ - O máximo era São Paulo? O senhor lembra disso assim?
Malhães – Nem a São Paulo cabia. São praticamente, de carro...
CEV-RJ - Teve algum caso de São Paulo, o senhor lembra. Porque, é aquilo que o senhor falou, a OBAN...
Malhães - A OBAN tentou
CEV-RJ - ... queria mandar para cá?
Malhães - ... queria mandar. Não, porque não adianta.
CEV-RJ - Mas era gente daqui. Não tinha gente de fora?
Malhães – Era gente daqui mesmo.
CEV-RJ - Mas, por exemplo, o Fernando Santa Cruz, que veio de Pernambuco. O senhor ouviu falar dele?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Cujo filho hoje é o presidente da OAB-RJ.
CEV-RJ - O Honestino Guimarães, que era um outro que era de Brasília?
Malhães – Não.
CEV-RJ - David Capistrano
Malhães – O David Caspitrano foi preso aqui.

[4] - Ministros do Exército pós 64: Governo Castelo Branco - Costa e Silva (4/04/64 a 30/06/66); Ademar de Queirós (01/07/66 a 15/03/67); Governo Costa e Silva – Aurélio Lyra Tavares (15/03/67 a 30/10/69); Governo Médici – Orlando Geisel (30/10/69 a 15/03/74); Governo Geisel – Vicente de Paulo Dale Coutinho (15/03/75 a 27/05/74); Sylvio Frota (27/05/74 a 12/10/77); Fernando Belfort Bethlem (12/10/77 a 15/03/79); Governo Figueiredo – Walter Pires de Carvalho Albuquerque (15/03/79 a 15/03/85);

CEV-RJ - Passou lá.
Malhães – Não estou dizendo que ele passou lá, estou dizendo que ele foi preso aqui.
CEV-RJ - Ajuda a gente aí, coronel?
CEV-RJ - Eu estou perguntando se passou lá? O que aconteceu depois, o senhor não precisa dizer...
Malhães – Não sei.
CEV-RJ - Aqui eu tenho o Paulo Stuart Wright, que é o irmão daquele pastor, James Wright...
CEV-RJ - Que é de Santa Catarina...
Malhães – Não me lembro dele.
CEV-RJ - Mata Machado, que era de Belo Horizonte, José Carlos Novaes Mata Machado, filho do Edgar Mata Machado?
Malhães – Ai eu não sei. Não posso te precisar. Posso precisar os que passaram por mim e eu convenci.
CEV-RJ - O senhor já falou que o Santa Cruz não, Fernando Augusto de Santa Cruz Oliveira e o Eduardo Collier Filho? Veio de Pernambuco.
Malhães – Não conheço.
CEV-RJ - David Caspitrano, José Roman, que era do partidão?
Malhães – Não, partidão não passou lá.
CEV-RJ - Não passou lá? João Macena Melo?
Malhães – Partidão não passou lá.
CEV-RJ - Aí tem Luiz Inácio Maranhão Filho, é partidão.
Malhães – É partidão.
CEV-RJ - Esses não passaram lá?
Malhães – Não.
CEV-RJ - O senhor teve contato com eles fora de lá?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Então vamos aqui, tem Ana Rosa Kucinski da ALN, que foi presa com o marido dela, Wilson Silva?
CEV-RJ - Professora de Química. Lembra dela? Ela era da USP.
Malhães – É um caso da USP mesmo.
CEV-RJ - Vou falar uma coisa desta Ana Rosa..
CEV-RJ - Isto significa o quê? Um caso da USP?
Malhães – Que ela foi presa, foi julgada e foi executada, não sei, ou foi eliminada, não sei, se tornou um dos elos perdidos aí, não sei. Mas que não tem nada a ver com a gente,
CEV-RJ - Coisa da esquerda?
Malhães – Não. Também não vou acusar a esquerda disto.
CEV-RJ - Coisa da direita, de militares.
Malhães – É coisa do Serviço.
CEV-RJ - Do Serviço. E não passou por Petrópolis?
Malhães – Não.
CEV-RJ - O senhor tem certeza disso. Coronel, vou lhe falar uma coisa, tem um cara, que o senhor já deve ter ouvido falar dele, estava preso, em Porto

Alegre, inclusive fugiu para a Argentina agora, que era aquele Mario Mena Barreto, que diz que ele participou, supostamente, de envenenamento do Jango, o senhor lembra desta história? Ele estava preso em Porto Alegre, 15 anos, por estelionato, o cara fez de tudo. Montou empresa falsa. O senhor lembra desta historia, né? Este cara, eu tive com ele no presídio lá, ele fala que na época, em Montevideo, quando ele trabalhava no serviço de inteligência em Montevideo, o senhor esteve em Montevideo?
Malhães – Conheço Montevideo. (02:04:57)
CEV-RJ - Mas, a possibilidade de alguém ter parado em Montevideo e lá ter ...é possível isto?

(...)

Malhães – É, o pessoal... quando eles roubaram o cofre da amante do Ademar de Barros, que tinha cinco milhões de dólares, eles foram para o Rio Grande do Sul. E lá, eles começaram a estabelecer uma área de guerrilha. Então havia necessidade de trocar estes dólares por cruzeiros, ou pelo peso argentino para depois voltar para o cruzeiro, para não causar espécie aqui no Brasil de o cara chegar com milhões de dólares. Eles tinham gente inteligente também. Então eles mandaram casais, que era mais disfarçado, atravessar a fronteira, tanto do Uruguai, como da Argentina, que iriam trocar este dinheiro. Muitos não voltaram. Tinham uma quantia relativamente alta em dólares e procuraram um outro meio de vida e sumiram com os dólares. (02:07:35)
CEV-RJ - E não voltaram mais para o Brasil?
Malhães – Que eu saiba, não. Então, é possível que isto tenha acontecido assim, este relacionamento.
CEV-RJ - Mas vocês conseguiram, com os adidos, aí não só o serviço do CIE, mas com apoio do CIEx também, vocês conseguiram identificar alguns destes que estavam fazendo isto e aí chegar neles em Buenos Aires e em Montevideo?
Malhães – Conseguimos. Daí o nosso relacionamento ótimo com o Uruguai e a Argentina.
CEV-RJ - Estes foram presos ou viraram infiltrados?
Malhães – Não viram infiltrados, nem foram presos.
CEV-RJ - Foram eliminados?
Malhães – Não sei.
CEV-RJ - Pode ter havido aquele pessoal com desvio de honestidade de dentro do serviço de inteligência que eliminou e ficou com o dinheiro?
Malhães – Não sei. Sei que presos eles não foram...
CEV-RJ - Oficialmente.
Malhães – Oficialmente, não constou para nós eles como presos. Constou eles como desparecidos mesmo, tendo entrado pelo país adentro com os dólares *demontado hacienda* (????), hacienda ...
CEV-RJ - Mas que depois foram localizados pelos....

Malhães – Foram localizados, mas não sei se levaram eles, se eles conseguiram, ou os próprios uruguaios e argentinos...
CEV-RJ - Mas, para o Brasil não voltaram, não é coronel?
Malhães – Não. ... os próprios argentinos e uruguaios resolveram...
CEV-RJ - Sem participação brasileira?
Malhães – Não, pode ser até com participação brasileira, isto eu não posso lhe dar porque...
CEV-RJ - Mas vocês tinham uma boa relação, deu certo isso, vocês conseguiram mapear este caminho deles, isto que o senhor falou, do Rio Grande do Sul, esta coisa da troca do dinheiro, isto tudo vocês foram..
Malhães – Eu tinha um bom relacionamento com o Exército argentino... com o exército uruguaio....
CEV-RJ - Chileno?
Malhães – Mais ou menos.
CEV-RJ - Disseram que o senhor participou de interrogatórios lá no Estádio Nacional
Malhães – Mas, isto não quer dizer que eu tenha bom relacionamento.
CEV-RJ - Mas, o senhor chegou a participar?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Interrogou brasileiros lá?
Malhães – Não vou lhe dizer que sim porque você vai botar que eu fui interrogador lá no Chile...
CEV-RJ - Não, não vou dizer nada, só estou perguntando. Mas isto já consta na internet. Se o senhor pegar os arquivos na internet...(02:10:04)
Malhães – Pois é, mas se você confirmar está confirmado. Enquanto constar nos arquivos da internet estou pouco me incomodando.
CEV-RJ - Coronel, mas o senhor andava hein? .
Malhães – É, porque eu fui um que descobriu a Junta de Coordenação Revolucionária que se instalou na Venezuela. Você soube disto? Da Junta Coordenadora Revolucionária?
CEV-RJ - Não. Envolvia vários países?
Malhães – Envolvia Brasil, Uruguai, Chile, envolvia quase toda a América do Sul.
CEV-RJ - Diversas organizações, ou cada país uma organização?
Malhães – Não, diversas organizações. Eles davam apoio. Tanto monetário como de ensinar, de fazer. No curso de Cuba teve gente à beça, da ALN com curso em Cuba...
CEV-RJ - Para tudo, para passaporte, para a vida, material..
Malhães – Curso em Cuba. Deram azar que nós pegamos o caminho e quando eles voltaram a gente pegava eles.
CEV-RJ - Qual era o caminho?
Malhães – É pelo Rio Grande do Sul e pelo Paraná também, Foz do Iguaçu. Pelo Rio Grande do Sul lá por cima...
CEV-RJ - Três Passos?

Malhães – É, Três Passos, isto mesmo. A área de guerrilha era ali, dali até Santa Catarina, passando pela estrada que leva a Porto Alegre. E eles fizeram grupos, nas cidades todas, que tinham unidades militares. E este grupo, a função deles era impedir que o Exército se deslocasse dali para a área. Faziam uma certa de ações, de modo que o Exército ficasse embargado de ir. Tinha que ficar ali para proteger e tal. Graças a Deus, nós pegamos o regional, que tinha montado isto, o Lamarca, e o regional abriu e nós conseguimos desmontar isto tudo. Ai esta região não foi declarada como Guerrilha, como foi a de São Paulo, Registro. Então esta nós conseguimos abafar no nascimento dela.
CEV-RJ - Mas tinha mais gente, além do senhor que descobriu este desenho, tinha muito mais gente que sabia disto, ou vocês eram muito poucos que ..
Malhães – Não, até o Exército local soube disto.
CEV-RJ - Eu lhe perguntei isto por esta coisa, o senhor ia para o Maranhão, daqui a pouco tinha que estar no Araguaia...
Malhães – No Rio Grande do Sul, então, foi fácil, porque quando eu cheguei lá o Exército não se interessou no que fui fazer lá. Quando eu disse que vim porque havia uma tentativa de sequestro do cônsul americano lá, inclusive o cônsul foi baleado e tudo isto... eu disse, 'eu vim aqui para ver se descubro quem...'
CEV-RJ - Isto foi em 70, 71 ou 72?
Malhães – Nem me lembro .... descobri quem são os elementos daqui que estão fazendo isto. Aí eu procurei um apoio no Exército. Negativo. E fiquei meio sem pai e sem mãe. Aí eu diss vou 'procurar o DOPS daqui'. E fui lá conversar no DOPS com o diretor do DOPS da época se eu podia..
CEV-RJ - O DOPS, aquele que era uma casa lá em Porto Alegre, na rua Santo Antônio?
Malhães – Era uma casa. Aí eu fui lá e graças a Deus encontrei um grande amigo lá, que foi quem me ajudou. Também eu fiz ele passar de delegado de 3ª, para 2ª e para 1ª. Porque o secretário de segurança disse, fulano de tal eu faço delegado de segunda, fulano de tal eu faço delegado de primeira e eu peguei os caras todos, mas não era eu quem pegava, eu pegava, chamava o delegado e dizia 'leva ele e apresenta ao secretário de segurança que ele vai te promover'. Esse cara todo mundo sabe quem é, ele ganhou medalha de Pacificador (02:15:20) Pegaram Medalha de Pacificador e tudo
CEV-RJ - Delegado do DOPS lá do Sul? Não é o Pedro Seeling, não?
Malhães – É o Pedro Seeling, este mesmo. Grande amigo.
CEV-RJ - Já era ou ficou naquele tempo?
Malhães – Não, ficou quando eu fui lá. Quando eu pedi socorro ao DOPS. Aí eu me tornei, eu tive o Rio Grande do Sul na minha mão. Pedi mais quatro sargentos... para me ajudarem, já que não tinha oficial disponível, pedi quatro sargentos, vieram quatro sargentos mais o pessoal do DOPS..
CEV-RJ - Mas, lá do Exército do Sul mesmo?

Malhães – Não. Lá do CIE, vieram quatro sargentos se juntamos aos inspetores do DOPS, fizemos uma mistura lá, não muito homogênea, mas .. e que funcionou.
CEV-RJ - Ficaram muito tempo lá?
Malhães – Não, não foi preciso. Cheguei em Três Passos e em dois dias eu prendi todo mundo, botei, todo mundo à disposição do DOPS. Lá eu não tive infiltrado. Não podia nem falar isto.
CEV-RJ - Mas o senhor já chegou sabendo?
Malhães – Já cheguei sabendo. Que era o bicho, que era o sobrinho da amante do Ademar de barros que tinha contado ao Lamarca que a tia dele tinha um cofre com quatro milhões de dólares que era do Ademar. Eu sei até para o que foi, era uma vacina que o Ademar não comprou, guardou os quatro milhões de dólares para ele e deu uma vacina de água em todo mundo em São Paulo. E o Lamarca conseguiu roubar este cofre. Fez uma operação, o Lamarca com o pessoal dele, era ...
CEV-RJ - Em Santa Teresa.
Malhães – Era, vamos dizer assim, a organização mais perigosa, era do Lamarca. Era a única que eu vi com capacidade de combate, porque as outras todas não tinham. Os nossos guerrilheiros eram frouxos. Eu tenho experiência. Se você lidasse com guerrilheiro argentino é completamente diferente de você lidar com guerrilheiro brasileiro. Era de uma convicção padrão. Eu aprendi isto também através disto. O chileno era fraquinho também. Mas, o argentino era de uma convicção... você não conseguia transformar um argentino em informante. Eu tentei, tentei, tentei e dei com os burros n'água, tamanha era a convicção do argentino, ERP (Exército Revolucionário do Povo). Era uma coisa assim, de eu me espantar. Porque eu lidava com os brasileiros, então quando eu cheguei, quando eu tive que lidar com ele, eu achei uma novidade.
CEV-RJ - E os uruguaios, coronel?
Malhães – Mais ou menos.
CEV-RJ - Estava mais perto do Brasil?
Malhães – Mais ou menos. Mas, o argentino me surpreendeu. Tanto é que eles causaram um terror na Argentina. O pessoal do Exército andava com a carteira de identidade dentro do sapato. Ninguém andava com a identidade no bolso, porque de repente eles cercavam o quarteirão e identificavam todo mundo. Quem fosse do Exército ia para o cacete. Atacaram quartéis...(02:20:06)
CEV-RJ - O senhor sofreu alguma ameaça?
Malhães – Muitas.
CEV-RJ - Mas teve alguma tentativa? Atentado?
Malhães – Não. Eu sofri uma traição.
CEV-RJ - Como assim?
Malhães – Um caso muito particular, mas vou te dar uma dica ... Vamos lá, estamos conversando... É um caso particular. Eu tive uma namorada, quando era rapaz, que era do Instituto de Educação e eu era do Colégio militar e nós fomos namorar. Há bastante tempo. Mas eu, por natureza, sou pulador de

cerca. Agora não, com 72 anos não consigo pular a cerca. Mas, na época, era novinho...
CEV-RJ - Pelo jeito o senhor teve várias mulheres....
Malhães – Várias. Juntas, assim, são cinco. Com filhos. Então eu namorei uma menina da mesma sala dela, aquilo ficou em segredo entre a menina e eu e um dia a menina abriu para ela. 'Também namoro o Paulo'.
CEV-RJ - Duas na mesma sala.
Malhães – Duas na mesma sala.
CEV-RJ - Simultaneamente ..
Malhães – Um absurdo...
CEV-RJ - Mas, aí, seu serviço de infiltrado falhou...
Malhães - Não, mas eu nem pensava nisto....
CEV-RJ - Sábado com uma, domingo com outra..
Malhães – Ai, quando eu fui expulso pelas duas, não é? Eu disse 'agora vou namorar a turma toda' (ri) Saí fazendo isto. A menina eu não vi mais. Eu soube depois que ela tinha casado,
CEV-RJ - Mas isto passaram anos...
Malhães – Passando anos, eu encontrei com ela, estava casada, tinha três filhos, e tal, não sei o que... resolvemos sair juntos. Só que eu não sabia que ela era comunista...
CEV-RJ - E ela sabia que o senhor...
Malhães – mais ou menos. Aí, ficamos... mas, alguma coisa na minha cabeça me chamou a atenção. Eu grampeei o telefone dela. Aí eu ouvi ela combinando a minha morte, com o grupo dela..
CEV-RJ - Ainda por conta da traição quando rapaz, ou por conta das atividades como militar?
Malhães – Não sei. Então eu fiz uma contrapartida, eu preparei o inverso. Uma emboscada para ela e para o time dela, que era PCdoB.
CEV-RJ - Caíram todos?
Malhães – Todo mundo. Lógico. Nossa superioridade numérica e de fogo...
CEV-RJ - Sobrou alguém para contar história ainda?
Malhães – Eu acho que, não sei, não me lembro. Um processo qualquer na minha cabeça me desfez desta época. Então, ficou resolvido o problema. Mas foi uma traição. Então, só isto que eu sofri. Eu até fiz de gozação. Uma traição por amor. O codinome dela era Sabiá.
CEV-RJ - Coronel, o que o senhor acha do Marival Dias Chaves, aquele que veio a público e contou um monte de histórias da Casa da Morte, do Aparelho de Petrópolis? Deu várias entrevistas, depoimento à Comissão Nacional da Verdade agora recentemente... O senhor o conheceu pessoalmente?
Malhães – Não. Mas não quer dizer que ele não saiba.
CEV-RJ - Mas, na época, o senhor sabia quem ele era, mesmo sem ter contato com ele, de nome ou coisa assim?
Malhães – Não. Não tinha contato nenhum
CEV-RJ - Ele fala de um cabo Félix Freire Dias. Este nome diz alguma coisa para o senhor?

Malhães – O Félix é um personagem que trabalhou no sistema, não aqui no Rio, em Pernambuco, ele é de Pernambuco e foi acabar na Serra Pelada. Ele trabalhou na Serra Pelada, o Curió levou ele para lá, ele ficou trabalhando lá e parece que mataram ele lá, ou mataram depois. Sei que ele sumiu também.
CEV-RJ – Mas, ele não esteve em Petrópolis?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Mas ele não passou por aqui? Por que, segundo as histórias, ele seria o cara que retalhava corpos....
Malhães - Não havia necessidade disto.
CEV-RJ - Deixa eu lhe perguntar uma coisa, um jogo, dentro da honestidade até quando o senhor puder. Se alguém morresse em Petrópolis, qual era a possibilidade maior: enterrar no fundo do quintal?
Malhães - Nunca
CEV-RJ - No cemitério como indigente?
Malhães – Nunca
CEV-RJ - Queimar nos fornos da Usina Cambahyba?
Malhães – Ih, nunca, nem tinha conhecimento disto.
CEV-RJ - Uma vala comum na estrada?
Malhães – Teve casos, que não são nossos, que são até do DOI, que o cara foi enterrado na beira da estrada, um foi enterrado na praia, outro foi enterrado não sei aonde. O DOI teve. (02:26:59)
CEV-RJ – Mas, fazia o quê, coronel? Nós temos informação de que ninguém saía, nenhum corpo saía do DOI, sem uma autorização do CIE.
Malhães – É provável.
CEV-RJ - Mas, coronel, fazia o quê?
Malhães – Aí não dá para explicar.
CEV-RJ - Mas nada destas coisas faz sentido para o senhor, o senhor acha que é tudo invenção? Quando o senhor ouve do Claudio Guerra, a Usina Cambahyba, isto para o senhor parece uma piada?
Malhães – É piada. É piada. Isto é mentira.
CEV-RJ - Por que ele inventaria isto?
Malhães – Porque ele é um inventor.
CEV-RJ - Ele quer encontrar o senhor. O senhor toparia conversar com ele?
Malhães – Não.
CEV-RJ - O senhor chegou a conviver com ele, coronel?
Malhães – Cheguei a entrar em contato com ele..
CEV-RJ - Mas, isto, na época?
Malhães – Pois é, aí, quando eu vi que ele era um falador, eu descolei dele. Não tive mais contato com ele.
CEV-RJ - Mas, ele era ligado ao Perdigão.
Malhães – Depois, eu acho que depois ele se tornou. Não sei bem, não conheço bem a história da ligação do Perdigão com ele..
CEV-RJ - Ele disse que conheceu o senhor no escritório do CIE na Petrobrás. Tinha alguma coisa na Petrobrás, o senhor trabalhou lá na Petrobrás?
Malhães – Tinha

CEV-RJ - Mas era do SNI, não era coronel?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Do CIE? Vocês se reuniam lá.
CEV-RJ - Ele disse que conheceu o senhor lá. Ele mandou um recado aqui (...) 'da equipe do Perdigão fazia parte um delegado capixaba', o senhor falou isto para o Chico Otávio. O Guerra falando, 'sei que ele deve negar outros fatos para se defender, se acareado com ele eu topo, em juizo'. Diz que este delegado capixaba era ele.
Malhães – Não era ele. Ligado a mim, não era ele.
CEV-RJ - Não, ao Perdigão.
Malhães – Ao Perdigão não sei.
CEV-RJ - Coronel, e estas histórias... o senhor já ouviu falar um pouco das histórias dele. Esta coisa que ele fala da irmandade, isto da usina. Tudo isto o senhor acha que não tem sentido?
Malhães – Eu acho impossível o Perdigão ter mandado alguém ser queimado em uma usina.
CEV-RJ - Por ser o que ele era?
Malhães - Por ser o que ele era. Acho impossível.
CEV-RJ - Ele faria o quê?
Malhães – Ele usaria o nosso processo. Entendeu? Então, eu acho que isto é falso. Ele é metido, eu larguei ele justamente por causa disto, porque ele é metido a falador, é metido a .. entendeu? (02.29:47)
CEV-RJ - Coronel, e o Perdigão. O senhor teve contato com ele até quando?
Malhães – Perdigão foi um cara que foi muito amigo meu.
CEV-RJ - Voces continuaram, mesmo depois que vocês...
Malhães – Não. Eu não continuei amigo de ninguém.
CEV-RJ - Mas, isto foi um pacto entre vocês, ou não?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Sem dizer, mas todo mundo acabou agindo da mesma forma.
Malhães – Foi um pacto comigo mesmo, entendeu? Eu quero me afastar, não quero saber novidade, não quero saber. Tanto é que tem alguns sargentos que de vez em quando me telefonam, vêm me visitar, assim, mas eu procuro não tratar tão bem como deveria ter tratado para o cara se mancar e .. Porque eu tinha um plano para o nosso, a nossa força não ser exterminada...
CEV-RJ - Mas, que o senhor considerava que era um plano para o país, ou era mais uma coisa para o grupo mesmo?
Malhães – Para o grupo, de impedir que isto acontecesse. Nós tínhamos como fazer uma revolução. Seria uma revolução que é chamada na França de Coup, assim coisa pequena, mas no estafe grande. Nós pegaríamos o estafe grande e desmontaríamos o estafe grande, a nação cairia e nós poderíamos colocar no lugar quem a gente quisesse. Mas, infelizmente, isto não foi possível. Muitos não concordaram, outros tiveram medo, foi por aí afora. Então, quando eu me afastei, você vê, um homem acostumado a ter que raciocinar muito, um homem acostumado a viver de um mundo para o outro, de repente tudo isto ser tirado da sua cabeça, meu cérebro não suportou, meu cérebro não aceitou que eu

parasse de pensar. Então eu comecei a estudar outras coisas, comecei a criar pássaros, comecei a criar animais. Hoje me dedico às orquídeas, estudando as orquídeas e outras plantas. Decobri um lugar que tem outras plantas, então.., eu e minha mulher discutimos as outras plantas. Vai por ai afora. Isto amenizou o problema do meu cérebro parar de trabalhar. Hoje não, hoje coitadinho está mais retraído, tem...
CEV-RJ - Está funcionando bem ainda...
Malhães – Eu podia lhe contar muito mais se o meu cérebro permitisse dizer certas pessoas que você me pergunta, que eu não me lembro. Pode ser um lapso de memória meu, eu não posso dizer que não seja. Então, hoje ele já tem lapso de memória, já tem....
CEV-RJ - Coronel, quando eu lhe perguntei do Perdigão, o senhor disse que era amigo dele.
Malhães – Eu ajudei a salvar a vida dele. Foi baleado,
CEV-RJ - Na Lagoa, não é?
Malhães – É. Por um pessoal do MR-8, deu uma de otário.
CEV-RJ - Por que de otário, foi lá sozinho?
Malhães – É, porque fez sinal para o cara parar, o cara parou e ele achou que não tinha nada e foi, um carro bem suspeito, tinha tudo, inclusive com furo de bala, o carro em que os caras estavam, então ele tinha que ter, ele tinha quatro sargentos na mão dele, então era fácil ele fazer a abordagem de um carro, e não, ele foi de peito aberto. Quando chegou perto o cara sacou um revólver, ele se jogou no chão, o cara deu dois tiros nele, um entrou aqui (mostra o ombro) e parou do lado do coração. O outro quase matou ele porque cortou a veia, cortou esta veia (mostra na perna).
CEV-RJ - Como o senhor ajudou ele?
Malhães – Porque eles chamaram pelo rádio e eu estava pertinho. Então, eu cheguei com o carro, botei no carro – o que ninguém tinha feito até aquela hora – e saí com ele disparado e o primeiro hospital que eu vi lá eu encostei, entrei com o carro e quase ... de pistola na mão.. eu quero um socorro para um companheiro que está ferido, arranjaram logo uma sala de cirurgia, o médico entendia de artérias e veias e operaram ele.
CEV-RJ - Ele lhe agradeceu para o resto da vida...
Malhães – Aí nós ficamos muito amigos. Ficamos mais amigos, nós já éramos amigos.
CEV-RJ - Faz jus, assim, tem muita gente que fala da atuação dele, o próprio Claudio Guerra, de quem estávamos falando, ele tinha esta influência, como o senhor tinha, ou se inventa muita coisa sobre o nome do Perdigão, independentemente da veracidade do que as pessoas falam, ele tinha um papel importante?
Malhães – Tinha, ele era um menino inteligente – desculpa eu chamar de menino.
CEV-RJ - Menino, por que ele era mais novo que o senhor?

Malhães – Não, porque nós éramos todos meninos. Ele era um menino, inteligente, capaz, era um cara de peito. Então ele, realmente produziu muito. Talvez maius, um pouco mais agressivo e violento do que eu.
CEV-RJ - Mas isto era do comportamento dele, do jeito que ele era?
Malhães – Era do comportamento dele, do jeito que ele era, ninguém pode ir contra.
CEV-RJ - Tem uma história, que eu não sei se confere, que o Amilcar Lobo teria ido ao hospital no dia deste acidente que o senhor levou ele lá, o senhor confirmaria isto?
Malhães – Pode ter ido.
CEV-RJ - Por que ele foi chamado lá.
Malhães – Pode ter ido.
CEV-RJ - O senhor conheceu o Amilcar Lobo?
Malhães – Conheci. Não gostava dele.
CEV-RJ - O senhor tinha um pé atrás com ele?
Malhães – Tinha um pé atrás com ele.
CEV-RJ - Por quê?
Malhães – Porque o jeito dele de ser.
CEV-RJ - Garganta, assim?
Malhães – Não, o jeito próprio. Eu digo que é uma afinidade de santo. Desculpe eu usar esta impressão.
CEV-RJ - Entendi, bate ou não bate.
Malhães – Meu santo bate, ou meu santo não bate. Eu aqui crio dois meninos, que trabalham e moram aqui, uma mãe tem dez filhos, a outra tem... então não dá para criar o menino, então eu arranjei um emprego para os meninos de grupo, emprego de grupo, varrer, limpar os canis e tal. Primeiro para ajudar, para eles não virarem vagabundos, no tempo ocioso deles. Eles vão à escola, tudo direitinho e vêm para cá para trabalhar. Eles gostam, porque no fim de semana eles ganham e tal... Então meu jeito nunca foi este, agressivo, às vezes quando eu bebo eu até me torno agressivo, por causa disto eu parei de beber. Eu, bêbado, sou meio agressivo, já fechei boate em Copacabana...
CEV-RJ - Mas, o Amilcar Lobo o senhor tinha..
Malhães – Tinha um pé atrás com ele.
CEV-RJ - Ele se dava bem com o Perdigão, o senhor lembra disto?
Malhães – Dava. Ele se dava bem quase com todo mundo.
CEV-RJ - O senhor leu o livro dele? As histórias que ele conta?
Malhães – Não.
CEV-RJ - E ele ajudava a vocês lá em Petrópolis?
CEV-RJ - Ele disse que foi levado à Petrópolis duas vezes.
CEV-RJ - O senhor lembra disto?
Malhães – Eu acho que ele foi levado uma vez. Escutei falar.
CEV-RJ - Pelo Paim Sampaio?
Malhães – É.
CEV-RJ - O caso do Grego?
Malhães – Não sei.

CEV-RJ - Ele conta esta história no livro dele...
CEV-RJ - O que o senhor lembra de escutar falar? De ele ter ido lá na casa em Petrópolis?
Malhães – Eu achei errado.. Já tinha este pé atrás com ele.
CEV-RJ - Mas ele disse que foi também ver a Etienne lá.
Malhães – Não sei se foi...
CEV-RJ - No caso do Paim Sampaio ele conta que foi atender um infiltrado, Grego[5], que era esquizofrênico.
Malhães – Ai pode ser um infiltrado do Paim Sampaio.
CEV-RJ - Infiltrado do Paim Sampaio, que era um Grego, Papadeo, que ao chegar lá ele falou para o Paim Sampaio, 'olha, esta cara está em crise de esquizofrenia. Tão cedo o senhor não vai poder contar com ele'. E que ai o Paim Sampaio deu um tiro, na cabeça do rapaz, na frente dele, na varanda da casa. Pode ser? O Paim Sampaio era desses arrojos?
Malhães – Que eu saiba, também não. (02:39:58) Não quero dizer que o Paim Sampaio era santo, nem estou dizendo que eu era santo. Ninguém é santo lá. Mas, há os mais intempestivos e há os menos. Perdigão, por exemplo, era a intempestividade em pessoa.
CEV-RJ - Era estourado.
CEV-RJ - Se esta historia fosse com o Perdigão o senhor acreditaria?
Malhães – Não teria dúvida.
CEV-RJ - Mas, coronel, isto o que o senhor falou que o senhor lembra do Amilcar Lobo assim, a memória que do senhor de que ele teria passado por lá, como o senhor tinha um pé atrás..
Malhães – Eu já não participava muito da onde ele estava. Ele reunia com o pessoal, quando a gente ia lá na PE e não sei o quê, o Amilcar Lobo, o Amilcar Lobo, e eu ...
CEV-RJ - Mas tinha outros médicos com os quais o senhor não tinha o pé atrás.
Malhães – Não, médico só tinha o Amilcar Lobo.
CEV-RJ - O Agnesi?
Malhães – Vê o nome dele ai...
CEV-RJ - Sabe o que é, coronel, uma coisa que precisamos entender são alguns médicos que hoje dizem que não, mas que de certa forma podiam ajudar pela função de médico a, quando dava alguma coisa errada, nas próprias certidões de óbito, aquele papel do perito... Isto era uma rede ou era mais uma circunstância? Vocês tinham isto organizado? A ocasião faz a situação, está ali vai ter que ajudar a gente, era isso?
Malhães – Não. Eu nunca tive problema de certificado de óbito, tá? Nunca tive Para ninguém.

[5] - O ex-cabo do Exército Vitor Luiz Papandreu, militante de esquerda, Vitor Papandreu foi morto na "Casa de Petrópolis" (RJ) em 71, conforme sugeriu em livro o médico militar Amilcar Lobo. Em setembro de 2001, transformou-se no primeiro caso em que a Justiça acolheu um pedido de indenização recusado pela Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos.

CEV-RJ - O senhor não precisou, ou não teve problema em tirar?
Malhães – Não, não precisei. Entendeu?
CEV-RJ - Ricardo Agnesi Fayad, era o médico da PE....
Malhães – Todo médico da PE...
CEV-RJ - ...que dizem que ia à casa de Petrópolis.
Malhães – Não, a Petrópolis o Fayed não foi não.
CEV-RJ - O senhor lembra do Amilcar ter ido.
Malhães – Pode ter ido, também não...
CEV-RJ - Como o senhor falou, se foi, foi uma vez, não vivia lá.
Malhães – Não vivia lá. Mas ele pode ter ido.
CEV-RJ - E o Fayad?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Mas ele atendia ao pessoal lá no..
Malhães – Podia atender, lá no DOI-CODI. Podia atender.
CEV-RJ - E o senhor conheceu os irmãos Ochesendorf?
Malhães – Conheci.
CEV-RJ - Sargentos Jacy e Jurandir? Trabalhou com eles?
Malhães – Um tempo, trabalhei. Quando eu estava em Brasília eu trabalhei com eles, com os dois.
CEV-RJ - Porque eles estão na história do Rubens Paiva, no tal sequestro. O coronel que falou com a gente, o coronel Raymundo,
CEV-RJ - Diz qaue foi ele dirigindo o carro e os dois atrás..
CEV-RJ - Não, não. Foi um dos sargentos dirigindo o carro e disse que só trabalhou uma vez com eles, não reconheceria eles hoje.
Malhães – Nem eu reconheceria eles hoje.
CEV-RJ - O Jacy é carequinha, fortão, queimado de praia e mora em Angra dos Reis, eu tive com ele e ele não quis falar. O Jurandir mora em Brasília.
Malhães – Eles não eram maus sargentos, não.
CEV-RJ - Mas eu ouvi falar que tinham fama de violentos.
Manhães – É. Violento todo mundo é.
CEV-RJ - Trabalhavam bem?
Malhães – Mas trabalhavam bem. Guerra..., você tem que entender que guerra é guerra. Você não pode querer hoje dizer que eles não estavam em guerra com a gente, que eles não usavam armas, que eles não atiravam na gente, que eles não sequestraram embaixador, que eles não matavam... guerra é guerra.
CEV-RJ - Está neste livro que lhe trouxe.
CEV-RJ - Coronel, o senhor perdeu gente da sua equipe?
Malhães – Não, o único cara amigo meu que foi ferido foi o Perdigão. Os meus homens, nunca, nenhum deles foi ferido. Primeiro que nós trabalhávamos com infiltrados. Já não era muito trabalho deles, eles tinham também obrigação de... Eu trabalhei muito tempo em operações. Por exemplo, eu montei, eu capturava... A minha história começou assim. Eu capturava... Tinha um ponto marcado entre um elemento do comando, do comitê central do PCdoB e um

infiltrado meu. Certo? A ordem foi o seguinte, como este cara tinha sido oficial do Exército – Lincoln Cordeiro Oest[6]
CEV-RJ - Era o infiltrado?
Malhães – Não, era o..
CEV-RJ - Membro do comitê?
Malhães - Membro do comitê do PCdoB e um dos diretores da guerrilha do Araguaia.
CEV-RJ - É, eu sei quem é.
Malhães - Aí, 'Ah, ninguém consegue prender ele não. Ele é muito esperto, já tentaram, já tiveram outra chance e perderam ele'. 'Bom, então eu posso tentar?'. 'Pode'. 'O infiltrado é meu, estou trazendo a notícia, mas eu vou tentar'. 'Mas não vai dar certo, não. Ele é esperto para burro'. Tá bem. Na véspera eu mandei correrem os rendez-vous e pegarem as meninas mais novas que tinham e trazerem para um local, presas.
CEV-RJ - Presas?
Malhães – Presas, como se fossem presas. Peguei uns agentes de polícia, todo mundo que tinha cara de garoto, mais ou menos novo – eu tinha 60 agentes da Polícia Federal comigo – então peguei os que tinham caras mais novas e disse 'vocês, cada um escolhe um par para ser um casal'. Vamos comprar livros, para eles terem debaixo do braço, porque tinha um colégio perto, e vamos preparar a cena de estudantes. 'Vocês serão estudantes'. Expliquei para as prostitutas o que elas iam fazer, 'vocês vão ajudar a prender um cara, assim, assim'.
CEV-RJ - E elas não recusaram?
Malhães – Não, gostaram até da ideia. 'Então nós não estamos presas?' 'Não, ninguém está presa, é que preciso de vocês para fazerem este trabalho'. Ficou tudo em família, demos almoço, ...
CEV-RJ - Elas arranjaram alguns clientes ali?
Malhães – Não. Aí eu não sei. Eu sei que não entrei na história.
CEV-RJ - Mas deu certa a cena?
Malhães – Deu certa a cena.
CEV-RJ - Isto foi em que bairro?
Malhães – Foi ali na Piedade. Aí, montei a partir de 11hs vocês vão para lá, eu vou estar em um poste, trepado em uma escada, em um poste. Então, fulano, fulano e fulano vão receber rádio. Eu vou dizer o que vocês vão fazer, se está acontecendo alguma coisa e vocês me dizem se virem alguma coisa. Fiquei no poste, com roupa da Light e tal. Entrou uma Kombi, deu uma volta devagarzinho, botei o infiltrado no lugar do ponto, entrou uma Kombi, passou devagarzinho, aí me notificaram, 'olha, tem uma Kombi aqui que passou muito

[6] - Segundo o livro Brasil Nunca Mais, Lincoln Cordeiro Oest foi preso no dia 20 de dezembro de 1972. A versão oficial de morte por tentativa de fuga foi desmentida pelos depoimentos dos presos políticos José Auri Pinheiro e José Francisco dos Santos Rufino, prestados à época em auditorias militares. Segundo eles, Lincoln foi torturado no DOI-CODI/RJ, onde estava preso. Tanto Auri, quanto Rufino ouviram de um policial torturador que Lincoln teria sido "eliminado em suas mãos". O exame cadavérico demonstrou que o ex-deputado foi morto com grande número de tiros (pelo menos nove), em várias partes do corpo. A necropsia, realizada por Adib Elias e Eduardo Bruno, confirmou a versão oficial de morte em tiroteio, A Aeronáutica divulgou que ele morreu em um tiroteio na Rua Itapemirim, no Rio.

devagar'. Está bem, continua todo mundo na posição, deixa o barco correr. O infiltrado também... acho que o infiltrado sabia que era ele. O infiltrado não falou. O infiltrado ficou na dele, mas se assustou quando viu a Kombi.
CEV-RJ - Havia um ponto marcado?
Malhães – Um ponto, um lugar que eles marcam e se encontram, bem destacado, e tal, dentro do cinema, eles se encontram, em qualquer lugar. A Kombi deu a segunda volta, parou e ele soltou. Quem prendeu ele foi uma puta, que correu e disse 'o senhor está preso'. Aí ele quis, mas já era tarde, foi abafado e foi preso.
CEV-RJ - Ele estava sozinho?
Malhães – Estava. Aquilo ficou, 'ah que eu fazia ponto de Hollywood, uma sacanagem danada por causa daquilo'...
CEV-RJ - Fez fama?
Malhães – É. Aí eu fiz outros pontos mais ou menos parecidos, diferentes, mas eu fazia os pontos, então, às vezes eu trabalhava nisto também. Eu gostava de fazer isto. O problema é você gostar e imaginar como você vai fazer. O cara foi preso, mas o cara não ficou comigo. O Frota era o comandante do primeiro Exército. E eu tinha pego uns caras do DOI, também. Aí o Frota esteve no DOI quando eu tive e disse, 'Malhães, eu quero ele vivo, porque ele foi meu colega de escola, do Exército. Então eu quero ele vivo para conversar com ele'. 'Tudo bem, mas não depende muito de mim, mas se eu puder trazê-lo vivo'.
CEV-RJ - Isto antes de o senhor prendê-lo?
Malhães – Antes, antes. Aí, eu passei a mão nele, comuniquei ao DOI que eu tinha prendido o cara – o cara ia mais ou menos para o DOI – e eles comunicaram o Exército. Aí vieram dois – não vou dizer o nome deles, porque você até citou o nome deles, mas eu não falei – dois membros da contrainformação vieram para mim e disseram 'Malhães, a ordem do ministro é você passar o preso para nós'. Eu disse 'pô, eu prendi o cara e vocês vão me levar o preso?' 'É a ordem, se você quiser falar com o Coelho Neto, você liga para o Coelho Neto que ele vai te confirmar'.
CEV-RJ - Coelho Neto era chefe-de-gabinete do Ministro?
Malhães – Era.
CEV-RJ - O Frota era ministro ou comandante do primeiro Exército?
Malhães – Comandante do primeiro Exército. Aí, 'se você quiser falar com o Coelho Neto ligue para o Coelho Neto que ele vai te dizer a mesma coisa que estamos dizendo'. 'Ah, tudo bem. Não vou duvidar de vocês. Não tenho motivo para duvidar de você. Todo mundo sabe que eu já prendi o cara. Quer dizer, agora'. Entreguei eles para os caras. Os caras levaram ele para um aparelho, que eu não sabia que a contrainformação tinha, e amassaram ele de porrada. Aí não tinha jeito de apresentar ele como preso. O que os caras fizeram, forjaram uma fuga, botaram uma granada nele...
CEV-RJ - Botaram o quê nele?
Malhães – Uma granada, para explodir, para desfazer o estrago das porradas. Eu soube disso depois. Aí ele morreu. Quando eu cheguei lá, no Frota...
CEV-RJ - Que queria ele vivo.

Malhães – 'Cadê o seu preso?' O meu preso não ficou sendo meu preso e está morto. 'Você é um assassino, você é não sei o que, foi você é quem matou'. Pintou e bordou comigo. 'Só não vou te mandar embora porque eu sei que preciso de você lá no gabinete, senão eu ia lá no ministro'. Não adiantava falar com o ministro, porque muita gente ia fazer queixa com o ministro e o ministro não me mandava embora.
CEV-RJ - Essa época o ministro era?
Malhães – Era o Bethlem, Não, era o que fumava charuto e que eu não me lembro o nome dele[7]. O Frota ia visita, o cara morreu, tentando fugir, isto é problema lá de quem fez a operação. Aí me perguntaram como foi....(inaudível) da contrainformação..
CEV-RJ - Contrainformação do CIE?
Malhães – Do CIE. A contrainformação mandou os caras lá dizerem que era ordem do chefe do CIE, não posso fazer nada. 'Não, foi ordem mesmo daqui, para entregar aos caras, porque resolveram que o cara tem que morrer, não podia ficar vivo, porque iam sequestrar, a gente'...
CEV-RJ - Mas a ordem veio do ministro ou veio do CIE?
Malhães – Ah, eu não sei, aí eu não sei.
CEV-RJ - Passando por cima do comando do primeiro Exército...
Malhães – Passando por cima do comando do primeiro Exército passou, porque eu que segurei a descarga... Eu que segurei a descarga. O Frota era muito meu amigo, eu contei a história, ele passava por mim, 'Bom dia general', ele nem respondia. Dava a mão para todo mundo para cumprimentar, para mim ele não dava. Aí aconteceu, logo em seguida, o sequestro do Elbrick, que exigiu a troca dos presos pela liberação do Elbrick[8] e o governo aceitou esta troca. Então uma porção de caras que estavam presos, importantes, tudo caras importantes, foram enviados para fora e alguém disse para o Frota, 'se o Malhães não tivesse matado o cara, o cara já tinha voado, nesta de libertação dos presos'. E o Frota, acho que botou aquilo na cabeça, e na primeira vez que passou por mim me chamou 'vem cá garoto, aperta minha mão aqui. Você me desculpa o que eu fiz com você'. 'Tudo bem general, somos amigos, além disto". Mas eu segurei esta descarga. (02:55:57)
CEV-RJ - Deixa eu lhe fazer uma pergunta. Eu lhe falei do Riscala Corbage, agora estou me lembrando. O Riscala Corbage tem umas mágoas, ou pelo menos falou para mim que tinha esta mágoa, porque ele tinha o codinome de Dr. Nagib, o mesmo do Perdigão. E ele diz que paga o pato por aquilo que o Perdigão fez.
Malhães – O codinome do Perdigão não era o Nagib. Não tem nada com Nagib.
CEV-RJ - Todo mundo fala que Dr. Nagib era o Perdigão.

[7] - Em dezembro de 1972 o ministro do Exército era Orlando Geisel.
[8] - O embaixador americano Charles Burke Elbrick foi sequestrado em setembro de 1969. No dia 7 de dezembro de 1970, entretanto, houve o sequestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher; O sequestro durou até 13 de janeiro de 1971 com a libertação de 70 presos. A rimeira lista de presos apresentadas foi modificada em 31 nomes pois da inicial, o governo recusou-se a soltar 13 militantes presos por crimes de sangue e outros 18 se recusaram a deixar o país, como consta do livro "A Ditadura Escancarada" de Élio Gaspari.

Malhães – Que eu saiba, não. Só se o Perdigão trocou de codinome...
CEV-RJ - Qual era?
Malhães – Não sei, mas não era este não.
CEV-RJ - Não, o senhor sabe, o senhor não quer lembrar.
Malhães – Tenho lapso de memória..
CEV-RJ - Aí contam que o Dr. Nagib, Riscala Corbage, diz que estava no DOI por um acordo da Polícia Militar fornecer elementos para o DOI. Que ele não queria ficar, mas ninguém queria ir. Que a Inspetoria das Polícias Militares mandava sempre gente para o DOI. Ele conta que saiu de lá no seguinte episódio. Prenderam uma parente, sobrinha, do Fiuza de Castro, junto com um grupo e o Sylvio Frota foi lá e mandou soltar a menina. Aí o Riscala disse, se soltar uma tem que soltar todos. Acabaram soltando todos;
Malhães – Eu acredito nisto. Que o Frota tenha feito isto. Isto eu escutei falar.
CEV-RJ - Soltaram todos e mandaram dar uma prisão no Riscala Corbage na PM aí ele se viu afastado do DOI-CODI. Isto é o que ele me contou.
Malhães – Não sei. Aí, esta parte... eu não conheço ele. Ele não deve me conhecer.
CEV-RJ - Não sei se ele lhe conhece, não lembro se perguntei a ele.
Malhães – Não deve me conhecer porque eu não conheço ele. Já é outro ...
CEV-RJ - Mas o senhor ouvi esta história da sobrinha do...
Malhães – Sobrinha do... Eu sei até quem é...
CEV-RJ - De que organização ela era?
Malhães – Era PCB.
CEV-RJ - Partidão.
Malhães – Partidão.
CEV-RJ - E era uma menina nova?
Malhães – Era. Mocinha. Os jovens ...
CEV-RJ - Era todos muito jovens, não é?
Malhães – ....os jovens, entram nisso com muita facilidade... Você vai ser um herói, você vai ser o salvador, você vai ter orgulho de ter lutado contra esta ditadura. Todo jovem entra nisto. Que o contrário ele também entrava. Então ele entra nisto. Todo jovem é inconsequente, é aguerrido, é... Só que o brasileiro... Deixa eu contra uma coisa, o brasileiro, para mim, é o comunista mais frouxo do mundo. Ele é isto que está na presidência da República. Roubam. O Genoíno... Sabe quem é o Genoíno? É o chefe da guerrilha do Araguaia. Era o cara mais comunista que tinha do PCdoB. Era chefe da guerrilha do Araguaia. O que ele é hoje? Um ladrão. Você discutia às vezes com o cara preso e eles não sabiam nem o que era comunismo, marxismo-leninismo. Nem passava por ... E medrosos. É o que eu digo para você, há uma diferença de cultura. A cultura brasileira é muito mal feita, o cara prefere dez vezes ser vagabundo do que ser... Você sabe disso hoje. Eu não sei o que será desta geração, você não vai saber, nem eu, não vai dar tempo, mas esta geração de jovens o que vai ser no futuro? Aí, eles podiam estar armados, mas não reagiam. Eles matavam na covardia. A não ser o MR-8 e a do...
CEV-RJ - ALN do Lamarca?

Malhães – Não, também não era grande coisa...
CEV-RJ - Marighela?
Malhães – Não. Tinha duas boas, PCBR, que nós acabamos e o chefe dela ainda deve ainda estar em Marseille tomando vinho francês... Esse eu fiz questão de soltar.
CEV-RJ - Mário Alves, o senhor lembra dele?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Por que o senhor fez questão de soltar?
Malhães – Porque achei-o homem.
CEV-RJ - Quem é ele?
Malhães – Ah, eu tenho que ver o nome do cara que foi chefe do PCBR.
CEV-RJ - Quando o senhor soltou? Logo no início?
Malhães – Foi. Achei um cara homem.
CEV-RJ - Ele fugiu.
Malhães – Não, nós mantivemos contato, mas ele não era infiltrado. Mas, a história dele é uma história assim impressionante de vida. Você passa a admirar o cara. Ele foi expulso do Exército brasileiro, aí foi para a Europa. Na Europa ele entrou no Exército que era contra aquele ditador de Portugal....
CEV-RJ - Salazar.
Malhães – Salazar. E ele disse 'eu entrei como cabo atirador de peça e saí como general de divisão, comandante de artilharia'.
CEV-RJ - Não era o Apolônio não?
Malhães – Apolônio de Carvalho[9]
CEV-RJ - Não, ele está morto. O Apolônio de Carvalho está morto.
Malhães – Mas, morreu aonde?
CEV-RJ - Aqui no Rio.
CEV-RJ - Aqui.
CEV-RJ - Ele morou no Brasil.
Malhães – Ele voltou para o Brasil?
CEV-RJ - Morou, claro.
Malhães – Eu perdi contato com ele.
CEV-RJ - Ele trabalhou, ele foi... Lutou contra a ditadura espanhola e contra a ditadura de Hitler. Entrou na resistência francesa.
Malhães – De Hitler. Na resistência francesa, exatamente.
CEV-RJ - E foi na ditadura espanhola, não na de Salazar. Foi contra Franco.
Malhães – E ele... E ele foi quem ensinou a subversão a assaltar banco. Por que lá eles assaltavam os postos de distribuição de alimentos que o alemão fazia para a população. E ele é que ensinou o assalto a banco.
CEV-RJ - Coronel, o senhor foi contra a abertura política do Geisel?
Malhães – Fui.

---

[9] - [9] - Apolônio de Carvalho, como declarou em entrevista a O Pasquim, edições 87 e 88 (Novembro de 2003) foi preso em 13 de janeiro de 1970, levado para o DOI-CODI da Barão de Mesquita, sofreu diversos tipos de tortura, inclusive pau-de-arara, chegando a ficar sem sentidos. Depois, foi transferido para o quartel do Batalhão de Comunicações da Vila Militar de onde saiu, em 15 de junho de 1970, deportado para a Argélia, em troca do embaixador alemão.

CEV-RJ - E o senhor participou do grupo de militares que tentou boicotar isso?
Malhães – Participei.
CEV-RJ - Soltou bombinhas, de brincadeira, em bancas de jornal?
Malhães – Não. Isto quem fazia era o DOI.
CEV-RJ - Era o tal grupo Segredo...
Malhães – Mas, isto quem fazia era o DOI.
CEV-RJ - Que era a turma que jogou no Riocentro.
Malhães – É, mesma turma que jogou no Riocentro.
CEV-RJ - E foi a turma que jogou na OAB?
Malhães – Não sei. Da OAB, não sei.
CEV-RJ - Coronel, isto, para a gente, é muito importante pelo nosso trabalho. Porque, tem algumas histórias que elas se encontram aí, da bomba da OAB que foi um ano antes da do Riocentro. Alguns agentes e tal. O senhor acha que pela prática, pelo momento, pós-Anistia, ali, isto estava orquestrado, estava pensado em conjunto?
Malhães – Não. Eu nem escutei falar nisto. Das bancas de jornais eu escutei lá e fui contra. Disse lá no DOI. 'Isto que vocês estão fazendo é besteira. Não vai levar a nada'.
CEV-RJ - Mas, o Perdigão era do CIE e o Perdigão estava ligado à bomba do Riocentro.
Malhães – Porque o Perdigão tinha muita ligação com o DOI.
CEV-RJ - Mas, coronel, o SNI, pelo que a gente sabe, tanto lá da bomba da OAB quanto... Eles ainda tinham, junto à Polícia Federal uma influência muito grande na investigação de não deixar, mesmo após a abertura, deixar a investigação fluir... o senhor acompanhou isto, ainda nesta época, 80, 82?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Mas, se o senhor era contra a abertura e boicotava, que tipo de boicote o senhor fazia?
Malhães – Não boicotava, eu pregava contra.
CEV-RJ - De se organizar mesmo.
Malhães – Tentei.
CEV-RJ - Mas não participava destes grupos
Malhães – Não. Não.
CEV-RJ - Por exemplo? O senhor trabalhou com o Zamith?
Malhães – Não, conheci o Zamith.
CEV-RJ - O Zamith é acusado de ter sido quem sequestrou o bispo de Nova Iguaçu.
Malhães – Pode ter sido mesmo, ele era pirado mesmo.
CEV-RJ - Depois pintou todo de vermelho...
Malhães – É isto mesmo. Foi ele mesmo (ri).
CEV-RJ - E ele é acusado de ter botado a bomba na casa do Roberto Marinho para disfarçar...
Malhães – Pode ter sido também
CEV-RJ - Aquela bomba, o senhor chegou a saber detalhes?
Malhães – Não.

CEV-RJ - Porque foi na mesma época da OAB e da bomba na ABI.
Malhães - Eu conheço o Zamith como um cara extremamente violento. Ele entrava aqui na Baixada de chicote e quando encontrava um vagabundo, ele dava uma surra.
CEV-RJ - Ele nunca esteve em Petrópolis?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Mas, ele era ligado ao Guimarães.
Malhães – Eram....
CEV-RJ - Porque eles eram do pelotão da PE da Vila Militar.
Malhães - É.
CEV-RJ - Não era do DOI.
Mahães – Não.
CEV-RJ - Mas, ele andava no DOI.
Malhães – É por estas ações que ele fazia aqui na Baixada, o DOI... os caras que eram amigos, achavam que ele... Por que tudo é você ter amizade, você demonstra ser um cara bom, dá porrada, dá... No time que dá porrada, você passa a integrar o time automaticamente.
CEV-RJ - Acho que a gente não vai ficar muito, porque acho que o senhor também está...
CEV-RJ - Deixa eu só fazer mais duas questões...
CEV-RJ - O que eu queria perguntar .. eu estava pensando..
CEV-RJ - Eu queria saber, o Guimarães também entrou em Petrópolis, não? Por que alguém falou que o Guimarães ia a Petrópolis.
Malhães – (falando com a mulher) Cris, trás água pra gente, água e café...
CEV-RJ - Então, coronel o que eu estava pensando aqui, na cabeça do senhor, esta relação do Riocentro com a OAB, eu acredito que tenha, porque é um período muito próximo, então eram aquelas pessoas que estavam na linha de frente...
Malhães – Eu acho que pode ser que não..
CEV-RJ - Mas isto que eu queria assim, o senhor acha que não...
Malhães – Eu não tenho nem noção do porquê de jo... por que tudo tem que ter um por quê,? Você procura o porquê das coisas..
CEV-RJ - O senhor não vê de... OAB com Riocentro, para o senhor...
Malhães – Já não tem, para mim já não tem ligações. Mas, por quê fizeram aquilo contra a OAB? Tem que ter um por quê?. Aí você chega a fazer uma estima de quem poderia ter sido feito. Então, você estuda o porquê. Por que mandariam uma carta bomba para a OAB? O que a OAB tem a ver com isto? Hoje tem muita coisa, mas naquela época não tinha. Por quê?
CEV-RJ - Mas, coronel, a Inês Etienne, por exemplo, quando explodiu a carta, ela já tinha dado o depoimento na OAB.
Malhães – Não sei. Mas eu acho que não, não. Por isso não.
CEV-RJ - Não tinha este peso?
Malhães – Não. Não...
CEV-RJ - O senhor ia falar.
Malhães – Ia.

CEV-RJ - ... E segurou na hora H. Pode soltar.
Malhães – Bom, vamos lá. A Inês Etienne ... Foi decretada a morte dela, mas com fins políticos. Tinha que ser um membro do gabinete do ministro do Exército a fazer, matar ela, para eles tornarem – os próprios caras que tiveram a ideia -, mandarem, tornarem isto público, o ministro cair e subir outro general de Exército que levaria um time todo grande a ser general. Então, é o que digo para você, a Inês Etienne era alvo de ser morta. Só que, este plano falhou porque há gente que não é infiel a seu chefe. Então, quando ele recebe uma ordem absurda, esta, 'você vai matar a Inês Etienne, pode. Você pode'. Está bem. 'Todo mundo sabe disto, ah, o seu chefe sabe, o ministro sabe, todo mundo sabe'. Tá bem. 'E os meios?' 'A, você pode pedir o que você quiser para mim que eu te dou os meios'. Aí eu disse, pô, tem alguma coisa errada nesta história...
CEV-RJ - Esta ordem foi para o senhor?
Malhães – O Perdigão ficou bravo porque – o Perdigão estava do meu lado – 'é, quem vai fazer sou eu'. 'Não, você não, quem vai fazer é ele'. Eu digo, pô deveria deixar o Perdigão fazer, o Perdigão está com vontade de fazer, eu não estou com vontade de fazer, por que eu? Perdigão já tinha saído do SNI[10], inclusive, estava no SNI. Por quê eu? Tá bem. Me preparei soube aonde ela estava, a casa, estudei a casa, fiz toda a preparação...
CEV-RJ - Isto foi antes dela ser presa?
Malhães – Não, foi depois, foi quando ela estava aí zanzando, falando pra cacete...
CEV-RJ - Foi quando entraram na casa dela lá, não?
Malhães – Aí, eu disse, 'tem alguma coisa errada nisso'. Aí peguei o telefone, liguei para Brasília, chamei meu chefe, 'O senhor está sabendo'.... (a mulher chega com o café e a água)
CEV-RJ - O senhor está sabendo?
Malhães – 'Que a Inês Etienne vai ser morta e que eu recebi esta missão?' (03:12:10)
CEV-RJ - Seu chefe, no caso, era o Sylvio Frota?
Malhães – Não, o chefe na época, era o último ministro do Exército, sem ser o ...
CEV-RJ - Isto em 80, já?
CEV-RJ - Leônidas?
Malhães – Não, sem ser... antes do Leônidas.
CEV-RJ - Walter Pires?
Malhães – Walter Pires. Aí, ele disse 'não, não sei disso não. Não consta nada aqui'. 'O senhor pode perguntar ao ministro se o ministro sabe?'. 'Vou perguntar. Eu ligo para você. Você vai ficar aí no aparelho?' 'Vou'. Aí, telefonou 'olha, o ministro não sabe de nada. O que aconteceu?'. Aí eu contei para ele, 'o coronel fulano, que é E2 do primeiro Exército, me chamou e disse que tinha

[10] - Aqui ele fez confusão. O Perdigão tinha saído do CIE e estava na Agência do SNI do Rio.

chegado para mim esta missão'. 'Malhães, vai no aeroporto, tira uma passagem e vem para Brasília'. Aí eu fui, tirei uma passagem e fui para Brasília. Cheguei lá, tinha um carro me esperando, até me assustei, entrei dentro do carro aí fui, em vez de ir para o CIE fui para o ministério do Exército. Aí estava lá meu chefe, o chefe do CIE e o ministro. Aí eu contei a história. Chamaram e me disseram isso, isso, isso e isso e que todo mundo aqui sabia...
CEV-RJ - Isto, então, anos 80?
Malhães – É.
CEV-RJ - Governo Figueiredo.
Malhães – Aí eles me chamaram, 'conta a história para o ministro'. Aí eu contei para o ministro. Aí, o ministro foi e disse assim 'se você faz isto...'
CEV-RJ - Mas, o senhor já contou sabendo do esquema, ou não?
Malhães – Não.
CEV-RJ - O senhor não sabia.
Malhães – Eu não sabia. Aí, deu aquele bafafá, eles discutiram lá entre eles, não sei o quê, pê, pê, pê, pê, pê, pê... Aí descemos. Aí o meu chefe disse para mim. 'A história era para derrubar o ministro. Você matava, ele sabia que você ia matar e ele denunciava você por outros meios à imprensa, isto ia cair no ombro do ministro, tiraria o ministro', que à época era do outro lado, né? Já começava a ser para o outro lado. Aí eu não fiz.
CEV-RJ - Do outro lado, que o senhor diz, é pela distensão.
Malhães – Pelo andar da carruagem... É... sacaneava esta época atual. Por que foi progressiva a caminhada, mas houve.
CEV-RJ - Embora o Walter Pires, ao que parece, não era muito favorável também...
Malhães – Não.
CEV-RJ - Mas aí?
Malhães – Aí veio procurar. 'Pô Malhães, foi lá?'. 'Não, não vou lá não. O senhor está querendo que o Miltinho[11] assuma o ministério do Exército para o senhor sair general. Eu vou lhe dizer uma coisa, nem o senhor, nem o seu irmão – o irmão dele já era general de brigada, ele ia ser promovido a general de Brigada[12] – o senhor não sairá general e seu irmão não sairá promovido a general de Divisão. Porque, eu ainda tenho, ainda vou lhe compensar, de não lhe agredir, porque o senhor trabalhou comigo, por ser oficial superior, eu vou ... eu deveria matar é o senhor e não a Inês'.
CEV-RJ - Este era um coronel?
Malhães – Era um coronel.
CEV-RJ - Que tinha irmão general?
Malhães – Que tinha um irmão general.

[11] Miltinho era o general Milton Tavares de Souza, também conhecido como "Caveirinha". Foi diretor do Centro de Informações do Exército enquanto Orlando Geisel era Ministro do Exército, durante o governo Médici. Nessa função, foi responsável pela política de eliminação física dos inimigos do regime. Foi ainda responsável em 1969 pela organização dos DOI-CODI em todo o Brasil e das operações Bandeirantes e Marajoara, que prepararam o terreno para os desmantelamento da Guerrilha do Araguaia.
[12] - General de Brigada, duas estrelas; General de Divisão, três estrelas; General de Exército, quatro estrelas.

CEV-RJ - E o coronel queria chegar a general de Divisão?
Malhães – Não, ele queria ser promovido a coronel...
CEV-RJ - Não, a general...
Malhães - ... e o general ... a general, e o irmão dele a general de Divisão.
CEV-RJ - Esta é uma boa história... uma história que nunca veio à tona.
CEV-RJ - Mas, coronel, a Inês Etienne sofreu um ... teve um assalto na casa dela. O senhor tem conhecimento disso?
Malhães – Isto pode ter sido o próprio coronel...
CEV-RJ - Porque isto faz sentido agora, com a sua história, antes eu achava que não fazia muito sentido, mas..
Malhães – Isto o próprio coronel pode ter tentado, por outros meios, ou com o Perdigão, ou com não sei quem, e não ter conseguido. Não sei.
CEV-RJ - O Perdigão era favorável a matar ela.
Malhães – O Perdigão era. O Perdigão tinha uma sede nela terrível. Todo mundo tinha uma sede nela, eu não tinha. Eu achava que a culpa não era dela...
CEV-RJ - Era do tutor.
Malhães – Era do tutor.
CEV-RJ - O tutor dela está vivo?
Malhães – Está, deve estar.
CEV-RJ - Deve estar vivo.
CEV-RJ - Coronel, de casos aí, o do Rubens Paiva o senhor ajudou quando o senhor falou que pela lógica não teria sentido ele ir para Petrópolis.
Malhães – Não teria sentido.
CEV-RJ - Parou no DOI-CODI.
Malhães – Muita gente que sumiu parou no DOI-CODI.
CEV-RJ - E não... e assim, a ligação com o Hospital Central do Exército também não era muito... os que sobreviviam sim..
Malhães – Não, eles tinham ligação com o Hospital Central do Exército. Era Primeiro Exército, então eles tinham ligação com o primeiro Exército.
CEV-RJ - O senhor leu a série de livros do Élio Gaspari?
Malhães – Não.
CEV-RJ - O Élio Gaspari conta o seguinte, como é o nome daquele preso que nós agora fomos visitar o comando do Exército na Vila Militar, a história dele... Teve um preso que apanhou na companhia da PE da Vila Militar, foi para o Exército, já morto e ali deram um atestado de óbito...
Malhães – É provável.
CEV-RJ - Deram um atestado de óbito justificando a morte sem falar em tortura. Neste atestado, inclusive, aparece o nome de um médico que agora veio dizer para gente que ‘eu nunca fiz atestado de óbito na minha vida’.
CEV-RJ - Disse que era pediatra, na época..
CEV-RJ - Era pediatra na época. Mas, logo em seguida, houve a morte de um outro preso e levaram para o HCE. Quando chegou no HCE, o HCE disse, mas este cara já está morto, não tem que vir para cá. E aí o HCE teve um comportamento diferente e fez um laudo confirmando as torturas. Este caso é o

segundo caso, não lembro o nome agora. A partir daí o HCE tomou outra postura. O senhor soube disto?
Malhães – É chegou esta história, esta primeira...
CEV-RJ - É, assim, 'não dá para vocês escreverem este tipo de coisa'.
Malhães – Esta primeira. Esta primeira eu soube.
CEV-RJ - Saiu na Veja, na época. Deu um escândalo.
Malhães – É. Mas, o segundo eu já não soube....
CEV-RJ - Não me lembro o nome agora...
CEV-RJ - Mas a informação que se tem era esta, do Hospital Central do Exército. Eu lhe perguntei isto, coronel, voltando, aquilo que o senhor falou do Rubens Paiva, que isto não tem sentido, eu acho que tem outro que também não tem muito sentido associar à Casa de Petrópolis.
Malhães – Tem uma porção de gente que disse que passou pela Casa da Morte, até que a outra viu, que é mentira, isto eu garanto a você que é mentira. Ela não viu ninguém. A, o meu....
CEV-RJ - Não, tem um que ela diz que conviveu com o cara, logo no início.
Malhães – Deve ser mentira dela. Aquela que o carcereiro dela falou para ela, até pode ser verdade. Eu não vou dizer que isto pode ser mentira. Eu não posso dizer. Que, pelo nome do carcereiro, eu tenho cá minhas dúvidas.
CEV-RJ - Mas, e outros casos assim, por exemplo, casos que também, até hoje as pessoas..., que tiveram mais repercussão, o caso do Stuart Angel, por exemplo.
CEV-RJ - - Que foi no CISA, que o senhor conhece bem o CISA. Aquele da boca no ...
CEV-RJ - estas coisas elas fazem sentido? a história foi...
CEV-RJ - na boca do.. o senhor lembra esta história?
CEV-RJ - ... do cano de descarga, inclusive, no pátio
CEV-RJ - do cano de descarga?
CEV-RJ - Isso tem sentido?
Malhães – Muita coisa que ela fala não. Eu acredito, por exemplo, que um carcereiro me contou. Pode ter acontecido.
CEV-RJ - Mas, o caso do Stuart Angel...
CEV-RJ - Que não tem nada a ver com Inês Etienne...
CEV-RJ - O senhor lembra alguma coisa? Que não tem a ver com ela
CEV-RJ - O senhor ouviu, na época, esta história?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Dos seus amigos do CISA...
CEV-RJ - Da Base Aérea do Galeão..
Malhães – Eles tinham os processos deles. É até fácil de vocês saberem os processos deles. Se raciocinar um pouquinho você ve que eles têm um meio muito mais fácil de desaparecer com alguém, tá?
CEV-RJ - Helicóptero?
Malhães – Helicóptero, avião, mar à dentro. Aí dispensa lá dentro.
CEV-RJ - Sim. Mas estas coisas eram compartimentadas? Por exemplo, acontecia no CISA, o senhor do CIE ficava sabendo?

Malhães – Não.
CEV-RJ - Nem o pessoal do SNI?
Malhães – Não. O pessoal do SNI menos ainda.
CEV-RJ - Mas, por exemplo, no caso do Stuart Angel, depois houve toda a campanha da mãe dele e houve aquele acidente em que ela morreu, que dizem que foi provocado...
Malhães – (silêncio) Eu não entrei nesta história.
CEV-RJ - O senhor não entrou, o senhor não aparece, mas o senhor fica sabendo de muita coisa lá dentro.
Malhães – É, fica.
CEV-RJ - O senhor soube?
Malhães – Do acidente dela, não. Eu nem sabia que ela tinha morrido.
CEV-RJ - Lá no túnel Zuzu Angel, um Puma que ela dirigia, que caiu de cima do viaduto na saída do túnel Dois Irmãos ali, em frente a Rocinha..
Malhães – (silêncio) Ao meu conhecimento não chegou, nem o dele. O próprio CISA que fez, só pode ter sido o próprio CISA. Cada um arcar as consequências com as suas rebarbas...
CEV-RJ - Cada um cuida dos seus?
Malhães – É o caso da Inês Etienne. Inês Etienne é um erro.
CEV-RJ - De quem?
Malhães – Hein?
CEV-RJ - De quem?
Malhães – Do mesmo cara que insistiu em me mandar matar ela.
CEV-RJ - Que foi a coronel antes do senhor
Malhães – Não
CEV-RJ - O senhor já era coronel também?
Malhães – Não. Ele foi coronel na minha frente.
CEV-RJ - Quem é?
Malhães – Não posso falar, eu também se eu falar o cara vai dizer que quem falou só pode ter sido o Malhães.
CEV-RJ - Entendi.
Malhães – Entendeu?
CEV-RJ - O senhor acha que o ... o senhor admitiu para mim que um morto do DOI-CODI só sairia de lá com alguma autorização do CIE. O seu colega Paim Sampaio....
Malhães – Não posso...
CEV-RJ - .... pode .....ter participado da ajuda para esconder o corpo do Rubens Paiva?
Malhães – Eu não posso dizer isto com certeza, porque, por exemplo, o meu grupo...
CEV-RJ - O Marival, coronel, este, ele vai por aí..
Malhães – .. o meu grupo fez muita coisa que o CIE nem sabe.
CEV-RJ - Mas o senhor sabia.
Malhães – O meu grupo. Outros grupos podem ter feito mil coisas que você nunca vai saber. O problema é o grupo.

CEV-RJ - mas, o senhor tinha amizade com o Perdigão. Tinha a mesma amizade com o Paim Sampaio?
Malhães – Tinha.
CEV-RJ - Ele contava as coisas para o senhor?
Malhães – Não. Absolutamente só o que é necessário.
CEV-RJ - Esta coisa, se ele ajudou a esconder o Rubens Paiva, ele jamais contaria para o senhor?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Mas, o Rubens Paiva, na época, virou história entre vocês, assim, tinha um...
Malhães – Mas..., eu sabia que era o DOI. O problema tinha sido do DOI.
CEV-RJ - O senhor conheceu o Belham?
Malhães – Conheci.
CEV-RJ - E o Avólio?
Malhães – Conheci o Belham bem.
CEV-RJ - Violento?
Malhães – Não, ele era chefe.
CEV-RJ - O Belham correu a apresentar à Comissão Nacional da Verdade um documento do Exército, para provar que, em janeiro de 1971, quando morreu o Rubens Paiva ele estava de férias..
CEV-RJ - Ele estava de férias..
CEV-RJ - Ao lerem este documento repararam que justo no período em que o Rubens Paiva foi preso as férias dele foram suspensas e ele voltou ao quartel.
Malhães – Ele tem outra história triste. Ele era adido militar no Uruguai, ganhou isto como prêmio. Aí, uma comissão, não sei de lá das quantas, de deputados, senadores, foi lá e entre estes elementos...
CEV-RJ - Ah, a atriz, aquela...
Malhães - ... havia gente presa.
CEV-RJ - Não foi o Belham, não.
Malhães – Foi o Ustra[13].
CEV-RJ - Foi o Ustra.
CEV-RJ - da Beth Mendes
CEV-RJ - da Bethe Mendes, foi da Beth mendes.
Malhães – Mas, o Belham tem um caso parecido. O Belham era muito amigo, mas ele não queria saber muito o que estava errado e nem participava, embora fosse chefe. 'Vocês lá tomem a decisão que vocês quiserem'. Tudo bem. Ele

[13] - Em agosto de 1985, o coronel Brilhante Ustra era adido militar da embaixada em Montevidéu e aguardava no aeroporto de Carrasco o então presidente da República, José Sarney, em visita oficial ao Uruguai. Foi quando a ex-deputada Bete Mendes, ex-presa política, denunciou Ustra como seu torturador no DOI-CODI, em 1970. Sarney se apressou em anunciar à torturada que o coronel fora removido naquele mês da embaixada. Não era verdade. O próprio Ustra provou, em seu livro, Rompendo o Silêncio (1987), que o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, segurou seu emprego no Uruguai até dezembro de 1985, contrariando a palavra do presidente Sarney.

não era muito... a gente não achava ele muito coerente, com a posição que ele ocupava. Tinha isto também.
CEV-RJ - O senhor acredita quando o Amilcar diz que foi chamado em casa para atender o Rubens Paiva? De madrugada.
Malhães – Pode ter sido.
CEV-RJ - O senhor conheceu o Tenente Avólio?
Malhães – Conheci, do PIC da PE. Tenente do PIC da PE.
CEV-RJ - Ele não tinha influência junto ao DOI-CODI?
Malhães – Tinha. Tinha.
CEV-RJ - É possível ele ter visto alguém torturando o Rubens Paiva e ter comunicado ao Belham e o Belham não ter feito nada?
Malhães – É.
CEV-RJ - É possível ele ter comunicado isto ao comandante da PE, a quem era subordinado? Ney Fernandes, na época, eu acho.
Malhães – Não conheci muito bem, não. Não sei, eu me omito por não conhecer.
CEV-RJ - O senhor conheceu o chefe do Avólio, imediato, que era o S2 da PE, o Ronald Leão.
Malhães – Fo o que deixou os subversivos saberem o meu codinome.
CEV-RJ - Como assim?
Malhães – É outra história. As filhas do governador do Estado do Rio foram presas, no sequestro do Elbrick..,
CEV-RJ - Ex-governador do Estado do Rio, Raimundo Padilha ou o outro, pai do Roberto Silveira?
Malhães – Roberto Silveira[14].
CEV-RJ - Pai do Roberto Silveira.
Malhães – Foram presas duas meninas, duas moças. E as duas moças tinham uma série de regalias que o cara arranjou...
CEV-RJ - Estavam no DOI?
Malhães – Estavam presas no DOI. Não sei quem arrumou para elas terem uma série de regalias...
CEV-RJ - O senhor está falando do sequestro do embaixador americano, o Elbrick?
(...)

(...)

CEV-RJ - Ele (capitão Leão) foi removido de catiso para Manaus?
Malhães – Foi. Um cara ....
CEV-RJ - Por conta de envolvimento com contrabando?
Malhães -. Não sei, isto eu não sei. Envolvimento com contrabando que eu sei é o ..
CEV-RJ - Guimarães

Malhães – Guimarães.
CEV-RJ - Parece que ele fez a mesma coisa. Isso me falaram.
Malhães – Isso eu conheço as histórias de trás para a frente, de frente para trás, do Guimarães.
CEV-RJ - E o senhor conhece muita gente que, como o Guimarães, pulou de lado, largou da farda para ir para o bicho?
CEV-RJ - E se deu bem nisto?
Malhães – Os auxiliares deles todos, dele todos largaram e hoje estão bem.
CEV-RJ – Não, tem um que parece que está mal, lá em Juiz de Fora o que era sargento, corpulento, gordo, forte, negro, depois eu lembro...em outra oportunidade eu lembro ..
Malhães – Então, ele, esperto, Tio Patinhas que era o maior contrabandista que tinha e que ele arrepiou, a gente chama de arrepio, né? Quando você rouba um contrabando você está arrepiando. Foi o cara que ele mais arrepiou foi o Tio Patinhas, e o Tio Patinhas procurou ele e chegou um acordo com ele, dava uma grana para ele, por mês, e ele não arrepiava o Tio Patinhas, ele arrepiava só os outros e ele concordou. Quando ele saiu do Exército, expulso, ele foi ao Tio Patinhas. Tio Patinhas deu emprego para ele. Você vai ali para Niterói, tem um ponto de bicho lá, este ponto de bicho fica sendo seu. Ele topou. Só que ele foi o que ele sempre foi, esperto. Ele saiu matando os bicheiros todos do lado e foi tomando os pontos de bicho e hoje é dono de Niterói....
CEV-RJ - Dizem que ele resolveu também um sequestro de um parente do Tio Patinhas que quem tinha mandado sequestrar era o pai do Maninho, o ...
Malhães – É.
CEV-RJ - Como era o nome dele, que morreu depois do Maninho, pai dele...
Malhães – O pai dele, sei quem é.
CEV-RJ - Dizem que o Guimarães resolveu um sequestro também.
Malhães – Eu sei que o negócio aí foi este, hoje ele está... vive preso, de vez em quando prendem ele, de vez em quando soltam ele. Eu não tive mais contato com ele. Agora o Perdigão teve contato com ele.
CEV-RJ - Dizem que o Perdigão era muito ligado a ele e ao Anísio.
Malhães – Não acho tanto ao Anísio, não. Ligado ao Anísio era eu. Não como bicheiro, porque ele era irmão da mulher do Luizinho, este policial que vocês dizem que ele..
CEV-RJ - O Luiz Claudio Azeredo?
CEV-RJ - O Luizinho esteve na...?
Malhães – O Luiz Claudio Azeredo.
CEV-RJ - Aquele que era um policial civil da Delegacia de Petrópolis.
Malhães – É.
CEV-RJ - Mas, o Luizinho...
CEV-RJ - E que frequentou o aparelho de Petrópolis?.
Malhães – Ele não frequentou, ele era um dos ocupantes do aparelho.
CEV-RJ – Não. O Luizinho trabalhava na casa?
Malhães – O Luizinho...

CEV-RJ - Trabalhava com que equipe? Com o Perdigão?
Malhães – Com o Perdigão. E às vezes também trabalhou comigo, mas comigo foi muito pouco. Ele não gostava muito... Meu amigo, mas era meu amigo de fé. Tanto é que hoje eu moro aqui graças a ele. O sítio dele era este aqui do lado.
CEV-RJ - O senhor comprou também?
Malhães – Eu comprei, acabei comprando. Quando ele quis vender quem comprou fui eu. Ele ia fazer um clube, porra. O cara queria fazer um clube, eu ia ter um clube do lado da minha casa?
CEV-RJ - Voltando ao Leão. Eu soube da seguinte história. Em 78, o senhor deve lembrar, o Jornal do Brasil, uma dupla de repórteres, que já faleceu, Fritz Utzeri e Heraldo Dias, fez um Caderno Especial com três páginas mostrando que a história do sequestro do Rubens Paiva era inverídica, improvável. Eles não podiam dizer, como dissemos hoje, é uma farsa, pois eles não tinham ninguém falando, mas mostraram que um homem daquele tamanho não poderia sair do banco detrás de um fusca...
CEV-RJ - Sair correndo pela fresta, escapar...
CEV-RJ - ... correndo, tiros, não sei, não sei o que lá. Ali, o Jornal do Brasil começou a correr atrás do corpo do Rubens Paiva. Um oficial do Exército, que foi do DOI, procurou o Frtitz. Segundo informações que eu tenho, foi o Leão, dizendo que sabia aonde estava o corpo do Rubens Paiva e cobrando um dinheiro do jornal. Fritz morreu, eu soube disso depois dele morrer, ele não pode me confirmar, mas familiares dele me confirmaram que era o Leão. O editor do jornal na época não lembra de ter recebido nome algum do Fritz, mas lembra que o Fritz pediu um dinheiro para pagar um oficial. Parece que este Leão também pediu dinheiro à família do Rubens Paiva, cunhado do Rubens Paiva, tio do Marcelo, e levou um dinheiro. A história que o ex-editor do JB me conta é que aí o Walter Pires, então comandante do primeiro Exército, Walter Pires foi comandante do primeiro Exército[15]?
Malhães – Não. Foi ministro.
CEV-RJ - Então pode ser Walter Pires já ministro, porque era governo Figueiredo.
Malhães – Provável.
CEV-RJ - ligou dizendo, olha aqui, tem um oficial corrupto,...
CEV-RJ - É um pilantra,
CEV-RJ - ... pilantra, que está tentando tirar dinheiro de vocês, dizendo que sabe aonde está o Rubens Paiva. Ai o ex-diretor do jornal disse, 'bom, ministro. Então o senhor sabe aonde está'. E ele respondeu 'eu não sei, ninguém sabe, nem ninguém saberá'. Esta história pode bater?

[15] - Os comandantes do Primeiro Exército foram: Sizeno Sarmento (de maio de 1968 a 1971); Silvio Frota (1971/74) Chefe do Estado Maior do Exército (1974); Reynaldo Mello de Almeida (de março de 1974 a 02/12/1976); José Pinto de Araújo Rabelo – Comandante do I Exército de 02 de dezembro de 1976 a abril de 1979); Gentil Marcondes Filho – de 26 de abril de 1979 a, pelo menos, até 1981 (Caso Riocentro)

Malhães – Pode
CEV-RJ - O Ronald Leão tinha esta fama?
Malhães – Não é tinha esta fama. São oportunidades, certo? Eu tive dois milhões de dólares na minha mão, deste que foram roubados..
CEV-RJ - do cofre?
Malhães – do cofre. Sozinho, vasculhando o apartamento que o cara morava, eu achei dois milhões de dólares.
CEV-RJ - Do Bom Burguês?
Malhães – Não, do Ademar de Barros. Eu podia ter ficado com este dinheiro. Só eu tinha achado, estava sozinho no apartamento do cara, era noite... Eu podia ter ficado com este dinheiro. Tranquilo. Na época era grana à beça.
CEV-RJ - Hoje ainda é.
Malhães – Eu peguei os dois milhões de dólares, guardei comigo. Voltei para onde eu dormia, eu tinha um hotel, mas não dormia no hotel, dormia no DOPS e no dia seguinte telefonei para o CIE e disse que precisava que um oficial superior do sistema de informações seja, o coronel Iris, venha ao Rio Grande do Sul.
CEV-RJ - Isto foi lá no sul.
Malhães – 'Mas por que, Malhães, o que houve?'. 'Eu tenho um troço importante para dizer para ele'. Este coronel veio',
CEV-RJ - Lá de Brasília, ou ele era do Rio?
Malhães – De Brasília. Trabalhava no CIE de Brasília e eu também. Eu encontrei com ele e disse, 'coronel estou lhe entregando dois milhões – eu contei o dinheiro – tem dois milhões de dólares aqui. O senhor, por favor, faça a entrega ao chefe do CIE'. 'Por que você me escolheu?' 'Porque eu acho que o senhor é honesto. Conheço o senhor desde o tempo de cadete, fui seu cadete. É um cara que eu tenho confiança de levar este dinheiro'. Entreguei, dois milhões de dólares. Esta história está escrita lá no CIE: que eu entreguei dois milhões de dólares ....
CEV-RJ - E este dinheiro não se perdeu?
Malhães – Não. Foi comprado equipamento, ainda falei isso, 'aproveita e compra os equipamentos que a gente precisa' que era máquina para fotografar à distância, era rádio, uma porção de coisa que a gente precisava. Uma parte foi comprada, outra parte o ministro gastou. Gastou na viagem a Buenos Aires.
CEV-RJ - Então, a história do Leão pode ter acontecido?
Malhães – Pode ter acontecido. É oportunidade. Eu poderia ter ficado com o dinheiro. Até hoje, eu pergunto para mim, depois das desilusões todas que eu tive, porque eu não usei...
CEV-RJ - Qual foi a maior desilusão que o senhor teve?
Malhães – O cara desfazer o sistema assim numa boa.
CEV-RJ - Coronel, o senhor acha que hoje não se trabalha mais desta forma?
Malhães – Não. Não existe mais equipe capaz de trabalhar em informações. Não é só nesta forma em que eu trabalho não. Aquilo é um cabide de emprego. Tanto é que o Genoíno era membro da ABIN.
CEV-RJ - Como membro da ABIN?

Malhães – Ele trabalhava.
CEV-RJ - Agora, no ministério ...
CEV-RJ - Deixa eu lhe perguntar uma coisa, puxar pela sua memória também? O Sr. lembra o momento em que decidiram fechar o aparelho de Petrópolis? Como é que foi o final? O aparelho de Petrópolis foi transferido?. Ele não foi...
CEV-RJ - desativado, totalmente..
Malhães – Ele foi desativado.
CEV-RJ - Desativado lá, mas não deixou de existir.
Malhães – Ai foi para um que era mais afastado de Petrópolis.
CEV-RJ - Por que tem um sítio de Petrópolis. Teresópolis (eu me atrapalho ali na....)
Malhães – Teresópolis não. É tudo Petrópolis.
CEV-RJ - Itaipava
Malhães – Pode chegar a Itaipava
CEV-RJ - Itaipava
Malhães – É uma casa até bonita, na beira do rio.
CEV-RJ - Ainda existe?
Malhães – Deve existir. Uma casa na beira do Rio.
CEV-RJ - Depois disso, virou o quê? E ele funcionou quanto tempo lá?
Malhães – Não funcionou muito tempo não, aí já estava esse negócio de vai não vai, fica não fica, o melhor é apagar isso do mapa.
CEV-RJ - E era uma casa alugada, uma casa doada?
Malhães – Alugada. Essa era alugada.
CEV-RJ - Pelo Exército ou por algum dos senhores?
Malhães – Por algum de nós, mas com outro nome.
CEV-RJ - Sim, laranja. Mas de laranja?
Malhães – É
CEV-RJ - Mas, coronel, a decisão de desativar uma e manter mais um pouco na outra, até porque, como o senhor falou, eu imagino que ali em Petrópolis os senhores tenham ficado até mais ou menos 78, além disso, porque tem diferentes versões, que o senhor não precisa confirmar, mas quero que o senhor escute, do que aconteceu com as pessoas que não viraram infiltrados da Casa da Morte, por circunstâncias várias, eventualmente podem ter morrido lá. Tem gente que fala, que o senhor discordou aqui, esta coisa da usina, de queimar corpos, como uma maluquice...
Malhães – É uma história...
CEV-RJ - sem pé nem cabeça, pelo que entendi.
Malhães – Sem pé nem cabeça. Não tinha nem gente para prender, na época em que o Perdigão fez isto,
CEV-RJ - Aí, depois, uma tática, que isto foi usada em São Paulo, a gente sabe que foi, de enterrar as pessoas como indigente, porque ninguém vai reclamar mesmo e ...
Malhães – É, esta ideia existiu.
CEV-RJ - E isso não é uma coisa, isso é até fácil. Porque, se hoje em dia é fácil fazer isto, imagina ...

Malhães – É, tanto é que eles rebuscaram o cemitério de ...
CEV-RJ - Perus
Malhães – ... O cemitério ali de Petrópolis e acho que até hoje estão examinando lá a (inaudível) de Petrópolis, não vão encontrar nada.
CEV-RJ - Não vão encontrar?
CEV-RJ - No o cemitério de Petrópolis?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Aí, isto é uma das coisas que falam ...
CEV-RJ - Enterrar atrás da casa o senhor descartou esta possibilidade.
Malhães – Nenhuma. Isso é maior burrice do mundo.
CEV-RJ - Mas, não é ao contrário, coronel, é tão burro que pode parecer que... não pode ter isto? Não.
Malhães – Completamente fora de ...
CEV-RJ - Tipo filme daí assim...
Malhães – É. Já escavaram lá, então..
CEV-RJ - É, é sim, logo, em 83...
Malhães – Encontraram um sapatinho de ...
CEV-RJ - Verdade
Malhães ... Viu o que eles encontraram? Um sapatinho de neném.
CEV-RJ - Vamos lá no Araguaia, agora, de Petrópolis ao Araguaia, eu imagino, qualquer mato destes aí, nunca mais. Nunca mais se acha. Mas, aí tem esta coisa assim, de... têm umas pessoas que acham que se construiu em Petrópolis, durante este período, esta coisa de mapear, mapear não, de falsear, não sei se falsear seria a palavra certa, como assim, ah, possíveis atropelamentos, sabe estas coisas assim para justificar..
Malhães – Não, isso quem fazia era o DOI de São Paulo.
CEV-RJ - Aqui o senhor não...
Malhães – Quem fazia isto era o DOI de São Paulo. O DOI de São Paulo tinha uma empresa, o empresário ajudava eles, então quando eles queriam matar alguém eles botavam um ônibus para passar por cima.
CEV-RJ - Atropelou.
Malhães – Atropelou.
CEV-RJ - Para justificar.
Malhães – Aqui, não.
CEV-RJ - Aqui, qual era a solução?
Malhães – (silêncio)
CEV-RJ - Mas, passa pelo mais óbvio, coronel? Pelo mais lógico, assim?
CEV-RJ - Alto da Boa Vista? Floresta da Tijuca?
Malhães – Nunca se (cala-se)
CEV-RJ - O quê?
Malhães – Nada.
CEV-RJ - Fala.
Malhães – Não.
CEV-RJ - Completa, coronel!

CEV-RJ - (inaudível) eu fico assim, porque é que tanta gente, que inventa tanta coisa que eu acho sem pé nem cabeça, coronel.
Malhães – Jamais se enterra um cara que você matou. Até agora, se eu matar um cara, eu não enterro, tenho solução para mandar ele embora. Até agora. Aqui, neste lugar.
CEV-RJ - Queima?
Malhães – Não
CEV-RJ - Mas, coronel...
CEV-RJ - Joga no mar?
Malhães – Não. No mar era a Aeronáutica, jogava. O único corpo que jogaram no mar, foi o Perdigão, foi uma cagada.
CEV-RJ - Perdigão? Perdigão fez?
Malhães – Foi, aquela do cara que escrevia no Cruzeiro, que revisou ...
CEV-RJ - Von Baumgarten[16].
Malhães – Von Baumgarten.
CEV-RJ - Ali foi o Perdigão?
Malhães – Ali foi o Perdigão.
CEV-RJ - Com o general Nini por trás.
Malhães – É. Foi o que bolou um combate de caravelas, né? Aí, é, ele fez o combate, né? Dois na...., um saiu para pescar e ele saiu atrás, os dois barcos se encontraram, eles atiraram aí mataram o cara a tiros. Aí, queriam simular que tinham matado – já é..., você vê a falta de raciocínio – já é, 'vamos afogar ele, vamos meter ele na água e a gente pode soltar ele que vão pensar que ele morreu afogado'. Como é que um cara cheio de tiros vai morrer afogado? Se você quer matar um cara, ele morrendo afogado, você pega o cara e enfia dentro d'água, espera ele morrer e solta ele. Morreu afogado, realmente. Aí afundaram o barco, pintaram e bordaram, mas...
CEV-RJ - Isso foi o Perdigão.
Malhães – Isso foi o Perdigão.
CEV-RJ - Então, o Perdigão não era tão inteligente como o senhor falou?
Malhães – Não, o cara fica.... é a história do menino lá de Brasília, do Curió, o cara fica embevecido. Entendeu: O cara fica embevecido, 'pô, eu vou fazer uma ação...'
CEV-RJ - Tá certo. Se não foi este método, este método era da Aeronáutica, qual o método do Exército?
Malhães – Não, não quero dizer que este não tenha sido também...

[16] - Alexandre Von Baumgarten, dono da revista O Cruzeiro, saiu para uma pescaria no dia 13 de outubro com sua mulher, Janete Hansen e o barqueiro. Seu corpo foi encontrado 12 dias depois, 25 de outubro, boiando na praia da macumba, com marca de três tiros. Dias depois, outros dois corpos carbonizados, apontados como sendo de Janete e do barqueiro, foram encontrados em Teresópolis. No livro *Ditadura Encurralada*, Elio Gaspari. Às pág.115, descrevendo o crime diz: "A lancha em que ia com a mulher e um barqueiro se encontrou com outra, na qual Baumgarten reconheceu alguns amigos. Recebeu-os a bordo e foi metralhado". O autor cita como sua fonte a informação de um oficial, cujo nome preservou, repassada em janeiro de 2002.

CEV-RJ - Um dos....
Malhães – A água tem uma vantagem. Quando você sabe fazer, você joga aqui e o corpo vai parar, se parar...
CEV-RJ - Se não for comido pelo peixe antes.
Malhães – ... vai parar na..., vai sair pelo mar, vai chegar no desaguadouro do rio e vai embora.
CEV-RJ - Coronel, assim, tudo...
Malhães – Você tem que usar..., por exemplo, você fala no corpo enterrado do Rubens Paiva. Foi. E se eu te disser que o Rubens Paiva foi enterrado na beira da praia?
CEV-RJ - Na Barra da Tijuca.
Malhães – Na Barra da Tijuca.
CEV-RJ - Já fizeram várias buscas e depois parece que foram lá tirar.
Malhães – Não vai achar nunca mais.
CEV-RJ - Não?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Não tiraram de lá?
Malhães – Não é não tiraram de lá. Ele não está mais lá.
CEV-RJ - Porque, beira da praia...
Malhães – Porque é beira da praia, não. Nós não temos nada a ver com isto, eu só fui co... o CIE só foi cobrir uma cagada, quando soube que o cara tinha feito com ele.
CEV-RJ - Que o cara tinha feito de botar o corpo lá ou que o cara tinha feito de matar?
Malhães – Não, que o cara tinha feito de matar e de botar o corpo lá.
CEV-RJ - Na Barra. E aí, qual foi a cobertura que o CIE deu?
Malhães – Foi tirar o corpo de lá.
CEV-RJ - Se está na beira da praia, aonde é que você vai colocar?
CEV-RJ - E aí levaram para aonde?
Malhães – Hun?
CEV-RJ - Levaram para aonde?
Malhães – Aí, método, nosso método tradicional.
CEV-RJ - Qual é?
Malhães – Não sei.
CEV-RJ - O senhor sabe. Queimaram?
Malhães – Não. Nada de deixar vestígio.
CEV-RJ - Jogar no mar, coronel.
Malhães – Não existem vestígios.
CEV-RJ - O que não deixa vestígio?
Malhães – Você tem que imaginar, botar na sua cabeça, como eu descobri o que não deixa vestígio. Fica esta noite raciocinando...
CEV-RJ - Produto químico?
Malhães – Hun?
CEV-RJ - Produtos químicos? Não.
Malhães – Não, não tem nada...

CEV-RJ - Jogar no mar.
Malhães – Jogar no mar, depende da onde você esteja. Você imagina o seguinte, eu uma vez peguei um argentino aqui e queriam, os argentinos queriam levar ele para a Argentina. Tá bem, não tem problema. Vamos num carro motel, carro casa e tal. Não, nada disto. Vocês tragam um médico para cá...
CEV-RJ - Alguém de lá, deles?
Malhães – Um médico da Argentina para cá, nós vamos engessar ele todo, o médico vai dar uma injeção para ele estar dormindo, e vocês vão embarcar em um avião de carreira e vão levar, com um médico, com atestado de que foi acidentado. Pronto, o cara foi. Qual é o risco de se levar um cara de carro daqui para a Argentina? Porrada, um guarda cismar, tem uma porção de desvantagem. Já o avião de carreira, não, se ele entrar, pronto. Muito mais fácil, muito mais barato.
CEV-RJ - Sim, mas e no caso do Rubens Paiva já não era mais fácil?
Malhães – Já não era porque ele estava em decomposição. A umidade...
CEV-RJ - E aí?
Malhães – E aí, é a mesma coisa. O corpo em decomposição é a mesma coisa que um corpo inteiro.
CEV-RJ - Enterra como indigente?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Também não é válido esta, o senhor falou.
Malhães – Não. Eu conheço situações...
CEV-RJ - Que fizeram isto.
Malhães – ... em que fizeram isto.
CEV-RJ - Mas não foi este o método para ele.
Malhães – Não. Fizeram isto, sei até..., acho que não sei quem é o cara só. Mas sei quem foi que fez, onde foi enterrado, esse troço todo.
CEV-RJ - No Rio?
Malhães – Hun?
CEV-RJ - No Rio?
Malhães – No Rio.
CEV-RJ - Em Perus teve isto, em São Paulo
CEV-RJ - Naquele cemitério lá de Ricardo Albuquerque teve também.
Malhães – Os caras enterraram o cara como indigente.
CEV-RJ - Em qual deles? De Ricardo Albuquerque ou na Ilha?
CEV-RJ - Não, teve no de...
Malhães – Foi aqui no centro do Rio mesmo.
CEV-RJ - Caju, então.
Malhães. É. Enterraram o cara, como indigente...
CEV-RJ - Um outro preso?
Malhães – Um outro preso, não era nem nosso, nós não tínhamos nada com isto.
CEV-RJ - Foi do DOI?

Malhães – Foi do DOI. O cara morreu no DOI. Aí o general de Exército, que tinha sonhos de ser presidente, quase desmaiou, quando contaram para ele, 'tem um cara morto no DOI'. Tinha acabado de morrer um cara no DOI de São Paulo, o ...
CEV-RJ - Herzog
Malhães – ... O presidente da República tinha deposto o comandante do Exército. Se lembra disso, não?
CEV-RJ - Isto foi então Manoel Fiel Filho[17], depois do Manoel Fiel Filho.
Malhães – Então, logo em seguida morre um cara no DOI. O general pediu para ir embora, queria não sei o que. Aí disseram para ele, 'não, calma, dá para resolver'. Aí, eu não tenho nada a ver com isto, só me contaram a história. Eu arranjei uma sepultura vazia e enterrei o cara como indigente. O cara era da polícia, enterrou o cara como indigente.
CEV-RJ - O cara era da polícia?
Malhães – É, o que fez o acerto foi ele. Enterrou. Mas isto eu sei de um caso ou outro, muito raro.
CEV-RJ - Então, não foi o caso do Rubens Paiva?
Malhães – Não. O Rubens Paiva, eu calculo, ninguém me disse, morreu por um erro, alguém cometeu um erro para ele morrer. Não era para ele morrer. Então, esse alguém tinha que arranjar um jeito de dar sumiço no corpo. Contar este negócio de sequestro, não sei o que, inventar uma história.
CEV-RJ - Inventaram a história do sequestro. Esta foi o Demiurgo quem mandou.
Malhães – É, eles tinham que...
CEV-RJ - Dar um jeito.
Malhães – Dar um jeito. Só que o cara pegou, primeiro enterrou na estrada que vai para o Alto da Boa Vista.
CEV-RJ - Atrás da delegacia?
Malhães – Não, em uma estrada mesmo. Aí os caras estavam fazendo a beirada da estrada, cimentando, e o cara viu que eles iam passar por cima do corpo.
CEV-RJ - Aí foi lá e tirou.
CEV-RJ - Pouco tempo depois ou muito tempo depois?
Malhães – Pouco tempo depois...
CEV-RJ - Aí foi lá e tirou.
Malhães – Aí foram lá e tiraram. Aí resolveram enterrar na beira da praia.
CEV-RJ - Na Barra?
Malhães – Na Barra.
CEV-RJ - Ou do Recreio? Do Recreio.
Malhães – Não, foi Barra mesmo. Na Barra
CEV-RJ - Em uma época em que a Barra era vazia.

[17] - Manuel Fiel Filho morreu no DOI-CODI do II Exército em 17 de janeiro de 1976, provocando com sua morte a queda do comandante, o então general Ednardo d'Ávila Mello, substituído pelo general Dilermano Gomes Monteiro; em 23 de janeiro de 1976. Na época o comandante do I Exército era o general Reynaldo Melo de Almeida;

CEV-RJ - E aí, coronel?
Malhães – Aí, acharam que tinha sido outra cagada. Desculpe eu estar falando cagada, você..
CEV-RJ - Não, não, não.
CEV-RJ - Mas, acharam imediatamente após ou algum tempo depois?
Malhães – Algum tempo depois.
CEV-RJ - Anos?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Meses?
CEV-RJ - Não, o corpo em decomposição...
Malhães – Aí tiveram que pegar ele. 'O que vamos fazer com ele?' Não sabiam o que fazer com ele. Aí o cara disse, 'vamos enterrar na praia'. Aí enterraram ele na praia, fizeram um buraco e enterraram ele.
CEV-RJ - Aí?
Malhães – Aí, tiraram ele...
CEV-RJ - Por que? Suspeitaram que seria descoberto?
Malhães – É
CEV-RJ - Foi antes daquelas escavações todas?
Malhães – É, antes das escavações todas.
CEV-RJ - Sim, mas esta ideia de que assim...
Malhães – Se ele tivesse lá eles teriam achado o cara.
CEV-RJ - Sim, mais uma coisa errada..
Malhães – Você soube, no lugar que encontraram uma perna de vaca?
CEV-RJ - É
Malhães – Ele estava lá.
CEV-RJ - Tíbia de vaca. Isto foi em 1986 já, governo Brizola, Nilo Batista secretário de Segurança.
Malhães – Ele estava lá, teriam achado ele.
CEV-RJ - Aí tiraram de lá e levaram para?
Malhães – Aí deram o fim mais consciente e mais...
CEV-RJ - Inteligente.
Malhães – Inteligente.
CEV-RJ - Mas, coronel, mas não foi tão... foi muito tempo depois, foram muitos anos depois?
Malhães – Que tiraram ele?
CEV-RJ - É, porque a morte....,
CEV-RJ - A morte foi em 1971.
CEV-RJ - Ele morre em 71, coronel.
CEV-RJ - Isso se deu quando?
Malhães – Não, não foi tanto tempo depois não.
CEV-RJ - isso se deu quando?
Malhães – Ele ainda tava ... ele estava em decomposição.
CEV-RJ - Mas era só osso?
Malhães – Não, tinha...
CEV-RJ - Ainda tinha tecido?

Malhães – Ainda tinha tecido, tanto é que tinha um mau cheiro danado.
CEV-RJ - Ergh!
Malhães – Aquilo estava um mau cheiro que eu vou te contar. Morto, enterrado, dá um mau cheiro que eu vou te contar. Então, aí tiraram ele e deram um destino certo para ele. Ninguém nunca mais acha.
CEV-RJ - O que é um destino certo?
Malhães – Esse é que é o mistério do problema.
CEV-RJ - O senhor sabe disto, o senhor ouviu falar. Ajuda a gente.
CEV-RJ - Coronel, mas o tempo não está ...
FIM DA 1ª PARTE DESTA PRIMEIRA ENTREVISTA. A CONVERSA CONTINUOU COM O GRAVADPOR DESLIGADO
(Nesta quase meia-hora de gravador desligado, continuou-se tentando descobrir o destino do corpo de Rubens Paiva, ou a chamada "solução inteligente" que teria sido dada. Isto, o coronel considerou "a cereja" do bolo, mas recusou-se a dá-la.
Nesta oportunidade, sem gravação, ele explicou como retiraram o corpo de Rubens Paiva que estava enterrado na Barra da Tijuca. Montaram uma cena como se fosse um piquenique que tinha uma barraca. Enquanto uns ficavam do lado de fora como se estivesse "se divertindo" outros, dentro da barraca, cavavam e desenterravam o corpo que ainda tinha tecido e cheirava muito mal. Os restos mortais, como será explicado adiante, foram colocados em um saco. O destino dado ao saco continua um mistério.
Depois, entre outras coisas menos importantes ele falou de um grupo que se intitulou guerrilheiros, na Baixada Fluminense, a mando do Brizola, filhos de Manes Leitão, quando então voltamos a gravar).
2ª PARTE DA PRIMEIRA ENTREVISTA, APÓS UM TEMPO COM O GRAVADOR DESLIGADO....
Malhães – seus filhos lá, fazerem uma arruaça lá, por Nova Iguaçu, não sei o que.
CEV-RJ - O Manes Leitão era o quê? Político também?
Malhães – Não. Eu acho que... não sei se era político, eu nem conhecia ele e nunca tinha escutado falar. Nem em Nova Iguaçu eu conhecia. Aí, os caras fizeram, botaram umas bombas, em cinemas daqui, fizeram umas operações aqui.
CEV-RJ - Sem ligação com partidos?
Malhães – Sem ligação com partidos nenhum. Por conta e risco. Aí, se diziam um grupo de guerrilheiros, também se diziam, né? (...) Aí o cara fez as bombas e tal, fez uma arruaça aqui em Nova Iguaçu. Aí nós viemos para cá e descobrimos os caras. São os filhos dele, que fugiram. Aí prendemos ele e mandamos ele para PE. Ele sofreu processo e tudo, por causa disso. Aí saímos catando os filhos dele. Fomos achando um por um. Um estava lá no presídio da Ilha Grande, era amante da...
CEV-RJ - Preso? Não.
Malhães – Não, ele se escondeu lá, era amante daquela Madame Satã. Então ele foi para lá ficar com a Madame Satã. E alguém alcaguetou ele, lá no

presídio mesmo. Isto chegou para nós, fomos lá no presídio.... só sei que eu rodei esta baia de Sepetiba toda de lancha – eu sei que nós prendemos os caras e não sei nem que fim levou isto. Mas estes os caras foram presos, responderam a inquérito, não sei se os caras foram condenados ou não foram. Foi o primeiro grupo de guerrilheiros...
CEV-RJ - Teoricamente guerrilheiros?
Malhães – Supostamente guerrilheiros. (02:08)
CEV-RJ - O senhor fez uma prisão... o senhor também trabalhava e não tinha nem feriado... No dia 24 de dezembro de 70, o senhor foi a Porto Alegre de avião e trouxe para cá um médico, Edson Medeiros, e levou para o DOI. Lembra isso?
Malhães – Hum, hum. (concordando)
CEV-RJ - Esse médico disse que o senhor o torturou bastante. Vai ver que foi aquela fase em que o senhor ainda não tinha descoberto que dar tapa na cara das pessoas não...
Malhães – Eu tenho que aprender. Eu era um torturador. Eu tinha um aparelhinho de choque especial.
CEV-RJ - Ele falou que levou muito choque do senhor. Lá, e na Piedade[18].
Malhães – Eu tinha um aparelhinho de choque especial. Então, ainda raciocinava...
CEV-RJ - Mão e braço...
CEV-RJ - Quanto tempo este aparelho funcionou? Muitos anos?
Malhães – Não. Eu vim evoluir rápido. Mas levei algum tempo para evoluir.
CEV-RJ - Esse Édson Medeiros ficou sabendo que o Dr. Pablo era Paulo Malhães. Sabe quem falou para ele?
Malhães – Quem?
CEV-RJ - Na cadeia de Piedade. Lúcio Flávio Vilar Lírio.
Malhães – Hun, foi preso meu.
CEV-RJ - Também foi preso seu? Então. Ele, antes da moça, entregou... porque o Edson foi solto em janeiro e segundo ele não respondeu sequer a processo porque nunca teve ligação nenhuma com nenhuma organização de esquerda.
Malhães – Mas, às vezes os caras mandam prender....
CEV-RJ - É verdade isso?
Malhães – Ah, não sei. Não me lembro.
CEV-RJ - Ele disse que alguém o denunciou como médico que estaria ajudando ao pessoal da VPR por conta do sequestro do (embaixador) suíço. O senhor lembra desta história?
Malhães – Lembro.
CEV-RJ - Aí, hoje ele diz assim, 'será que ele tem dor na consciência de ter prendido um inocente?'
Malhães – Não. Nenhuma.

[18] - Houve um equívoco, não era Piedade, mas Pilares, onde funcionava a Delegacia de Roubos e Furtos da Polícia Civil.

CEV-RJ - O Lúcio Flavio foi preso seu?
Malhães – Foi.
CEV-RJ - Por quê? assalto a banco?
Malhães – É. Roubo de carro.
CEV-RJ - Mas não foi a Polícia Civil que estava cuidando disso?
Malhães – Não, era a polícia civil que estava cuidando...
CEV-RJ - E como o senhor, do CIE, entra nisso?
Malhães - Eu tinha um amigo, que se chama Borges Fortes...
CEV-RJ - Do DOPS. O famoso Borges Fortes, prendeu...
Malhães – O famoso Borges Fortes... Ele era muito meu amigo, inclusive, era meu advogado, nas minhas separações e tal. O filho dele é que era, mas na realidade era ele. Eu tinha feito já três divórcios, três separações já...
CEV-RJ - A fila andou rápida aí, hein?
Malhães – Então, eu recebi uma praga da primeira mulher que não ficaria sete anos, sete meses e sete dias com a mesma mulher. Isso, realmente, passou a acontecer.
CEV-RJ - Com a Cristina já chegou a isto ou não?
Malhães – Não. Com a Cristina já tem anos pra burro. A Cristina já ultrapassou isso. Então, ela sabe até dessa praga, de vez em quando eu sacaneio, digo oh, você já passou do seu tempo oh... Então, eu era muito amigo dele, então de vez em quando eu estava em casa, não estava fazendo nada, ele ia lá em casa tomar uísque comigo e tal, não sei o quê. Ia ele, outro cara da PM, uns poucos que iam lá em casa. Eu morava no Grajaú nesta época. Ele ai... eu tinha me separado da primeira esposa, aí morei sozinho no Grajau, depois arranjei outra, fiquei com outra, é uma história comprida. Mas, aí, ele de vez em quando ele me chamava, 'vem acompanhar uma diligência aqui. Me dá umas babadas, umas babadas na minha diligência'. E eu fui com ele e, por sorte minha, o lugar onde eu entrei era onde estava o Lúcio Flávio. Cada um entrou em um lugar e o lugar que eu entrei estava o Lúcio Flávio.
CEV-RJ - Aonde isso?
Malhães – Lá em Bonsucesso. Aí, ele estava desarmado, não tinha nada que matar ele, era preso do Borges Fortes, não era meu. Então, rendi ele... Eu não gosto muito de render não, eu tenho um medo de render danado, depois que... você que disse que foi lá conhecer o coronel que levou o tiro...
CEV-RJ - Não.
Malhães – então foi o..
CEV-RJ - Chico
Malhães – Chico. Então, aí eu fui lá, prendi o cara e entreguei a ele e ele meteu o cara... o cara não foi para o DOI, não foi para lugar nenhum...
CEV-RJ - Estava lá em Pilares.
Malhães – Foi para a delegacia mesmo.
CEV-RJ - Foi a última prisão do Lúcio?
Malhães – Acho que foi. Foi nas Roubos e Furtos.
CEV-RJ - É, ali era a Roubos e Furtos, em Pilares.
Malhães – É

CEV-RJ - Então, ele foi o primeiro a identificar o Paulo Malhães como o Dr. Pablo.
Malhães – porque aquela coisa que existia ali, como se chama? Pilares?
CEV-RJ - Pilares –
Malhães- Em Pilares, aquilo ali também era escritório meu.
CEV-RJ - Ali também?
Malhães – Também.
CEV-RJ - E aqui na Baixada, quem é que fez um aparelho? Se não me engano em São João de Meriti....
CEV-RJ - Tinha isso, coronel? Um sítio aqui.? Disseram que tinha um sítio aqui? Um sítio aqui em São João, o senhor lembra disso?
Malhães – Conheci....
CEV-RJ - O senhor conheceu só São Conrado e Petrópolis.
Malhães – Conheci São Conrado, Petrópolis e outras casas que nós fizemos.
CEV-RJ - Jacarepaguá?
Malhães – Jacarepaguá, ela sabe, viu? Jacarepaguá.
CEV-RJ - Alugada, também?
Malhães – Não, aí foi o dono que emprestava. Que é um oficial da PM reformado.
CEV-RJ - Que funcionava igual a Petrópolis? Ou tinha outras finalidades?
Malhães – Não, não funcionava igual a Petrópolis. Não tinha permanência.
CEV-RJ - Era só para interrogar?
Malhães - Era só para interrogar. Você prendia ...
CEV-RJ - Sem oficializar.
Malhães - Prendia, interrogava e mandava para o DOI ou mandava ... Normalmente mandava para o DOI. Quando não te interessava ...
Marccelo – Qual o interesse em fazer isso em uma casa e não em uma própria unidade militar?
Malhães – Porque você causa pavor ao interrogado. Ele vê que você está sendo...
CEV-RJ - Ele acha que vai morrer?
Malhães – Quando o cara entra no quartel ele sabe que está seguro. Ele acha que está seguro, que ninguém vai matar ele dentro do quartel. Quando você prende ele em uma casa, ‘por que me trouxeram para cá e não me levaram para o quartel?’
CEV-RJ - Aí é o pavor.
Malhães – ‘Se estão me trazendo aqui é porque vão me levar para outro lugar’. E a gente ameaçava com isto, né? ‘Você já viu que você está preso, mas não está preso no quartel. Você está preso em uma casa. Daqui você pode ir para qualquer lugar. Aqui você não está inscrito em nada. Que tal, vamos conversar, entrar em um acordo? (inaudível) papo. A casa é para isso. A gente fazia no sítio dele, em Jacarepaguá.
CEV-RJ - Era afastado?
Malhães – Não, não era tão afastado assim não.
CEV-RJ - Um sítio, poderia ser aqui...

Malhães – Um sítio era dele, eu posso trazer para cá.
CEV-RJ - Este sítio existe ainda hoje?
Malhães – Ah., não sei. Sei que o cara, o dono, morreu.
CEV-RJ - Então o senhor pode dar o nome dele.
Malhães – Hum?
CEV-RJ - Então o senhor pode dar o nome dele, já morreu.
Malhães – Não, era um major da PM que se recusou a bater continência para o Leonel Brizola e aí mandaram ele embora. Ele ai ficou contra...
CEV-RJ - Ah, então isso já é década de 80.
Malhães – É. Já é década de 80.
CEV-RJ - Mas já tinha ainda prisões políticas nesta época?
Malhães – Já.
CEV-RJ - Ainda tinha? Por que já não tinha mais nada, os senhores já tinham acabado com todas as organizações.
Malhães – Não. Tinha o PCB. O PCB é o partido de maior contingente. Todo mundo é comunista, por causa do PCB.
CEV-RJ - Ele emprestou esta casa depois desta história do Brizola ou ele emprestou antes?
Malhães – Não, emprestou depois da história do Brizola.
CEV-RJ - Então não foi na época dura, da briga, dos dois lados se digladiando? Porque o PCB não digladiava.
Malhães – O PCB coitadinho, não digladiava mesmo. Mas a gente tinha que arranjar infiltrado. Infiltrado era uma necessidade ...
CEV-RJ - Permanente.
Malhães – Permanente. Você olha para o cara e vê o cara trabalhando para você. Ainda mais quando você está acostumado, você aprende, começa a dar lucro para você, o cara chega e te conta, 'vocês estão atrás de fulano?...'
CEV-RJ - Tem retorno.
Malhães – ...Eu sei aonde fulano está. Está em um lugar, assim, assim'. Ninguém sabe que o cara está lá, só você. E você chega e diz 'olha, vamos sair daqui para prender fulano'. 'Como é que você sabe?' 'Meu infiltrado falou'. Aí fica célebre esta história. O infiltrado, quem usa muito é o americano. O americano é mestre. O inglês é quem ensinou.
CEV-RJ - O senhor falou para mim que o aparelho foi uma ideia da Inglaterra.
Malhães – Foi uma ideia da Inglaterra. Aquelas prisões do DOI serem de porta fechada e você poder modificar o calor, a luz, tudo dentro da prisão, aquilo veio da Inglaterra. Alguém tirou um curso na Inglaterra e ...
CEV-RJ - Não foi o senhor, não?
Malhães – Não.
CEV-RJ - O senhor só fez curso nos Estados Unidos?
Malhães – (ri) Deixa isso pra lá. E aí....
CEV-RJ - escola das Américas o senhor fez em 59, não foi?
Malhães – Hum?
CEV-RJ - O senhor fez Escola das Américas em que ano?
Malhães – Ah, nem me lembro.

CEV-RJ - Foi antes...
Malhães – Bem antes, nem se falava em subversão. Ai eu fui até a CIA, aprendi alguma coisa, mas aí eu estava o CIE. Aí voltei...
CEV-RJ - Deu instruções.
Malhães – É. Comecei a conversar com o pessoal como é que eles faziam. Esta da Inglaterra foi muito rápida. Mas aí o M-15 é um senhor serviço de informações. Quem tem o melhor serviço de informações...
CEV-RJ - O senhor conheceu lá também?
Malhães – É conheci. Quem tem o melhor serviço de informações é o japonês e o chinês. O chinês é a chamada mala Preta, o melhor serviço de informações que existe, foram o de Israel. O de Israel tem uma grande vantagem, os israelitas se dispersaram pelo mundo, após os romanos tomarem Israel – destruíram a fortaleza que os israelitas tinham, então os israelitas foram obrigados a se espalharem pelo mundo, mas continuaram ligados à religião e o modo de viver de Israel. Então Israel tem informantes em
CEV-RJ - E faz com que essa prática...
Malhães - ...em todo o lugar do mundo. Israel é interessante, eu conversei muito com israelense que faz parte do sistema de informações que disse 'nós temos infiltrados em todo lugar do mundo. Em qualquer lugar que você for você tem israelita'.
CEV-RJ - O senhor esteve em outro país sem ser na Europa e nos Estados Unidos, além da América Latina? Chegou a ir à China, assim
Malhães – Não.
CEV-RJ - Só na Europa, Estados Unidos e aqui.
Malhães – Não sei se eu fui lá...
CEV-RJ - Inglaterra, Estados Unidos
Malhães – Não sei se eu fui.
CEV-RJ - Se não foi, o senhor devia ter ido.
Malhães – É, devia ter ido.
CEV-RJ - Foi, na CIA, o senhor falou que esteve na CIA. Escorregou agora.
Malhães – É, mas na CIA pode ter sido... aqui no Brasil tem CIA.(15:20)
CEV-RJ - Sim, sim. Não tem problema
CEV-RJ - Está bom, tá.
Malhães – A CIA, eu só acho o americano...
CEV-RJ - África, o senhor esteve?
Malhães – Não. Eu tive em Angola. Tive, em Angola. Tive em Angola, conheci a África do Sul...
CEV-RJ - A rádio?
Malhães – Hum?
CEV-RJ - A rádio de Angola? A rádio de Angola lhe diz alguma coisa?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Claudio Guerra conta uma historia destas, não?
Malhães – Eu tive em Angola, antes de os portugueses perderem Angola. Depois, alguns angolanos...
CEV-RJ - Mas o senhor esteve a serviço?

Malhães – Estive em serviço. Depois alguns angolanos vieram ao Brasil e me procuraram para estabelecer um relacionamento e troca de informações com Angola. Foi de Angola e da África do Sul. E a gente fazia troca de informações. Mas não era eu, quem fazia era o SNI. Aí eu passava a bola para o SNI. A Operação Condor, Condôr, Condor que eles falam, é uma besteira. Porque, por baixo...
CEV-RJ - Mas, por quê, coronel?
Malhães - Porque, a operação verdadeira que existiu entre os países era a Arco Iris o nome. Não sei porque eles chamam..., dão tanta atenção assim à Operação Condor, entre presidentes, e tal.
CEV-RJ - Conversa do Nixon e tal. Tem alguns telegramas algumas coisas que deram assim..
Malhães – Existia uma operação realmente entre países, mas era a Arco Iris...
CEV-RJ - Mas, não eram países só do continente?
Malhães – Não, aí era do mundo todo.
CEV-RJ – Mas, essas suas viagens tem a ver com esta estrutura, com este apoio?
Malhães – Hum, Hum (concordando)
CEV-RJ - O senhor esteve aonde na África do Sul?
Malhães – Em Angola mesmo.
CEV-RJ - O senhor não lembra a data, mais ou menos? Este período.
Malhães – Não, foi logo no começo.
CEV-RJ – Mas, o senhor estava neste processo de formação mesmo, de aprendizado?
Malhães – De aprendizado.
CEV-RJ - Mas, foi antes ...
Malhães – Mas fui ensinar a eles.
CEV-RJ - Mas, foi antes de montar o CIE?
Malhães – Não, o CIE já estava montado.
CEV-RJ - Já tinha.
Malhães - Foi para ensinar a eles.
CEV-RJ - Entendi.
Malhães - Porque, até os argentinos..
CEV-RJ - Tiveram que aprender.
Malhães – Tiveram que aprender.
CEV-RJ - Aqui começou bem antes, não é coronel?
Malhães – Eu quando conheci eles...
CEV-RJ - O senhor já tinha dez anos de ...
Malhães – Eles me trouxeram um papel com a estrutura dos Montoneros. Aí eles tinham uma porção dos quadradinhos e nestes quadradinhos tinham os nomes dos caras e quando o cara morria eles botavam um X vermelho no quadradinho. Mas eu olhei o papel e disse a eles, ‘vem cá, tem tanta coisa vaga aqui, vocês prenderam tanta gente e não conseguiram preencher isto?’
CEV-RJ - Os quadradinhos em branco.

Malhães - Eles disseram, 'não'. 'E por quê?' 'Porque nós prendemos e matamos'. 'Vocês não acham que isto é errado, vocês têm que prender e interrogar para poder preencher os outros quadradinhos'. 'Ah, nós não sabemos fazer isto'. 'Então vamos conversar, vamos aprender a fazer isto'. Aí ensinei a aranhazinha para eles. Ele acabaram com os Motoneros, acabaram com ERP, acabaram com tudo.
CEV-RJ - Tupamaros
Malhães – É uma coisa fácil, o serviço secreto não pode... um americano eu acho meio, o serviço secreto americano acredita em muita bobagem. O interpretativo deles, a tal informações dele, é muito, sei lá, eu acho fraca. Eles acreditam, eles chegam às vezes com notícias pra gente de absurdos. 'Isso não pode acontecer'. 'Não veio lá dos Estados Unidos, está aqui'. 'Eu sei que veio de lá, mas isto é uma interpretação falsa. Não sei em que se basearam para vocês dizerem isso'. É um defeito que eu acho neles. Já o inglês é mais sério. Os outros são mais sérios. Os americanos mesmo que só acredita... agora, ele tem um poder de captar as coisas, através de elementos eletrônicos que você caí duro para trás. Eles aqui vigiam, se eles quiserem, os telefones de todo mundo.
CEV-RJ - Fico pensando, às vezes, nestes serviços que os senhores faziam e como trabalhariam com os recursos tecnológico que tem hoje?
Malhães – Tinha primeiro...
CEV-RJ - O senhor conheceu o sistema que a Polícia Federal desenvolveu, o guardião, que rastreia os telefonemas e cruza dados e dá tudo de mão beijada?
Malhães – Conheci. Sei qual é o aparelho.
CEV-RJ - Chegou a conhecer, de curiosidade?
Malhães – É um scan. Nós tivemos quase comprando um destes, mas acabaram não comprando.
CEV-RJ - Do exterior, na época. Por que agora é feito aqui.
Malhães – Eu acho ele maravilhoso, o scan. O scan você deixa no ar...(22:07)
CEV-RJ - Pega tudo.
Malhães – ... e ele fica pesquisando telefonemas. Se você disser uma palavra, 'vamos assaltar', ele já para no seu telefone. O telefone já fica em uma linha com ela presa. Ai alguém vai, anota o telefone e passa a botar no scan para o scan fiscalizar aquela linha. É sensacional a ação dele. Do americano, né? Desse nacional não sei como é que é.
CEV-RJ - na sua época, todo mundo falava que se grampeava muito e aí todo mundo tinha medo de falar ao telefone, como é que eles conseguiam grampear tanta gente assim?
Malhães – Não, é mentira. Era muito limitado.
CEV-RJ - Mas, até hoje é um pouco assim. Se sabe o que se quer.
Malhães – Eu, por exemplo, não falo nada pelo telefone. Eu não falo. Porque eu devo estar na lista dos grampeados. Eu tenho esta impressão. Não é porque eu trabalhei no serviço secreto, não é por nada disso. É porque eles sabem que eu sou contra este estado de coisas que está ai. Eu já deixei bem

claro para um cara deles que veio conversar comigo, que eu sou contra. Eu não concordo com isto. Acho que o Brasil merece alguma coisa melhor. Embora o nosso povo escolha mal, a gente não pode... né? É o nosso povo que escolhe, mas ...
CEV-RJ - me tira uma outra dúvida, a solução encontrada foi made in Brasil, ou made no exterior?
Malhães – Não, made in Brasil. Nacional. Que eu saiba é, né?
CEV-RJ - A solução do caso, como resolveu?
Malhães – É, é. Não sei como é ..., nunca nenhum outro governo me disse como é que eles faziam. Isso aí existe no mundo todo. Isso não é uma particularidade do Brasil. (24:42)
CEV-RJ - Coronel, lá no Araguaia, aquela coisa lá das cabeças...
Malhães – O quê?
CEV-RJ - Aquela coisa de cortar as cabeças dos guerrilheiros. Saíram de lá com alguma parte destas pessoas? O senhor acredita nisso, o senhor lembra disso?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Porque eu acho isto a coisa mais absurda.
Malhães – Isso é absurdo, os caras inventam o absurdo. Quem vai sair com uma cabeça de recordação? Por quê? Se fossem aqueles índios do norte da Colômbia que encolhem a cabeça e transformam elas em pequenininha, aí dá para você levar de presente, eu trouxe algumas cabeças de lá, embalsamada e ... meus empregados na época tinham pavor daquilo, aí eu andei distribuindo. Eu trouxe algumas.
CEV-RJ - O senhor trouxe os jacarés também, não é?
Malhães – Tem os jacarés, o Pata, o Pita, o Po.. como é que é? Pato, Peto, Pito, Poto e Joãozinho.
CEV-RJ - Que estavam lá no DOI?
Malhães – Eram meus. A Miriam também era minha.
CEV-RJ - A cobra.
Malhães – A cobra
CEV-RJ - Apavorou muita gente?
Malhães – A cobra sempre apavorava, o jacarezinho também. O jacarezinho faz um barulho com os dentes, tec, tec, tec, tec ... A cobra foi um presente, eu trouxe ela.
CEV-RJ - O senhor trouxe de onde, lá de Xambioá?
Malhães – É, trouxe de Xambioá. Ela enrolava no meu braço e ficava. Nunca me fez mal, Primeiro que ela não tem veneno, ela só morde, até deixa os dentes na mordida dela. Ela se dava comigo maravilhosamente bem. O jacarezinho não posso dizer o mesmo porque o jacarezinho era muito assustado. Eu dei todos para o jardim zoológico, ali na Quinta da Boa Vista.
CEV-RJ - Coronel, mas nestas casas aí, não na estrutura do DOI, os senhores usavam alguma coisa assim...era mais... me diz uma coisa...
CEV-RJ - Ou era só o aparelhinho de choque?
CEV-RJ - ... O tal do aparelhinho, joelho e mão? Confere, ou não? Mais..

Malhães – Pode ser qualquer duas partes do corpo.
CEV-RJ - Pega duas partes do corpo?
Malhães – É isso, porque tem positivo e negativo, então pega duas partes do corpo. O melhor era as orelhas. O cara entra em parafuso.
CEV-RJ - Em São Paulo ficou famoso o caso de uma madre que foi presa e acabou engravidada dentro da prisão por militares ou policiais que a prenderam. Aqui no Rio aconteceu isto?
Malhães – Que eu saiba não. Tem o caso da... dessa que você gosta tanto dela...
CEV-RJ - Lúcia?
Malhães - que foi estuprada lá no aparelho...
CEV-RJ - A Inês?
Malhães – A Inês Etienne.
CEV-RJ - Que foi estuprada por um dos rapazes lá, não é isso?
Malhães – É. Eu cá tenho minhas dúvidas, não vou dizer que a Inês esteja errada...
CEV-RJ - Mas isto era comum, coronel?
Malhães – Não era. Não vou dizer...
CEV-RJ - Mas, sevícias em órgãos genitais femininos?
Malhães – Não
CEV-RJ - Cabo de vassoura, estas coisas?
Malhães – Não. Nunca.
CEV-RJ - Nem no DOI?
Malhães – Aí, no DOI eu não sei. Eu não participei... eu não fiz.
CEV-RJ - O senhor chegou a usar o pau de arara?
Malhães – Não, o pau de arara é normal. É tão antigo, pertence à antiguidade, Roma ainda...
CEV-RJ - Mas era mais o choque?
Malhães – É. Eu gostava do choque. O choque era mais rápido. Ou então você fazer o cara ..
CEV-RJ - Afogamento?
Malhães – Não. (fazer o cara) ... entrar em contradição com ele mesmo. Eu te interrogo e te faço uma pergunta. Você me responde, eu guardo a sua resposta e daqui a meia hora, após a gente fazer uma porção de outras coisas, eu te pergunto a mesma coisa. Você, dificilmente repetirá a mesma história... se for mentira, se você me contou uma mentira, você dificilmente repetirá a mesma história que você me disse. Se for verdade, não. Porque a história, para ser verdadeira, ela tem que ser vivida por todos os teus sentido. É uma história verdadeira. E a falsa, você só tem ela no cérebro. Então, passado um certo tempo, se eu pedir para você repetir, você vai me contar diferente. Aí eu digo, mas não foi isso que você me disse...
CEV-RJ - O senhor encontrou muita gente que manteve a mesma história? Ou seja, que não estava mentindo e não estava envolvido?
Malhães – Não. Não estava envolvido, não. Nunca interroguei ninguém que não estava envolvido.

CEV-RJ - Não, eu lhe dei o caso do Edson que não tinha nada a ver com nada.
Malhães – Mas, constava que ele tinha.
CEV-RJ - Sim, constava que ele tinha, mas isso que eu digo, como esse caso dele, pessoas que chegaram lá por terem sido denunciadas e depois o senhor confirmou que elas não tinham a ver..
Malhães – Não.
CEV-RJ - Sempre tinha,
Malhães – Elas não voltaram para dizer que era inocente e que eu interroguei erradamente. Porque, você tem que pensar também no estado em que você está quando vai interrogar uma pessoa.
CEV-RJ - Mas, o senhor sempre estava calmo, ou não?
Malhães – Na maioria das vezes.
CEV-RJ - Mas, o senhor fazia este esforço, para estar calmo, ou não?
Malhães – Mas, o ambiente era de tensão. Não é um diálogo como nós estamos tendo aqui.
CEV-RJ - Disseram que aquilo ali era um formigueiro, o DOI-CODI, que tinha gente de tudo quanto é lado, circulando muito.
Malhães – É. Quando você arranjava uma vaga na sala de interrogatório, era um problema.
CEV-RJ - Era difícil? Tinha fila?
Malhães – Era um problema. 'Malhães, só depois que eu acabar esse aqui'. Pô quando é que o cara vai acabar isso aqui?
CEV-RJ - Coronel, eu lembrei agora, eu tinha anotado aqui, um casal, eles falam seu nome, a mulher diz que levou choques elétricos – isto foi em janeiro de 69 – Maria Cela Manes,
Malhães – Manes, é a mulher do filho do Manes..
CEV-RJ - O caso dos tais que eram ligados ao Brizola. Ela foi presa, também?
Malhães – Foi.
CEV-RJ - Ela foi presa em 69.
Malhães – Mas, foi presa de araque, foi presa porque estava junto do marido, Sérgio Ubiratan, e tal..
CEV-RJ - Mas, presa de araque, mas levou choque.
Malhães – Eu acho que não. Meu não levou. Porque a gente viu logo, pelo menos eu percebi logo – ela pode dizer até que levou choque meu, tal, isso eu já soube que ela disse...
CEV-RJ - É, ela disse
Malhães – ... que até o filho nasceu surdo, não foi? Não tem esta história?
CEV-RJ - Essa eu não sei. Mas era porque ela estava grávida, ela estava grávida, é.
Malhães – Mentira dela que eu dei choque nela. Ela não tinha nada a ver com isto. Quem tinha eram os garotos, junto com o pai. O que você falou?
CEV-RJ - Não, era isso, esta questão. Você falou um Sérgio Ubiratan aí....
CEV-RJ - era o marido dela.
Malhães – Ele foi interrogado.
CEV-RJ - Ele preso, foi interrogado pelo senhor.

CEV-RJ – Nós vamos voltar aqui,
Malhães - Não faça isto.
CEV-RJ - Claro, o senhor gostou da conversa.
CEV-RJ - Coronel, vou lhe perguntar uma coisa, a Comissão Nacional da Verdade já procurou o senhor?
Malhães – Não. Eu vou me recusar a ir.
CEV-RJ - Eles convocam, o senhor vai receber uma convocação da Polícia Federal. Ai o senhor não vai. E a segunda vez o senhor não vai. Na terceira vez a Polícia federal pode vir buscar o senhor. Se for assim, o senhor vai?
Malhães – Não, vou reagir. E juro que vou morrer neste dia. Porque a hora que o cara chegar aqui 'não, nós vamos levar você preso' eu vou sacar de uma arma e vou sentar tiro nele. Mas, eu acho, um absurdo eles virem me prender, porque eu estou anistiado. Tem que se lembrar disso, estou anistiado, como eles estão anistiados. Se for o casoeu vou dizer gente do governo que deve estar em cana e foi anistiado como eu fui. Porque os criminosos eram eles, eles que assaltavam, els que sequestrava, eles é que eram criminosos. Esta história de ter a Comissão da Verdade e ela só vê um lado, ela perde a moral comigo. Primeiro que eu não vejo na Constituição, nem vi o Congresso vota, o poder da presidente criar a Comissão da Verdade.
CEV-RJ - Não, mas foi votada. Há uma lei
Malhães – É uma lei?
CEV-RJ - É, uma lei federal.
CEV-RJ - Uma lei federal que passou pelo Congresso.
CEV-RJ - É, uma lei federal que foi aprovada pelo Congresso.
Malhães – Então consta na Constituição?
CEV-RJ - Não, na Constituição não. Não foi uma emenda constitucional, foi uma lei.
CEV-RJ - Não, mas ela tem força, é uma lei como, sei lá, a lei de execução penal, a lei de ... é uma lei.
Malhães – Então você já está me ensinando a ir ser preso. Pronto.
CEV-RJ - Não, não é isso. O que eu estou pensando alto aqui é que assim, talvez eles nem procure o senhor, não estou dizendo que vão. Mas, assim, o que eu acho deste nosso trabalho é que é um trabalho muito curto para tentar esclarecer coisas que já faz muitos anos, que não necessariamente, tem gente que já morreu, tem gente que não vai falar. Coronel, o que eu acho pior nisso é que estas histórias sejam contadas e mantenham-se mentiras. O senhor entende? Isto que eu acho. E aí, independentemente de quem é o governo, acho que o Estado não pode este direito de ... e é muito ruim, por exemplo, não é o seu caso, aliás pode ser o seu caso, o seu nome aparecer como o senhor disse que apareceu em um livro lá entre torturados e torturadores, chega ano que vem vai estar lá, sei lá.....
Malhães – Não, depois que o Chico fez aquela reportagem e criaram a Casa da Morte, porque foram eles que criaram o nome...
CEV-RJ - Não, já existia. Não foi o Chico, o senhor está dando ao Chico um mérito que ele não tem. A Casa da Morte já vem de 1986...

Malhães – Não,
CEV-RJ - Lá é enigmático. Lá ficou um símbolo.
Malhães – É porque é mais fácil, né?
CEV-RJ - Não, porque veio a história toda, em 86, foram lá os deputados...
Malhães – Então, aí, Paulo Malhães, isto aqui meus amigos aqui dizem, passou a ser o dono da Casa da Morte.
CEV-RJ - Proprietário
Malhães – Embora não tenha sido até muito mentira, não. Mas passou a ser o dono da Casa da Morte.
CEV-RJ - O senhor foi muito procurado depois daquela reportagem por outros jornalistas
Malhães – Não.
CEV-RJ - Chegaram até ao senhor?
Malhães – Não, ninguém veio. Tentou vir um da televisão, veio com televisão e tudo para filmar ...
CEV-RJ - Mas, o senhor nunca deu...
CEV-RJ - Achou o senhor?
Malhães – Achou, o Chico ... você achou fácil.
CEV-RJ - (40:50) Coronel, deixa eu pedir uma coisa para o senhor, aqui. Isto que eu lhe falei dessa minha preocupação de se escrever as coisas e agente, depois de tanto tempo, ainda correr o risco de continuar dizendo o que pessoas fizeram e não fizeram. Mais adiante, não é agora, já, porque eu também não vou abusar de sua paciência, reunindo mais informações, isso é mais para o final do ano, eu acho, a gente está em janeiro, fevereiro, agora, é mais para o final do ano, já para combinar com o senhor, o senhor aceitaria eu lhe mostrar minimamente, porque eu tenho algumas coisas que eu ajudei a ´pensar sobre o Araguaia, não é de graça que eu falei para o senhor, de Três Passos, tem coisas que não é de hoje também, faz muitos anos. Sou uma pessoa muito séria e acho que a pior coisa que uma pessoa pode fazer é escrever algo que ela não tenha certeza de que seja verdade, saber se eu posso contar com o senhor para eventualmente quando...
Malhães – Pode.
CEV-RJ - Tirar dúvidas
CEV-RJ - Que nem que o senhor me diga assim, o senhor pode até não me dizer a verdade, mas o senhor pode me dizer quando não for verdade, porque acho que este risco a gente não deve correr. É irresponsável fazer isto, porque amanhã eu posso não estar aqui, o senhor pode não estar aqui, na vida, a gente tem fim, mas estas coisas ficam escritas para daqui a cem anos, daqui a duzentos anos..
Malhães – Não, eu não tenho problema de falar sobre os fatos. O que é verdade é verdade, você não pode ocultar a verdade.
CEV-RJ - Pode não falar tudo, mas o que for falado não pode ser mentira.
Malhães – É o que eu estou dizendo, o que eu digo para ele, eu não posso falar é que todo mundo que trabalhou e que ainda está vivo vai saber que fui eu que falei.

CEV-RJ - Coronel, mas tem colegas do senhor que estão abrindo, o senhor sabe disso.
Malhães – É, mas vão abrir conceitos, do contexto geral, eles abrem muito pouco. O conhecimento deles não é tão amplo como é o meu.
CEV-RJ - Pelo tipo de serviço que o senhor fazia.
Malhães – Então.
CEV-RJ - mas, o senhor acha que compromete alguém, por exemplo, o senhor esclarecer o que aconteceu com o Rubens Paiva depois de todo este tempo? Compromete a quem, se o senhor não está dando o nome de ninguém que esteve lá?
Malhães – Ninguém.
CEV-RJ - O senhor, ao que parece, participou, viu, discutiu. Compromete a quem?
Malhães – Ninguém.
CEV-RJ - E não seria, de bom tom, que esta história fosse esclarecida de uma vez por todas?
Malhães – É. Pelo menos parariam de falar.
CEV-RJ - por que não podemos esclarecer?
Malhães – Vocês podem esclarecer.
CEV-RJ - Por que o senhor não nos ajuda a esclarecer?
Malhães – Eu esclareci a história.
CEV-RJ - Só falta a cereja.
Malhães – Não, a cereja não, porque a cereja não pertence só ao Rubens Paiva, pertence...
CEV-RJ - É a cereja de muitos bolos.
Malhães – É de muitos outros.
CEV-RJ - mesmo assim, se o senhor contar a cereja, o senhor estará comprometendo alguém?
Malhães – Estou. Estou me comprometendo. Aí todo mundo vai dizer que os desaparecidos todos são meus. O que não é verdade.
CEV-RJ - Vai aumentar a conta.
Malhães – Aumenta muito a conta. Já dizem que eu sumi com 200.
CEV-RJ - Não, eu não ouvi este número.
Malhães – Isto é mentira.
CEV-RJ - Só dizem que sumiram 20 na Casa da Morte. Mas esta Casa da Morte, pelo o que o senhor está mostrando, alguns destes 20 nem estiveram lá?
Malhães – Mas, é, é...
CEV-RJ - E o senhor diz que passaram 30 só levados pelo senhor. Eu já estou assustado, porque não soube apurar direito esta história de quantos passaram por lá realmente.
Malhães – Não, 30 transformados em informantes.
CEV-RJ - Não, uma coisa é quem passou e nunca mais foi visto, outra coisa é quem passou e está por aí, tu vai no mercado e não sabe quem é, nem nunca vai saber.

Malhães – Nem nunca vai saber. Este você não vai saber. Este compromisso é um compromisso de honra meu.
CEV-RJ - E eu respeito ele, respeito ele. Agora, a cereja do bolo não vai quebrar nenhum compromisso que o senhor assumiu no passado.
Malhães – Não, mas vai aumentar minha conta.
CEV-RJ - Não vai aumentar. Que conta?
Malhães – Vai aumentar minha conta. Porque aí, outros, como eu falei nisso, terão o direito de dizer que ele é responsável por todos os que desapareceram, para sair fora da jogada. E eu não sou responsável ...
CEV-RJ - Eu sei que o senhor não é responsável por todos os que desapareceram.
Malhães – Seria impossível, não é? Era um troço... Que muita gente que desapareceu, na realidade não foi desaparecido. Eles podem... Cuidado que eles podem estar em outros países, em outros lugares...
CEV-RJ - O senhor acredita nisso, mesmo?
CEV-RJ - Com outras identidades?
Malhães – Eu dei identidade para muita gente.
CEV-RJ - O senhor deu?
Malhães – Dei.
CEV-RJ - E é isso que o senhor falou, nunca mais, ninguém vai saber.
Malhães – Então, não é bem assim que as coisas funcionam, é mais complicado um pouquinho. Não é com a simplicidade que o jornalista quer noticiar.
CEV-RJ - Não, eu não quero noticiar. Eu quero contar história. Eu aqui estou mais como contador de história do que como jornalista. É isso que eu falei para o senhor. Nós temos uma historia para recontar. E eu estou participando desta equipe tentando botar os pingos nos iiis...
Malhães – Hoje já soube ....
CEV-RJ - Cheguei ao ponto em que consegui conversar com o Cel. Raimundo, durante onze meses e ele disse assim, eu vou contar pela primeira vez o que aconteceu, contou a história, admitiu, pela primeira vez, que foi tudo uma farsa.
CEV-RJ - Pegou o carro, jogou fogo, jogou gasolina.
CEV-RJ - Agora, ele disse eu não sei por que eu nem vi o Rubens Paiva na minha frente.
Manhães – Eu também não. Vivo não.
CEV-RJ - Vivo não. O senhor viu, já cheirando mal.
Malhães – Eu nem sabia da existência deste Rubens Paiva.
CEV-RJ - Ele fala a mesma coisa, que só soube do Rubens Paiva quando voltou da história do sequestro. Mas aí o senhor foi saber como?
Malhães - Eu fui saber pelo noticiário de vocês. Notícias na imprensa.
CEV-RJ - Na época?
Malhães – Na época
CEV-RJ - O noticiário dando conta de que o preso fugiu.
Malhães - Isso. Eu disse, ‘quem é ele, o que este Rubens Paiva fez na vida’. É um cara que, o que ele fez?

CEV-RJ - Recebeu carta de exilados brasileiros no Chile.
Malhães - Só isso?
CEV-RJ - Ele ia repassar as cartas para alguém do MR-8 que era o Muniz, que foi vice-prefeito do Rio?
Malhães – Só isso?
CEV-RJ - Ele não fez nada e mesmo assim, ele não está mais aí?
Malhães – Ele não morreria se fosse comigo.
CEV-RJ - Deu azar.
Malhães – É, aconteceu alguma coisa que a gente não sabe o que foi, eu mais ou menos calculo, que... Na natureza humana existem aqueles que se aproveitam de uma situação para extravasar seus extintos do mal. Certo? Isso é psicologia pura. Se você olhar para o indivíduo você não sabe do que realmente esse indivíduo é capaz. Então, ele foi interrogado por gente que gostava de dar porrada. Isso eu conheci vários. Tive, não auxiliares meus que fizessem isso, os meus não faziam, mas auxiliares que eu até fui fazer queixa dos caras. O cara exagerava naquilo que fazia. Tirar sangue dos caras. Não tem necessidade disso. Mas, os caras ficavam satisfeitos, sorridentes, tirou sangue dos caras, deu porrada nos caras. Eu acredito que isso aconteceu com Rubens Paiva, alguém, deram tanta porrada nele que quando foram ver ele já estava morto. Ai ficou o abacaxi, o que fazer? Nós vamos enterrar ele. Morto se faz o que com o morto? Se enterra.
CEV-RJ - Morto se enterra, enterraram errado.
Malhães – 'Aonde vamos enterrar?' 'Ah, enterra por aí mesmo, ali do lado'.
CEV-RJ - E a coisa tomou uma proporção maior do que ...
Nalhães – E a coisa tomou uma proporção... Eu não sei porque este Rubens Paiva se tornou tão famoso?
CEV-RJ - Porque era deputado, cassado, famoso, conhecido, morava no Leblon, na beira da praia. Família bem situada, não era ligado a nenhum movimento de esquerda. Ele era um político de esquerda, mas não ligado a nenhum movimento.
Malhães – Porque, quando eu vi isto virar um tumulto, eu não sabia de nada. Nem que ele tinha sido preso, nem por onde tinha passado, eu estava completamente por fora. Ai procurei me informar, mais ou menos, soube que ele foi preso no DOI, que ele tinha levado bastante porrada no DOI e tal e que tinha morrido. Mas disse, 'porra, por que estão batendo? Teve gente bem antes dele que aconteceu a mesma coisa. E devem estar enterrado em qualquer lugar por aí. Eu não duvido que um dia se ache alguém enterrado, isso é o que eu digo, para você, é o me3do que eu tenho. Porque você hoje tem o DNA, O cara pode estar só em osso, o cara vai examinar e vai examinar o DNA da família e vai descobrir que ele pertence à família. No meu tempo não tinha isso, mas eu já pensava que não devia .....
CEV-RJ - Não devia deixar...
Malhães – Em lugar nenhum, nunca se enterrar. Também tive essa ideia, vamos enterrar, vamos queimar, vamos botar no ácido. No ácido o cara desaparece, você sabe disso, né?

CEV-RJ - Por isso que eu lhe perguntei, produtos químicos?
Malhães – Tudo isso passou pela minha cabeça...
CEV-RJ - Mas ?
Manhães – Mas, as dificuldades encontradas para fazer isso, já eram outras, Aí eu disse, não, nada disso, vamos pensar, cada um tenha uma ideia aí, vamos pensar, vamos resolver esse problema, de modo que, não deixe rastro. Aí surgiu essa ideia, nos discutimos a ideia e achamos que era a ideia mais viável.
CEV-RJ - Mais de uma pessoa sabe disso, do que foi discutido?
Malhães – Sabe.
CEV-RJ - Se vier a publico não vão poder dizer que foi o senhor quem falou?
CEV-RJ - Mas, coronel, não foi em tudo o que é lugar que fizeram deste mesmo jeito?.
Malhães – Não.
CEV-RJ - Tanto que tem lá, em São Paulo, faziam aquilo que o senhor falou do atropelamento, não sei, inventavam...
Malhães – inventavam.
CEV-RJ - Vala comum...
CEV-RJ - mas, se várias pessoas discutiram isto, a revelação não poderá ser identificada como sendo sua.
Malhães – Eu não sei quantas pessoas têm vivas que discutiram isso. (55:07)
CEV-RJ - Mas não são muitas, coronel.
Malhães – Não devem ser muitas.
CEV-RJ - Mas também não deve ser uma ou duas. É a turma do CIE. Porque o CIE veio para resolver o problema que o DOI-CODI criou.
Malhães – Então...
CEV-RJ - É isso, o CIE veio resolver um problema que o DOI-CODI criou, porque o DOI é que enterrou onde não devia.
Malhães – É, o DOI, eu trabalhei no DOI, o DOI é um grau abaixo. Quando o cara entra no DOI, tem gente que nem quis entrar, chorou para não entrar no DOI, tem oficial que não quis trabalhar no DOI. Então, o DOI é o primeiro degrau. Você entra ali, voando, qual é a minha função? O que eu vou fazer? Que função é esta? E tal, pê, pê, pê, pê, pê, pê. Ah, é um sistema de, eles dizem, informação. É um sistema de inteligência, o nome certo é inteligência. Aqui no Brasil é que criaram esse negócio de informações. Aí, você se brutaliza, você passa a ser igual aos outros, aí depois você vai raciocinando, vai pensando, vai se estruturando, vai criando outras..., como ela disse, o choque... O choque foi uma mudança da porrada para o choque. Você pode dizer, foi uma mudança ruim. Foi não, não deixava trauma, quer dizer, não deixava trauma, não deixava marca, não deixava nada.
CEV-RJ - Mais rápido.
Malhães – Já foi uma evolução. Ai você vai aprendendo, vai caminhando, aprende de outros lugares, também. De outros países, como é feita a coisa. Então, você se torna um outro personagem, um outro cara e por causa disto, você é guindado, por ser um cara diferente, agir diferente, você é guindado a

um órgão superior. Aí você tem muito mais amplitude, tem um universo muito maior aí você se torna um expert em informações...
CEV-RJ - E vai resolver os problemas que os outros criaram.
Malhães – É, isso aí
CEV-RJ - Voltamos ao ponto inicial. Um grupo resolveu esse problema.
Malhães – Um grupo resolveu esse problema, senão, hoje, teríamos um escândalo muito maior.
CEV-RJ - Hoje, não. Alguns anos atrás.
Malhães – Teríamos um escândalo muito maior.
CEV-RJ - Quando desenterrasse da praia ou quando a reforma da calçada descobrisse o corpo.
Malhães – teríamos um escândalo muito maior. Encontramos os restos, então alguém matou, onde esteve ele, aonde estava ele? Exército ia ter que responde a isto.
CEV-RJ - Mas todo mundo sempre suspeitava que foi no DOI-CODI, porque a versão do sequestro, o senhor sabe, nunca colou.
Malhães – É, mas eles tiveram que inventar isto para dizer que o cara sumiu.
CEV-RJ - Esse, quem inventou, já morreu.
Malhães – Acredito que sim.
CEV-RJ - . Foi o Demiurgo. Não sei se a mando do Belham ou não.
Malhães – Não.
CEV-RJ - Mas, o Ronaldo conta que a ordem partiu do Demiurgo.
Malhães – Deve ter sido do Demiurgo mesmo. Não acredito que o Belham tenha feito isso não. O Belham era um cara... (interrompe a frase)
CEV-RJ - Agora, e o enterrar em qualquer lugar, deve ter sido do Demiurgo também?
Malhães – Não, isto deve ter partido daqueles que ... do grupo que assassinou ele, vamos falar em termos claro.
CEV-RJ - As equipes lá eram três equipes 24 por 48. Uma delas era o Belham, que estava no dia 20. Outra delas era o Demiurgo, que estava no dia 21. E ele morreu do dia 20 para o dia 21. A terceira, do dia 22, era o Ney Mendes, que também já morreu.
Malhães – mas, aquilo, o chefe da equipe que fez a morte do Rubens Paiva, pode ter chegado o chefe dele – eu cansei de fazer isso – ‘eu resolvo o problema, não precisa o senhor se preocupar. Eu tenho a solução do problema’. Teve um presidente da República que era muito amigo meu. Se tornou por coincidência, eu fui segurança quando foram escolher ele para presidente eu fui segurança dele, não sei o que, pê, pê, pê.. Aí voltei, ele se tornou íntimo comigo, eu tomava conta da casa em que ele ficou, que foi do ministro da Aeronáutica no Rio de Janeiro, ai passei a jogar, ele viu eu jogando buraco com o meu pessoal, ele disse ‘adoro jogar isto. Você vai jogar contra eu e minha mulher. Trás o seu parceiro aí, vamos jogar’. Médici. Então o Médici, acontecia problemas, o Médici mandava me chamar. Eu ia lá no palácio. Já almocei do lado dele. Ele perguntava, ‘e aí?’. Eu dizia, ‘O senhor quer que eu resolva? Eu resolvo’. ‘Então está, Malhães, resolve. Você diz que a partir de

agora você está trabalhando para o presidente da República'. 'Sim senhor!'. Ou quando acontecia, ele me encontrava e dizia 'O Malhães fez uma cagada'
CEV-RJ - Eram problemas deste tipo?
Malhães – Eram. 'Malhães fez uma cagada. Pegou um argentino e mandou de volta para a Argentina. O cara era um Montonero importante lá, não sei o que, pê, pê, pê.. e o pessoal sabe que o cara estava no Brasil, veio ao Brasil, não sei o quê'. Aí ele mandou me chamar. 'Senhor presidente, não precisa se preocupar, o cara está na Venezuela'. 'Mas disseram que você... que o cara está na Argentina'. Eu disse, 'realmente o cara está na Argentina, mas um doble dele embarcou em um avião, aqui do Rio, às tantas horas, com destino em Caracas. Foi para a Venezuela. Com passaporte dele, com tudo dele. Ele deve ter dado entrada na Venezuela. Os Argentinos me garantiram que ele deu entrada na Venezuela como sendo'. Nunca mais... A imprensa chegou a querer se mexer, os caras da Argentina reclamaram, e o cara nunca se comunicou da Venezuela com a Argentina (irônico). Aí o Brasil disse, não, tem a passagem dele por aqui. Passou, realmente, por aqui. Mas embarcou para a Venezuela. Se sumiu, sumiu na Venezuela, no Brasil não foi'. Então, a gente tinha... dava assim um estalo e você dava a solução para o problema.
CEV-RJ - esse foi aquele do gesso?
Malhães – É. Mas esse foi o nosso trabalho. Aí o presidente me chamou 'Malhães qual foi a cagada que você fez aí, sequestrou um argentino importante?". 'Eu Sequestrei, eu realmente sequestrei. Mandei de volta para a Argentina'.
CEV-RJ - O senhor tinha pego ele aonde?
Malhães – Aqui, saindo do aeroporto. Eles lá sabiam em que avião ele estava.
CEV-RJ - Mas, ele vinha de onde?
Malhães – Vinha de Buenos Aires.
CEV-RJ - Fugido?
Malhães - Não é bem fugido. Ele vinha a um encontro da tal Junta de Coordenação Revolucionária, na Venezuela.
CEV-RJ - Ah, ele estava de passagem para a Venezuela.
Malhães – De qualquer maneira ele ia para a Venezuela, por causa disso é que eu mandei ele para a Venezuela.
CEV-RJ - Deu tudo certo.
Malhães – Deu tudo certo. Se ele sumiu ou não sumiu, sumiu na Venezuela. Aí ficaram, os argentinos vieram para cá, desesperados. 'Como é que vamos levar esse homem? Vamos levar em um...' 'Vamos levar em um avião de carreira'. 'Como?'. Trás um médico para cá. Eu conheci até um médico bom, o cara me deu uma porção de frasquinhos, fazem mágicas aqueles frasquinhos. Eles já perderam a validade, né? Mas eu guardei os frasquinhos que o médico me deu com as finalidades dos frasquinhos. Esses frasquinhos foram até usado pelo SNI, um cara me pediu uma ampola e tal. Maravilhosos os frasquinhos (rindo). Então...
CEV-RJ - Serviam para?
Malhães – Serviam para várias coisas, fazer tu ter um AVC..

CEV-RJ - Temporário.
Malhães – Não, temporário não.
CEV-RJ - Definitivo.
CEV-RJ - Mas, criava uma justificativa de uma doença.
Malhães – Tinha um que só fazia o cara dormir.
CEV-RJ - Que foi o usado.
Malhães – Que foi usado. Eu, por exemplo, usei, para prender um cara...
CEV-RJ - Não, eu digo que no caso do argentino foi esse o usado.
Malhães – Foi esse usado..
CEV-RJ - Ele foi dormindo todo engessado.
Malhães – Botou o cara dormir engessado. Ele como médico, se apresentou como médico ao piloto. Tudo direitinho. Todas as formalidades cumpridas.
CEV-RJ - Foi na maca?
Malhães – Todas as finalidades..
CEV-RJ - Foi na maca.
Malhães – Foi na maca. O consulado argentino aqui tratou de acertar tudo.
CEV-RJ - Mas, coronel, o destino que deram nele na Argentina?
Malhães – Não sei.
CEV-RJ - O senhor sabe que ele foi para a Venezuela.
Malhães – Só sei que ele foi para a Venezuela, exatamente. Os argentinos gostavam muito de mim. Embora eu nuca tenha ido a Buenos Aires.
CEV-RJ - Essa foi uma solução, qual a outra solução que o senhor deu para o presidente Médici?
Malhães – Foi essa. O presidente Médici foi... a outra, mas esta é internacional. Foi de um embaixador, e eu fui quebrar o galho.
CEV-RJ - Qual dos embaixadores?
Malhães – Deixa isso pra lá...
CEV-RJ - Um embaixador brasileiro no exterior, é isso?
Malhães – É.
CEV-RJ - Que estava envolvido com alguma coisa?
Malhães – É. Você tem.... Há coisas que acontecem que você não acredita que aconteceu.
CEV-RJ - Essa, para mim, se me contassem que enterraram no lugar reformando o passeio e tiveram que desenterrar correndo, se me contassem eu diria que é história do Aguinaldo Silva na novela... Que depois puseram na praia e viram que.
Malhães – Não, eles não vira mais nada. Eles enterraram na praia e ficou na praia.
CEV-RJ - E aí ainda foi o pessoal do DOI.
Malhães – O pessoal do DOI é quem fez.
CEV-RJ - Primeiro no passeio e depois na praia.
CEV-RJ - Mas, coronel, na hora em que vocês tiveram que... Assim, na praia não, entendeu?
Malhães – Na praia eles vão achar. O DOI todo sabia em que lugar da praia tinha posto o cara.

CEV-RJ - Não podia ficar lá.
Malhães - E agora?
CEV-RJ - O medo era que vazasse ou o medo era que a maré baixasse e aparecesse.
Malhães – Não, ele estava bem enterradinho. É que a umidade penetra, passa por baixo e deteriora a carne muito rápida. Mas todo mundo... enterrado direitinho.
CEV-RJ - Não seria descoberto pela natureza.
Malhães – Não. Podia ser construindo um edifício e você ...
CEV-RJ - Sim, uma escavação, anos depois...
Malhães – É. Isso acontece muito.
CEV-RJ - Na praia, que o senhor fala, é beira-mar ou terreno próximo?
Malhães – Não, mais para dentro. Bem mais para dentro.
CEV-RJ - Duna
Manhães – Bem mais para dentro.
CEV-RJ - Ali perto, entre a antiga Sernambetiba, a antiga Sernambetiba para dentro,
Malhães – É
CEV-RJ - ... onde eram só terrenos vazios?
Malhães – vazios.
CEV-RJ - Lá para o lado da... o senhor disse que é Barra mesmo.
Malhães – É Barra mesmo.
CEV-RJ - mas deve ser quase chegando lá na Reserva?
Malhães – Nem me lembro mais. Mas, eu sei que eu fui lá... Eu fui lá (tenta consertar) alguém foi lá e tirou ele ... e deu a solução final. Todo mundo ficou, 'e agora, o que a gente faz'. Nós fomos e fizemos. Bota ele num saco, não tem o quê?, não. O que não existe.
CEV-RJ - Bota em um saco ?
Manhães – E, faz a finalização normal.
CEV-RJ - Enterra.
Malhães – Não, enterra não, nunca mais. Nunca mais. Eu não enterro ninguém nunca mais.
CEV-RJ - Sim, e aí? Deixa no saco aonde?.
Malhães – Aí, aonde é que não posso dizer. Eu quase disse, porque no saco.
CEV-RJ - No mar. Não, o senhor disse que não jogou no mar.
Malhães – Pode ser até que você diga que jogou no mar, mas para isso você tem que estar perto do mar.
CEV-RJ - Na Lagoa.
Malhães – Não, você tem que... tem outra proposta aí.
CEV-RJ - No Araguaia não tem mar. Não é coronel?
CEV-RJ - Mas eu estou falando da Barra da Tijuca. Rio? Mar? Lagoa?
Malhães – Lagoa não, nada fechado, nada que o cara possa chegar, ir lá no meio e encontrar. Tem que ser um troço aberto.
CEV-RJ - Rio?
Malhães – É alguma coisa que..

CEV-RJ - No Rio Paraíba. Em um rio caudaloso.
Malhães – Então é.. por exemplo, se eu matar alguém aqui. Vamos dizer que um cara invade meu quintal, eu dou tiro nele. Não vou chamar a polícia. Vou preparar ele, botar no carro, sair e jogar ele fora. Isso já foi feito.
CEV-RJ - Pode ser em um lixão.
Malhães – Nada de lixão. Lixão o cara pode ser encontrado, vai feder e nego vai dizer porra que cheiro é este.
CEV-RJ - Mas o cheiro do lixão....
Malhães – Não, não supera o da carne humana, putrefata.
CEV-RJ - Então é um rio.
Malhães – se você acha que é?
CEV-RJ - Não, Não sei. Tô chutando.
Malhães – Se você acha que é.
CEV-RJ - Eu estou chutando.
CEV-RJ - O senhor conhece Marambaia, coronel?
Malhães – Conheço. Mas, Marambaia é muito longe, não pode ser na Marambaia. Eu não gosto do mar. Porque o mar tanto leva como trás.
CEV-RJ - Tudo o que vai, volta.
Malhães – Não vê o assassinato do ...
CEV-RJ - O rio só leva.
Malhães – O assassinato do Baumgarten. Mataram ele e jogaram no mar e o cara pensou que o mar ia levar e em vez de levar o mar trouxe ppara a praia. Acharam. Levaram para, como é que é, onde levam o morto...
CEV-RJ - Necrotério.
Malhães – Necrotério. Chegaram lá, os caras mais burros ainda, tentaram troca a etiqueta que fica no dedão do cara de um morto para o outro. Aí chegaram a conclusão que só podia ser o CIE ou... Aí chegaram a conclusão que deveria ser o SNI. E foi daí que surgiu a história.
CEV-RJ - E aquele Polila que disse que viu Nilton Cruz lá, lembra?
Malhães – Não, aquilo é viado, aquilo é... Não acredito muito em história de viado não. Eu até disse, ele pode estar segurando.. ele disse que estava pescando, né?, com uma vara de pesca, ele podia estar segurando uma vara, mas não era de pesca.
CEV-RJ - Na Praça XV, na antiga Praça XV.
Malhães – Na Praça XV. Então, coitado do Nini, pior que teve um oficial que morreu de ataque cardíaco por causa disso. De ser acusado e ser...
CEV-RJ - Sem culpa no cartório?
Malhães – Sem culpa no cartório.
CEV-RJ - A culpa era do seu colega Perdigão, a mando do Nini?
Malhães – Nini mandou ele fazer bem feito. E eu disse que ele resolveu fazer à moda dos piratas, né? Com embarcação, ataca a outra, dá tiros na outra. Sacaneei ele para burro.
CEV-RJ - Sim, afogado com tiro.
Malhães – Rapaz, aonde ...
Malhães – (falando para a mulher) Cris!

Cristina – Sim
Malhães – outra rodada de água e café.
CEV-RJ - Não, nós já vamos embora.
CEV-RJ - Nós temos que ir embora, coronel.
Malhães – É a despedida.
CEV-RJ - Tá bom. A despedida pode ser contando aonde foi parar o saco.
CEV-RJ - O saco não será mais achado?
Malhães – Não.
CEV-RJ - mas então nós podemos saber aonde ele foi colocado, escondido.
Malhães – Ele não foi escondido em lugar nenhum
CEV-RJ - Não.
CEV-RJ - Se fosse escondido dava para achar, não é?
Malhães – Tudo o que é escondido dá para achar, rapaz. Por coincidência, você bota em um lugar e eu pego uma coisa aqui e vou guardar na minha casa aqui para ninguém achar. E, por coincidência, as pessoas acham
CEV-RJ - Quando menos se espera, acha.
CEV-RJ - O senhor leia o livro do meu amigo Cid Benjamim. Um jornalista.
Malhães – Vou dar uma olhada.
CEV-RJ - Ele participou do sequestro do Elbrick. Ele narra, inclusive as bobagens que fizeram.
CEV-RJ - Mas isso que o senhor falou de escrever, vale a pena, sabe?
CEV-RJ - Acho que está na hora do senhor escrever.
Malhães – Não, eu tentei... Mas, eu tenho que armar uma sequencia na minha cabeça. Para mim poder sequenciar os fatos.
CEV-RJ - A melhor sequência, a principio, é a cronológica.
Malhães – Mas é difícil.
CEV-RJ - Não, o senhor vai escrevendo o que for lembrando e vai colocando cronologicamente em ordem. À medida em que o senhor for lendo o senhor vai lembrando detalhes daquelas outras coisas. Entende? Na medida em que o senhor for falando e for escrever...
CEV-RJ - Escrever é difícil, eu gosto mais de falar.
CEV-RJ - Falando, vai anotando assim tal dia..
Malhães – Eu gosto mais de falar.
CEV-RJ - Então fala e só anota o índice de suas falas, caso ... Caso do Riocentro, aí o senhor está falando do Riocentro. Aliás, qual foi o grande erro do Riocentro?
Malhães – O absurdo de terem feito aquela operação.
CEV-RJ - Que já tinham tentado fazer um ano antes.
Malhães – Foi um absurdo.
CEV-RJ - Seu colega Perdigão...
Malhães – Mas foi um absurdo.
CEV-RJ - Continua sendo um absurdo...
CEV-RJ - Estou achando que ele não era tão inteligente como o senhor falou que era, não.

Malhães – Não, não. Mas ele era aquele ‘vamos fazer isto?’, ‘vamos!’. Agora, porque a ideia foi do DOI.
CEV-RJ - Um ano antes já tinham dado essa ideia.
Malhães – Então, foi um absurdo. Sem treinamento, feita no grito, a operação, sem apoio, im (inaudível), que dizer, pega o cara, tá aqui, você vai montar a bomba na hora em que ele precisar. O cara foi montar a bomba e errou.
CEV-RJ - Ele foi montar ali? Não levou montada, não?
Malhães – Foi montar ali. Foi. Não, foi montar ali, aí ele bateu com a corrente que segurava o relógio, que é aquela metálica, ele bateu nos contatos e a bomba explodiu... pronto, só isso.
CEV-RJ - Amadorismo.
CEV-RJ - Como é que chegaram a esta conclusão? Que foi assim?
Malhães – Porque o capitão viveu.
CEV-RJ - E contou isso internamente?
Malhães – Contou. Como é que foi que a bomba explodiu.
CEV-RJ - E novamente o Nini estava metido no meio?
Malhães – Não acredito, não.
CEV-RJ - Estava sabendo.
Malhães – Podia estar sabendo.
CEV-RJ - E não mandou parar. Deixou rolar. Por isso o procurador está denunciando ele.
Malhães – Mas, foi mandado para eles pararem. Eles tiveram a ordem de basta! Chega!
CEV-RJ - Das bombinhas.
Malhães – Tudo.
CEV-RJ - Não no dia.
Malhães – No dia eles tiveram um basta!
CEV-RJ - De quem?
Malhães – Não pode fazer.
CEV-RJ - Foi no dia que trocou o comando no dia.
CEV-RJ - Não, trocou o comando da PM.
CEV-RJ - Sim.
CEV-RJ - Mas, de quem?
Malhães - Do próprio ministro.
CEV-RJ - Do Exército?
Malhães – Do Exército.
CEV-RJ - Leonidas[19].
Malhães – Leonidas. Não pode fazer.
CEV-RJ - Mas, o Nini?
Malhães – O Nini, pelo certo, não optaria em nada.
CEV-RJ - Nini não comunicou nem ao ministro do SNI, o Otávio.

[19] - Na verdade, o ministro do Exército na época do Riocentro era o Walter Pires.

Malhães – Eu conheço o Nini, me dava com ele, muito extemporâneo, mas me dava. O Nini também é outro porra-louca.
CEV-RJ - Isso não precisava conhecê-lo para saber, né?
Malhães – É. Mas, eles fizeram assim, vamos fazer a bomba, vamos, vamos vamos. Pega lá, tem um – era um cara mestre em fazer bomba o cara que morreu...
CEV-RJ - Guilherme.
Malhães – Era mestre, ...
CEV-RJ - O senhor conheceu ele?
Malhães - ...era bombeiro oficial. Então, o cara montou, já tinha preparado dentro lá do DOI as partes da bomba era só juntar e acionar elas. Então, eles pegaram a bomba – você vê que a bomba estava no colo do cara. E foram. Entraram dentro 'é aqui...' ainda escolheram o lugar lá para colocar a bomba. E o cara foi, 'monta a bomba', e o cara foi montar a bomba e errou.
CEV-RJ - Com a pulseira do relógio.
Malhães - (inaudível) tocou fechou o cara. Com a pulseira do relógio ele fechou a descarga da bomba. Em consequência a bomba explodiu e virou ele ao meio. Tanto é que a bomba divide ele ao meio e atinge um lado do capitão. O capitão escapou por causa disso, porque ela só atingiu um lado dele. Então, foi isso. Apoio eles não tinham nenhum. Não tinha ninguém nem que socorresse eles.
CEV-RJ - Foi socorrido pela irmã do
CEV-RJ - Filha do Tancredo.
CEV-RJ - Neta do Tancredo..
CEV-RJ - neta do Tancredo.
CEV-RJ - A irmã do Aécio.
CEV-RJ - Que estava passando na hora foi igual ...
Malhães – Então você vê que absurdo.
CEV-RJ - ... foi igual ao Perdigão, que o senhor estava perto, assim. É isso, não tinha.
Malhães – Você ...
CEV-RJ - Não, Perdigão ainda tinha uma equipe que chamou, né?
Malhães – Você tinha uma equipe de ... eu sempre disse, tem que ter uma equipe tática, de apoio tático, uma equipe de apoio estratégico. Tem que ter as duas equipes. Você vai fazer a campana de um cara, de carro, você tem a equipe de seguir o carro, tem a equipe tática, que vai próximo a esta equipe que está seguindo o carro do cara e tem uma equipe estratégica que está em um local estacionado. O cara queimou a primeira viatura, o cara sentiu alguma coisa na primeira viatura. A primeira viatura sai fora.
CEV-RJ - Aí a segunda vem.
Malhães – A segunda fica. São três viaturas. O cara está sentindo que está sendo seguido, sai fora, sai fora. Vai um da tática, que é completamente diferente e uma da estratégica sai para entrar no lugar desta que saiu da tática. Você não perde ninguém, nunca. Assim também é seguir uma pessoa. Eu fazia treinamento em campo de futebol, ensinava a eles em campo de futebol. Como

é que se faz isto. Porque o americano faz o A,B,C,D. Eu sou contra o A,B,C,D, que é um aqui, um aqui, um aqui e um aqui (demonstra com os dedos, formando uma espécie de cículo em torno do alvo) Troca de posição só. Eu acho muito simples.
CEV-RJ - A sua tática, qual é?
Malhães – A minha não tem nome.
CEV-RJ - Mas é o quê?
Malhães – É tática e estratégica, fazer uma reserva estratégica e fazer uma reserva tática. Só isso, não tem nome.
CEV-RJ - Queimou um, vai o outro.
Malhães – Tem sempre alguém para substituir alguém. Não pode perder é a campana. Sentiu que o cara parou, é fácil, não é?. Se parou em uma vitrine de vidro, ele parou, olhou, quando ele parar na outra, se o mesmo cara estiver atrás dele, ele vai sentir que está sendo seguido. Eu sei que estou sendo seguido. Eu faço isso, quando eu ando à pé.
CEV-RJ - Agora, se for outro cara.
Malhães – Se for outro cara, não for ninguém conhecido, ele desliga. Carro a mesma coisa. Vou fazer..., em vez de dobrar à esquerda, vou fazer uma volta no quarteirão. Se essa volta no quarteirão, o mesmo carro que eu suspeito que está me seguindo, fizer a mesma volta no quarteirão, eu estou sendo seguido. Então, isto eles também aprendem. Os subversivos também aprendem.
CEV-RJ - Mas, naquele dia lá, os seus colegas do DOI não fizeram nada disso. Tinha várias equipes para fazerem outras atividades, ninguém dando apoio a ninguém.
Malhães – Então, não tem como você fazer. O que acontece é isso, o Perdigão foi baleado, se eu não estou perto, dando apoio à ação que eles estavam fazendo.
CEV-RJ – Mas, o senhor estava para dar apoio?
Malhães – Estava, estava para dar apoio a eles. Estava fazendo outra coisa..
CEV-RJ - O senhor estava fazendo outra coisa...
Malhães – Mas, tinha condições de dar apoio a ele.
CEV-RJ - Sabia que ele estava ali naquela hora fazendo uma operação.
Malhães – Aí, quando o cara gritou pelo rádio que o Perdigão tinha sido baleado, eu imediatamente peguei meu carro e fui para lá. Aí peguei o Perdigão, botei no carro e saí que nem doido. Primeiro hospital que eu vi, eu entrei. Não sei nem que hospital era, ela sabe.
CEV-RJ - Não, eu falei que era o Miguel Couto, mas porque era Lagoa.
Malhães – Era na Lagoa.
CEV-RJ - Era hospital público, não era?
Malhães – Era.
CEV-RJ - O senhor foi para o Miguel Couto. Era que altura da Lagoa que foi isto.
Malhães – Ah. Foi em uma estrada. Por que fizeram essa operação na estrada?
CEV-RJ - Uma estrada?

Malhães – Era, uma rua que eu digo. Mas ela não tem edifícios dos dois lados, não.
CEV-RJ - Era ali na entrada do túnel Zuzu Angel?
Malhães – Deve ser.
CEV-RJ - Do túnel Dois Irmãos, que naquela época não tinha... era uma área...
Malhães – O carro tinha marca de uma bala.
CEV-RJ - O carro em que o Perdigão estava.
Malhães – Não, o carro ..
CEV-RJ - O carro dos caras.
Malhães – Aí o Perdigão mandou o carro parar. O cara foi, tinha três dentro do carro...
CEV-RJ - E o Perdigão sozinho?
Malhães – O Perdigão, sozinho, os dois sargentos dentro do carro. Foi lá e mandou o cara parar. O cara parou. Aí ele foi em direção ao cara. Quando ele chegou a uma distância que o cara achava que estava bom, o cara sentou o dedo nele. Ele se jogou no chão, mas não adiantou mais nada. Aí nós levamos ele para o hospital. Chegamos e demos sorte porque um cara ia fazer uma cirurgia na perna de uma mulher, assim um troço parecido com o que tinha acontecido com ele. Aí nós falamos com ele, ele foi e operou o Perdigão e salvou a vida do Perdigão, porque o Perdigão estava por minutos para morrer. Ele salvou a vida dele. Mas, imagina se eu não estou perto. Até o sargento raciocinar ele tinha que pegar ele, botar dentro do carro e levar para o hospital.
CEV-RJ - Tinha morrido.
Malhães – Tinha morrido. A femural.
CEV-RJ - Vamos? A femural. Femural.
CEV-RJ - Eu volto para trazer a foto (01:30:14)

FINAL DA 2ª PARTE DA PRIMEIRA ENTREVISTA EM 18/02/2014

2ª Entrevista – 11.03.2014 1ª Parte

Malhães – (...) Não, de maneira nenhuma. Agora, acho que ainda dá .... Assim como nós encontramos a situação, na época, em que as crianças queriam fazer uma revolução, nós hoje estaríamos como a Síria, como teve a... entendeu? Porque seriam várias frentes de combate. O brasileiro gosta de ser cacique. Então você vê, quantas organizações subversivas nós tivemos.
CEV-RJ - Não muitas, não é?
Malhães – Uma infinidade delas.Todo mundo queria ser cacique
CEV-RJ - Os senhores chegaram a mapear todas?
Malhães – Chegamos. Tudo começou por isso. Tudo começou por aí. Nosso trabalho começou por aí. Nós quando começamos a estudar esse processo ainda não tinha começado. Nós aprendemos muitos. Ah, você vai dizer, ‘Ah,

vocês mataram'. Era necessário. Lenin disse que para tornar um país capitalista em um país comunista você teria que matar 30% da população. Nós não matamos, sumimos ou lá o que seja, 1% ou 2% da população. Tem que explicar o que é uma guerra.
CEV-RJ - O que é uma guerra? Pra gente começar.
Malhães – Pode ser ideológica, que é quando tem ideologias opostas, pode ser por interesses outros, certo? Grana. Porque nós vimos que, na realidade, a guerra deles era por interesses econômicos. Porque eles hoje.... o país pode ser chamado de comunista. Pode. Daí os Estados Unidos observarem... O Brasil é um continente, não é um paizinho que você possa da noite para o dia transformar em alguma coisa. É um continente. Em virtude disso, o estudo é amplo. Você vê, nós temos quantas áreas de registros (de guerrilha) vocês têm registrado? Eu não sei, mas eu conheço quase todas elas. O que é área de guerrilha? É uma área em que vai-se tentar em combate para derrubar a instituição ou o governo que existe e aquela instituição. É difícil. Eu acho que, hoje, o pessoal... é lógico, hoje quem se lembra da guerra? Nós que guerreamos, os mais velhos. Os novos não sabem disso de guerra. Graças a Deus nós conseguimos dar para eles uma juventude em que irmão não mata irmão. Você já apreciou isso? Que dá... do fim da guerra com os subversivos, até hoje, irmão não matou irmão, ninguém mais desapareceu, ninguém mais morreu, não tivemos mais nenhuma sacudidela na nossa sociedade. Vamos ter agora.
CEV-RJ - Quando?
Malhães – Quando a presidente perder a moral, que ela já está quase perdendo.
CEV-RJ - E aí o senhor acha que acontece?
Malhães – Acontece. Nós chegamos a um ponto tal que..., não sei quem planejou isso, mas foi planejado, alguém achou que os generais teriam que ser formados de outra forma. Certo? Então entrou o que a gente chamava de oficiais de ensino. Quem hoje comanda o Exército, Marinha e Aeronáutica são os oficiais da linha de ensino. Nunca participaram de nada, só estudos.
CEV-RJ - Só livros.
Malhães – Só livros. Eu sei porque fiz dois cursos no Exército, você combate com um exército imaginário, que é aquele exército...
CEV-RJ - Esse pessoal da linha de ensino, nunca atuou na base, no quartel?
Malhães – É, eles passaram, mas passaram caminhando para esse problema de ensino. Não são oficiais combatentes. Você pode ver que você... Tem um general que brigue por alguma coisa? Porque o Exército está ficando pobre. O pessoal do Exército, os militares, estão ficando pobres. Isso não será uma forma de amortizar as Forças Armadas para que possa haver um golpe em cima? Para que que fizeram a ..a... como é que é? Essa tropa que criaram...
CEV-RJ - Força Nacional?
Malhães – Para quê?
CEV-RJ - Dizem que é para atuar na área de segurança e não fazer o Exército atuar nessa área.

Malhães – Mas, quem acaba atuando sempre é o Exército. Ela quando está se sentindo que o negócio está indo muito... ela chama o Exército. Mas o Exército está perdendo o seu poder.
CEV-RJ - Mas, por que, coronel?
Malhães – Porque ele não é renovado, ele está sendo mal instruído. Na minha época, eu me lembro, o juramento nosso era relevante. A salvaguarda das instituições. A permanência do Brasil como potência. Nós íamos lutar contra aqueles que tentassem invadir o nosso país ou que tentassem se sublevar contra o sistema existente. E foi ditadura? Você pode dizer 'foi porque o presidente foi militar'. Mas, funcionou Congresso, funcionaram os juízes, os juízes foram – um dos erros também nosso, né? – os juízes foram inamovíveis, ninguém quis tocar na Justiça. Então, eu quero saber aonde está..., comparado com os países que a gente vê na televisão, em que há ditadura militar, até comunista, como aquele maluco da Coreia do Norte que mandou o tio dele ser comido pelos cachorros, né? Até ali, você vê, ali é uma ditadura, realmente. O cara é um deus. E aqui nós não tivemos nenhum militar deus. É que, eu concordo que, a presidência do país podia ter sido antecipada e entregue até aos civis, mas civis escolhidos.
CEV-RJ - Não pelo voto.
Malhães – Não pelo voto. Essa menina, Dilma Rousseff, não perde eleição nenhuma mais. Ela comprou o voto do povo e ninguém diz que ela está comprando o voto. Quando ela fez Bolsa Família, bolsa não sei o que, bolsa distração, bolsa, não é? Ela está comprando o voto. Eu escuto na rua, 'ah. Nós temos que eleger ela porque ela que deu dinheiro pra gente'. Então, não é ela que é a melhor, han? Nós temos bons candidatos. Não conheço, mas li alguma coisa sobre ele no passado, sobre esse Aécio Neves aí. Não é ruim. Como será ruim como presidente? Marina da Silva, essa coisa, não. Isso é extemporêno, né? São figuras que surgem na história, é durante os altos e baixos aparecem essas figuras. Mas, como é que ficará essa República? Eu disse não precisava a Dilma Rousseff distribuir dinheiro para o povo, basta ela fazer como fazem na Suécia. Você tem carteira de cidadão? Tem. Estou me sentindo mal, ali está escrito Doutor. Tu entra ali, 'doutor!' Anota seu nome, tudo seu, você será atendido. Gratuitamente. Isto será cobrado ao governo. Como aqui não dá certo? Tem um amigo meu que era dono de uma clinica aqui, o tal Dr. Luiz, é amigo meu, que minha filha, como médica, trabalhou na clinica dele, ela disse 'papai eu assino 40 a 50 fichas, que eu nem sei quem é, por dia. Só para ele receber dinheiro do..'
CEV-RJ - Do SUS.
Malhães – Então, isso é uma brincadeira. O brasileiro ainda não encaixou na Suécia. O governo, dá comida para o povo....
CEV-RJ - Mas, coronel, teve alguma época em que foi diferente isso no Brasil?
Malhães – Eu acho que não. Desde que você começa a colocar, primeira população do Brasil são os degradados, os ladrões, os corruptos, você começa uma colonização diferente. Quais foram os primeiros que os portugueses mandaram para cá? Então, tudo já começa errado. Você vê a colonização

inglesa, um país de colonização inglesa, como é diferente. Está os Estados Unidos, maior potência do mundo, é colonização inglesa.
CEV-RJ - Não, mas teve diferença no tempo. Eu sei que sempre foi mais ou menos igual. Mas, na sua opinião, essa guerra que o senhor estava nela, ali nos anos 60, na sua opinião ela foi a mais forte?
Malhães – Foi. De subversão, foi. Essas ideias começam a entrar no Brasil em 23, 1923, né? As ideias vêm do tal comunismo. E foi um judeu expulso, não é?, de ser judeu, que pegou o sionismo e transformou ele em comunismo. A grande verdade é essa. Estuda a história, meu Deus. Você vai ver que Marx nada fez do que transformar o que era sionismo em comunismo e tentou implantar isso como um modo de vida de qualque nação. Quem são as comunas? São Kibutz. Não há grande diferença. Então, ele.... aí ficou aquela, 'não, contra a guerra. Os trabalhadores unidos e não'.. Aí o esperto do Stalin, como não havia forma de governo dele colocar na Rússia que vinha do imperialismo daquele brabo, né? Czarismo, vamos dizer assim, brabo, ele resolveu adotar o comunismo, que é o regime mais forte que você tem. O povo brasileiro, se você apertar o comunismo, ele vai se revoltar. O brasileiro já nasceu.... Você dando dinheiro, eu vejo aqui... Tem um cara que teve dez filhos para ganhar R$ 1.000,00. Ele não trabalha. Para arranjar mão de obra para aqui foi um custo. Todo mundo aqui ganha Bolsa Família, Bolsa Estudo, Bolsa não sei o que, Bolsa não sei o que. Ninguém quer trabalhar. Aí você diz, 'Ah é tudo encaminhado para as crianças'. Não vejo muito isso. São os princípios que são errados. Então, o nosso mo... o meu momento de entrar na história foi um momento duro. Nós caminhávamos para a esculhambação estudantil, aquele negócio todo. E já tinha tido, também, repercussão da Europa e tal, o Brasil era uma macaquice, né? A história da macaquice do brasileiro, não é? Então, aquilo estava mexendo. Por sorte ou azar meu, me pegaram e me incumbiram de estudar isso. De ver o que estava acontecendo. E eu fui estudando, aquilo foi evoluindo, nós fomos evoluindo, nós fomos evoluindo, fomos aprendendo, a duras penas. 'Ah, vocês não tiveram ninguém morto'. Tivemos. Assassinados tivemos, como não? Só consultar a história que você vai ver isso. Então é nesse momento, eu entrei, eu era garoto, garoto não, já era rapaz, era tão idealista como foram muitos dos que entraram para o outro lado... Porque o idealismo mexe muito com você. Vem de dentro de você. E o jovem tem isso por natureza. Você dizer que o cara era comunista, porque ser comunista é ser irmão, comunista é ser..., o Estado é dono de tudo, então distribui tudo igualmente, tudo... Esqueceram das datchas, das residências dos russos lá na beira do Mar Negro. Então, eu acho isso. Eu entrei na história nesse pedaço. E aí eu fui seguindo. Em nenhum momento eu pensei em me prevalecer daquela situação. Tanto que, o que eu tenho hoje, é fruto da minha mãe e do meu pai. E de algum dinheiro que eu ganhei viajando, é lógico. Eu ganhei dinheiro viajando, eu ganhava em dólar, ganhava diária, ganhava não sei o que, mas isso foi pelo meu.., pela minha, pela minha condinção.
CEV-RJ - Sim, mas ainda que o senhor fale, que a gente admita que, naquela época, a grande maioria, principalmente dos militares, pensava como o senhor

e tinham um ideal e não estavam ali para se locupletarem, houve um bom grupo....
Malhães – Mas isso ...
CEV-RJ - ...tanto no governo, como dentro das Forças Armadas
Malhães – Mas, como...
CEV-RJ - como no meio político, também. No meio político, principalmente...
Malhães – Mas, é...
CEV-RJ - Não é uma novidade...
Malhães – Não.
CEV-RJ -.. isso que existe hoje.
Malhães – Não. Gente ruim existe em qualquer grupo.
CEV-RJ - Em qualquer época.
Malhães – Em qualquer época. Se você pegar os crentes, que hoje pregam, que... agora mesmo, eu estava conversando com a minha vizinha que é crente, que eu ajudei ela, e tal, isso é besteira ... Mas, ela estava dizendo para mim, existe crentes bons, como também existe crentes ruins. A minha cunhada, que me deu um trambique, que eu peguei, disse, quando eu apertei ela, ela disse para mim, 'não, porque lá na igreja só existe prostituta, estuprador, viciado, todos querendo se recuperar'. É o povo da igreja. Você vê. Um lugar que você acredita que só exista pureza, por amor a Deus e amor a Cristo. Eu não sou contra não. Eu não profeço porque não faz parte do meu ser. Eu estudei quase todas as religiões, no trabalho, porque, quando começou aquele negócio no Oriente Médio, das religiões que passaram a criar sociedades religiosas, uma presidência religiosa, eles criaram o tal socialismo religioso, que eles pregaram muito no Brasil, mas também nunca fizeram. Os padres socialistas, que são os franciscamnos, os beneditinos os... Por que eles? Porque eles fizeram um estudo lá no convento deles e descobriram que a única coisa que era piramidal fora do governo, era a igreja. A igreja era piramidal. Começa desde o pároco até o papa. Ela é piramidal. Existe os níveis de comando, né? Ela é piramidal. Então eles acharam que eles podiam fazer da igreja o governo. E se associaram, muitos deles, se associaram ao comunismo, porque era força emergente naquela época em luta. Eles acharam que eles depois convenceriam eles a serem... não serem mais comunistas, serem progressistas, o clero progressista e tal... E o padre não po... Todo mundo pode ser comunista, menos o padre. Por quê?
CEV-RJ - Se falava, naquela época, na terceira via, não é?
Malhães – Por que, o padre não pode ser comunista? Porque o padre tem como religião a peça básica dele. E o comunismo não aceita religião.
CEV-RJ - Coronel, o senhor nasceu em que ano?
Malhães – 1938.
CEV-RJ - 22 anos quando o senhor se formou na Academia..
Malhães – Na Academia
CEV-RJ - O senhor começou a se preparar... porque aquele dia o senhor falou para nós da escola, que acho que foi em 59, 60 não me lembro agora, depois o senhor foi para São Paulo, antes da ...

Malhães – Até aí eu estou separado de problemas políticos. São coisas...
CEV-RJ - Mesmo depois de estudar nos Estados Unidos?
Malhães - Separado
CEV-RJ - Lá não teve nenhuma doutrinação?.
Malhães – Não. Lá nós fomos tratados... Depois houve, acho bem que ... me desculpe, mas acho o americano ingênuo demais.
CEV-RJ - O senhor já falou isso dá outra vez.
Malhães – O americano é difícil dele botar dois... Por causa disso que ele perdeu a guerra do Vietnam, pela sua ingenuidade. Como é que eu posso admitir que o meu país está em guerra e que vou ter jornalista, como vocês, - citar o exemplo, que está na minha frente – que vão ser contra o meu país? Como é que você pode admitir isso? Ele não é americano, igual ao outro, não é patriota igual ao outro, tudo mas... A doutrina comunista teve.., ela mexeu muito com os povos. Aqui no Brasil nem tanto.Mas, por outros lugares aonde ela passou, ela mexeu com os povos. Porque tinha... a comunista, aquele que eu até admiro, como é que é? Da Rosa de Luxemburgo? É, graças a Deus, não. Como é que é? Aquele que foram dois italianos presos?
CEV-RJ - Anarquistas, graças a Deus.
Malhães – Anarquistas, Graças a Deus. Não é? Então, até isso surgiu...
CEV-RJ - Coronel, o senhor jovem, ideológico, ali no início da guerra. O senhor não tinha, como o senhor falou, esse envolvimento político, o senhor estava servindo...
Malhães – Na minha função de militar. Dar instrução, eu era de cavalaria, naquela época, servia no Regimento de Cavalaria. Gostava muito de jogar Pólo, gostava muito de salto de cavalo, fui campeão em São Paulo, uma vez, já faz séculos isso. Por causa disso que eu chamo você de neta....Porque a nossa diferença de idade é tão grande que você podia... eu tenho uma neta da sua idade e parecida com você, por incrível que pareça. É a minha neta mais nova. Menina, é a mais nova. Então, ele mexeu. Houve umas pessoas que tenderam, acharam, 'não, o comunismo será ótimo, porque um é irmão do outro', todo mundo faz o que aquela ministra da Fazenda tentou fazer no governo Collor,
CEV-RJ - Zélia.
Malhães ... todo mundo sai com 250 Reais. Impossível. Isso não é da natureza humana. Aquela historia que eu te contei do Lobo. A classificação do homem, não será nunca um inseto, será sempre um animal. E o animal tem os instintos do animal. Ele não tem... nós não descendemos da formiga, nem da abelha. O nosso ramo de estrutura parece que veio do macaco, não é? Assim cada um diz, até aparecer o homem de de Neandertal, essa teoria não é válida, mas quando aparecer, essa teoria passa a ser válida. Então, nós somos animais. Então, nossa tendência não é isso. Nossa tendência é pegar nossos filhos, botar embaixo das asas, abrir as asas o mais que você puder e sair andando carregado com eles. Entendeu?

CEV-RJ - Coronel, quando é que lhe deu, assim na sua... o senhor era bem novo nessa época, bem jovem, né? o senhor já estava servindo. Pirassununga, não?
Malhães – Não, quando foi... eu servi em Pirassununga. Em Pirassununga houve aquele movimento do Jango... Aí, o meu quartel foi contra a posse do Jango. Meu comandante foi contra a posse do Jango. Eu era comandante do esquadrão de apetrechos pesados, aquele que carrega as armas pesadas, o esquadrão de cavalaria, então nós fomos para a guerra, para impedir a posse do jango, porque o jango... também, um troço assim meio ficcioso, hoje eu acho meio ficcioso, porque o Jango tinha ido para a China, então tinha virado comunista. Isso foi uma ficção que criaram...
CEV-RJ - Mas, em que momento deu esse click no senhor, que o senhor passou a entender isso como um trabalho político? Que o senhor tinha um compromisso ideológico com isso.
Malhães – Foi quando em comecei a ser perseguido pelos comunistas.
CEV-RJ - Isso, ainda lá em São Paulo?
Malhães – Não, já aqui no Rio..
CEV-RJ - Na Vila Militar.
Malhães – Na Vila Militar.
CEV-RJ - Não, mas eu estava pensando antes disso, eu estava pensando antes de o senhor vir para cá.
Malhães – Não. Não tinha... a minha única coisa que eu tinha é que eu era vibrador, eu vibrava.
CEV-RJ - Jovem.
Malhães – Jovem. Eu vibrava com o Exército. Meus soldados tinham que ser os melhores do quartel. Quando nós íamos disputar com outros esquadrões, no caso da cavalria ir, nós íamos disputar com outros esquadrões, eu tinha que... meu esquadrão tinha que vencer.
CEV-RJ - Mas, foi nessa época, ainda lá em São Paulo, ou logo que o senhor veio para cá, em 64, que se interessou pelo serviço de inteligência?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Ou alguém alertou o senhor e disse olha...
Malhães – Não
CEV-RJ - ...vamos te formar,
Malhães – Não,
CEV-RJ - ...vamos te dar instrução...
Malhães – Não. Ninguém me formou.
CEV-RJ - O senhor foi... Como é que foi isso, na sua vida assim?
Mlahães – Eu expliquei a você. Eu comecei a ser perseguido pelos comunistas.
CEV-RJ - Aqui?
Malhães – Aqui. Eu disse, porra, mas o que é isso? Eu segui a... obedeci os regulamentos do Exército, segui meu coronel. Eu não estou dizendo que sou contra eles. Por que eles estão dizendo que são contra mim? Aí eu via o major

S4 lá, ele mandava um bilhetinho para o sargento e o sargento ganhava uma casa.
CEV-RJ - S4 é o que, hein?
Malhães – É o que cuida de aprovisionamento, vamos dizer, do material.
CEV-RJ - Almoxarife?
Malhães – Não. São chega a ser um almoxarife, é mais do que um almoxarife um pouquinho.
CEV-RJ - Ai ele ganhava uma casa.
Malhães – Aí ele ganhava uma casa. Ele mandava para outro, ganhava um crédito. Eu disse, 'porra, que esculhambação é essa. Por que o quartel todo não tem direito a isso?' Ninguém me explicava o porque. Major Norosvaldo, eu lembro dele até hoje. Era o S4 do batalhão.
CEV-RJ - Mas, eles todos tinham uma hierarquia superior ao senhor na época?
Malhães – Tudo superior. Eu era, na época, eu era, eu era de... primeiro tenente. Aí, vim a ganhar um esquadrão para comandar. Eu gostava, já em Pirassununga eu comandava um esquadrão como aspirante.
CEV-RJ - Aqui o senhor ganhou esse poder de comando?
Malhães – Não. Já tinha ganho lá em Pirassununga. Aí, aqui eu fiquei comandante de um esquadrão e eles começaram a ver que eu tinha jeito para instrução, que eu tinha jeito para formar gente, mas não..., filosoficamente nunca formei ninguém lá. Depois, não. Depois em vim a formar. Mas, lá, não. Então, tudo quanto era curso eles me davam para fazer. Aí, mal ou bem...
CEV-RJ - Mas, o senhor, o senhor, de certa forma, o senhor dobrava eles? Por que eles não percebiam? O senhor percebia esse jogo do...
Malhães – Não, eu percebia e achava errado. Mas, eles não perceberam a minha atuação, o jogo inverso. Eles resolveram, 'joga tudo nas costas dele, joga tudo nas costas dele, joga tudo nas costas dele que ele não vai aguentar'. Eu quis mostrar que aguentava. Certo? Aí conheci, fora do quartel, por vizinhaça, por... um pessoal que era de direita realmente. Um tinha se negado a prestar continência para o Brizola – tem essas histórias complicadas que surgem - então foi mandado.., foi reformado da Polícia Militar.
CEV-RJ - Isso é bem mais tarde.
Malhães – É
CEV-RJ - Mas, o senhor foi, assim, se aproximando daquelas pessoas que tinham a mesma visão do senhor?
Malhães – Mesma visão que eu.
CEV-RJ - Que era a turma do MAC, que o senhor falou?
Malhães – É.
CEV-RJ - Mas, coronel, tá, isso alí antes de 64, antes, pouco antes isso aí?
Malhães – Pouco antes. Na época da revolução...
CEV-RJ - Mas era como se o senhor meio que estivesse na geladeira, ou não?
Malhães – É, é.
CEV-RJ - Mas, o senhor estava se...
Malhães – A... o dia...., na época da revolução eu ainda estava nesse batalhão. Estava em Realengo, coitado, eu vou me apresentar todo ano, olho para o

quartel e a minha mulher diz que eu choro. ‘As lágrimas estão descendo dos seus olhos’. ‘Não liga para isso não, isso é besteira minha’. Porque eu me recordo ali da minha vida de tenente. A guerra que eu fiz para botar aqueles carros para andar, a guerra que eu fiz para ensinar o pessoal. Então, eu chorava..., eu choro quando eu entro lá. Vai chegar agora, em abril, eu sei que eu vou chorar. Quando vejo aquilo tudo esbodegado, aquilo tudo um em cima do outro, aquilo tudo acabado e terminado. Porque ali eu tenho uma parte da minha vida, e ver,de repente, você olha assim e vê...
CEV-RJ - Mas, o senhor, nesse momento, já conseguiu identificar pessoas que tinham pensamento parecido com o senhor?
Malhães – Aí começamos a conversar.
CEV-RJ - Não deve ter sido fácil, não é coronel?
Malhães – Não. Até aí eu também não era muito é..., vamos dizer assim, atirado contra o outro lado.
CEV-RJ - Entendi.
Malhães - Eu não aceitava a atuação do outro lado, mas.... como o problema não era meu, era do comandante, eu...
CEV-RJ - Mas, aí, quando virou?
Malhães – Aí, quando veio a revolução..., eu já tinha tirado... o primeiro curso de informações que eu tirei foi no PIC da PE... Ali teve um pouquinho de... naquela época
CEV-RJ - Em 64?
Malhães – Antes de 64. Ali já teve um pouquinho de tereré no pé do ouvido. Aí, eu fui tirar informações, fui primeiro lugar no curso de informações do PIC da PE, na época. Aí quando voltei para o quartel me tiraram... me botaram de S2. O homem de informações do quartel...
CEV-RJ - Lá na Vila.
Malhães – Lá na Vila. Aí eu passei a trabalhar em informações.
CEV-RJ - Mas, já com o Frota?
Malhães – Já com o Frota.
CEV-RJ - Mas, coronel, o senhor, quis fazer isso? O senhor percebeu também que estavam vendo esse potencial do senhor?
Malhães – É. Tanto é que no dia..., vou lhe contar um fato interessante. Então, o meu esquadrão, fazia muito combate simulado, e tal, não sei o que, nós prendíamos, fazíamos um grupo prender o outro, aquele troço todo, é interrogatório, já tinha interrogatório, ‘aonde é que está tal unidade?’, e tal., não sei o quê. Aquela brincadeira, era uma brincadeira aquilo que eu fazia. Mas, eu era um oficial, vamos dizer assim, como é que eu vou dizer para você, era atirado? Não. Já era violento, nas coisas que eu fazia. Eu fazia treinamento com guerra..., com tiro real. Que, o meu quartel quase desmoronou porque eu tinha um soldado que não conseguia acertar o alvo, nem que ele quisesse. Eu fui, (ele) deitado, atirando deitado, dei três passos da boca do fuzil dele, abri as pernas e disse ‘o que você está vendo?’ ‘O alvo’. ‘Então atira agora, quero ver se você erra agora. Se você errar, você vai me acertar’. Então, isso teve uma repercussão assim... Mas, eu fiz naturalmente, eu não fiz aquilo com a intenção

de que fosse ter essa repercussão. Eu era um vibrador, é o que eu digo, eu..., essa vez... eu, no outro dia estava pensando, se hoje eu fosse um traficante, o tráfico já teria tomado essa cidade e, talvez até o Brasil. Porque ele não faz isso, por quê? Porque ele é como os subversivos, se dividiram em várias facções. Então, uma andorinha ...
CEV-RJ - Não há nada de crime organizado nisso.
Malhães – Não existe crime organizado. Existe um crime organizado de grupinhos. Embora tendo até a aula de revolução de Régis Debret, né? Pequenos grupos armados, né? Enfrentando a autoridade, desmoralizando a autoridade. Isso aconteceu na Nicaragua. Na Nicaragua foi assim que o cara derrubou o governo, pequenos grupos armados, que o povo, por medo ou por achar também que o governante não prestava, aderiram a esses grupos armados. Então, quando se viu, tinha uma revolução. O certo... grande ... a chamada teoria do foco, de Régis Debray. Então, isso também eu estudei. O maoísmo já é diferente. É você esmagar a cidade pelo campo. O campo esmagar a cidade. Isso que é o maoísmo. Daí todo mundo querer fazer área de guerrilha. Porque era o campo que tinha que esmagar a cidade. Já não era mais a cidade que se levantaria. E através do campo viriam hordas e hordas e hordas de comunistas, invadiriam as cidades, né? São as duas grandes correntes do comunismo. Quem não é Régis Debray, é maoísta, né?
CEV-RJ - Coronel, eu estava pensando aqui, coronel, neste tempo entre São Paulo e aqui.....
Malhães – Eu poderia ser ganho pelo outro lado. (37:23)
CEV-RJ - Mas, o senhor... quando o senhor fez esse curso de informação, o senhor era jovem, e ainda era antes, de 64. O senhor sabia já que tinham pessoas prestando atenção no senhor, o senhor também estava prestando atenção, o senhor...
Malhães – Isso é normal.
CEV-RJ - ... o senhor falou que vibrava com isso. O senhor achou que esse tempo foi muito longo ou o senhor estava esperando mesmo...?
Malhães – Não, eu nem sonhava com revolução.
CEV-RJ - Isso não passava, não era uma....
Malhães – Nem... Posso dizer a você que eu nem entendia direito o que era isso. Que podia haver um golpe de estado. Eu conhecia como golpe de estado, mas nos outros países, certo? Mas, no Brasil, eu nunca esperei a revolução. (38:24)
CEV-RJ - Mas, como o senhor estava se interessando por informações, no momento em que aconteceu, o senhor sentiu que podia contribuir com isso?
Malhães – Senti.
CEV-RJ - O senhor buscou isso, o senhor?
Malhães – Aí...
CEV-RJ - Principalmente na coisa do serviço de inteligência porque isso é, é
Malhães – Também fui pego meio de surpresa...
CEV-RJ - mas viram que o senhor tinha...
Malhães – Tinha.

CEV-RJ - ... jeito para a coisa.
Malhães – Tinha por... eu até digo a você, porque meio foi. Nós éramos de Realengo. Perdidos lá no fundo do subúrbio. A Divisão Blindada era ali no Palácio do Exército. Então, quando houve aqueles movimentos estudantis, aquelas passeatas, aquela série de coisas menores do que estão acontecendo agora, que são esses protestos, aí já são coisas mais complexas. Então, eu tinha me infiltrado, foi quando surgiu a história, acendeu a lâmpada de infiltrado. Eu peguei um garoto, um rapaz, disse para ele 'vem cá rapaz. Você não que ir para o Rio. Eu te pago, o quartel tem dinheiro para isso. Você participa e de lá você vai me informando de tudo o que você acha que é importante, que está acontecendo. Eles vão fazer isso, vão fazer aquilo, vão fazer aquilo outro'. E ele fazia isso, ele pegava o telefone, ligava do Rio de Janeiro para Realengo e eu ligava de Realengo para a Segunda Seção da Divisão Blindada. Aí, realmente, eles sentiram que eu tinha, pelo menos, um início de capacidade.
CEV-RJ - Isso foi o quê? 67? 68?
Malhães – É, o movimento estudantil foi mais ou menos nessa época. Depois é que eles se tornam mais direcionado para o comunismo, 69, 70...
CEV-RJ - E o senhor pensou isso sozinho, coronel? O senhor tinha certeza, isso vai dar certo, isso tem que dar certo.
Malhães – Não, eu tinha .. eu achava que ia dar, mas eu tinha que testar. É o que eu falo para minha mulher, sempre, a gente nunca sabe se uma coisa que a gente pretende fazer vai dar certo. Você tem que tentar para ver se isso vai dar certo.
CEV-RJ - Mas, essa ideia do infiltrado funcionou.
Malhães – Funcionou.
CEV-RJ - O senhor estava vendo que estava funcionando.
Malhães – Funcionou.
CEV-RJ - Mas, isso vem então antes de qualquer, qualquer orientação inglesa? O senhor falou que os infiltrados foram orientação inglesa.
Malhães – Não, eles...
CEV-RJ - Isso foi uma orientação sua. Um estalo de cabeçla seu.
Malhães – Não, nessa época... por que ninguém sabia também se falar que era infiltrado. Eu dizia que eu tinha posto um cara lá que me passava informações... (41:48)
CEV-RJ - Informante.
Malhães – Informante. Nem...eu acho que nem esse termo existia de informante.
CEV-RJ - Um olheiro, sei lá, qualquer coisa.
Malhães – Não, um olheiro, Mais típico de olheiro. Deu certo, aí sim, aí eu fui ser caçado para ir subindo de posição.
CEV-RJ - Essa época o senhor já tinha feito psicologia?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Quando é que o senhor vai fazer psicologia, só para eu me situar?
Malhães – Mais em Brasília.

CEV-RJ - Então, vamos voltar, aí o senhor foi caçado para subir...
Malhães – Aí eu fui caçado para tirar.... a revolução criou um curso de informações no CEP, que era o Centro de Estudos de Pessoal, que existia ali no Leme, no quartel do Leme. Então, eu fui... recebi a notícia do meu comandante, até muito chateado, disse 'pô Malhães, mandaram você se apresentar no Leme, na semana que vem, na segunda-feira. Para você se aprontar para ir para lá. Você vai tirar um curso de informações. Você peruou?' Eu disse, 'eu, não'. 'Pô, porque eu não queria perder você aqui, não sei o que'. Eles sempre têm esse papo, né?'. Você trabalha muito, então todo mundo quer você perto, porque... de você, né? Eu fazia uma série de ações, por exemplo, eu fazia teatrinho, no campo. Instrução noturna. Eu fazia teatrinho, fazia os carros de combate, posicionava eles de modo que eles iluminassem uma área e ali eu treinava com os meninos durante o dia, com teatrinho, soldado que dorme quando deveria ficar acordado para tomar conta do grupo dele, quais as consequências, o cara chegava, metralhava todo mundo. Isso eu fazia. Todo mundo achava aquilo espetacular.
CEV-RJ - Mas, o senhor sentiu como um reconhecimento ser convidado para ir para o Leme para esse curso?
Malhães – É. Não muito. Eu fiquei meio cabreiro. Aí eu cheguei no Leme, eu estava me separando da minha primeira esposa, cheguei lá no Leme, aí a primeira coisa, exame físico, exame de não sei o que, não sei o que, exame de psicotécnico. Aí eu fiz o exame. Mas, eu estava com a minha cabeça ainda meio tumultuada. Mas, fiz o psicotécnico. Aí, quando saiu o resultado do psicotécnico, o psicólogo que estava no quartel, que era um coronel, mandou me chamar e disse: 'Malhães, pelo o que eu observei, você será o primeiro aluno desse curso'.
CEV-RJ - Primeiro???
Malhães – Tirará em primeiro lugar. Eu digo, 'coronel, eu acho difícil. Eu tenho uma situação pessoal meio complicada. Estou em um estágio, assim, meio, não sei o que eu faço com meus filhos, não sei o que eu faço com minha mulher. Então, a minha cabeça não está voltada para isso'. Ele disse, 'não, mas pelo diagnóstico dos testes, você tem o QI mais alto. Você será o primeiro do curso'.
CEV-RJ - Foi o que aconteceu?
Malhães – Foi o que aconteceu. Aí eu resolvi lá a minha situação com a minha mulher, nos separamos, problemas das crianças, ih, um rolo danado. Problema da minha mãe, com a mãe dela, com ela ih... Mas, aí eu fui tirar o curso. Aí, no curso, não. O curso já era mais direcionado. Mostrando as coisas erradas do comunismo, mostrando esses exemplos que a gente hoje vê na televisão. Naquela época não tinha televisão. (inaudível) Mas, falando sobre isso e eu fui escutando. Ainda não tinha a história do lobo, das formigas e das abelhas não. Bom, aí fui, tirei o primeiro lugar realmente no curso, aí o general do Exército saí de S2 de um batalhão e passei a S2 de um Exército, E2 do Exército, para trabalhar na Seção de Operações. Aí tinha um coronel muito bom, quando eu cheguei lá, disse, 'olha, você foi o primeiro aluno e tal, então, aqui não tem

nada formado. Você sabe que uma Seção de Informações tem atividades de informações, atividades de operações, atividades de contrainformações. Isso tudo você aprendeu?'. 'Aprendi, sim senhor'. Então eu quero que você monte isso aqui, no meu bolicho aqui. Isso aqui é um bolicho.
CEV-RJ – Isso era ali no Primeiro Exército?
Malhães – Ali, no Palácio do Exército.
CEV-RJ - Ali funcionava o Primeiro Exército,
Malhães – Primeiro Exército.
CEV-RJ - Não funcionava mais o ministério do Exército. Já tinha mudado para Brasília?
Malhães – Não....já. Não, o Exército ainda funcionava ali.
CEV-RJ - Ainda funcionava ali.
Malhães – Foi por causa disso que eu dou o pulo seguinte.
CEV-RJ - E, na hora, o senhor não vacilou?...
Malhães – Não. 'Vou tentar', nunca digo vou fazer. 'Vou tentar'...
CEV-RJ - Não, mas o ir para informações lhe agradou? Pessoalmente, no íntimo?
Malhães – Agradou.
CEV-RJ - Porque o senhor falou que quando o senhor foi chamado para o curso o senhor ficou meio cabreiro.
Malhães – Mas, quando eu tirei o curso..
CEV-RJ - O senhor viu que tinha capacidade?
Malhães – Vi. Eu não tinha nem noção de como funcionava uma seção de informações, de grandes informações, final. Porque tinha a seção de informações pequenas dentro do... são aqueles que recebem os dados... aí eu tenho que dar uma aula de informações para vocês. Os informes são verdadeiros, os informes são falsos, a classificação dos informes que você dá: A1, A2, A3, FX. Sabe o que quer dizer FX? É o noticiário da imprensa. A gente classifica sempre a informação dada pela imprensa FX, idoneidade desconhecida, veracidade não identificada.
CEV-RJ - FX?
Malhães – FX. Tudo quanto é informação que vem da imprensa você põe e você que classifica o seu informe. Então você põe. Eu tirei do jornal isso, então vou botar FX.
CEV-RJ - O senhor foi para lá e já assumiu um papel de chefia.
Malhães – É. A seção de operações. Mas podendo meter a butuca na seção como um todo. Aí eu fui arrumando aquilo devagarzinho...
CEV-RJ - E vocês prestavam serviço ao gabinete do ministro ou ao...
Malhães – Ao comandante do primeiro Exército.
CEV-RJ - Primeiro Exército.
Malhães – Não tinha nada de gabinete do ministro.
CEV-RJ - Certo.
Malhães – Aí recrudesceu o movimento estudantil. O movimento estudantil levou um salto. Começaram as passeatas dos cem mil, duzentos mil, trezentos mil, e a gente ia à paisana, com carro civil, que era até... imitava que era da

Rádio Globo, né? tinha um negocinho da rádio Globo e tal. Entrava no meio, para não ter o carro destruído, né? a gente entrava no meio e estava informando à Rádio Globo o que estava acontecendo. Nada disso. Nós estávamos ligados ao Exército. Então aí começou... Aí acontece aquela missa...
CEV-RJ - Do Edson
Malhães - ... na Candelária...
CEV-RJ - Do Edson Luís[20].
Malhães – Do Edson Luís. Aí, eu disse, 'ficar aqui embaixo é a maior besteira do mundo. Então, vamos escolher um prédio desses, vamos escalar o prédio e vamos – escalar, no sentido de escolher – e vamos subir no prédio, ficar do alto'. Justamente era atrás, é bem atrás, em uma diagonal em frente à porta da igreja. Aí subi com a... tô trabalhando para o Exército. Aí, o rádio nosso era o mesmo que era do ministro, o rádio era a mesma frequência. Então nós começamos a controlar... e o meu chefe de seção, depois veio a ser oo meu general, ele era um tenente-coronel na época, ele era muito caxias, muito exigente, vamos dizer assim. Então, nós estávamos lá em cima, aí passou um helicóptero da Aeronáutica e aí achou que a gente era subversivos. Aí resolvera atacar a gente. Aí eu botei a boca no trombone. Mas isso também foi ouvido no gabinete do ministro. Aí o meu chefe disse assim: 'Não quero saber de história. Qual o efetivo de PM que está aí? O efetivo, quantos homens você acha que tem de rapazes, estudantes? Deixa esse negócio de que vão te atacar para depois'. Eu fiz até uma palhaçada, mas levei um esporro. ... Tava vendo (????) que nessa altura eu..... Aí eu dei os efetivos: tem uma companhia reforçada, isso eu sabia dos tempos dos meus estudos no Exército; Companhia Refe, aí dei, tudo em termos militares. O pessoal calculado – não 100 mil pessoas, na Igreja não tinha 100 mil pessoas, se tivesse 1.500 ou 2.000 tinha muito, porque você olhava e dúzia 'na porta da igreja não tem ninguém na porta da igreja'. Se tivesse sufocado teria gente na porta da igreja.
CEV-RJ - E tinha gente embaixo coronel, ou os senhores estavam só em cima?
Malhães – Estava só em cima. Tinha gente embaixo...
CEV-RJ - Modelo Realengo?
Malhães – É. Modelo Realengo. Não, modelo Realengo tinha. Mas aí eles falavam direto com a Seção, não me atrapalhava, pelo menos. O informante às vezes atrapalha. Aí quando acabou aquilo e tal, eu informei, a polícia entrou, botou...
CEV-RJ - A cavalaria .,..

[20] - Edson Luís de Lima Souto (Belém, 24 de fevereiro de 1950 — Rio de Janeiro, 28 de março de 19681) foi um estudante secundarista brasileiro assassinado por policiais militares, durante um confronto no restaurante Calabouço, centro do Rio de Janeiro. Na manhã de 4 de abril foi realizada um missa na Igreja da Candelária em memória de Edson. Após o término da missa, as pessoas que deixavam a igreja foram cercadas e atacadas pela cavalaria da Polícia militar com golpes de sabre. Dezenas de pessoas ficaram feridas. Outra missa seria realizada na noite do mesmo dia. O governo militar proibiu a realização dessa missa, mas o vigário-geral do Rio de Janeiro, D. Castro Pinto, insistiu em realizá-la. A missa foi celebrada com cerca de 600 pessoas.

Malhães – os estudantes para correr. Entrou a cavalaria, espadada nos garotos, e tal.... E o troço abriu. Aí, depois, os padres saíram na frente, né? Houve aquela movimentação, eu acompanhei os padres até aonde eu pude ver de onde eu estava. Aí, acabou aquele dia, encerrado, já tarde da noite – tarde não, mais ou menos. Eu fui, voltei para o quartel, para o Primeiro Exército, e lá chegando estava o comandante do Primeiro Exército, junto com o meu chefe. Aí eu fui chamado no gabinete dele. Eu fui para a Seção, guardar equipamento, rádio, o troço todo, binóculo, máquina fotográfica à distância, o que nós tínhamos levado. 'Aí, Malhães. Tu está sendo chamado lá no gabinete do comandante do Primeiro Exército'. Digo, 'já sei que foi aquela porra do helicóptero. Eu devo levar um esporro daquele (inaudível)'. Aí chegou lá, o cara foi bem ao contrário, 'Meus parabéns, nunca tinha visto um trabalho desses'. Aí eu me senti mais orgulhoso ainda, não tinha levado esporro, né? Eu me senti melhor. Aí, no dia seguinte, o coronel deu um dia de folga, dois dias de folga, eu sei que nós fomos para casa...
CEV-RJ - O comando nessa época era o Sizeno Sarmento, já?
Malhães – Não.
CEV-RJ - 68, 69?
Malhães – É, o Sizeno Sarmento. Eu vou me perder um pouco na identificação das pessoas. Ainda estou com lapso...
CEV-RJ - O ministro do cachimbo...
Malhães – Do charuto... Era o Lyra Tavares. Do charutão, era o Lyra Tavares. Fumava um charuto que não tinha mais tamanho.
CEV-RJ - Aí, o senhor teve folga e depois?
Malhães – Quando eu cheguei, o coronel me chamou e disse, 'lamentavelmente eu vou perder você'. 'Mas, outra vez? Para aonde vão me mandar agora? Para a Amazônia, de castigo?' 'Não, você vai se apresentar no CIE. O CIE está em formação e eles escutaram.. Tudo o que você falou, tudo o que você fez, tudo o que você mandou fazer, tudo que... e resolveram te transferir para lá. Foi a primeira vez que eu entrei no gabinete de um ministro.
CEV-RJ - Aí, era o Adyr Fiúza de Castro ou era o Milton?
Malhães – Não. Não. O Adyr foi ser chefe do CIE.
CEV-RJ - Então. Estou dizendo, chefe do CIE era o Adyr.
Malhães – O Adyr. Aí eu fui para lá, me apresentei a ele, e tal, não sei o que...
CEV-RJ - Coronel, mas quando o senhor foi, o senhor carregava essa vibração?
Malhães – É, Mas, toda vez que você muda de chefe, a situação é inesperada...
CEV-RJ - É uma provação, né?
Malhães – É. A situação é inesperada. Aí, cheguei lá, me apresentei ao Adyr Fiuza de Castro. Ele: 'tem ótimas informações suas, o ministro me recomendou você pessoalmente e eu queria que você trabalhasse no gabinete'. Ainda era D-2 do ministro. Não era ainda CIE.
CEV-RJ - Muitos, junto com o senhor, coronel?
Malhães – Não.

CEV-RJ - Nessa mesma função?
Malhães – Fui só eu. Fui só eu, nessa época fui só eu. Tinha pouca gente lá, como sempre teve. Lá não era lugar... Brasília é que ela cresceu muito, mas, aqui era pouca gente.
CEV-RJ - Mas, os seus colegas Perdigão, Paim, não sei quem mais já estavam lá ou eles entram depois?
Malhães – Aí..., Não. Eles entram depois. Quem estava lá, que eu me lembre...
CEV-RJ - Brant. O Brant?
Malhães – O Branzinho já estava lá.
CEV-RJ - Quem mais estava lá?
Malhães – Eu acho que o Sampaio já estava lá.
CEV-RJ - Paim Sampaio?
Malhães = É. Aí eu entrei lá. 'Oi, Malhães, seja bem-vindo, e tal'. Os caras..., o ambiente ficou bom. Aí, o cara da contrainformação, que era o coronel mais antigo...
CEV-RJ - Quem era?
Malhães – Ah, não me lembro o nome. Já morreu, há muitos anos. Mas, esse era de direita...
CEV-RJ - Vacinado.
Malhães – ...Vacinado. De sangue azul...
CEV-RJ - Da realeza.
Malhães – ...da realeza. Esse era. Aí, o chefe do serviço de contrainformações falou para mim, 'Malhães pediram para você fazer um estágio lá na contrainformações'. Eu já sabia que era para eu ficar lá. Aí, fui eu para lá, ele me explicou a ideia dele qual era fazer da seção, não sei o que, e tal.
CEV-RJ - Isso o senhor ainda era tenente ou já era capitão?
Malhães – Já era capitão.
CEV-RJ - O senhor chegou a capitão quando?
Malhães – Só lendo nas alterações...
CEV-RJ - Coronel, mas aí ele puxou o senhor para lá, para a contrainformação.
Malhães – Para lá. Aí eu fiquei lá. E lá eu desempenhei várias funções. De contrapropaganda, fiz tudo que a contra fazia. Fiz propaganda, contrapropaganda. Aprendi a fazer panfleto, sem querer acabei com a candidatura de um general à presidência do Clube Militar.
CEV-RJ - Acabou o quê? Não entendi.
Malhães – Acabei com a candidatura de um presidente .... porque, aí foi que começou o grampo telefônico. Coitadinho, tinha dois grampos só.
CEV-RJ - Hein?
Malhães - Só tinha duas linhas telefônicas. Então, eu não tinha nada com a escolha das linhas. As linhas, quem escolhia, eu não sei quem era, se era o coronel, era o general. E eles escutaram... tinha um advogado, que ficou sendo ouvido porque ele era o principal articulador do outro general à presidência do Clube Militar. Não me pergunta nomes, porque eu não me lembro. Aí eu fiquei escutando. Aí, o cara tinha mil e uma amantes, né? O cara era um garanhão.....

CEV-RJ - O advogado ou o general?
Malhães – O advogado. E era muito gozado né? Eu achava gozado o papo dele e tal....
CEV-RJ - Foi muito tempo, coronel? Essa sua formação lá na contrainformação?
Malhães – Não, o trabalho não foi muito tempo não. Aí, estava essa candidatura, brigando, um general querendo ser, e o general, aí da revolução, querendo ser também. Os dois disputando. Aí, um dia, o cara arranjava tanta mulher, que um dia eu resolvi sacanear ele. Assim, por conta própria. Telefonei para ele e comecei a dizer., 'você vai comer os bolinhos hoje que a fulana fez? Vai fazer isso que a sicrana fez?' Fiquei sacaneando ele. O cara ficou...
CEV-RJ - Sem se apresentar.
Malhães – Sem se apresentar. O cara ficou apavoradíssimo e descobriu que estávamos escutando ele. Em consequência ele forçou o general – ele já sabia que eu ia levantar podres dele que não tinha mais tamanho - aí forçou o general a renunciar. Eu fui até... fui acompanhando o coronel da contrainformação, para prender ele, na saída do Clube Militar. Ainda vim sacaneando ele no carro. Aí, o coronel disse 'Malhães, o que você fez?' Eu disse, 'só isso. Telefonei para ele, não me identifiquei, e mostrei que conhecia a vida dele de trás para frente e de frente para trás'. 'Você acabou de salvar uma guerra. Porque ninguém sabia como tirar o general de candidato a ...' "Eu sei que cometi um erro, né? 'Não. Não cometeu erro, não'.
CEV-RJ - Foi um acerto.
Malhães - Foi um sucesso. Aí passou a ser sucesso. Era um erro, mas passou a ser sucesso. Aí que meu cartaz subiu mais ainda. Aí o cara de operações disse, 'Não, esse garoto é comigo'.
CEV-RJ - E o outro general ganhou o Clube Militar?
Malhães – Ganhou.
CEV-RJ - Quem era ele, o senhor lembra?
Malhães – Ah, não.
CEV-RJ - Isso foi pós 68. Depois da missa.
Malhães – É, depois de 68.
CEV-RJ - Ainda Costa e Silva, já estava no Médici, ou estava a Junta? Porque o Aurelio participou da Junta Militar, né?
Malhães – Não, mas eu acho que ainda estava a.. estava a Junta.
CEV-RJ - Estava a Junta.
CEV-RJ - Coronel, essa coisa aí da sua experiência na contrainformação. Estavam apostando muito no senhor, né? E em alguns outros também. O senhor falou que não eram muitos, mas ... É... quando o senhor falou aquela ideia que o senhor disse lá de Realengo, que eu falei aqui modelo Realengo, ah, quando que o senhor conseguiu dar execução prática, não no modelo de infil... de.. de infiltrado .... mas, aquela ideia da teia, né? como o senhor começou a identificar..., esse serviço de contrainformação foi o que...
Malhães – Foi, mais ou menos...
CEV-RJ - ... a entrada para o senhor começar a ver que..

Malhães – Foi, eu aprendi...
CEV-RJ - Porque, o senhor falou, identificou as organizações, como é que, como é... ... foi depois disso que o senhor tava, agora 'eu estou preparado'.
Malhães – Foi. Porque logo depois vem...
CEV-RJ - Ou teve outros cursos, enfim, só para ...
Malhães – Não. Logo depois veio o movimento estudantil, não. Aí, já o movimento comunista propriamente dito. Foi nessa época que ele falou...
CEV-RJ - Pós junta.
Mahães – Pós junta. Que a junta todo mundo foi até contra. Porque achava que a junta não devia ter trocado os presos pelo embaixador...
CEV-RJ - Mas isso aí já é 70. O primeiro sequestro é dezembro[21]
Malhães – Mas é a junta....
CEV-RJ - dezembro de 70, de sessenta e... É a junta
Malhães – É a junta militar
CEV-RJ - Que no segundo sequestro, endurece.
Malhães – Então, nós tínhamos um plano, aí já começa o MAC a entrar em ação. Esse chefe da minha contrainformação, que eu disse para você que tinha sangue azul na veia, é que montou o MAC. Ele pegou eu..., vou dizer só o meu nome. Pegou eu e outros membros da seção de operações, contrainformação cresceu, aí ele criou o caso de a gente se opor às atividades subversivas como guerrilheiro. Aí eu fui guerrilheiro. Aí que eu estava falando para ela, no começo. Saber qual é a guerra? como é a guerra? é importante.
CEV-RJ - Mas, o senhor foi ser guerrilheiro à parte do trabalho...
Malhães – À parte do trabalho. Guerrilheiro a gente levantava onde os subversivos iam se reunir, onde iam e bagunçava o correto deles...
CEV-RJ - Com bombas...
Malhães – Com bombas, fogo, a gente botava fogo também. Faziam aqueles cartazes grandes, a gente botava fogo naqueles cartazes... Fazia um auêzinho...
CEV-RJ - Desses auês, qual o maior que o senhor lembra?
Malhães – A bomba da exposição Russa[22].
CEV-RJ - Voces puseram uma bomba na exposição russa para ..
Malhães – É, não chegou a explodir, né? Mas a bomba foi colocada.
CEV-RJ - São Cristóvão, né?
Malhães – É. Por que aí...

[21] - O primeiro sequestro, na verdade, ocorreu em setembro de 1969, tendo como vítima o embaixador americano no Brasil Charles Burke Elbrick, Desde agosto o país era governado pela Junta Militar que aceitou trocar o embaixador por 15 presos políticos: Luís Travassos, José Dirceu e Vladimir Palmeira, líderes estudantis; José Ibrahim, líder sindical operário; Flávio Tavares, jornalista; Gregório Bezerra, dirigente do PCB em Pernambuco e um dos primeiros presos após o golpe militar; Onofre Pinto, dirigente da VPR e ex-militar; Ricardo Vilas Boas, músico e integrante da Dissidência/MR-8; Ricardo Zaratini, engenheiro ligado a movimentos sindicais do Nordeste; Rolando Fratti, do PCB; Agonalto Pacheco, da ALN; Mário Zanconato, do COLINA;Ivens Marchetti, do MR-8; Leonardo Rocha, da ALN e a única mulher do grupo, Maria Augusta Carneiro, do MR-8 e da Dissidência.
[22] - A bomba na Exposição Russa, promovida pela embaixada daquele país mno Rio de Janeiro, ocorreu em 1962, portanto mais de seis anos antes dos fatos relatados aqui pelo Coronel Malhães;

CEV-RJ - Mas e aí, quando o senhor falou assim, vou falar de mim de mim, mas que, naquele momento ali da formação do MAC, já havia a necessidade de começar a mapear as organizações?.
Malhães – Já...
CEV-RJ - Vocês já tinham isso?.
Malhães – É aí que a gente aprende a fazer a famosa teia. A aranha. Que é as bolinhas.
CEV-RJ - Mas, o senhor saiu da contrainformação já... logo em seguida o senhor...
Malhães – Com isso na cabeça.
CEV-RJ - -... começou a colocar em prática.
Malhães – Começou a colocar em prática. Então, ele foi utilizado não com muita importância. O pessoal não dava ... Então é... não com tanta intensidade como foi depois...
CEV-RJ - Mas já estava ...
Malhães – O mapeamento já era feito, porque a gente raciocinava do seguinte jeito; a gente mapeava, pegava um chefe, dois chefes, que a gente pegasse no arco (???? - som ruim) né? Então a gente escolhia, não vamos derrubar todo mundo. Vamos derrubar um pedaço da estrutura. Aí prendia um pedaço da estrutura. O resto continuava funcionando, aí é que eles corriam mais e pega o pato... juntava mais gente ainda. E foi, desta forma, até o fim, que foi se derrubando as organizações profissionais (???? Som muito baixo)..
CEV-RJ - Mas, este prender parte da estrutura, coronel, o senhor pode falar quais foram as organizações que o senhor conseguiu identificar. O senhor e os seus colegas na época. Tem essas mais famosas, mais conhecidas. Mas..., também não eram tantas assim. Não eram tantas. Isso o senhor mesmo reconhece. Mas se o senhor pega metade da estrutura, o senhor prende eles, o senhor me falou dos motoneros e tal, dessa prática de prender, que não dava para prender todo mundo. Mas, a prisão, era nessas estruturas oficiais, no primeiro momento?
Malhães – Ah, era.
CEV-RJ - Susto no DOI-CODI, susto no CISA...
Malhães – Tudo, não tinha...
CEV-RJ - Ainda não tinha nada daquelas ...
Malhães – Não, não.
CEV-RJ - Plano Serra.
Malhães – Não. Nós não tínhamos... Aí que nós fomos aprender fora...
CEV-RJ - Mas é isso.. Prende parte, dá uma enfraquecida,
Malhães – e deixa eles continuarem...
CEV-RJ - Mas, como estratégia?
Malhães - Como estratégia. A tática era derrubar parte. E a estratégia era deixar continuar... Era como se você pegasse uma comeia de abelha, tirasse um pedaço dela, como agente tira, eu já criei abelha, você tira, para pegar o mel, né? e deixa o resto para a rainha ir formando nova estrutura de abelha

para suportar o peso daquela perda. Então nós começamos a fazer isso. Até aí.... Mas, até aí, a gente, nem era a gente que prendia. E por incrível que..
CEV-RJ - Era a PM, o DOPS, essa turma, não?
Malhães – Era O DOI. Aí já era o DOI. O DOPS, se fosse o caso. Porque, por incrível que pareça...
CEV-RJ - Mas, a polícia. Polícia
Malhães – Polícia. E eles iam responder inquérito. Isso eu sempre fiz. Eu achava que o cara tinha que ser encaminhado para responder o seu inquérito. Quando o troço virou guerra, guerra mesmo, é que as coisas mudaram. Porque a gente também foi aprender fora, alguma coisa. Aí os perfis das prisões daqui mudaram; a forma de contato com os presos mudaram; surgiu a necessidade de aparelhos; porque – isso foi uma grande lição que eu aprendi – o que causa maior pavor, não é você matar a pessoa. É você fazer ela desaparecer. O destino fica incerto. O seu destino como... fica incerto. O que aconteceu, o que irá acontecer comigo? Eu vou morrer? Não vou morrer? Entendeu? O pavor é muito maior com o desaparecimento do que com a morte. A morte, não você vê o cadáver do cara, o cara ali, acabou, acabou. Não tem mais... mais o que pensar nele. O meu destino, se eu falhar, vai ser esse. Já quando você desaparece – isso é ensinamento estrangeiro – quando você desaparece, você causa um impacto muito mais violento no grupo. Cadê o fulano? Não sei, ninguém viu, ninguém sabe. Como? O cara sumiu como?
CEV-RJ - O senhor lembra o primeiro, coronel, que deu....?
Malhães – Não.
CEV-RJ - O senhor não precisa dizer nomes, assim. Se o senhor não lembrar nomes, mas ...
Malhães – Não, mas não me lembro mesmo.
CEV-RJ - Organização?
Malhães – Organização, se não me engano, foi o PCdoB. Apesar que tinha vários, VPR, tinha a VAR, tinha organizações até mais agressivas do que o PCdoB.
CEV-RJ - E por que foi o PCdoB?
CEV-RJ - Mas, é isso, coronel, prende, era DOI-CODI, DOPS e a polícia prende.
Malhães – Aí, vai responder inquérito.
CEV-RJ - Mas em um trabalho combinado com os senhores?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Ou o DOI-CODI prendia porque estava atrás?
Malhães – Não. O DOI CODI fazia as operações internas. Para isso era Departamento de Operações Internas.
CEV-RJ - O DOI só funcionava como DOI no primeiro momento.
Malhães – É.
CEV-RJ - Mas, coronel, os interrogatório, as informações, arrancadas dos presos isso interessava muito para o senhor, ou não?
Malhães – Interessava, isso vinha pra gente.
CEV-RJ - Mas, vinha .....

Malhães – Escrito .
CEV-RJ - Não era de boca?
Malhães – Não. Tanto é que você fala muito no Rubens Paiva – você, não, ele – e eu nem conhecia o Rubens Paiva.
CEV-RJ - Entendi.
Malhães - Eu estava tentando me lembrar, vem cá esse cara apareceu aonde? ele fez o quê? Porque eu nem me lembrava do Rubens Paiva. Quando ele disse, 'não, a Inês Etienne disse que ele estava lá'. Isso é impossível. Seu ele estivesse tido lá eu teria sabido[23]. Porque a Ines Etienne chutou muita coisa, né?. Se aproveitou da situação dela e saiu... Não, quando é que um carcereiro vai entregar para ela quem esteve ou quem não esteve. É um troço fora do propósito, né. Então aquilo que ela fala, 'não, eu vi fulano tudo', aquilo tudo é....
CEV-RJ - Da mesma forma que o Ronald Leão entregou o senhor para a outra.
Malhães – É, mas aí, aí é nornal. Também acho normal. Nós somos totalmente desestruturados, até hoje. E se jogou fora uma estrutura que estava nascendo. É isso que eu não concordo.
CEV-RJ - Coronel, mas o modelo prisão, ele serviu? Balança metade da estrutura, e deixa eles tomarem um fôlego, acharem que eles estão...
Malhães – Deixa eles começarem a se mexer, porque você toma, derruba um bocado, todo mundo some. Você passa a abiscoitar os caras que sobraram, eles ficam todo mundo quietinho, em seus casulinhos...
CEV-RJ - Mas, essas prisões, é isso que eu preciso entender, coronel, estou dispostas a fazer perguntas aqui que o senhor vai achar que eu não estou ligada.
Malhães – Não. Pode
CEV-RJ - Mas aí, as prisões elas ajudavam essa parte. As informações arrancadas desses presos, ajudavam a identificar os soltos?
Malhães – Ajudavam.,,
CEV-RJ - E aí, a estratégia do senhor não era prendê-los?
Malhães – Não. Era aproveitar a importância deles, se fosse declarado, 'ah fulano é regional', um exemplo. Então, a função daquele regional que está em uma bolinha lá, apagada, apagada, triste... Ninguém dava bola para aquela bolinha. Ela crescia de importância, passava-se a acompanhar o personagem, para ver, já que ele era regional, qual era o elo de ligação dele. Que era mais importante, do que acompanhar de um pé de chinelo. Certo? Eu falo pé de chinelo parece uma expressão, mas não é...
CEV-RJ - Mas, nesse período que não tinha os infiltrados, essas informações eram tiradas na base do pau?
Malhães – É, deviam ser. É o que eu digo para você, tem que entender o que é guerra. Você sabia como é que os japoneses interrogavam os americanos?
CEV-RJ - Não.
Malhães – Eles têm ou usam, alguns deles, umas facas afiadíssimas, então eles iam cortando a pele do cara. Não cortavam fundo não, cortavam só...

[23] - "Isso é impossível. Se ele estivesse tido lá eu teria sabido". Essa frase é um forte indício de que ele sabia de todos que passaram pela casa da Morte.

CEV-RJ - Escalpelando.
Malhães – ... a quantidade de dor que você sente, pela quantidade de nervozinhos atingidos por aquele corte é um troço surpreendente. Tanto é que quando eles entravam onde estavam os americanos que tinham sofrido isso e não tinham morrido, os americanos gritavam e pediam pelo amor de Deus para eles matarem eles. De qualquer maneira ele iam morrer. Porque se você fizer isso em mais de 70% do seu corpo, você morre.
CEV-RJ - Essa técnica foi usada aqui?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Coronel, mas nessas prisões assim...
Malhães – Isso é do japonês. Enfiar um bambu queimando na unha. Isso é técnica do japonês, não tem nada a ver com a gente.
CEV-RJ - Não foi usado isso aqui. Coronel, nesses interrogatórios das prisões, era importante às vezes, ter gente da equipe de vocês ou não era necessário, o pessoal do DOI, eles estavam preparados e a polícia...?
CEV-RJ - Não, às vezes a gente descia.
CEV-RJ - Mas, aí... a seleção era assim, a importância do preso?
Malhães – A importância do preso. O que eu falei para você, pé de chinelo, ficava o DOI.
CEV-RJ - Quando é que o CIE prendia, quando é que o DOI prendia? Como é que vocês faziam essa diferença?
Malhães – O CIE dificilmente prendia. O CIE passou a prender quando a quantidade de informações era tão grande que foi preciso criar uma equipe de combate. Porque nós não tínhamos uma equipe de combate. Nós tínhamos equipe de informações, que aprenderam a manipular informações. Não a entrar em combate. Mas quando foi preciso a gente entrou em combate.
CEV-RJ - Na linha do tempo, o senhor determina isso mais ou menos? Governo Médici, Orlando Geisel, governo..., inicio do governo Médici?
Malhães – Não, no meio do governo Medici, foi quando a ditadura – para usar a sua expressão – foi a mais violenta que pode existir.
CEV-RJ - Coronel, tudo isso aí que o senhor está falando é antes da ideia...
CEV-RJ - Do aparelho?
Malhães – É aí...
CEV-RJ - Dos disfarces, do...
Malhães – Aí surgem a ideia, que vem de fora, a ideia dos aparelhos...
CEV-RJ - Mas isso, era porque, assim, do jeito que estava sendo feito...
Malhães – Não dava saída. Entupiu o tubo. Nós não tínhamos ...
CEV-RJ - Leva todo mundo para o DOI-CODI da Barão de Mesquita, bota quinze lá... sei lá.
Malhães – Aí, os cara saíam cobrindo de porrada, nego de ponta a ponta, porque eles não tinham tempo. A porrada também foi muito provocada por causa disso....
CEV-RJ - Porque era ...
Malhães - Que inventam que tinha cadeira do dragão, pau de arara... Pau de arara existe porque a polícia faz até hoje, o pau de arara.

CEV-RJ - Cadeira do dragão, não? Tem gente que sentou nela.
Malhães – (silêncio) A cadeira do dragão é o lugar aonde o cara toma choque...
CEV-RJ - É
Malhães – Então, não existe cadeira do dragão.
CEV-RJ - Mas, aí coronel, a ideia vem um pouco disso, não dava vazão. Tinham os presos que vocês conseguiram tirar algumas coisas, teve outros que não deu para arrancar nada?
Malhães – Mas, aí ficava por conta do encarregado do inquérito.
CEV-RJ - - E aí teve uns que...
Malhães – É, aí até por incompetência. Pelo que ele me contou do Rubens Paiva, eu não conhecia muita coisa, não conhecia porque nunca me interessei, isso foi um problema do DOI que aconteceu, eu tive uma participação, a participação então....
CEV-RJ - Mas, depois, não foi...
Malhães – ... É muito fora. Não tinha nada a ver com Rubens Paiva. Eu não me lembrava desse nome. Eu dizia Rubens Paiva? O que esse cara fez? Nunca passou esse nome, passou nos meus papéis. Por quê? O que aconteceu? Por que foram acabar matando ele? Antes eu não tinha me interessado muito. Aí, ele era um deputado...
CEV-RJ - Cassado
Malhães – Cassado. E ele participava de apoio às organizações comunistas, era isso?
CEV-RJ - Tinha contatos, não sei que tipo de participação ele tinha.
Malhães – É, esse tinha contatos é muito relativo. Eu conheci uma porção de gente que 'tinha contatos', eu 'tinha contatos' (ironizando).Tinha contatos, mas na realidade ele participava.
CEV-RJ - Não, não sei se ele participava.
Malhães – Também não sei.
CEV-RJ - As informações que eu tenho é que não, ele tinha contatos.
Malhães – Porque, aí... então, eu, se o que você diz é verdade, eu achei uma estupidez o que fizeram com ele.
CEV-RJ - Um acidente, coronel? Erraram a mão?
Malhães – Não. Não é bem isso.
CEV-RJ - O que é?
Malhães – É, o cara está desgastado demais, ou o cara naquele dia – desculpe a expressão -, a mulher dele dormiu de calça, ou o cara teve um outro problema qualquer. Então, naquele dia, ele entrou no quartel soltando faísca pelos olhos, jogando brasa pela boca. Então ele não tem a medida certa. Nem interessa muito que o cara fale muito...
CEV-RJ - Isso o senhor está falando do ....
Malhães – Do interrogador. Que nem sempre quem prende é quem interroga. Raramente não é. É uma equipe especialista em interrogatório, dita especialista em interrogatório. E a equipe dita especialista em prisão. São dois tipos. Então o cara prende...
CEV-RJ - Leva..

Malhães – Leva e entrega ao interrogatório. O DOI então isso era bem dividido. O DOI tinha as salas de interrogatório e a operação acho que funcionava lá na frente.
CEV-RJ - Coronel, mas nesse caso dele ai, que o senhor estava falando, por que foi o CISA que prendeu o deputado e depois entregou para o DOI-CODI?
Malhães – Porque o CISA não tinha estrutura ...
CEV-RJ - Não tinha lá no Galeão, na Base Aérea?
Malhães – Mas não era uma estrutura de especialistas, Porque o CISA não formou muita gente em informações. A Marinha, não. A Marinha formou. A Marinha tinha bons caras de trabalho. O CISA tinha bons amigos. Eu tinha amigões no CISA.
CEV-RJ - E aí vinha uma outra pergunta. O senhor mesmo falou que o CISA o senhor ajudou a criar e o senhor fala que o DOI era uma estrutura abaixo. O DOI era Primeiro Exército e os senhores eram gabinete de ministro. Por que o CISA entrega ao DOI e não ao CIE?
CEV-RJ - Porque o CIE não deve ter querido, não ter aceitado ele, por algum motivo que eu não sei qual foi...
CEV-RJ - Sim, mas foi direto lá para a a Barão de Mesquita?
Malhães – É o que eu digo pra você, eu gostaria profundamente de conhecer a história desse deputado, para mim saber, o que que realmente, o que que ele devia tanto?
CEV-RJ - Mas, o senhor sabe qual era a importância dele para o regime? Do que ele estava sendo acusado?
Malhães – Não, não.
CEV-RJ - O senhor lembra disso, da época?
Malhães – Não. Eu não dava muita bola para quem era preso pelo DOI nem o que o DOI fazia. já tinha havido alguns atritos, alguns disse me disse. Fizeram queixa do DOI para o CIE, fizeram queixa do CODI para o Primeiro Exército, então isso..., no ministro, então isso... Tanto é que esse Walter, o outro Pires,...o segundo Pires...
CEV-RJ - Walter Pires
Malhães - ... ele, abriu uma coisa interessante. Ele teve a iniciativa de dar 50 mil pratas a um preso para levar até a reunião em São Paulo, e nós não sabíamos.
CEV-RJ - Que Walter Pires é esse?
Malhães – São dois Walter Pires.
CEV-RJ - Um que foi ministro.
CEV-RJ - Mas, depois..
Malhães – Os dois foram ministros. Um já foi ministro do reviravolta, que é o último.
CEV-RJ - Do Fernando... do Figueiredo.
Malhães – Não, do Figueiredo era barra pesada. O Walter Pires outro, os dois tem sobrenome diferentes. É Walter Pires alguma coisa, Walter Pires e alguma coisa. Mas os dois o nome é Walter Pires. O Walter Pires, Walter Pires, o primeiro Walter Pires, era um homem duro. Mas, ele também julgava muito. Era

um homem mais sensato. O segundo Walter Pires é um idiota. Digo isso na cara dele, e já disse. Já disse uma vez. Em uma reunião no Comando do Segundo Exército, com uns cem oficiais reunidos. Eu disse isso. Foi por causa disso que a primeira coisa que ele fez foi me mandar embora. Lembrou todas as datas que eu entrei em choque com ele, que eu nem me lembrava mais. Eu entrei várias vezes em choque com ele e por ultimo eu o chamei de idiota.
CEV-RJ - Eu não estou lembrando que outro ministro foi esse sem ser o do João Figueiredo.
Malhães – É o... Leonidas Pires Gonçalves.
CEV-RJ - Ah, então é Leônidas Pires Gonçalves, ministro...
Malhães – Perdão, perdão...
CEV-RJ - ministro do Sarney.
Malhães – Ministro do Sarney. Me perdoe.
CEV-RJ - É Pires, também, mas não é Walter.
Malhães – Ele era Pires. Lapso de memória eu misturei os dois Pires.
CEV-RJ - Perfeito, agora está consertado
Malhães – Então, esse Leonidas Pires foi o iniciador do fim do Serviço Secreto.
CEV-RJ – Mas, isso já lá na Nova República...
Malhães – Lá no final. Nova República.
CEV-RJ - Mas, coronel, voltando ali para o que o senhor falou. Quer dizer, a polícia prendia, levava para o DOI, enfim. Não era quem prendia quem necessariamente interrogava, eventualmente, coronel, vocês poderiam ter uma atuação no momento do interrogatório. Mas, vocês esperavam as informações. Isso era praxe coronel?
Malhães – É. Porque a sala de...
CEV-RJ - Era comum a entrada no DOI-CODI, não?
Malhães – Não, a gente podia entrar tranquilo lá, não tinha grandes problemas não. Porque a sala de interrogatório, por exemplo, era aquele quarto, e o quarto de cá era o controle do interrogatório. Tem um vidro de visão única, você só via daqui para lá e não vê de lá para cá, em que você escutava o que estava acontecendo. Então você acompanhava, né? Você acompanhava, às vezes dava um palpite para o interrogador, porque o interrogador tinha um fone no ouvido. 'Pergunta isso assim, assim a ele'. Mandava um pitacozinho. Mas, aí quando você assumia o preso, aí sim, você era o interrogador. Podia até depois largar ele lá mesmo, que ficava lá mesmo, sendo interrogado lá mesmo. Você podia assumir o preso. Mas, era porrada, esse troços todos... eu, por exemplo, não era fã. Eu dava. Meu começo da minha vida foi de interrogador que todo mundo foi. E como serão os futuros.
CEV-RJ - Mas, o senhor foi aprendendo que tinha técnicas melhor?
Malhães – Mas, a gente vai crescendo e aprendendo. Não foi assim desde pequenininho que você começou? Então, existia técnicas melhores. Mas, a porrada cantava.
CEV-RJ - No caso, se o CISA tivesse entregue o Rubens Paiva ao CIE o senhor teria sabido na época?
Malhães – Ah, teria.

CEV-RJ - O senhor acompanha noticiário, hoje, de jornal, por televisão e por jornal.
Malhães – Mais...
CEV-RJ - O senhor lê o Globo do Chico Otávio, ainda?
Malhães – Não leio não. Nem sei as ultimas reportagens que ele fez.
CEV-RJ - Não, as últimas que eles fizeram é que seu amigo Ronald Leão antes de morrer, mandou uma carta, dizendo que ao ver o Rubens Paiva e se aproximar dele no quartel, estavam lá seus colegas Paim e Perdigão e disseram 'não, esse é preso importante do CIE'.
Malhães – Não. Não acredito nisso não. Ele podia não gostar do Paim.... (dá uma pausa pensando) Como é que eu vou te dizer qual era personalidade do Ronald Leão? Era um sujeito fraco de personalidade. Ele era muito não me toque, muito fresco. A minha definição dele era muito fresco. Porque tudo era ele que fazia, era ele que... então, eu achava ele muito fresco. Mas, não sei se eu estaria lá no lugar. Porque eu tinha os aparelhos para tomar conta. Né? Eu tinha meus presos para tomar conta. E assim mesmo ocorriam furos. Não de fuga, nem de nada. Furo de porrada, furo disso, furo daquilo. Então, eu já tinha muita coisa na minha cabeça. Então, podia ser... ou fosse o Perdigão, ou fosse o Paim. Porque tudo se resume em cinco oficiais. Eu vou botar mais dois, sete onde nasceu o resto. São sete oficiais só.
CEV-RJ - Do CIE?
Malhães – Do CIE, onde nasceu...
CEV-RJ - A gente já conhece Perdigão....
CEV-RJ - Eram poucos? Esses setes?
Malhães – Muito poucos para o contingente que tinha.
CEV-RJ - Mas, quem eram esses setes?
Malhães - Vai dizendo.
CEV-RJ - Perdigão, Brant...
Malhães – Brant
CEV-RJ - Malhães
Malhães – Malhães
CEV-RJ - Paim
Malhães – Paim. Falta um.
CEV-RJ - Pois é esse um ...
Malhães – Então fica sem saber quem é esse um.
CEV-RJ - Então, o senhor pode contar. Tá vivo, ainda?
Malhães – Acho que não.
CEV-RJ - Não, deve estar morto.
CEV-RJ - Então, conta logo.
Malhães – não
CEV-RJ - E o co.. todos eram capitães?
Malhães – É, o Paim já era major. O resto era tudo capitão.
CEV-RJ - E quem era o coronel?
Malhães – Que comandava?
CEV-RJ - É

Malhães - Era um cara super-inteligente, que também já deve ter morrido.
CEV-RJ - Quem era? Já morreu.
Malhães – Não sei se morreu.
CEV-RJ - Mas a gente vê se morreu.
Malhães – Não. Aí, porque se ele vê...depois da reportagem do Chico Otávio, que você vê, aparecer no jornal e não tiver... tiver uma pista de que foi alguém que deu, esse alguém fui eu.
CEV-RJ - Não, porque agora surgiram outros dando.
CEV-RJ - Vamos voltar aqui.. o senhor estava falando das prisões, da estratégia de prender as pessoas e tirar as informação, algumas pessoas informavam, outras não, outras o interrogatório era pesado e as pessoas não, não, não aguentavam. Tem todas essas histórias.
Malhães – Não. Os que não aguentavam, os que foram presos e foram interrogados em órgãos oficias e morreram, vocês sabem quase todos.
CEV-RJ - Tem muitos desaparecidos.
Malhães – Os desaparecidos já não.
CEV-RJ - Não, eu digo os mortos. Tipo assim, Mario Alves, coronel? O senhor soube dessa prisão?.
Malhães – Soube.
CEV-RJ - Esse entrou, coronel, ele entrou no DOI-CODI e morreu no DOI-CODI.
Malhães – Tá. Aí nós não temos nada a ver com isso.
CEV-RJ - Mas, o senhor soube da prisão. Porque esse era uma figura importante na organização.
Malhães – Na organização.
CEV-RJ - Os senhores acompanhavam Mario Alves na organização?
Malhães – Acompanhava.
CEV-RJ - E a morte dele foi acidente?
Malhães – Não sei. Posso até julgar que foi, mas acho difícil. Eu mesmo acho difícil.
CEV-RJ - Entendi.
Malhães – Eu não sei porque que mataram Rubens Paiva. Sou sincero pra você. Você me deixou grilado. Eu tentei... é, 'Pô tô tendo um lapso de memória, não estou me lembrando do Rubens Paiva, tem alguma coisa errada. Se mataram ele no DOI-CODI...', Porque a gente não procurava ver, no tempo que agente trabalhava, a gente não procurava ver lógica nas coisas que aconteciam, não. Aconteceu, aconteceu. Dá jeito, resolve o problema. Mas, eu não me lembrava do Rubens Paiva.
CEV-RJ - Coronel, quando que o senhor soube dele?
Malhães – Eu soube pelo noticiário do jornal.
CEV-RJ - Sim, mas aí, o senhor tem ideia de cabeça de quando o corpo dele foi tirado do DOI-CODI e levado para o Alto da Boa Vista?
Malhães – Ah, não sei..
CEV-RJ - Foi de imediato, tem que dar um jeito?
Malhães – Deve ter sido.

CEV-RJ - – Por que essa foi a primeira – com perdão da expressão – primeira cagada que o senhor disse que fizeram.
Malhães – Isso foi, de qualquer jeito
CEV-RJ - E o senhor soube logo que isso aconteceu ou demorou a saber?
Malhães – Não. Demorei, só vim a saber no resgate.
CEV-RJ - Esse resgate foram meses depois?
Malhães – Ih, acho que tem mais de meses.
CEV-RJ - Mais de mês?
Malhães – Mais de meses....
CEV-RJ - Mais de meses, ano?
Malhães – Mais ou menos.
CEV-RJ - Mesmo para encontrar putrefato ainda?
CEV-RJ - Coronel, mas o primeiro resgate ou o segundo, lá na Barra? Qual que o senhor está falando?
Malhães – O segundo, na Barra.
CEV-RJ - O do primeiro o senhor nem soube?
Malhães – Nem soube...
CEV-RJ - Só soube da segunda cagada?
Malhães – Eu soube da história da beirada da estrada que ia passar aonde o corpo dele estava enterrado.
CEV-RJ - Tubulação.
Malhães - Aí eu soube.
CEV-RJ - Isso, o senhor soube quando foi fazer o da Barra, ou bem antes?
Malhães – Um pouquinho antes. Mas, não me passou pela cabeça perguntar quem era Rubens Paiva?
CEV-RJ - Entendi.
Malhães – Entendeu? Estava morto.
CEV-RJ - Mas, o senhor sabia que era Rubens Paiva.
Malhães – Tava morto, tava morto. Desencarnou. Então, é, é ... A repressão – vocês que chamam de repressão, eu digo combate – ele assume uma forma violenta quando as coisas politicamente começam a ficar violentas.
CEV-RJ - hun, hun.
Malhães – Eu vou só fazer uma pergunta para vocês? Saíu no recorte, eu acho que foi no Dia até, em letra deste tamanhozinho (indicou com os dedos) que eu preciso de uma lupa para ler porque eu não enxergo muito bem de perto, que o filho do Fleury havia dito que o presidente, antecessor da Dilma...
CEV-RJ - Lula.
CEV-RJ - Lula
Malhães – ... tinha trabalhado para o pai dele. Você leu isso?
CEV-RJ - Li, eu li.
CEV-RJ - Não, não foi o filho do Fleury, foi o filho do Tuma. Num livro...
Malhães – Saiu em letra desse tamanhozinho. Que o cara, ele disse que o.., que o... , seu presidente, deu uma função para ele, para ele perseguir - porque ele fazia relatórios, né? - para perseguir os comunistas que podiam fazer frente

ao Lula. Então ele fazia processos, disse ‘eu nunca fiz tanto processo na minha vida’. Ele fala isso, está no rodapé.
CEV-RJ - Filho do Fleury? Não li isso não. O que o filho do Fleury é? É delegado?
Malhães – Não, filho do Fleury. Agora, o Lula botou ele como assessor de não sei de que, de não sei de que...
CEV-RJ - Desconheço.
Malhães - .... e ele disse, o dinheiro do mensalão saiu de onde está os resto, das Ilhas Cayman. Está escrito no jornal...
CEV-RJ - Eu acho que o senhor está fazendo confusão, mas....
Malhães – No entanto, nin... todo mundo ... ninguém, como você não viu, a maioria da população não viu. Isso no rodapé. Agora, imagina a importância que isso tem. Por que o jornal não deu a ênfase que devia dar a isso? Conclusão óbvia, os jornais estão comprados. Conclusão óbvia, as televisões estão compradas. Agora, ficamos nós três remando contra a correnteza....
CEV-RJ - Não, ninguém está remando contra a correnteza, nós estamos remando a favor da correnteza.
CEV-RJ - Coronel, eu ainda estou lá em 1970. Lá no DOI-CODI.
Malhães – Tá, eu já volto lá. Eu não entendi isso.
CEV-RJ - Nem eu, nem estou entendendo. Eu vou procurar essa informação para eu descobrir e assim que eu...
Malhães – Porque que eles publicaram... eles publicaram... Eles publicaram, mas publicaram em letras minúsculas. Eu só prestei a atenção porque...
CEV-RJ - Eu li isso.
Malhães – ...a Cristina enxerga bem...
CEV-RJ - Eu li isso, li isso.
Malhães ... e tudo que dá de repressão ela me chama. ‘É, tão falando aqui’. E ela leu. Aí me chamou, ‘aqui, tem uma notícia gozada aqui. Lula foi agente de vocês?’ ‘Ele foi. Mas está noticiado no jornal?’ ‘Está’. ‘Então, deve estar em uma página?’ ‘Não, está aqui’. Rodapezinho.... Vocês querem que eu seja verdadeiro e diga nomes de pessoas. Vocês vêm o perigo que nós corremos.
CEV-RJ - Não.
CEV-RJ - Não corremos não, coronel.
CEV-RJ - Não corremos perigo não.
Malhães – Não, que vocês não correm. Mas, eu corro.
CEV-RJ - Não, eu acho que não.
CEV-RJ - Coronel, o senhor não corre perigo nenhum. O senhor sabe que não. Ah. Eu posso voltar?
Malhães – Pode. Vou lhe dar duas 45 e duas 9 mm que estão...(inaudível). Tô brincando, minha neta.
CEV-RJ - Prende metade do povo, deixa os outros soltos, alguns caem, outros não caem, outros falam, outros não falam, e a vida segue.
Malhães – Hun.

CEV-RJ - O senhor tinha esse trabalho de identificar as organizações e identificar esses líderes, porque eram eles que interessavam. Pé de chinelo, eventualmente sim, mas..
Malhães – Só quando ele podia trazer uma informação acima.
CEV-RJ - Tá, mas aí, coronel, teve um momento em que o senhor mesmo falou 'não dava mais vazão'. A mudança de estratégia, ...quando que o senhor teve essa ousadia de virar?
Malhães – Por casualidade também. Tudo na vida é.. existe ... eu não vou dizer que é casualidade, porque na vida não existe nada casual, existe tudo causal, existe uma causa para tudo na vida. Então..., é..., eu prendi um grupo do PCBR...
CEV-RJ - Mário Alves, por exemplo, um deles?
Malhães – Han?
CEV-RJ - O Mario Alves um deles? O Apolônio?
Malhães – Não, não. O Apolônio foi preso depois. Mas eu prendi um grupo, que era mais ou menos....
CEV-RJ - O senhor lembra de algum nome dessa turma? Esses nomes o senhor pode dizer porque é o nome dos....
Malhães – O mais importante era até uma menina, menina que eu digo era uma mocinha, tenho que me lembrar o nome dela – ela morreu – Eu só...., porque eu fiquei com um bando de presos nos carros, sem ter para aonde levar. Eu queria prosseguir aquela operação do PCBR até chegar ao Apolônio. Era minha intenção. Aí eu tinha um grande amigo meu, que tinha sido meu amigo no MAC. E ele tinha um sítio. Meu xará, até.
CEV-RJ - Aquele que nós falamos da outra vez, ou não?
Malhães – Qual?
CEV-RJ - Aquele sítio?
Malhães – Qual sítio?
CEV-RJ - No sentido da Linha Amarela? Aí, não.
Malhães – Não.
CEV-RJ - Outro.
Malhães - Outro. Até ele foi até identificado uma vez até por um desenho que ele tem no fundo da piscina. E..., eu ficava naquela bananosa. Ai eu liguei lá para a chefia lá e disse. 'oh, estou com uns presos aqui e não sei pra onde... eu não posso levar para o DOI'...
CEV-RJ - Mas, não pode por que não tinha mais espaço?
Malhães – Não tinha mais espaço e nós íamos perder muitas informações. 'Eu tenho que levar eles para algum lugar'. 'Se vira'. 'Eu vou me virar como? Eu vou levar eles para o campo, amarrar cada um atrás de uma árvore e vou interrogando..' Aí eu me lembrei desse meu amigo que, por acaso, se chama Paulo, também. Aí liguei para ele e 'disse Paulo, tô com um problema'. 'Qual o problema que você está?' 'Eu tenho alguns presos....'
CEV-RJ - Quantos eram, coronel?

Malhães – Uns oito. '...e não tenho para aonde levar. Não quero levar para o DOI, nem dar de presente para ninguém, porque vai atrapalhar o restante do trabalho...'
CEV-RJ - E eram quentes, assim...eram...?
Malhães – Quentes. Aí, ele disse 'Por que você não leva lá para o meu sítio?'. 'Porra, não é que você se lembrou... eu me lembrei desse seu sítio, mas não quis te falar e tal...' Eu fui lá, muitas vezes, comer churrasco. 'Leva para lá. Eu aviso à família para ninguém ir lá e você fica lá o tempo que você precisar, não tenho pressa não'. 'Tá bem'. Foi quando surgiu...
CEV-RJ - Era aonde, aqui no Rio?
Malhães – Era no Rio, Jacarepaguá. Aí eu levei pra lá. E lá nós tivemos que fazer uma adaptação, demos sorte, porque o...
CEV-RJ - E eles estavam um vendo o outro ou estavam..
Malhães – Não, estava todo mundo aberto.
CEV-RJ - Cara limpa.
Malhães – E eu disse, ele... a sorte é que ele tinha preparado o sítio para ser um mini-hospital do filho dele que ia sair médico. O filho acabou não saindo médico. Foi tocar viola em um conjunto aí.. aí... estava no sexto ano de medicina quando largou para tocar viola e cheirar pó num, num.. numa banda dessas da vida. Aí, é..., os quartos eram todos feitos certinhos para ser... né?
CEV-RJ - Uma clínica.
Malhães – Uma clínica.Tinha tubulação de oxigênio, tinha tudo já. Ele preparou o sitio todo... Aí eu botei eles lá e nós passamos a trabalhar lá.
CEV-RJ - E o senhor e a sua equipe, eram muitos?
Malhães – Não. Era eu, dois sargentos e um cabo. O cabo era motorista e eu e os dois sargentos é que éramos... apesar de que o motorista funcionava bem... Então, aí, interrogamos eles lá. Quando a gente achou que já tínhamos extraído tudo deles, aí eu resolvi entregar eles. Eu não podia ficar ocupando um sítio de um amigo meu a vida toda... Ele já tinha me feito...
CEV-RJ - um favor
Malhães ... É porque ele também era de direita, vamos dizer assim. Ele integrava o MAC. Então ele era um cara de direita. Ai eu peguei os presos, interroguei... os mais importantes nós sacamos fora e levei os outros para o DOI e entreguei ao DOI.
CEV-RJ - E os mais importantes foram para aonde?
Malhães – Ficaram passeando... Aí...
CEV-RJ - E voltaram um dia do passeio?
Malhães – Que eu saiba, até agora não. Mas não posso...
CEV-RJ - Mas aí, coronel?
Malhães – não posso dizer.... Aí... Foi aí que nós chegamos ao Apolônio. O Apolônio até disse uma coisa muito interessante para mim. Foi praticamente o que me cativou nele. Quando agarraram ele, deram uns tabefes nele, e tal, aquela história toda, ele disse 'Epa, epa, sou general do outro lado. Sou general do lado de vocês...
CEV-RJ - Hierarquia.

Malhães – É. ... e sou general do outro lado' Então, quero um tratamento de general'. Eu disse, 'tudo bem, o senhor vai ter um tratamento de general. Não posso lhe dar uma suíte presidencial... as pessoas que vão conversar com o senhor não vão saber que o senhor é general e tal, o troço pode ficar mais pesado'. E, realmente ficou, e aí é que esse homem foi crescendo na minha..., dentro de mim. Porque ele levava uma sessão de porrada. Largavam ele, largado na cela como morto....
CEV-RJ - E aí?
Malhães – E três horas depois, se você passasse na cela dele, ele estava fazendo educação física. Então eu..., eu realmente disse 'pela primeira vez que eu encontrei um homem'. No meu trato com os comunas, era a primeira vez que eu tinha encontrado um homem.
CEV-RJ - E os outros colegas dele que..., do PCBR?
Malhães – Não.., nós prendemos... o PCBR era pequenininho, fazia muita azuada, era eles que assaltavam bancos, era eles que...
CEV-RJ - Mas esses que foram para o DOI-CODI, o senhor lembra de nome de algum ou não?
Malhães – Não. Não me peça nomes...
CEV-RJ - Mas, a sua seleção foi essa, os mais fracos vão para o DOI-CODI?
CEV-RJ - Os mais importantes viraram seus primeiros informantes? seus primeiros infiltrados?
Malhães – Alguns deles. Tanto é que eu cheguei ao...
CEV-RJ - Apolônio.
Malhães – ...ao Apolônio, graças a um infiltrado. Que me deu lugar, hora, minuto, segundo, qual era o tempo, se ia chover, se ia fazer sol...
CEV-RJ - Tudo.
Malhães ... no dia em que
CEV-RJ - E os outros?
Malhães – Os outros, que não se tornaram informantes, havia uma lei clássica.
CEV-RJ - Já existia o bolo da cere... a cereja do bolo, aí?
CEV-RJ - Qual era a lei, coronel?
Malhães – Hun? A cereja do bolo não existia.
CEV-RJ - Qual era a lei, coronel?
Malhães – É que, já que você não tem proveito nenhum, e sabe de tudo. É o que eu estou dizendo que é guerra... Não vai atrapalhar. É o que eu disse para vocês que tem que mostrar... que foi uma guerra. Ah, a guerra é suja. Toda guerra é suja.
CEV-RJ - Mas, isso..., mas, isso, foi denunciado, coronel, porque as organizações iam...
Malhães – Mixando... até que chegamos a limpar praticamente o cenário nacional. Quando o idiota do João Figueiredo passou o comando de presidente. Ele passou o Brasil praticamente limpo. Eu disse isso para ele. 'Ah, mas eu tenho... aflorou em mim recordações, porque meu pai também foi exilado, foi preso, foi exilado então passou recordações para mim'. 'Presidente, aquela era uma época. Essa já é outra época. O senhor está pensando que o

senhor é presidente da República por quê? Por que seu pai foi exilado?' Ele era de cavalaria, igual a mim. Já tinha servido comigo.
CEV-RJ - O senhor era mais novo que ele?
Malhães – Muito mais novo (estala os dedos). Então eu disse para ele, isso. 'Eu não posso admitir que o senhor faça isso'.
CEV-RJ - O senhor falou isso no Planalto ou em outro lugar?
Malhães – Não. Em um lugar reservado.
CEV-RJ - Para o Figueiredo?
CEV-RJ - Para o Figueiredo.
CEV-RJ - Coronel, mas o senhor lá, lá no sítio de Jacarepaguá, aí o senhor ... o senhor viu a utilidade disso? .
Malhães – Isso. Aí, eu fiz....
CEV-RJ - E o senhor conseguiu convencer as outras pessoas da utilidade disso?
Malhães – Consegui fazer propaganda desse negócio. 'Vamos criar aparelhos, gente. Olha o americano, o inglês. Todo mundo cria aparelho'.
CEV-RJ - Que logo em seguida o senhor conseguiu capturar o Apolônio? Foi... assim, o senhor viu, o negócio funciona e é rápido?
Malhães – Funciona e rápido. Funciona e rápido. Quando o informante é bom funciona e rápido. E o Apolônio também estava curioso para saber o que aconteceu com ele e com os outros. Então, ele foi ao encontro.. marcou um encontro com ele e..
CEV-RJ - Fatal.
Malhães – Fatal. O encontro com o Apolônio foi fatal. Depois eu me arrependi de uma porção de coisa mas, aí já era tarde. Eu gosto de ver um homem. Um homem de palavra, um homem que honra.
CEV-RJ - E o senhor acompanhou ele depois? O senhor sabia da prisão dele, como ele saiu da prisão, o senhor lembra disso?
Malhães – Não, eu me lembro que ele foi trocado. Depois eu soube que ele estava em Paris, tomando vinho com os antigos maquis, franceses, amigos dele. Aí ele já me disse que ele está de volta.
CEV-RJ - Não, ele morreu.
Nsdine – Ele morreu, já.
Malhães – Morreu.
CEV-RJ - Isso que o senhor falou, PCBR não era muito grande. Mas, da outras organizações daquela época, foi muito rápido. Quando o senhor se deu conta, da estratégia essa do sítio, o senhor convenceu os superiores disso. E o senhor teve aval para isso aí?
Malhães – Tive. E não foi só eu que briguei por essa ideia, não. O que eu disse para você, nós éramos cinco, sete. Sete contando com o coronel e um outro major. Nós eramos sete. Esse coronel também era um cara muito inteligente. E este coronel argumentou, junto comigo, da necessidade de ter uma operação dado certo e isso tinha sido ensinado no exterior, a problema do aparelho. O americano usa muito, embora perca... eu achei, aqui no Brasil, uns cinco infiltrados americanos desertores. E o americano que era meu contato....

CEV-RJ - O senhor lembra como é que foi a prisão do Apolônio?
Malhães – Ah, mais ou menos. Eu sei que ele disse que já que ele tinha caído a organização dele não tinha valor nenhum. Ele disse isso. Mas, ..
CEV-RJ - Que ele não podia cair, né?
Malhães – Ele não podia cair.
CEV-RJ - mas, o senhor prendeu ele, como? Ele ia num encontro, em um ponto, numa reunião?
Malhães – Ele ia num encontro, num ponto.
CEV-RJ - Num encontro?
Malhães – Num encontro, um ponto[24].
CEV-RJ - Com aqueles que o senhor tinha prendido?
Malhães – Porque, ele..., ele já que tinha aparecido um cara solto, um cara que não tinha... solto, um cara que disse que fugiu, hun? O cara conseguiu fugir dele, tinha fugido nada, nós tínhamos soltado mesmo.... e então ele queria saber o que tinha acontecido.
CEV-RJ - Com os outros
Malhães – Como é que os caras tinham sido presos, como é que, por que foi? Quem foi? Como foi? E tal. Então, ele marcou um ponto com o cara. Só que quem estava cobrindo o ponto não era o cara, era eu. Eu não. Tinha muito mais gente. Aí surgiu a historia dos aparelhos. Até a gente conseguir equilibrar... porque o aparelho é uma coisa muito complicada. Primeiro você tem que ter um guarda, um caseiro, de absoluta confiança. Esse que a Inês Etienne diz que estu... deflorou ela.
CEV-RJ - O Camarão? O Camarão era o caseiro?
Malhães – Era. Então, tinha que ter isso. Tinha que ter uma estrutura para apoiar aquilo. Dinheiro, não é? Em disfarçar o aparelho. O de Petrópolis, como era a minha paixão, primeiro assim que eu fui ocupar..
CEV-RJ - Mas, depois do sítio, o senhor já idealizou Petrópolis?
Malhães – Não, não idealizei Petrópolis, idealizei aparelhos. Aí como ele sabe, o dono da casa de Petrópolis é amigo de um general. O general Coelho Neto foi lá, falou com ele. Ele disse, 'eu tenho uma casa vazia, assim, assim, assim'. 'Ah, deve servir'. Aí, nós fomos lá e dissemos, serve.
CEV-RJ - Nessa época o Coelho Neto era o chefe de gabinete do Silvio Frota?
Malhães – Não, ele era chefe de gabinete do Milton Tavares.
CEV-RJ - O Milton Tavares ...
Malhães – Era o chefe do CIE.
CEV-RJ - CIE.
CEV-RJ - Aí tá, monta a ideia dos aparelhos, vingou.
Malhães – Vingou. E daí em diante foi sempre a mesma coisa.
CEV-RJ - E essa estrutura. Porque, precisa do guarda, precisa de dinheiro, precisa ser um lugar discreto...

[24] - Aqui há uma contradição com o que o próprio Apolônio descreveu sobre a sua prisão na entrevista dada ao Pasquim. Ele, na verdade, segundo me lembro, teria ido a um ponto e mesmo sem que o contato tivesse aparecido, descuidando da segurança, como admitiu, foi a um aparelho que tinha sido descoberto. No aparelho ou pouco antes de chegar ao mesmo, ele foi cercado e preso.

Malhães – Tudo isso a gente estudava.
CEV-RJ - Mas, vocês tinham dinheiro para isso. Estrutura do Exército para bancar isso. Isso não era um problema?
Malhães – Não era problema. Embora reclamassem até um pouco, mas não era problema. Eu tinha um cartão de crédito que eu podia tirar quanto eu quisesse. Um cartão de crédito sem limite. Então, não era problema.
CEV-RJ - E eram pessoas que o senhor preparava para isso, não?
Malhães – Para ocupar os aparelhos?
CEV-RJ - É, para estar lá, tipo o guarda?...
Malhães – É, preparava ... a gente aproveitava a mão de obra que a gente tinha, em primeiro lugar. Em segundo lugar, a gente, pela própria mão de obra que a gente tinha, a gente sabia de outras pessoas que poderiam exercer esta função. Às vezes com acerto e às vezes com erros, nós escolhemos. Eu não posso dizer para você, 'Ah, foi uma maravilha, acertamos todas que nós ...' Não, com acertos e com erros, nós... não tem jeito. Você lidar com o ser humano é a pior coisa do mundo.
CEV-RJ - Mas, a ideia dessas casas, apartamentos, que o senhor falou..., ah, sei lá, Olinda, a chácara, o sítio...
Malhães – Não. Você tem que entender o seguinte, nunca podia ser um lugar muito movimentado, nem podia ter vizinho... Por exemplo, deixa eu te contar uma história. O de Petrópolis, atrás, no de Petrópolis, morava um alemão e uma alemoa, que era a irmã dele, e morava a mãe, que era louca. Ele vivia até de renda que o pai dele deixou no Banco do Brasil. Então ele se tornou, acabou se tornou amigo nosso. Ele..., eu conseguia, ele conseguia entrar no prédio, na casa que era do lado da casa dele e não ver ninguém. Tanto que se hoje você chegar e perguntar dele, mas sua casa vivia cheia, acho que até perguntaram a ele, quando ele estava vivo, não sei se ele morreu, 'e o senhor nunca viu nada?' 'Nunca vi nada. Eu vi muita festa, aqui. Davam muita festa eles'. Eu dava festas...
Nadne – Mas, coronel, quais foram as outras organizações que o senhor conseguiu, naquele período, porque foi um período muito curto de tempo, se a gente pensar cinco anos, seis anos....
Malhães – É, por aí
CEV-RJ - ... quais as que o senhor conseguiu ter êxito, assim? Porque PCBR teve êxito. PCBR foi uma organização que, como disse o próprio Apolônio, 'eu cai, vocês acabaram com agente'.
Malhães – Não, 'acabou a minha organização'. (02:01:18)
CEV-RJ - É.
Malhães – 'Um general não pode cair na frente do seu Exército'.
CEV-RJ - Da tropa. Mas, que outros, coronel, desse período. Molipo, por exemplo, teve? A VAR... quais que para o senhor, que eu sei que era no país inteiro, mas que o senhor..
Malhães – A VAR não era muito forte no Rio de Janeiro.
CEV-RJ - Mas, aqui, o que tinha mais peso aqui, para o senhor assim?

Malhães – Era o PCBR,... a ALN, o PCdoB..., o partidão, mas o partidão a gente só atacou no fim, quando não tinha mais ninguém para atacar. Deixa eu ver quem mais..... é, MR-8, tinha grupo de fogo. Tinha outras organizações. A AP, por exemplo, a AP, já que você fala tanto no DOI, a AP ficou quase na mão do DOI. Quem derrubou a AP, foi o DOI. Não fomos nós. Nós não queríamos nem escutar falar em AP.
CEV-RJ - Mas destas que estavam com o senhor, qual foi o resultado, coronel, prático?
Malhães – Ah, não. Ai foi.... Não foi trabalho só aqui em Petrópolis, foi trabalho no Brasil inteiro.
CEV-RJ - Mas, é aquilo, a representação regional mapeia, o senhor mantendo essa estratégia?
Malhães – Mapeia, a gente pegava a organização regional, aí descobriam um cara em São Paulo. Isso a gente, não tinha nada ...
CEV-RJ - Mas o senhor tinha gente lá ou o senhor, ia até lá.
Malhães – Aí eu ía para lá. Porque a OBAN lá era muito ciumenta. A OBAN, você entrava lá a OBAN dava cada pulo desse tamanho. Então eu ia para lá...
CEV-RJ - O senhor tinha autonomia também para isso.
Malhães – Tinha. Total. Então, eu ia para lá, levava uma equipe comigo, como levei para Santa Catarina, para o Paraná, para o Rio Grande do Sul, para aonde mais? Para Mato Grosso, para o nordeste quase inteiro, Goiás....
CEV-RJ - Mas era por organização, coronel?
Malhães – Não. Caía na rede. A rede era lançada, aí de repente surgia a notícia, ‘oh, um cara do comando central do PCdoB está em Pernambuco, ele já está identificado, o infiltrado identificou ele, sabe onde ele mora’...
CEV-RJ - Mas, o infiltrado era do PCdoB?
Malhães – O infiltrado era no PCdoB.
CEV-RJ - - Mas, peraí. Mas era alguém do PCdoB que o senhor tinha virado?
Malhães – Já tinha virado, aqui no Rio.
CEV-RJ - Aí estava lá?
Malhães – Estava lá. O cara para... Porque você ainda tem que programar a saída, do cara. O cara é preso, eu já disse, em um dia fizemos um cara em doze horas, dez horas, sei lá. Mas, normalmente, você... o cara estava preso, tinha desaparecido um período de tempo, você tinha que dar a razão dele reaparecer. Então, normalmente ele não reaparecia no mesmo estado em que ele tinha sido preso. Ele ía reaparecer em outro, ele ia dizer que não conseguiu..., que fugiu, entendeu?
CEV-RJ - Criava uma..
Malhães – Contava uma história, e tal, a gente ensinava ele a contar história de que estava em outro estado e lá ele era, normalmente, convocado pelos caras do partido para contar a história. Todo mundo é curioso, todo mundo quer saber ‘qual foi a sua história, como é que foi?’. Então, aí a gente pulava de estado em estado.
CEV-RJ - E dava certo?
Malhães – E dava certo.

CEV-RJ - E era assim, o senhor só saía quando o senhor cumpria a sua tarefa?
Malhães – Eu fiquei 30 dias preso...
CEV-RJ - Aonde?
Malhães – Em Pernambuco. Para ganhar um infiltrado.
CEV-RJ - De que organização?
Malhães – PCdoB.
CEV-RJ - Olinda?
Malhães – É
CEV-RJ - E o senhor se passou como o quê para ficar preso?
Malhães – Preso.
CEV-RJ - Mas, preso por conta do quê?
Malhães – Político.
CEV-RJ - De que organização o senhor?
Malhães – PCB, partidão, o mais fácil. Discutir partidão é a coisa mais fácil do mundo.
CEV-RJ - E o cara caiu?
Malhães - E o cara foi, foi indo, foi indo, foi indo...
CEV-RJ - Em unidade militar?
Malhães – Não, presídio mesmo. Ai o cara foi indo, foi indo, foi indo até que eu propus um trabalho a ele. Ele aceitou. Aí eu fiz ele ir rápido para a Auditoria, na Auditoria ele ser absolvido por falta de provas. Aí, ele caiu no mundo. Aí eu comecei a acompanhar ele. Aí é que você vai ver se deu certa a sua cantada.
CEV-RJ - E deu?
Malhães – E deu.
CEV-RJ - O senhor acompanhou ele no Rio, ou lá em Pernambuco?
Malhães – Não, lá em Pernambuco.
CEV-RJ - A rede de influência dele era lá, coronel?
Malhães – A rede dele era lá. Eu prendi o comando nacional lá.
CEV-RJ - Logo em seguida?
Malhães – Não tão em seguida. Até ele se readaptar, passarem a aceitar ele como não infiltrado. E a esquerda também acordou para isso, né?
CEV-RJ - Sim.
Malhães – Lógico que a esquerda ia acordar.
CEV-RJ - Esse cara está vivo até hoje, ou ele foi descoberto?
Malhães – Ele foi descoberto. Não foi descoberto. Ele foi acalguetado, por um sargento. O chefe da OBAN...
CEV-RJ - Ele está vivo ou morreu?
Malhães – O chefe da OBAN?
CEV-RJ - Não, esse que...
Malhães – Esse sargento eu acho que ainda está vivo, ainda saiu uma notícia dele em um jornal, não tem muito tempo não. Esse menino da OBAN... o

coronel não, o coronel[25] se matou quando soube que ele tinha contado quem era o infiltrado.
CEV-RJ - Esse é aquele que o senhor levou o seu chefe lá para conversar com ele, o infiltrado?
Malhães – O infiltrado..., é que veio o meu chefe, mais esse sargento, que eu não entendi para que – acho que o sargento era cupincha dele – e, ele veio para ir..., para me encontrar, provar para ele, que eu tinha um infiltrado daquele nível no PCdoB. Ele era um chefe novo...,
CEV-RJ - O tal que se matou por conta de mulher?
Malhães – Ele, ele acreditava muito na OBAN. Foi chefe da OBAN.
CEV-RJ - Em São Paulo?
Malhães – Em São Paulo. Então ele disse, 'Malhães, eu não posso aceitar que você tenha um infiltrado nesse nível'.
CEV-RJ - Mas por que, coronel?
Malhães – 'O senhor agora é meu chefe'...
CEV-RJ - Ele era chefe do CIE, geral?
Malhães – Não. Era chefe da seção de operações.
CEV-RJ - Mas, por que, coronel? O que ele quis dizer com isso para o senhor?
Mahães – Que.... eles dá OBAN é que eram os maiores.
CEV-RJ – Concorrência.
Malhães – Então ele achou que se eles da OBAN não tinham um infiltrado a esse alto nível, eu também não poderia ter.
CEV-RJ - Como é que o senhor saiu dessa?
Malhães – Eu levei ele.
CEV-RJ - Foi o tal que o infiltrado depois reclamou com o senhor?
Malhães – É
CEV-RJ - E que o sargento, depois que o coronel morreu, entregou ele?
Malhães – É, isso mesmo.
CEV-RJ - E o infiltrado, morreu?
Malhães – Não sei se o PCdoB matou ele. Acho que não. Ele era deputado estadual. Ele é médico, agora vocês vão identificar ele. Ele é médico, foi deputado estadual por Recife, na época em que aquele comuna foi governador.
CEV-RJ - Miguel Arraes?
Malhães – Miguel Arraes foi governador e ele estava muito bem no PCdoB. Ai esse sargento, como o peixe dele morreu, o coronel morreu....
CEV-RJ - Lá em Brasília?
Malhães – Não, ele se matou foi em Santos, em um quartel de artilharia.
CEV-RJ - Dentro do quartel?
Malhães – Matou dentro do quartel
CEV-RJ - Tornou-se público isso?
Malhães – Tornou-se público. Então, ele ... ele ficou desamparado, porque ele não era muito bem quisto. Por ser colado com o coronel chefe, ele ficou mal

[25] - Trata-se do coronel , Ênio Pimentel Silveira, ex-xhefe da OBA, que se matou no quartel, como o Malhães identificará mais abaixo (página 325).

quisto. E, em represália, ele abriu quem era o cara. Pelo menos, foi o úncio cara em que ele foi comigo,... não sei se ele foi com mais alguém. Eu perdi....
CEV-RJ - Ele abriu para a imprensa?
Malhães – Não, não ... Ele abriu para a imprensa. Fulano de tal é infiltrado.
CEV-RJ - Coronel, mas isso das organizações... o PCdoB, o senhor conseguiu no país inteiro ou eram algumas coisas locais?
Malhães – Não, quase no país inteiro.
CEV-RJ - O PCdoB, das outras, não?
Malhães – Não, não posso dizer que foi tudo PCdoB, era meio variado.
CEV-RJ - Não, do PCdoB, em que estados o senhor conseguiu?
Malhães – São Paulo, Rio de Janeiro, esse caso, mas não eram regionais, não. Era o comando.
CEV-RJ - Tinha uma liderança nacional.
CEV-RJ - Pois é, esse de São Paulo foi que lhe deu a dica para a queda do pessoal da Lapa?
Malhães – Não, foi outro.
CEV-RJ - E foi o senhor que ajudou o Fleury a derrubar a Lapa, ou o Fleury levantou isso sozinho?
Malhães – Não. O Fleury era um excelente cara. Eu gostava dele. Mas, tinha muita coisa que a gente entregava para ele. Faz. Preso, mata, faz o que você quiser, eles são teus. Eu nem me metia.
CEV-RJ - Mas, por que não, se isso daria prestígio ao seu serviço, inclusive, internamente?
Malhães – O meu serviço...
CEV-RJ - ...derrubar a cúpula do partido PCdoB?
Malhães – Eles não chegaram a derrubar a cúpula.
CEV-RJ - Coronel, mas do PCdoB, a... o senhor falou...
Malhães – Não chegaram a derrubar a cúpula
CEV-RJ - Mas pegaram gente importante na Lapa.
CEV-RJ - O senhor falou lá de Olinda, falou do Rio, São Paulo. O senhor conseguiu infiltrar alguém lá no Araguaia?
Malhães – Lá no Araguaia sim, e não tinha um só não. Tu já imaginou..., vou fazer a conta pra você. Conhece o estado do Pará, né? É entre...
CEV-RJ - Mas, o senhor teve que ir lá ou o senhor fez isso daqui: O senhor foi lá naquela coisa dos mateiros, foi lá que o senhor fez?
Malhães – Não, fiz aqui.
CEV-RJ - E mandou para lá.
Malhães – Eu não mandei, quem mandaram foram eles.
CEV-RJ - Sim.
Malhães – Né?
CEV-RJ - Mas, como é que o senhor escolheu alguém que seria mandado para lá?
Malhães – Pelas escutas.
CEV-RJ - Sim, mas aí o senhor fez aqui. Aí mandaram para lá.
Malhães – É

CEV-RJ - Vamos lá, o Estado do Pará, me conta.
Malhães – Até era gozado, porque o general uma vez perguntou, 'Malhães, como é que você marca pontos com eles, atrás de uma árvore, situado e tal?' Lá não tem lugar para marcar ponto. Eu disse, 'numa cidade. Escolhe uma cidade, distante daonde ele está atuando, e vai se encontrar nessa cidade, em um bar, em um pu.. , num rendez-vous'. Eu gostava muito de marcar encontro em rendez-vous, porque ninguém está ligado em ninguém, todo mundo geralmente, né?
CEV-RJ - Sim
Manhães – Então... e o ponto mais reconhecido da cidade, qual é? Se você chegar lá na cidade, você não conhecia nada na cidade,
CEV-RJ - Eram todos homens, coronel?
Malhães – Hun?
CEV-RJ - Esses lá do Araguaia, era todos homens?
Malhães – É. Mulheres eu tive muito poucas. Eu não gostava ... são duas... eu sou homofóbico, né? já por natureza. Mas tem dois tipos de gente que eu não suporto nem interrogar. Eu, homofóbico, é viado, gay e mulher. Eu acho a mulher muito difícil de ser interrogada. Porque ou você fica com vontade e bota logo o focinho dela para dentro, ou então você para e desiste. Ela chega a ser às vezes, gozativa conversando com você. Ela brinca com você. A mulher, o sentimento de amor dela para com o macho dela - macho eu falo marido, amante, seja lá o que for - é muito grande. O mais difícil é você fazer uma mulher entregar o marido dela. O marido dela entrega ela em cinco, dez minutos. Mas, ela entregar o marido?
CEV-RJ - Morre e não entrega.
Malhães – E o viado é a mesma coisa. Então, geralmente quando era mulher, todo mundo queria interrogar mulher, (inaudível) não, pode interrogar...
CEV-RJ - Mas, coronel, vamos voltar lá para a selva.
CEV-RJ - O senhor estava falando do estado do Pará. Para se entender o estado do Pará ...
CEV-RJ - o senhor esteve lá. O senhor esteve lá durante e o senhor esteve lá depois que acabou a guerrilha também.
Malhães – É provável. (02:16:10)
CEV-RJ - ... os cara estiveram lá três anos. Foram bem antes, foram em 69, 70 já estavam lá ...
Malhães – é o Lincoln Cordeiro Orest
CEV-RJ - Oswaldão...
Malhães – foi implantando gente lá. Porque...
CEV-RJ - Eles começaram ir para lá, em 68, 69 já tinha gente lá, mas quando eles assumiram foi em 72..
Malhães – E, e, e há uma razão de ser, porque deles estarem lá ... porque onde há mais litigio entre posseiros, grilheiros e donos de fazenda, então o ambiente é propício...
CEV-RJ - Não, toda aquela região do bico do papagaio ali era....

Malhães - ... todo, todo ... é propício a você incrementar um germenzinho, né? para que ele se multiplique, né?... o germe se multiplica com uma velocidade muito grande. Então ..
CEV-RJ - Coronel, esse pessoal que o senhor infiltrou e foi daqui, eles foram... já tinha gente lá. O senho já sabia ...
Malhães – Já tinha gente lá.
CEV-RJ - ... eles foram... mas isto, o quê? 70. Já tinha Petrópolis também? A técnica o senhor já estava usando...
Malhães – Petrópolis já.
CEV-RJ - Mas, foram quantos, coronel? Não precisa me dizer quem foi. Foram muitos? Dez? Cinco?
Malhães – Mais ou menos. De dez a quinze.
CEV-RJ - E o senhor dividiu pelos destacamentos? Deles lá, por aquelas regiões que eles tinham lá.
Malhães – Não, isso era sorte. Porque eles é que distribuíam...
CEV-RJ - Ah, não tinha como o senhor interferir?
Malhães – Não tinha como eu interferir.
CEV-RJ - E lá, como é que o senhor fazia lá?
Malhães – Aí é o que eu te digo, é marcar o ponto. Você tem uma forma de mandar um telegrama, uma forma de mandar uma carta, com um endereço não suposto. Suposto que é da sua prima, com um ponto. Não fica tão difícil assim. É demorado...
CEV-RJ - O senhor esteve lá quantas vezes?
Malhães – A, uma porção. Porque também não se dava muita precisão de como atuar ali. Você tinha noção de aonde eles estavam mais forte. Aí, então, ali você entrava com as zebras.
CEV-RJ - É, o senhor falou.
Malhães – Porque não existe – outro erro do americano – não existe uma tropa fardada combatendo a tropa guerrilheira.
CEV-RJ - Eu só não entendi esse marcar ponto. O senhor mandava carta para quem?
Malhães – Ele mandava carta para o Rio de Janeiro com endereço que seria de uma prima dele.
CEV-RJ - Da família, de alguém da família...
CEV-RJ - Ele é quem mandava
Malhães – Ele é que mandava (02:18:54)
CEV-RJ - Com endereço seu.
Malhães – Com endereço meu. Aí eu sabia que dia era o ponto, que horas...
CEV-RJ - Então, ele é que marcava o ponto.
Malhães – Só podia ser ele.
CEV-RJ - E se ele sumisse? Aconteceu de algum deles sumir?
Malhães – Aconteceu.
CEV-RJ - Sumiu por que fugiu? Sumiu por que foi preso por outro grupo?
Malhães – Sumiu até porque descobriram que ele era infiltrado. Eu tenho um caso anotado que é uma grande perda para mim. É o caso do Paraná.

CEV-RJ - Sim. Mas eu estou falando lá no Araguaia. Alguém foi descoberto?
Malhães – Deve ter sido.
CEV-RJ - O senhor teve infiltrados que sumiram, lá no Araguaia?
Malhães – Tive.
CEV-RJ - Morreram?
Malhães – Não sei.
CEV-RJ - Os que não sumiram, que ajudaram, sobreviveram?
Malhães – Sobreviveram.
CEV-RJ - E aparecem hoje como ex-guerrilheiros do Araguaia.
Malhães – Não.
CEV-RJ - Mas o PCdoB sabe quem são os ex-guerrilheiros.
Malhães - Não, eles podem saber, mas eles aparecerem.... Porque o PCdoB na parte de estru... porque não tem só o PCdoB. Não vamos ... Você está discutindo PCdoB não vou eu também veranear por aí. Ele... Eles não pretendem montar mais outra área de guerrilha, então os caras estão mais ou menos dentro do partido, podendo ser chamados a qualquer hora para vir trabalhar para a gente. Quer dizer, eu posso chamar a qualquer hora para trabalhar para mim. Para isso eu preservei eles e preservo. Não sei, eu vou morrer, né? Estou perto do meu fim. 76 anos, já... Já é uma idade relevante, posso considerar ela minha neta sem que ela ache que isso seja uma cantada para ela. Pelo amor de Deus, não pense nunca nisso.
CEV-RJ - Eu sei, é verdade, o senhor tem idade para ser meu avô (02:20:58)
CEV-RJ - Me tira uma dúvida. Acabou a guerrilha. O senhor liberou os ...
Malhães – Todo mundo.
CEV-RJ - ... os seus informantes. Eles foram fazer o que da vida?
Malhães – Fazer o que eles faziam normalmente, já. Ninguém é informante e fica com carteirinha de informante passeando.
CEV-RJ - Coronel, mas, eu não queria perder o negócio do Araguaia.
CEV-RJ - Então volta.
CEV-RJ - Se o senhor me bota lá...o senhor falou, mais ou menos uns dez, aquele tempo até... até ser considerado, 75, que foi a última operação lá, que aí se considerou que se desmantelou mesmo, se acabou com a guerrilha, a... o senhor acompanhou isso até o final?
Malhães – Até o final.
CEV-RJ - Mas, assim..., naquele momento assim, vocês achavam que aquilo podia vingar?
Malhães – Não. Quando nós chegamos, quando *se* tivemos notícia a primeira vez que havia uma área preparada no rio Araguaia, no Pará....
CEV-RJ - Isso que eu queria saber, o que foi o Araguaia para o senhor? O que foi aquilo, assim, na história? Quando o senhor chegou lá.. como é que o senhor entendia isso,assim?
Malhães – Entendia ...
CEV-RJ - Eram tão poucos, coronel?
Malhães – Entendia como um movimento buscando seguir o maoísmo. Como tinha... não quis falar, mas tinha a guerrilha do Araguaia, a guerrilha de Caparó,

tinha a guerrilha de Três Passo, tinha a guerrilha Daqui de São Paulo, do Vale da Ribeira, tinha ... guerrilha mais aonde, meu Deus?
CEV-RJ - Lá no Maranhão, teve uma tentativa.
Malhães – Não, no Maranhão era a subida do PCdoB. Eles pretendiam... nós chamávamos de Operação Fogueira, porque a gente botava uma fogueirazinha em cada lugar que a gente tinha achado eles. A gente botava, na aranha, em vez de ser uma bolinha com nome, era uma fogueirinha significando que ali tinha gente, tinha naquela área gente em atuação. Porque é difícil...
CEV-RJ - Mas, olhando para o passado, que a a guerrilha do Araguaia, ela teve uma visibilidade muito grande....
Malhães – Era notificada pelo exterior, pelos países comunistas, da Europa comunista..
CEV-RJ -. Mas, aí, quando acabou, coronel, lá? O destino lá, entendeu? Tem essa coisa da, da... da cagada do Alto da Boa Vista, a cagada da, da, do Recreio, da Barra. Isso aconteceu também no Araguaia? De o senhor ter que ser chamado para ....
Malhães – (fica pensando) Isso acontece sempre. Acontece sempre. Registro, aconteceu.
CEV-RJ - Foram muitos, lá no Araguaia?
Malhães – É, tinha bastante gente. Encontrável foram relativamente muitos. Encontrável, não quer dizer que nós encontramos todo mundo.
CEV-RJ - Teve uns que???.
Malhães – Se perdeu, no tempo e no espaço, né? Mas, encontráveis foi rela... eles eram 147, não é isso?
CEV-RJ - O que as famílias falam, que as famílias reconhecerm, é em torno de 70.
Malhães – É, mas eram 147. Né? Mais ou menos. Vamos dizer, com dois que foram salvos. Não chegaram a entrar na guerrilha, saíram antes de entrar. Porque, era um absurdo aquelas crianças estarem, sem conhecer a mata, criadas em São Paulo, no asfalto, você mandar uma criança dessas, para o meio do mato, para enfrentar uma guerra. Né? Então, eu graças a Deus tive essa oportunidade de tirar um. De ter pensado que, realmente, estava errado. Eu encontrei um garoto, garoto, chorando na beira do rio, com vestimentas que não são normais no lugar, quando era sabido que tinha chegado uma comitiva do PCdoB em tal ci.. em Araguarina, para ser lançado, eu só podia saber que ele era guerrilheiro.
CEV-RJ - E o senhor conversou com ele?
Malhães – Então, eu tive aquela celebre dúvida. Mato ou não mato? Aí, ele olhou para mim, eu de arma na mão, ele de cócoras, assimm chorando. Eu disse, ‘rapaz, o que você está fazendo aqui?’ ‘Ah, me mandaram para cá. Eu não sei o que eu vim fazer aqui. Não conheço nada disso’. (relata imitando voz chorosa) E aquela zoada de helicópteros passando para baixo, para cima...
CEV-RJ - - Foi um contingente muito grande, né?
Malhães – É. Nós tínhamos um contingente de aeronaves grande. Helicóptero passando, fazendo aquela zoada. Aí que o garoto aloprou mesmo. Aí eu

conversei com ele. ‘O que você veio fazer aqui?’ ‘Ah, eu fui ... mandaram eu vir para cá para brigar com os militares.’ ‘Meu filho, o que você entende, o por que isso?’. O garoto não tinha formação nenhuma, não tinha qualificação nenhuma. Não tinha nada. ‘Você quer voltar para casa?’ Ele disse, ‘quero’’ “Você não vai mais voltar para brigar com os militares?’ Ele disse, ‘não’. Então eu vou te mandar para casa.
CEV-RJ - E o senhor acreditou?
Malhães – Acreditei. Peguei ele, levei ele pro puteiro, entreguei lá à puta que eu conhecia. ‘Toma conta desse garoto, não deixa ele sair, não deixa nada, até eu voltar’. Aí, fui continuar o resto, e tal. E alguém mais tinha feito isso com outro garoto.
CEV-RJ - Esse garoto tinha quantos anos?
Malhães – Ah, devia ter uns14 anos.
CEV-RJ - Só?
Malhães – Só. Tinha cara de garoto.
CEV-RJ - Sim.
Malhães - Eu só não atirei por causa disso. Ele tinha cara de garoto.
CEV-RJ - Menino.
Malhães – Se eu olhasse..., eu olhasse e era você chorando na beira do rio, na certa que você tinha levado um tiro. Mas, ele não. Chorando.
CEV-RJ - Mas, coronel, o senhor falou assim, ‘é certo que dava um tiro’, por que é assim, a ordem lá, essa coisa de infiltrar, isso aí não, porque isso era (inaudível)
Malhães – Não tinha
CEV-RJ - Lá, era encontrar e matar.
Malhães – É, lá não tinha... lá, eu aprendi muito. Eu, por exemplo, hoje talvez eu não saiba mais. Eu sei a que horas, quantas horas passou um cara por aqui, por esse lugar..
CEV-RJ - O senhor falou, que os mateiros...
Malhães - ...por causa dos mosquitinhos. O suor, seu,
CEV-RJ - É, o senhor falou
Malhães - ... larga nas folhas e os mosquitinhos ficam lá...
CEV-RJ – Mas, o garoto voltou para a terra dele?
Malhães – Voltou.
CEV-RJ - De ônibus, de avião, de carro, de quê?
Malhães – (inaudível)
CEV-RJ - O senhor despachou ele como?
Malhães – Voltou de avião.
CEV-RJ - Dos senhores?
Malhães – Não, avião de carreira normal.
CEV-RJ - E ele... o senhor se encontrou com ele depois?
Malhães – Encontrei.
CEV-RJ - O que ele fez da vida dele?
Malhães – Foi seguir os estudos dele normais. Deixou de ser herói.
CEV-RJ - E aí, o senhor lembra que carreira ele seguiu?

Malhães – Não.
CEV-RJ - Ele te agradeceu. Como é que foi?
Malhães – Pois é, me agradeceu, disse para mim, 'o senhor me tirou de uma fria. Fui combater os militares e os militares acabam não me combatendo'.
CEV-RJ - Coronel, mas por que demorou tanto, lá, coronel?) Lá no Araguaia?
Malhães – Porque, é aquilo que eu te disse, a esta....., a extensão quilométrica. Olhar para o Pará e dizer, 'olha, acharam seten – você disse 70? 'Acharam 70 pessoas aqui', você vai dizer, 'é mentira'.
CEV-RJ - Sim, não tem como.
Malhães – Não tem como achar 70 pessoas lá.
CEV-RJ - Coronel, o senhor lembra a última vez que o senhor voltou lá, depois que acabou a guerrilha?
Malhães – Não. As recordações terríveis eu não gosto de lembrar. Mas, .. (02:31:32)
CEV-RJ - Lá o senhor fez desenterro, também?
Malhães – Não sei, provavelmente.
CEV-RJ - E levou para aonde?
Malhães – Não tem pra onde levar. Vai levar para aonde? Enterrar em outro lugar lá no meio do mato?
CEV-RJ - Voltamos à conversa inicial.
Malhães – Não, não sairemos dela.
CEV-RJ - Tá, então tá, a gente deu uma passeada, como o senhor disse, uma passeada pelo PCdoB...,
CEV-RJ - Eu queria, aqui, voltar no tempo.
CEV-RJ - Pelo PCBR,
CEV-RJ - ...voltar no tempo. PCBR, ainda no Mario Alves. O Mario Alves o senhor disse que acompanhou, soube que ele foi preso e ele morreu. No Mario Alves ainda não tinha o bolo da cereja. Os senhores não tinham discutido como fazer sem deixar rastros. O que vieram alguns meses, ou muitos meses – o senhor não especificou se alguns ou muitos – depois do Rubens Paiva, que foi um ano após o Mario Alves.
Malhães – Mas, o Rubens Paiva é um fator extemporâneo.
CEV-RJ - Extemporâneo, mas ali os senhores descobriram o bolo da cereja, a cereja do bolo.
Malhães – Não, a gente já tinha descoberto a cereja do bolo.
CEV-RJ - O Mario Alves, o que que foi ...O DOI que cuidou do corpo?
Malhães – (Há um murmúrio que parece ser) Também.
CEV-RJ - O senhor sabe que fim, coronel, que deram com ele?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Foi vala comum? foi...
Malhães – Para mim, a mania que eles tinham, era enterrar.
CEV-RJ - No meio do mato?
Malhães – É.
CEV-RJ - Na floresta da Tijuca? E por que floresta?
Malhães = Porque fica mais difícil você achar.

CEV-RJ - Mas, se foi... na beira da estrada?
Malhães – Não, na beira da estrada foi uma besta.
CEV-RJ - Foi um erro, né?
Malhães – Foi um erro. O próprio reconheceu. Mas ele disse que estava afobado.
CEV-RJ - Coronel, o senhor conhece o Gargaglione[26]?
Malhães – Conheço. Conheci. Agora...
CEV-RJ - Gargaglione era uma besta?
Malhães – É. Quadrada.
CEV-RJ - E foi quem fez a besteira do Alto da Boa Vista?
Malhães – Eu não sei, porque ele não era meu amigo. Nós não éramos amigos, nós nos conhecíamos, no relacionamento...
CEV-RJ - Mas, na primeira vez, lá, quando tiraram ele do DOI-CODI?
Malhães – (murmúrio...)
CEV-RJ - Mas, ele participou disso?
Malhães - Ele participava muito por causa do do capitão, já era capitão?
Arcelo – Quem?
Malhães – O Avólio.
CEV-RJ - Não, era tenente, ainda.
CEV-RJ - Sim, mas assim, eles eram da mesma turma.
Malhães – Eles se davam. Então eles viviam juntos, faziam far... eu trabalhei, eu disse a vocês que eu trabalhei um pedacinho no DOI.
CEV-RJ - Então, me conta, como é que era a estrutura do DOI? Tinha um coronel? Quem era o coronel que comandava o DOI? Não era o comandante da PE.
Malhães – Não, saiu no jornal, outro dia, o nome de um.
CEV-RJ - Qual era o coronel?
Malhães – Tem o Belham...
CEV-RJ - Não, mas o Belham era major, naquela época, não era coronel. Acima do Belham tinha alguém?
Malhães – Na época em que o Belham foi, não. Ele foi chefe.
CEV-RJ - Porque todo mundo me diz que tinha um coronel acima do Belham. Belham, Demirugo e Nei Mendes, estavam no mesmo nível de hierarquia?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Não? Belham era acima dos dois, embora os três fossem major?
Malhães – Não. Belham era abaixo.
CEV-RJ - Abaixo do Demiurgo e do Nei Mendes? Então o Belham era chefe como?
Malhães – Ele era chefe da parte de operações.
CEV-RJ - Mas, o coronel Raimundo, que deu depoimento pra gente, diz que o Demiurgo era chefe da Operações no plantão dele. Era um chefe das operação por plantão?

[26] - Trata-se do detetive civil Fernando Próspero Gargaglione de Pinho, envolvido com a repressão política, cumpriu pena acusado de alguns crimes e já faleceu.

Malhães – Podia ser naquela época. Podia ser naquela época.
CEV-RJ - E eles três se reportavam diretamente ao Primeiro Exército, ou tinha um coronel intermediário?
Malhães – Não, tinha um coronel chefe do DOI. Tinha um coronel chefe do CODI.
CEV-RJ - Que funcionava dentro do quartel da PE?
Malhães – Não. Funcionava...
CEV-RJ - Não, em 70 não tinha, 70, 71 não tinha CODI ainda, só tinha DOI.
Malhães – Então.
CEV-RJ - Coronel, quem era o Gargaglione, assim? Quem era ele assim?
Malhães – Era um policial, corrupto, fanfarrão, deixa eu ver se descubro mais algumas características dele....
CEV-RJ - Foi do Esquadrão da Morte.
Malhães – É. Isso eu também fui. Mas eu fui membro honorário, eu não fui membro efetivo. Eu era conselheiro porque me chamaram lá e me deram 'Oh, vou dar o escudinho do DOI para você botar..' Eu usava no meu carro. Não escondia isso não. Mas, não tinha qualquer ligação com negócio de morte de vagabundo, não tinha não. Não era comigo.
CEV-RJ - Mas, ele era isso, coronel, um fanfarrão e tal, um cara ...
Malhães – Como era... Para mim ele não era confiável. Mas, para outras pessoas ele poderia ser confiável. Ele tinha um aparelho de graça, que podia não ter o nome de aparelho ainda, porque não se conhecia isso, que era, lá o comando dele, o destacamento lá em cima do Alto
CEV-RJ - A delegacia, lá.
Malhães – Alto da Boa Vista.
CEV-RJ - Onde hoje é o corpo de bombeiros.
Malhães – Eu tive um aparelho na Polícia. Né? Eu tive um aparelho na polícia, mas o aparelho na polícia não era usado assim, não. O aparelho da polícia até era bom porque era usado quando a gente prendia militar, por algum outro motivo...
CEV-RJ - Sim.
Malhães – A gente botava no aparelho da Polícia.
CEV-RJ - Pilares.
Malhães – Conhece Pilares?
CEV-RJ - Nós falamos de Pilares aqui.
Malhães – É, conhece Pilares?
CEV-RJ - Conheço. Eu tive nessa delegacia a trabalho. Mas nunca fui preso lá não.
Malhães – Era Pilares. O meu era Pilares.
CEV-RJ - E o dele era esse lá no Alto da Boa Vista.
Malhães – Mas, o meu eu não prendia subversivo. Nós, uma vez quase saímos em um tiroteio entre nós, nosoutros e la marina, porque nós prendemos um sargento de Marinha. E a mulher dele é que botou a boca no trombone.
CEV-RJ - O que ele fez?

Malhães – Era um negócio de assalto. Aí a Marinha veio e cercou Pilares. Não via adiantar. Vai ter tiro. Eles têm arma pesada, nós também temos. Então vamos trocar tiros. Entrar aqui, eles não vão entrar. Aí, telefonei para o CIE avisei a história, aí se ligaram lá entre eles, aí acabou tudo bem, o comandante do..., que era um capitão também, do Corpo de Fuzileiros Navais, que era o que nos cercou, veio falar comigo, 'olha, não sabíamos que o problema era esse, e tal'. Tá tudo bem. Mas, Pilares. Mas, Pilares para preso político...
CEV-RJ - E o do Gargaglione, era lá. E o que ele fazia lá?
Malhães – Fazia. Fazia o que se faz em aparelho. O que se faz em aparelho? Prende preso, interroga.
CEV-RJ - Mas o interesse dele era financeiro, sempre. Não era ideológico.
Malhães – Não, mas não era... Não era nem financeiro, era ele ter cartaz na polícia.
CEV-RJ - Entendi.
Malhães – Eu tenho...
CEV-RJ - Coronel, mas nessa época lá, do Rubens Paiva, ele que fez a cagada? se ele era um fanfarrão?
Malhães – Aí eu vou te dizer, eu não sei. Eu como disse, eu estranhei quando ele falou Rubens Paiva.
CEV-RJ - Mas assim, se disserem para o senhor que foi ele, isso para o senhor soa como algo..., por ser ele quem é, por isso que eu lhe perguntei quem era, que tipo de pessoa ... o senhor não faria isso, o senhor faria isso?
Malhães – Não.
CEV-RJ - O senhor entendeu a minha pergunta?
Malhães – Mas, o, o, o tenente faria.
CEV-RJ - O Avólio?
Malhães – Faria, tranquilamente. É um piroca doido.
CEV-RJ - Por que o Avólio ia se meter nisso?
Malhães – Porque o Avólio gostava de movimento, o Avólio era um cara que gostava de dar porrada.
CEV-RJ - Ele era bem, bem....,
Malhães – Pode, pode..., vamos dizer, 50% dizerem que levou porrada minha, mas não levou muito tempo, nem até desmaiar, cair morto, nem nada disso. Até eu aprender, era aquela arma que todo mundo usava.
CEV-RJ - Coronel?
Malhães – Guerra é guerra.
CEV-RJ - Mas o Avólio?
Malhães – O que que tem?
CEV-RJ - O senhor diz que o senhor aprendeu.
Malhães – Ele não..
CEV-RJ - Cada um ...
Malhães – Ele se perdeu antes disso. Ele se acabou antes disso. Não sei o que ele fez, mas ele se acabou antes disso continuar. Tanto é que ele não subiu, nunca foi para a segunda seção do Exército, nunca...
CEV-RJ - Saiu?

Malhães – Saiu. Simplesmente, um dia, ele deve ter feito uma cagada grande lá..
CEV-RJ - Ele disse que pediu transferência.
Malhães – Ah, transferiram ele.
CEV-RJ - Transferiram... coronel, mas lá no Alto da Boa Vista, se o Gargaglione, o Avólio ou seja lá quem for, tá? Essa equipe que estava lá no dia que fez a burrice, esse lugar, lá no Alto da Boa Vista, que é a delegacia, perto, é o mesmo lugar do sequestro forjado do Rubens Paiva? Porque, a gente teve a informação, há um tempo atrás do Raimundo, que estava de serviço no dia, que ele recebeu orientação, do Demiurgo, de forjar um sequestro, de levar o carro para o Alto da Boa Vista. É o mesmo lugar? Por que, eu estou pensando agora, coronel? Que, essa versão do sequestro, ela pode ser a farsa da farsa. Que não teve sequestro. Que o sequestro foi o enterro, o senhor entende? Não sei se é muita loucura pensar isso...
Malhães – É, é, extremar. Eles não..., eles sequestraram para saber alguma coisa dele. Se ele..
CEV-RJ - Não, eles inventaram.
CEV-RJ - Não, não, não, coronel, eleja estava morto.
CEV-RJ - Eles inventaram um sequestro para dizer que ele sumiu
CEV-RJ - Ele já estava morto. Segundo esse depoimento, que ele assinou embaixo, o Raimundo, esse que estava trabalhando de serviço, como ele já estava morto, eles inventaram que tinham saído com ele do DOI-CODI...
CEV-RJ - Em uma diligência ...
CEV-RJ - Forjaram o sequestro...e disseram, olha, os terroristas vieram...
CEV-RJ - .. e levaram ele.
CEV-RJ - ... e roubaram ele...
Malhães – É, isso é provável.
CEV-RJ - ...e aí nós perdemos ele...
Malhães – Isso é provável.
CEV-RJ - lá no Alto da Boa Vista.
Malhães – Isso é provável.
CEV-RJ - Mas, é o mesmo lugar do enterro, coronel?
Malhães – Acho que não.
CEV-RJ - O enterro não era atrás da delegacia?
Malhães – Não.
CEV-RJ - perto da delegacia
Malhães – Acho que foi escolhido até a esmo.
CEV-RJ - E aí, depois teve o negócio da tubulação.
Malhães – Eles vinham andando, ‘aqui tá bom’, entendeu?
CEV-RJ - Entendi.
Malhães - ’aqui está bom’.
CEV-RJ - O sequestro também foi escolhido assim.
Malhães – Mas, o, o, o sequestro, essa fuga, era feito, feita por dois motivos. Quando quando você queria dar sumiço no cara, ou quando você ia por ele em liberdade.

CEV-RJ - Entendi.
Malhães – Os dois caminhos eram válidos. Porque, se ele foi sequestrado pelo próprio grupo dele, se ele morreu quem matou foi o grupo dele. Ou se ele saiu porque conseguiu fugir, ou ajudaram ele a fugir, aí não. O troço é meio... eu vou dizer para você que varia muito do momento. Você tem que estar muito atento ao que está acontecendo à tua volta para você não se deixar levar pelos acontecimentos, você que tem que levar os acontecimentos.
CEV-RJ - hun, hun.
Malhães – Ali eu não sei quem poderia levar os acontecimentos, a maioria acontecia por acontecer. Eu acho que mataram ele errado. Mas, adianta eu dizer isso para você? Não.
CEV-RJ - Mas, considerando que foi um acidente de trabalho, que não era para ...
Malhães – Eu não sei se acidente. Aí que eu fico na dúvida, se acidente de trabalho dá para matar não. Só se o cara estourou o fígado do cara...
CEV-RJ - Estourou o fígado do cara.
Malhães – Ele morreu por causa disso?
CEV-RJ - Segundo o Amilcar Lobo, ele estava com o abdômen em tábua.
CEV-RJ - Assim, alguma coisa assim, porrada demais...
CEV-RJ - Tinha uma hemorragia interna no fígado, por isso tinha que ir para o hospital.
Malhães – Pode ser. Não leva muito em consideração o que o Amilcar Lobo fala, não.
CEV-RJ - Hun, hun.
Malhães – Cuidado com o Amilcar Lobo.
CEV-RJ - Pode deixar, coronel.
CEV-RJ - Mas, nesse caso parece que ele falou certo.
Malhães – Amilcar Lobo é faca de dois gumes.
CEV-RJ - Hun, hun.
CEV-RJ - Era, né?
CEV-RJ - Sim, mas o que ele falou..
Malhães – A gente..., é o caso da Inês Etienne, que eu vou brigar a vida toda com você, ela falou que viu tanta gente e ela não deve ter visto ninguém.
CEV-RJ - Coronel, mas esse Gargaglione, pelo tipo de personalidade dele, ele pode ter feito essa coisa sem muita consequência de enterrar na beira da estrada mesmo, e aqui tá bom, e vamos continuar...
Malhães – É, vamos agora tomar uma cerveja, vamos ...
CEV-RJ - E o senhor tem na memória do senhor, antes da Barra, quando o senhor foi chamado, aí era o erro do erro?
Malhães – É.
CEV-RJ - Foi o mesmo grupo que tirou ele do Alto da Boa Vista e levou para a Barra, não?
Malhães – Não
CEV-RJ - Já foi alguém para limpar... e o senhor tinha, o senhor tinha..
CEV-RJ - Mas, do DOI?

Malhães – Hun?
CEV-RJ - Mas, o pessoal do DOI, ainda?.
Malhães – Não.
CEV-RJ - Quem levou para a Barra?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Mas, aí já foram vocês. Do CIE.
CEV-RJ - mas, o senhor falou pra gente que saiu da Barra porque o DOI inteiro sabia que estava na Barra.
Malhães – Pois é. Não, na Barra também não, na Barra não.
CEV-RJ - No Alto da Boa Vista.
Malhães – Todo mundo sabia aonde estava.
CEV-RJ - Que aí tiraram porque começaram a reformar a estrada.
Malhães – É.
CEV-RJ - Aí levaram para a Barra.
Malhães – Barra.
CEV-RJ - Mas, quem levou para a Barra, não era o DOI?
Malhães- Eu não tenho certeza disso na época.
CEV-RJ - O que o senhor disse; 'nós precisávamos tirar da Barra porque o DOI inteiro sabia aonde estava'.
Malhães – É, não digo o DOI inteiro,...
CEV-RJ – Não.
Malhães - ... mas tinha gente que sabia aonde provavelmente ele estaria, porque até nós tivemos dificuldade de achar.
CEV-RJ - Tiveram dificuldade?
Malhães – É
CEV-RJ - - Vocês escavaram em muitos lugares?
Malhães – É ali, é ali, é ali.. e é normal. Porque, o cara não presta atenção...
CEV-RJ - Mas, distâncias longas ou distâncias
Malhães – Não.
CEV-RJ - ... próximas?
Malhães – Próximas. Por exemplo, amanhã ela vai perguntar para mim, 'mas aonde jogaram os ossos?' Ou 'aonde botaram os ossos?'. Eu sei aonde foi, quer dizer, o que foi ..foi,,,
CEV-RJ - Feito
Malhães - ...feito.
CEV-RJ - Hun. Hun.
Malhães – Mas, aonde foi...
CEV-RJ - Então, o senhor pode dizer o que foi feito?
Malhães – Não. Aí você pergunta (rindo) para mim, foi a cinco metros da árvore, amendoeira à direita, da goiabeira, que fica à esquerda do coqueiro? Aí é difícil.
CEV-RJ - Me explica uma coisa, qual é a história da tíbia? Da vaca.
Malhães – Uma sacanagem.
CEV-RJ - Quem teve a ideia de fazer a sacanagem, foi o senhor, coronel?
Malhães – Não. Mas,....

CEV-RJ - Quem foi com o senhor, era só grupo de oficiais, ou tinha sargentos, e cabos e soldados que..
Malhães – Não, foi só oficial.
CEV-RJ - Só oficial. Tudo do CIE.
CEV-RJ - O senhor pode dizer quem teve a ideia da tíbia, coronel?
CEV-RJ - Tudo do CIE?
Malhães – Não sei.
CEV-RJ - Não lembra?
CEV-RJ - Todos do CIE?
Malhães – Só eram oficiais.
CEV-RJ - Não eram só do CIE.
Malhães – Não eram só do CIE, mas todos eram oficiais.
CEV-RJ - Porque o senhor disse que era um grupo considerável, que armaram uma barraca, enquanto uns escavavam e outros ficavam fora em uma...
Malhães – É...
CEV-RJ - ...imitação de churrasco, piquenique, sei lá o que.
Malhães – É, ...
CEV-RJ - Muito tempo, coronel, ou foi rápido?
Malhães – Levamos umas mulheres para ficar...
CEV-RJ - Tinha mulher, também?
Malhães – Tinha, para ficar ná. Todo, toda ..
CEV-RJ - Cenário, cenário.
Malhães – ... todo, todo cenário teu, para ter validade. Não pode ter só macho.
CEV-RJ - Demorou uma noite, demorou um dia, demorou....?
Malhães – Há, demorou uma semana.
CEV-RJ - Uma semana para achar?
Malhães - (silêncio)
CEV-RJ - O senhor falou Barra – o senhor não vai conseguir ler isso aqui. A tíbia encontrada (lendo uma reportagem da época) '*uma tíbia, muito provavelmente carcomida, foi encontrada ontem à tarde pelos operários do Departamento de Estradas e Rodagem que faziam a escavação no quilômetro 17,5 da Avenida Sernambetiba, em busca dos ossos do ex-deputado Rubens Paiva. Estava acompanhando os trabalhos de escavação do diretor do Departamento de Investigações Especial – DIE, Elson Campelo'*. Esse o senhor conheceu...
Malhães – Conheci.
CEV-RJ - ... porque esse era outro... da pá-virada, também.
Malhães - É
CEV-RJ - E trabalhava junto com os senhores, não?
Malhães – Não.
CEV-RJ - (voltando a ler) '*o novo buraco fica perto da reserva biológica da Barra da Tijuca*'.
Malhães – Tá certo.
CEV-RJ - (continua a leitura) "*o secretário de Polícia Civil, Nilo Batista, que foi ao local de helicóptero levou a tíbia para o seu gabinete no qual convocou o*

chefe do Serviço de Necrópsia do Instituto Médico Legal, o legista Nauraliane Adebii (??) para o exame superficial do osso. Ela disse que a tíbia parece mesmo ser de um ser humano, mas ressalvou que isso só será confirmado com o exame his to patológico'. (...) Histopatológico, '*Em que o osso é cortado em pedaços microscópicos*'... Isso foi em 87... O lugar é esse, não é coronel?
Malhães – É provável.
CEV-RJ - Porque os senhores deixaram uma tíbia de vaca lá.
Malhães – Deixaram uma tíbia de vaca.
CEV-RJ - E depois veio a informação de que a tíbia era de vaca.
CEV-RJ - Coronel, o senhor que o Rubens Paiva... o senhor mal sabia quem era?
Malhães – Não, pelo certo, eu nem sabia quem era. Nem me interessei em perguntar. Porque, quem sabe demais – é o seu caso, é o caso dele – acaba sofrendo as consequências, de saber demais. Então, eu usava isso como norma, também.
CEV-RJ - Entendi.
Malhães – Pega o fulano, e joga de avião a cinco mil metros no paralelo tal, meridiano tal,que a corrente de mar lá leva para a África. Eu vou lá e faço. 'Quem está aí?' Sei lá quem é. Quando chegar lá tu abre o compartimento de bomba, ele desce, a gente fecha e vai embora para o alvo. Quer dizer, não era muito... cômodo. Você às vezes causava mal estar... Mas, 'o que que eu vou fazer?, Quem é esse personagem? O que que ele fez?' Não tem este tipo de pergunta.
CEV-RJ - Coronel, porque o...
CEV-RJ - Mas, quando os senhores foram desenterrar, os senhores sabiam quem estavam desenterrando.
Malhães - Sabia
CEV-RJ - Mas, coronel, no caso do Rubens Paiva, só para o senhor... porque, assim, como a gente falou aqui, Apolônio de Carvalho, esse outro cara do PCdoB que o senhor falou que era uma liderança, quer dizer, quando o senhor é.....usou esta técnica, né? de virar, dentro das organizações, essas pessoas elas cumpriam uma função de liderança nas suas organizações e tal...salvo engano, o Rubens Paiva, ele não era comunista...
Malhães – Mas é o que eu estou te falando...
CEV-RJ - ... Não era um líder de uma organização, ele era um cara, assim, um pai de família, estava na casa dele...
CEV-RJ - De esquerda
Malhães – É, é, é o que eu te falo. Eu nunca escutei falar nele. Quando ele falou nele, eu fiquei, Rubens Paiva, Rubens Paiva...
CEV-RJ - mas, aí o senhor lembrou dessa coisa da Barra?
Nalhães – Lembrei. Rubens Paiva, Rubens Paiva... só sei o negócio da Barra. Agora, por que ele morreu? Por que mataram ele? O que que ele fez? Eu até pensei, será que ele não participou do sequestro do Elbrick?
CEV-RJ - Não, nada.
CEV-RJ - O Elbrick foi antes.

Malhães – Pois é, mas eu fiquei elocubrando na minha cabeça, né? O Elbrick foi só político, né? É a família daquele que foi governador do Estado do Rio, toda... Então, eu fico perdido. Muita coisa eu não perguntava. Tinha coisa que eu não queria nem ver, se eu pudesse estar fora dali, eu estava fora dali. É que eu não podia. Porque, eu gostava muito do que eu fazia...
Malhães – Então, eu gostava muito do que eu fazia. Então eu estou perseguindo esse objetivo então vamos trabalhar ...
CEV-RJ - Hun, hun.
Malhães – ... nesse objetivo. Agora, se entrasse um outro, atravessasse um avião no meu caminho, eu não me interessava...
CEV-RJ - O senhor conheceu, foi seu colega de Academia, talvez, porque tem a mesma patente, tinha a mesma patente naquela época, do senhor, o capitão Anselmo, que trabalhava na PE?
Malhães – Olha, eu escutei falar, mas ele não trabalhava em negócio de informações, não?
CEV-RJ - Não, da PE. Foi ele quem foi buscar o Amilcar em casa para atender o Rubens Paiva. Foi ele, dirigindo um carro. Isso pelo livro do Amilcar.
Malhães – É aí que eu pasmo. Se queriam matar o cara, se o cara já estava morrendo, pra que foram buscar médico e tudo isso, né? E depois, ...
CEV-RJ - Isso aqui é um primeiro presente para o senhor
CEV-RJ - Não era para matar, né?
CEV-RJ - ...É o livro do Amilcar Lobo. É a xerox do livro do Amilcar Lobo.
Malhães – Não gosto dele.
CEV-RJ - Mas, o senhor vai querer ler.
Malhães – Vou.
CEV-RJ - O senhor leu o outro, do Cid?
Malhães – Ainda não. Mas, eu não gostava do Amilcar Lobo.
CEV-RJ - Isso o senhor falou. Mas, o senhor estava explicando do Rubens Paiva.
Malhães – É, então eu fiquei naquela, digo....
CEV-RJ - Pra que isso? Pra que buscar em casa? Pra que buscar médico?
Malhães – Pra quê?
CEV-RJ - Não faz sentido, né?
CEV-RJ - Dizem que buscaram médico porque telefonaram de Brasília porque era um cara muito importante que estava ali. Era um deputado. Veio um pedido de Brasília para ver o que estava acontecendo.
Malhães – É, mas até aí também morreu neves afogado no mar de cuspe (?????- som ruim). Porque, se o cara estava com o cara na mão, morrendo, como é que vai dar informação de que.. 'não, vamos tentar então salvar'. Não tem....
CEV-RJ - É, não tem lógica.
Malçhães – Pô, meu chefe....
CEV-RJ - Não sabiam que estava morrendo, dizem que chamaram o médico para saber se podia dar mais porrada.

Malhães – 'Pô meu chefe. Já tá a caminho. Já está batendo lá na porta do céu, do inferno. Já vai entrar. Não dá para fazer mais nada'
CEV-RJ - Na quinta-feira antes do carnaval, o senhor não deve ter lido, saiu essa seguinte reportagem. (Lendo): '*Em depoimento à Comissão Nacional da Verdade* – nós somos da Estadual, não tem nada a ver com a gente -, *o coronel da reserva Armando Avólio Filho, ex-integrante do Pelotão de Investigações Criminais da Polícia do Exército (PIC da PE), revelou ter visto, por uma porta entreaberta, em janeiro de 1971, um tenente identificado como Antônio Fernando Hughes de Carvalho'....*
CEV-RJ - O senhor lembra dele?
CEV-RJ - Um de olhos verdes.
Malhães – De nome, me lembro
CEV-RJ - (continuando a leitura) *...'Hughes de Carvalho torturando um preso político. Carvalho pulava sobre o corpo do preso. A cena, acompanhado'* – peraí, deixa eu botar o óculos que tá ficando escuro aqui – '*a cena aconteceu na carceragem do Destacamento de Operações de Informações do 1º Exército, na Rua Barão de Mesquita, Tijuca (DOI-I). Tempos depois, ao tomar conhecimento do desaparecimento do ex-deputado Rubens Paiva, associou-o à vítima torturada por Hughes, pois as características físicas seriam semelhantes — homem descrito como branco e gordo. Paiva foi preso em casa, no Leblon, dia 20 de janeiro de 1971, por uma equipe do Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (Cisa), e desde então é considerado desaparecido. A data, segundo o depoimento, coincide com a cena do espancamento. Avólio, que também era tenente, disse que, logo após testemunhá-la, chamou seu chefe imediato, o então major Ronald José Baptista de Leão, e levou o caso ao comandante do DOI, o também major José Antônio Nogueira Belham, e ao comandante da PE, coronel Ney Fernandes Antunes. Em carta à Comissão, Leão confirmou o episódio. No início deste ano, Leão faleceu. Hughes, também já falecido, era um oficial egresso do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR). Foi descrito no depoimento de Avólio como um "militar loiro". Documentos obtidos no banco de dados digital do projeto Brasil Nunca Mais confirmam que Hughes participava de ações da repressão contra a esquerda armada atuando em parceria com militares do Cisa. Por conta desse envolvimento, ele ganhou em 1971 a Medalha do Pacificador, distinção dada a militares posteriormente acusados de tortura. O depoimento de Avólio foi tomado, no ano passado, pelo ex-procurador geral da República Cláudio Fontelles, então membro da comissão. Fontelles também ouviu o general reformado José Antônio Nogueira Belham, que afirmou estar de férias no período da prisão e desaparecimento de Paiva, sendo substituído pelo major Francisco Demiurgo Santos Cardoso. Porém, um documento que o próprio general apresentou à CNV informa que, em determinados dias de janeiro de 1971, ele teve as férias suspensas para o cumprimento de missão especial, pela qual chegou a receber diárias'..*
(parando a leitura) Segundo me consta, o pessoal do DOI recebia diária de

alimentação porque o Ney Fernandes não deixava eles almoçarem e jantarem na caserna, porque eles andavam à paisana. O senhor tem essa informação? – Malhães – (sinaliza que não)
CEV-RJ - (retornando à leitura) '*Na época, Paiva era acusado de manter correspondência com exilados políticos'.* Aí, mais embaixo vem uma parte (continua a leitura) '*em depoimento dado na época em que foi denunciado pela ex-presa política*...', Não. (procurando no jornal) Han, comissão, o caso... então major..bababa..., montagem. E aí vem a tal frase do Leão de que ele teria visto o preso no dia 20, na porta, com o seu colega Paim e com o Perdigão. Aonde é que está isso aqui? Tá aqui, oh: '*Os depoimentos de Avólio e Leão foram ouvidos ano passado pelo ex-procurador-geral da República, Cláudio Fontelles, na época integrante da CNV. Leão, que morreu no início deste ano, revelou que Paiva chegou ao DOI pela porta dos fundos do quartel, levado por uma equipe do Centro de Informações do Exército (CIE). Ao tentar se aproximar da cela, teria sido impedido pelo major Rubens Paim Sampaio e pelo capitão Freddie Perdigão Pereira, sob a alegação de que era um preso importante. Sampaio e Freddie, já falecido, eram do CIE e tiveram os nomes envolvidos no desaparecimento de presos na Casa da Morte de Petrópolis*'. O que o senhor acha disso tudo?
Malhães – Eu já parto uma coisa importante ai. Pela abertura de uma porta .... você já ver um cara pulando em cima do outro já é difícil, né?. Se a porta tivesse aberta, tudo bem. Pela abertura de uma porta, você ver um cara pulando em cima do outro é difícil. Se você identificar o que está sendo pulado e o que tá pulando.. o que tá pulando eu até... é colega dele de quartel, podia ele ter facilidade de identificar, mas, sei lá. Agora, Freddie Perdigão Pereira, famoso Pernetaq, tá nessa história e o Sampaio também tá nessa história, não falaram nada comigo. Então eu não sei onde eu estava nessa época.
CEV-RJ - Vinte de janeiro, era um feriado, de 1971.
Malhães – Eu devia estar, eu devia estar em algum outro lugar.
CEV-RJ - Araguaia, talvez.
Malhães – Em algum outro lugar eu tava. Não me lembro, mas em algum outro....
CEV-RJ - Não, não, 71, pelo que eu sei já, eu acho, o senhor não estava no Rio Grande do Sul nessa época?
Malhães – Eu devia estar no Rio Grande do Sul. O Rio Grande do Sul foi meu grande maná. Eu derrubei tudo quanto é organização. Acabei com as organizações do Rio Grande do Sul, acabou. Porque eles usavam um sistema familiar, quer dizer, um conhecia o outro da outra organização. E assim eles fecharam o círculo.

CEV-RJ - O senhor sabe os nomes, coronel, das organizações? O senhor lembra?

Malhães – Ah, tem POR, PORT..., PORT, POR, Partido Operário Revolucionário, partido, como é que é o PORT?, Revolucionário Trabalhista. Tem uns nomes diferentes lá, não me lembro de todos não.

CEV-RJ - Mas tudo isso se...

Malhães – Se.. Acabou. Até aconteceu um fato interessantíssimo. Tinha uma... em uma (inaudível) foi presa uma menina, nem eu estava na operação. Em uma das operações desencadeadas pela Central, foi presa uma menina. Aí essa menina chegou lá: 'eu sou filha do coronel fulano', comandante do SMEC de lá. Aí me chamaram. 'Oh, tem a filha de um coronel, aí'. 'Aonde vocês prenderam?'. 'Ah, prendemos dentro de um aparelho'.'Então, tá em cana, pode ser filha até do presidente da República. Tá em cana. Tem problema não'. Aí o cara apareceu lá. Ela era namorada do comandante regional da VPR que tinha tentado matar o cônsul americano'. Certo? Aí... ela me deu o apartamento em que eles estavam, o apartamento que eles ocupavam. Os dois ocupavam. Que era a sede do comando. Aí eu fui lá. Lá eu peguei documentos em que ela ensinava como entrar no quartel do pai, mostrava o diagrama das defesas do quartel do pai, ela mostrava tudo isso. Então quando o pai dela chegou pra chiar perto de mim, eu digo, 'aqui, oh, sua própria filha. Então ela não vai ser solta. Ela vai responder inquérito como todos os outros que estão aí'. E tinha gente pululando no DOI, tinha preso solto na área porque não tinha mais onde botar.

(...)

Malhães - Aí... você vê, aí saímos derrubando todo mundo. Eu jogava xadrez com os presos. Porque eu não tinha onde ficar. Então, o Exército não me queria lá, então eu fiquei dentro do DOI. Do DOI, do DOPS. Quem trazia comida pra mim era o Pedro Seelig. Trazia comida, refeição, arranjou lá uma cama de lona pra mim dormir. Eu vivia lá no meio deles. Porque...
CEV-RJ - O senhor lembra de algum preso daquela época, coronel?
Malhães – Ah, não. Aí vai ser difícil, era muita gente. Tem o bicho, da VAR, da... da VAR-Palmares. Foi quem deu o cofre da amante do Ademar. Você procurando por esse codinome Bicho, da VAR, vai achar quem é.
CEV-RJ - Tá vivo ainda?
Malhães – Ah, não sei.
CEV-RJ - O senhor não lembra de mais nenhum codinome?
Malhães – Ah, não. Ali então tocou barata voa. Ali eu peguei um tal de Edmur Péricles que era também um cobrão. Esse que fez promover o Pedro Seelig de terceira pra primeira.
CEV-RJ - Esse foi o que foi pro Uruguai, né?
Malhães – É. Que levou o Pedro.... Eu prendi ele e fiquei com ele preso. Eu prendi de madrugada em um hotel. Eu fiquei com ele preso, quando o Seelig chegou eu disse: 'oh, o secretário prometeu te promover se tu prendesse ele. Tá aqui ele, tá preso, leva pro secretário e diz que você que prendeu, tá tudo certo'.
CEV-RJ - Fechou...
Malhães – Tinha uns lances bacanas nesse negócio.
CEV-RJ - Coronel, aqui diz que o Belham foi convocado pra depor novamente e não quis depor.

Malhães – Eu acho que o Belham não devia depor.
CEV-RJ - Não vai depor. Aí sabe o que eles querem fazer? Provocar uma...
Malhães – Abrir uma Comissão Parlamentar de Inquérito para .
CEV-RJ - Comissão Parlamentar. Aí vão acabar convocando todo mundo.
Malhães – Eu não vou.
CEV-RJ - O senhor já falou.
CEV-RJ - Na CPI? Numa CPI?
Malhães – Em lugar nenhum. Só se eles me levarem preso. E assim mesmo se eu não resolver trocar tiro. Morro aqui, pronto. Vou ter que morrer uma hora, né?
CEV-RJ - Não é mais fácil a gente esclarecer logo isso?
Malhães – Não, não tem o que esclarecer.
CEV-RJ - Só o que que foi feito, não é aonde puseram.
Malhães – Não, não é isso.
CEV-RJ - O que que foi feito? Tiraram....
Malhães – É que eu acho...
CEV-RJ - Tiraram..o senhor já admitiu que tiraram, estava em estado de putrefação ainda, puseram num saco.
Malhães – Pois é, agora vem cá.. você me imagina...
CEV-RJ - Se a gente não disser que foi o senhor que falou? Acabou.
Malhães – que tem, que tem...você imagina eu olhar pra cara de um cara, que deve ser um tremendo merda de um político a vir me interrogar. Eu não vou aceitar isso.
CEV-RJ - Então, eu estou dizendo pra resolver aqui...
Malhães – Não.
CEV-RJ - ... se o senhor contar pra gente....
Malhães – Não..
CEV-RJ - O que foi feito com o saco, coronel?
Malhães – Não, aí não.
CEV-RJ - É tão difícil assim?
Malhães – É, porque ai vão dizer que só pode ter sido eu que contei.
CEV-RJ - Não! Não pode.
Malhães – Pode, pode, pode. Se você soubesse que eu estou na maioria desses casos, você ia saber que pode. Quem era o responsável por isso assim, assim, assim? O Belham pode dizer.
CEV-RJ - O Belham tava lá? Na, no...
Malhães – O Belham foi chefe de sessão de operações do CIE.
CEV-RJ - Nessa época do ...
Malhães – Depois.
CEV-RJ - Mas o Belham participou do acampamento?
Malhães – Não. O Belham foi ser chefe da sessão de operações do CIE em Brasília.
CEV-RJ - E soube do fim dado ao corpo de Rubens Paiva?
Malhães – Não sei, eu não contei. Te juro que não contei, ele também não me perguntou.

CEV-RJ - O senhor trabalhou junto com ele?
Malhães – Ele era meu chefe... Me considerava muito, não tenho nada que dizer dele. Até coisas inexplicáveis eu expliquei pra ele.
CEV-RJ - O que é uma coisa inexplicável?
Malhães – Eu querer explicar pro cara que os argentinos estão reclamando que um cara foi sequestrado no Brasil. Que até entrada no Brasil eles têm. E eu dizer, 'não, o cara não tá no Brasil'. 'Mas como? Tá aqui, a passagem dele aqui, o registro dele, o desembarque no aeroporto'. 'Procura ver se dois dias depois não tem o registro de embarque dele no mermo aeroporto'.
CEV-RJ - Pra Venezuela...
Malhães – Pra Venezuela de volta.
CEV-RJ - De volta não, seguindo viagem...
Malhães – É, de volta... É um cara muito parecido com ele, com o passaporte dele.. E aí?
CEV-RJ - Coronel, tem um argentino, conheço o filho dele, conheci, em um momento da vida, li um livro, na verdade, Norberto Habegger, esse nome diz alguma coisa para o senhor?
Malhães – Não... Norberto...?
CEV-RJ - Habegger. Esse era o nome dele, não era o codinome. O codinome eu não me lembro agora. Ele veio do México pra cá.
Malhães – Mas, foi preso aonde?
CEV-RJ - Aqui no Rio. Ele saiu do Galeão, ele ia encontrar com o pessoal - isso é a história que eu sei, pode não ser verdade -, ele ia encontrar com o pessoal no Flamengo e ele foi preso depois que saiu do aeroporto do Galeão.
Malhães – Pode ter sido preso até pela gente. Ele era ligado a quem, ao ERP, ao... ?
CEV-RJ - Ele era do mo... ele era secretário geral de comunicação dos Montoneros, na Argentina.
Malhães – Então provavelmente foi. Tá lá, foi pra Argentina.
CEV-RJ - Mandaram para a Argentina?
CEV-RJ - Mas, ele, mas ele... Não, porque o que eu sei, porque eu também não sei se o que eu sei, né? O que eu sei dele é que aí ele chegou aqui e foi esse mesmo esquema. Ele teve entrada, tem documento da Polícia Federal que comprova a entrada dele.
Malhães – E tem que ter a saída.
CEV-RJ - É.
Malhães – Tem a saída? (silêncio) Então ele saiu. (silêncio) Não?
CEV-RJ - Não tem saída, coronel.
Malhães – Então ele pulou de helicóptero, de paraquedas do avião....
CEV-RJ - O senhor não lembra desse caso, mesmo?
Malhães – Não. Eu podia.. eu posso até ter sido eu, certo?
CEV-RJ - Mas num caso assim de estrangeiro... que uma coisa são os caras das organizações daqui. A técnica é a mesma, coronel? Ou não?
Malhães – No fim entrou uma sarambada de tudo. O que aconteceu é, é uns troços que eu digo: a sorte é uma coisa. Eu quando tava investigando aqui no

Brasil, no Rio de Janeiro, descobri que tinha uma porção de argentino voando, dentro do Rio de Janeiro. Aproveitando..., se aproveitando da vida do Rio de Janeiro. Uns exilados políticos, pela ONU, outros não. Aí eu mandei fotografar todo mundo. 'Eu quero que vocês saíam, tirem fotos de todo mundo. Eu quero esses caras todos fotografados. Eu não sei quem eles são, não quero que vocês saibam quem eles são. Eu só quero fotografia deles'. Ai foi tirada a fotografia deles todos. Os argentinos souberam... que... a parte da chefia do ERP, os tupamaros.., os caras de operações dessas organizações, tinham estado no Brasil, ou estavam no Brasil. E que eles queriam que fosse verificado. Ai eu peguei meu álbum de fotografia e disse: 'mostra pra eles. Vê se tem algum aqui'. 'Ah, esse é fulano, esse é beltrano, esse é cicrano, esse é não sei quem, esse é o cara que matou não sei quem... você sabe onde ele está?' 'Mais ou menos, sei que eles estão no Rio de Janeiro e mais ou menos a localidade que eles frequentam'. Então aí foi outra operação. Isso foi uma coincidência, foi uma sorte minha. Fiquei famosíssimo na Argentina por causa disso, me deram medalha da Argentina.
CEV-RJ - Esse caso que eu falei pro senhor até mandaram três policiais argentinos pra cá.
Malhães – Não, eu soube de um. Mas os outros dois eu nem tenho isso clandestinamente. Eu soube de um. Mas, oficiais do Exército argentino, do 601, tiveram vários aqui. Então, aí por causa dessa história, eu fiquei célebre na Argentina. Eu tinha todo mundo fotografado. Eu... Me deu na telha aquilo, eu não tinha nada a ver com a Argentina. Mas resolvi fotografar os caras, achei estranho aquele movimento. 'Fotografa todo mundo e guarda'. No dia que o (inaudível) apareceu eu disse: 'apanha aquelas fotografias, faz um álbum direitinho, eu vou dar aos caras e ver se eles acham os caras'. Eles acharamtodo mundo. Aí foi fácil.
CEV-RJ - E levaram?
Malhães – E levaram.
CEV-RJ - Vivos?
Malhães – Vivos.
CEV-RJ - Presos?
Malhães – Presos.
CEV-RJ - Oficialmente presos? Saíram....
Malhães – Oficialmente presos, não. Oficialmente presos não tem ninguém. Isso é uma guerra. Guerra de guerrilha.
CEV-RJ - Coronel...
Malhães – É preciso que você... Não é uma guerra que dois exércitos fardados se enfrentam, cada um...aqui tá a divisa da minha Nação, aqui tá a divisa da sua, a mesma divisa. Eu ataco você, fardado. Com o meu armamento eu ataco você e você defende o seu lado. Fardado. Tanto é que nós não estamos sujeitos às Leis de Genebra. O guerrilheiro não está sujeito às Leis de Genebra.
CEV-RJ - Não?

Malhães – Não. Porque o guerrilheiro não está identificado. O guerrilheiro não está identificado. É onde guerra se transforma em guerra. O guerrilheiro é guerrilheiro.
CEV-RJ - Coronel, me diz uma coisa. O senhor falou que no governo Médici, ele lhe chamou e lhe pediu para ajudar..., uma ajuda com relação a um embaixador. O caso de um embaixador. Que era um embaixador brasileiro. O senhor lembra o nome? Chama-se José Jobim?
Malhães – Não posso te dizer isso.
CEV-RJ - Foi embaixador do Vaticano?
Malhães – Não posso te dizer isso. Aí eu vou envolver...
CEV-RJ - Porque José Jobim apareceu morto, enforcado, anos depois, no Itanhangá em um crime que até hoje não se esclareceu e a família acha que foi perseguição política.
Malhães – Não sei se foi perseguição política. Os terroristas, o próprio Rubens Paiva, que eu não conheci e nem estudei a vida dele, não tive esse felicidade, ele também tinha outras mulheres, não tinha?
CEV-RJ - Não sei se o Rubens tinha outras mulheres.
Malhães – Porque você tem que levar em consideração uma porção de fatores. Entendeu? Porque, ah, ... o seu amigo que é jornalista disse pra mim: 'ah, você trocou o nome de muita gente'. Não sei se eu troquei o nome de muita gente. 'Eu já soube que muito desaparecido não está desaparecido, você trocou o nome e mandou embora daqui'. Não sei se eu fiz isso.
CEV-RJ - Não, o senhor falou pra mim que deu identidade pra muita gente.
Malhães – Então, mas não sei se... entendeu? Não disse pra ele que não sabia. Porque ele veio com afirmativa. Se ele vem perguntando eu talvez até respondesse a ele. Mas como ele já veio com 'você deu'... Então...recebeu uma resposta...
CEV-RJ - Mas, no caso do embaixador?
Malhães – Não sei. Não acho que foi perseguição política, não. Por que perseguição política?
CEV-RJ - Tinha uma participação lá em 64, na questão de Itaipu.
Malhães – Não tem razão de ser não.
CEV-RJ - Tava tentando investigar o acordo bilateral com Itaipu.
Malhães – Então foi crime econômico.
CEV-RJ - O quê?
Malhães – Crime econômico.
CEV-RJ - Não.
Malhães - Alguém que ele fosse prejudicar... Esse outro que morreu aí, que era pra morrer afogado, mas morreu baleado.
CEV-RJ - Baumgarten?
Malhães – Baumgarten. O crime dele é econômico. Não é político.
CEV-RJ - Não, ele estava ameaçando contar as histórias todas.
Malhães – Histórias de quê? De falcatrua. Só queque ele conhecia. Por que que deram Cruzeiro pra ele, pra renascer? O que que ele fez da revista Cruzeiro? Por que as tais torres lá em Copacabana, na Barra, que iam sair e

não saíram as outras três torres. E nego podia contar essas histórias todas. Mas político? Não...
CEV-RJ - Havia uma preocupação dos senhores, do CIE, mesmo aqueles que não estavam envolvidos em falcatrua, de não deixarem vim à tona os casos...
Malhães – Não.
CEV-RJ - ... de corrupção do governo?
Malhães – Não. Eu até badalava muito uma. Tinha um ajudante de ordens do Figueiredo, que de repente ficou rico. Aí eu perguntei pra ele: 'vem cá, como é que tu ficou rico?' Ele disse: 'vendendo cavalo. Eu pego o cavalo, passo os cavalos, transformo em cavalo de salto e vendo'. 'Porra, mas dá pra ganhar tanto dinheiro assim? Se eu soubesse disso já tava criando cavalo de salto há muito tempo'. 'Isso dá pra ganhar dinheiro'. Tinha nada a ver com isso. O filho do Figueiredo...
CEV-RJ - Jonhy[27]?
Malhães - ...foi o que forçou a barra em São Paulo pra fazer um... com o Maluf. E o Maluf não deixou. Ele veio e fez queixa ao pai dele. O pai dele prometeu ao Maluf que ele não seria presidente da República. E realmente foi ele que fez o Maluf não ser presidente da República.
CEV-RJ - O que o filho queria com o Maluf?
Malhães – Era um trambique lá grande. O trambique deles é trambique de milhões.
CEV-RJ - Mas o Maluf governador?
Malhães – Maluf governador.
CEV-RJ - Não permitiu?
Malhães – Não permitiu.
CEV-RJ - Não permitiu porque o Maluf era honesto ou não permitiu porque ficou de olho no.... na negociata?
Malhães – Eu acho que o Maluf até certo ponto deve ser honesto. Ele tem muito dinheiro pra ser desonesto. Eu sigo muito o conselho, quem me deu esse conselho foi o ministro da Fazenda, Delfim Netto. Uma vez, eu sentado, eu fui fazer a segurança do Delfim Netto num encontro X, negócio econômico, mas que tinha... podia surgir algum embaraço, aí eu tive tempo de conversar com ele. Aí ele me ensinou também uma porção de coisa econômica. 'Nunca dê um cargo importante a um duro. Se dê um cargo importante a um cara que tenha dinheiro'. Aí eu disse: 'por quê?'. 'Porque o duro vai querer roubar pra ficar com dinheiro e o que tem dinheiro já vai querer ....
CEV-RJ - Ser atendido.
Malhães - .... se segurar mais um pouquinho, porque já tem dinheiro e não precisa de mais dinheiro'. Explicação do Delfim Netto, eu aprendi. Você nunca dê um cargo importante, que vai mexer com dinheiro.... Isso a Dilma Rousseff já deveria ter aprendido.

[27] O Presidente João Figueiredo e sua mulher, Dulce, tiveram dois filhos: Paulo Roberto e João Batista Figueiredo Filho.

CEV-RJ - Só pra encerrar essa história do embaixador. Se não há uma conotação política... Se não há uma conotação política, porque que não pode ser esclarecido o crime e apareceu como suicídio o que não era suicídio?
Malhães – Ah, não sei. Aí tem o meandros da República. Porque, eu sou, eu sou um grão de areia.
CEV-RJ - E esse grão de areia teve alguma história com José Jobim, pelo que eu notei aqui.
Malhães – José Jobim?
CEV-RJ - É, o embaixador.
Malhães – Ham, e qual foi a história que eu tive?
CEV-RJ - Não sei, o senhor tá dizendo que teve uma história com um embaixador e eu já achei que era com o José Jobim, não?
Malhães – Pode não ter sido com o José Jobim.
CEV-RJ - Que o Médici lhe encarregou de ver uma história com um embaixador...
Malhães – É, mas não era. Não tinha esse fundo não. (...) Mas eu não tenho nada...
CEV-RJ - Nada de...
Malhães - ...os meandros... é... é que você não viveu a experiência, mas há experiências fantásticas pra gente viver. Uma é no meio dos altos poderes aquisitivos. Você vai ver cada história que você caí duro para trás. E outra nos meandros políticos. O Lula mandou matar dois por ...
(...)
CEV-RJ - O Lula mandou matar?
Malhães – Dois. Que na ordem de chegada pra ser presidente do sindicato estavam na frente dele.
CEV-RJ - Quem são, o senhor sabe os nomes?
Malhães – Não.
CEV-RJ - A outra história que o senhor me contou, o senhor falou aí das filhas do governador... do ex-governador do Estado do Rio, que teriam sido presas, as duas. Só que eu fui atrás,
Malhães – E não achou?
CEV-RJ -... e as filhas do Roberto Silveira....
Malhães – É dele mesmo.
CEV-RJ - Na época tinham 15 e 09 anos.
Malhães – Então é não era dele, era de outro governador.
CEV-RJ - Não foi por participação no sequestro do Elbrick?
Malhães – Foi.
CEV-RJ - O sequestro do Elbrick foi em dezembro de 70. Foi em..eu isso anotei isso aqui.
(...)
CEV-RJ - Mas eu quero voltar aqui, nas coisas. A gente vai embora, quem sabe a gente vai embora já.
CEV-RJ - Por mim, em conversa agradável eu fico. Eu estou tentando achar aqui o nome dela. (Lendo): O embaixador americano Charles Elbrick foi

sequestrado em setembro de 69. No dia 07 de dezembro de 70, entretanto, houve o sequestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher. O sequestro durou 13 dias... até 13 de janeiro. Não, tá aqui, oh...(lendo) “As duas filhas de Roberto Silveira, Maria Auxiliadora, a Dora, e Márcia Saad Silveira, eram pequenas nessa época. Márcia tinha quatro anos em 64, nove anos em 69. Dora é um pouco mais velha, mas no máximo tinha 15 anos na época do sequestro do embaixador Elbrick.
Malhães – Não, não. Eram duas moças.
CEV-RJ - (continuando a leitura) A filha, porém, era ligada a Bocayuva Cunha.
CEV-RJ - Ele já disse que não eram essas.
CEV-RJ - Não eram essas. Então quem era o ex-governador.
Malhães – Eu também gostaria de me lembrar o nome dele.
CEV-RJ - Raimundo Padilha?
Malhães – Porque não pega o sequestro do Elbrick e tá lá o nome das duas?
CEV-RJ - Tá no nome com... soltaram? Foram soltas pelo sequestro?
Malhães – Foram. Responderam... Tanto elas foram que para mim foram elas que me alcaguetaram...
CEV-RJ - E seu nome entrou no livro.
CEV-RJ - Elas foram soltas no sequestro do Elbrick? Duas irmãs?
Malhães – Duas irmãs.
CEV-RJ - Tá bom, vou procurar isso.
(...)
CEV-RJ - Coronel, eu tenho alguns ...umas perguntas que eu queria fazer pro senhor, mas não preciso fazer hoje, posso fazer outra hora. O mundo não vai acabar, né?
Malhães – Mas, faça.
CEV-RJ - Ah.., eu estou lá ainda nas prisões, em como o senhor prende o pessoal, pensando nisso. É, é.. O senhor conseguiu...o senhor reconhece hoje, assim, olhando pra aquela época, o senhor conseguiu pelo menos mexer um pouquinho em todas as organizações? Não teve nenhuma que o senhor não....
Malhães – Não, tem umas localizadas..
CEV-RJ - Mas quais que o senhor conseguiu infiltrar mais gentes?
Malhães – No PCdoB.
CEV-RJ - E depos do PCdoB?
Malhães – Aí varia.
CEV-RJ - Mais aqui no Rio? Mais...
Malhães – Não, no Rio Grande do Sul não precisou infiltrar ninguém, todo mundo falava tudo.
CEV-RJ - Que lá eles se.... a rede familiar, o senhor já me falou.
Malhães – ALN...; VAR-Palmares...; VPR...; Pecebão, partidão. Partidão eu tinha tanto infiltrado que chegava a cansar. Escutar as mesmas histórias ao mesmo tempo (inaudível) dele, mas... E o partidão eu encontrava em um escritório que eu tinha aqui no centro da cidade. Tinha até escritório pra encontro.
CEV-RJ - Onde ficava?

Malhães – Ali no centro perto da estação de Metrô, em um edifício que tem ali.
CEV-RJ - Na Uruguaiana?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Carioca?
Malhães – Na Carioca.
CEV-RJ - Edifício Central?
Malhães – Não, não é o Edifício Central. É um escritório, uma série de escritóriozinhos, de advogados..... encontrava ali.
CEV-RJ - Quais outras, coronel?
Malhães – VAR, VPR, ALN.
CEV-RJ - MR-8, o senhor tinha falado.
Malhães – MR-8.
CEV-RJ - MOLIPO, o senhor lembra?
Malhães – Nem me lembro, acho que não.
CEV-RJ - POLOP? Lembra?
Malhães - Não. Não tinha. Com certeza não tinha. (silêncio) Às vezes você tem um informante ocasional, que um interrogador te dá ele. Mas, assim, de marcar ponto, cobrir ponto..
CEV-RJ - Não, mas eu digo dos virados, sabe coronel? Dos que o senhor..
Malhães - ... pra discutir... porque, eu quando eu viajava pro Norte, eu tinha que ir lendo antes a revista Veja. Porque a revista Veja naquela época abordava os temas discutíveis na República. Então eu lia pra poder responder às perguntas dos meus infiltrados. Eu tinha essa obrigação. Ia a viagem toda lendo. Então, PCdoB...
CEV-RJ - Foi o mais forte?
Malhães – O quê?
CEV-RJ - O PCdoB foi o que o senhor mais...
Malhães – É, foi o que eu mais procurei também, né?.
CEV-RJ - Mas vocês dividiam isso, coronel? Porque os outros oficiais que faziam esse tipo de trabalho com o senhor ou o senhor tem essa função como a mais forte?
Malhães – Eu tinha como função mais forte.
CEV-RJ - Principal? Porque o senhor não se envolvia muito com operações, com....
Malhães – Quando eu podia, né? Porque às vezes eu era mandado. Eu era de ope..., na realidade eu era de operações. Aí depois, essa de infiltrado passou pra contra-informações. Aí a gente ficou mais aliviado. Um chefe, até muito genioso, assim meio....., mas muito bom também, muito inteligente. Mas depois nós voltamos... Ele começou a fazer muita presopopeia, porque ele era o chefe dos infiltrados, e tal...
CEV-RJ - Quem era, coronel, na época?
Malhães – Esse deve estar vivo.
CEV-RJ - Ah, tá. Então deixa, deixa ele.
Malhães – É um dos Etchegoyen. Já escutou falar nos Etchegoyen?

CEV-RJ - Etchegoyen? Os dois, coronel e general. O que têm eles? É o tal do coronel que o senhor falou?
Malhães – Qual?
CEV-RJ - Do... que foi o tutor da Etienne?
Malhães – Foi.
CEV-RJ - Mas eles eram de São Paulo?
Malhães – Que de São Paulo...
CEV-RJ - Não eram do Segundo Exército?
Malhães – O general era, mas o coronel não era.
CEV-RJ - O coronel foi o que propôs o assassinato da Etienne?
Malhães – Calma... fica calmo, porque senão você vai ter um infarto..
CEV-RJ - Por que esses..., eu fui pesquisar esses nomes, fiquei um tempão... eu fiquei um tempão pesquisando esses nomes, mas bati nos dois que eram do Segundo Exército.
Malhães – Não. Um era general ..
CEV-RJ - De Divisão....de Brigada.
Malhães -..era do Segundo Exército...
CEV-RJ - de Brigada.
Malhães – E o outro, não. O outro era chefe da contra-informação do CIE. É o que eu digo pra você...
CEV-RJ - E ele é que foi o tutor...
Malhães – Ele era um homem inteligente, mas por demais vaidoso. Então a vaidade fez com que ele se perdesse. Depois ele quis arrumar história. Aí armou uma cilada. Queria que alguém do gabinete do Exército, do ministro do Exército, na época ...
CEV-RJ - Walter Pires.
Malhães - ....matasse a Inês Etienne, pra que a culpa caísse nesse oficial que era do gabinete do ministro, para que o Miltinho pudesse assumir o cargo de Ministro do Exército. Aí promovia o irmão dele a Exército e promovia ele a brigada.
CEV-RJ - Miltinho estava no CIE? Chefe do CIE?
Malhães – Não, estava no comando do Segundo Exército.
CEV-RJ - Comando do Segundo Exército.
CEV-RJ - Coronel, entre esse trabalho dos infiltrados e a contra-informação, que volta, o senhor falou agora que seu chefe, na época, retomou isso, eu acho essa técnica que o senhor usou, ela... destoa de tudo o que a gente... enfim, do que está escrito nos livros, que as pessoas falam, né? O senhor sabe que tinha, claro, tinha desavença dentro da esquerda, dentro dos ... até hoje eles usam.....
Malhães – Todo mundo quer ser chefe.
CEV-RJ - ..então, alguns acusam os outros e tal.
Malhães – Todo mundo quer ser chefe.
CEV-RJ - O senhor falou que quando acabou..., quando teve a abertura enfim, que, meio que... tanto o senhor quanto essas pessoas se... se afastaram, o

senhor meio que as liberou, e a 'gente não tem mais nada a ver um com o outro'.
Malhães – Acabou.
CEV-RJ - Acabou. Como é que essas pe.... essas pessoas viveram, coronel? Mas, assim, até a abertura, essas pessoas elas viviam como, coronel? Porque o senhor me falou que cada um tinha, era tipo, cada um tinha um preço, dependendo da situação que ocupavam.
Malhães – Ué, ganhavam dinheiro.
CEV-RJ - Mas assim, esse dinheiro vinha do Exército?
Malhães – Do Exército.
CEV-RJ - E depois? Depois, o que aconteceu com essas pessoas?
Malhães – Depois rolou.. Algumas tinham, através desse tempo que elas... encontrado lugares pra trabalhar. Porque elas tinham que justificar o dinheiro que elas tinham.
CEV-RJ - Sim.
Malhães – Então elas tinham que procurar lugar pra trabalhar. Algumas tinham, dependendo da sua capacidade, da sua inteligência...
CEV-RJ - Todos eram inteligentes, senão não tavam...
Malhães – Então, eles voltaram à sua vida normal.
CEV-RJ - Mas essas pessoas chegaram a assumir funções políticas?
Malhães – Ah, assumiram.
CEV-RJ - Cargos públicos...
Malhães – Ah... tanto os amigos, quanto os inimigos. Às vezes até eles estão no mesmo partido, no mesmo..... Só que... você tem que entender o seguinte, que os que escaparam com vida, estão tranquilos, não há dúvidas sobre eles pela outra parte. Então eles estão numa boa. Eles vão ganhar prêmios como vão ganhar prêmios os que não eram infiltrados. Entendeu? Então, a vida continua. Tem um aqui em Nova Iguaçu, foi o que me entregou aquele médico daqui que queria me matar... deixa isso pra lá, isso é outro história. Então, a... a igualdade..., alguns receberam, uns pediram, para ir embora para fora.
CEV-RJ - Mas eles recebiam uma bolada só ou o senhor tinha que está num ...
Malhães – Todo mês...
CEV-RJ - uma quantia de salário?
Malhães – Todo mês eles tinham o seu salário.
CEV-RJ - E era a maneira do senhor controlar também?
Malhães – Também. Se eu desse tudo, desse o dinheiro todo, o cara embarcava e ia embora. E todos eles tinham o seu dinheiro. E alguns trocavam pela não denúncia deles, pela função política que eles tinham.
CEV-RJ - Chamada delação premiada de hoje.
Malhães – É.... É.... Não é muito fácil. Você tem que viver uma experiência dessas pra você poder entender ela na sua totalidade. Eu tô falando: a guerra é guerra. Você dizer hoje que no passado se torturou, se matou, se não sei o que e tê, tê, tê.. 'Mas porque?' 'Por que os caras eram comunistas'. 'Mas o que é esse negócio de comunista?' Não vai dar nada. Mas se os caras vivessem naquela época, realmente todo mundo entenderia. O Brasil nunca se

desenvolveu tanto como na era Médici. Eles hoje contestam isso, mas é a grande verdade.
CEV-RJ - Mas aí, coronel, quando acaba... essas pessoas (infiltrados), elas conseguiram conquistar um padrão de vida razoável pra elas tocarem a vida?
Malhães – Conseguiram. Ou foram embora..., foram trabalhar em outro país com emprego arrumado, foram pra outro estado trabalhar, com emprego arrumado...
CEV-RJ - Essas pessoas ocuparam... eu falei para o senhor de cargos públicos, né? Até pela liderança política que exerciam, era até natural que essas pessoas ocupassem cargos públicos. Também viraram lideranças partidárias?
Malhães – Ah, não sei. Eu não... hoje eu não escuto...
CEV-RJ - Na época, não sei se hoje. Mas tipo assim, alí da década de 80, 82, 85...
Malhães – Tinham deputados. Tinham. Mataram.... É por causa disso que eu estou estranhando, ainda vou bater nesse caso, mataram o deputado dele... Eu não entendo porque
CEV-RJ - Rubens Paiva não era meu deputado, eu nem conheci ele.
Malhães – Não, mas eu estou dizendo, o deputado que você fala. Eu tô dizendo que eu não entendo por quê? Se era mais fácil até fazê-lo... você achava que ele era comunista e te representava...porque ele representava, ele era um deputado...
CEV-RJ - Não, foi. Foi deputado do PTB.
CEV-RJ - Mas, coronel, mas aí é... as pessoas, né? estavam trabalhando, as pessoas estavam trabalhando com o senhor. Eram da sua equipe, como os outros, ...o senhor era chefe desse trabalho. Ah... depois o senhor realmente deixou de ter contato com essas pessoas.
Malhães – Deixei. Cruzo com eles no meio do camin..no meio da rua e finjo que não conheço.
CEV-RJ - Tá. O senhor falaria ou não o nome dessas pessoas?
Malhães – Não, nunca.
(...)
Eu digo: ‘porra, eu estou me aporrinhando, estou viajando pra cacete, trabalhando pra cacete, só vou em área inóspita. Não vou pra Porto Alegre’... Porto Alegre é uma maravilha, você vai para aquele Cassino dos Espelhos, você deve ter escutado falar, né? lá em Porto Alegre, uma maravilha aquilo. Então, tô deixando de ir para lugares maravilhosos, que eu posso ir e tenho amigos que me... que tem entrada livre lá. Posso ir pra São Paulo, também tenho entrada livre em várias boates lá. E, em vez disso, fiquei eu me metendo no meio do mato, forjando uma área de guerrilha – eu forjei uma a..., montei uma área de guerrilha -, para atrair os brasileiros que estão lá fora para cá. Pra mostrar pra eles, então eles vêm ver que realmente... Eu trazia um deles pra vim ver se realmente existe uma área de guerrilha aqui. Eu mostrava pra eles uma área de guerrilha. E porra, passo 20, 30 dias, capoto com o carro, quase que morro... pra quê? Para na hora H o cara chegar aqui..., e a história chegar

aqui diferente? Não vale tanto a pena esse risco não. Mas pra azar meu eu tinha capotado, caído de uma ribanceira, não morri por sorte, capotei com o carro, imprudência minha, mas eu estava (na buzina?????), então..
CEV-RJ - Isso na Medianeira?
Malhães – É, lá. Então, eu daí pra frente pisei leve no acelerador. Eu queria o que os outros queriam. Ir pra capitais. Porto Alegre, por exemplo. Porto Alegre eu tenho o Pedro Seeling que era meu amigo. São Paulo, eu tinha o dono de uma boate famosa na época, que era meu amigo. Então eu preferi cobrir ponto. Ficar gozando. Eu adoro Fortaleza, porque eu como lagosta no café-da-manhã, no almoço, no jantar e na noite também. Então, eu preferi ficar nessa e largar um pouco esse negócio de ir pro meio do mato, um frio desgraçado, a gente toma.. tomava leite com uma.... (grita para a mulher Cristina) como é o nome daquele negócio que a gente mistura com o leite, que esquenta? Cris? Aquele negócio que mistura com leite, que a gente toma, como é o nome?
CEV-RJ - Nescau?
Malhães – Não, aquele mato.
Cristina – Masturço?
Malhães - Masturço.
CEV-RJ - Como é que é?
Malhães – Masturço. É uma erva...
CEV-RJ - Esquenta.
Malhães - ... que você mistura no leite, esquenta, você não pode beber né, então mistura no leite, esquenta. E você toma e ela te esquenta realmente.
CEV-RJ - Você bebe a erva, não? Só o leite?
Malhães – Não, bebe a erva com leite com tudo. Então passava a noite, para poder aguentar a noite, tomava aquilo e não conseguia dormir quase à noite por causa do frio. Eu me sacrifiquei à beça pra conseguir trazer os caras. Eu trouxe, Não trouxe um, nem dois, nem três, nem quatro. Eu dei entrada em uma porção de gente. Não só brasileiro não, argentino...
CEV-RJ - Sim.
Malhães – Venezuelano... e pra quê? Pra no fim...
CEV-RJ - E eles viraram, infiltrados?
Malhães – Não, esses eram presos comuns. É pé de chinelo que vinha e que eu entregava até pra polícia local. Foi o meu erro no caso do..

(...)
CEV-RJ - Coronel, esse número de..., de..., o senhor falou aquele dia em torno de 300.
Malhães – De que?
CEV-RJ - De infiltrados.
Malhães – É. Mas aí varia muito de grau. Tinha grau que você tinha dez. Tinha grau que você tinha um e assim mesmo com sacrifício danado. Dependia muito da escala hierárquica., entendeu?
CEV-RJ – O senhor sabe que uma informação como esta, ela... ela muda a história, né?

Malhães – Muda.
CEV-RJ - O senhor tem esta dimensão, né? Porque eu estava pensando assim, no caso lá de Petrópolis, tá? Posso estar interpretando errado, mas me parece que foi, pelo menos para o senhor, não sei, o mais importante, assim. Não sei se era geograficamente mais perto, era...
Malhães – Não, foi que foi o primeiro passo.
CEV-RJ - Entendi.
Malhães – Entendeu? Então a importância dele cresce por ele ter sido o primeiro passo. Do teste, se a gente conseguia... se a gente podia, tem que dar certo. Então, era um teste. Daí Petrópolis tem importância muito grande nessa história, porque ele foi o laboratório inicial.
CEV-RJ - Provar a qualidade e a competência do trabalho?
Malhães – Do trabalho. Para mostrar que era possível se fazer isso. E não ter essa experiência do coitado do americano que perde mais infiltrado do que outra coisa.
CEV-RJ - Coronel, e aí nesse momento de teste,....porque, assim, o senhor tem um número X de nomes que o senhor tem que interrogar... Quais os critérios, naquele momento, que era um momento inicial, para levar as pessoas para lá?
Malhães – A personalidade fraca. Vulnerabilidade de tudo quanto é tipo: econômicas, amorosas, vulnerabilidades, né? Convicções. Eu sou um comunista convicto, ninguém vai me mudar. Vamos dizer outro critério. Capacidade de diálogo, você para poder conversar com uma pessoa, essa pessoa tem que ter capacidade de diálogo. Tem que ter competência de responder à altura, de perguntar à altura, tudo... porque senão você vai classificando ela... você pode até ganhar ela, mas vai ganhar ela para baixo. Certo? Por mais alto grau que ela atinge, ela será sempre um infiltrado fraco. Mais ou menos isso, qualidades básicas da personalidade. (04:05:56)
CEV-RJ - Comunista convicto é que eu não entendi. Por quê?
Malhães – Porque, quando o cara.... Apolônio de Carvalho, já que você falou no Apolônio, é um comunista convicto.
CEV-RJ - O senhor levaria ele para Petrópolis?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Por isso?
CEV-RJ - Ah, essas qualidades é que não levariam?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Ah, está certo. Eu estou entendendo o contrário, que levariam.
Malhães - Não.
CEV-RJ - Entendi, coronel. Entendi.
Malhães – Levaria para ...
CEV-RJ - Para conquista-lo, para mudá-lo?
Malhães – Não. Ele conversou comigo, ele contou, eu sei a vida dele, desde que ele fez a Revolução ali na Praia Vermelha, que foi expulso do Exército, foi para a Europa, foi para a Espanha, aí se transformou em um homem famoso. Famoso, para nós não...

CEV-RJ - Mas, coronel, o senhor, no caso, essa, eu perguntei, né? Eu perguntei para o senhor dos critérios, porque era sempre muito rápido. Tinha que ser rápido, para o senhor conseguir virar?
Malhães – Nem sempre.
CEV-RJ - Quanto mais rápido, melhor?
Malhães – É, quanto mais rápido, melhor. Mas você pegar um cara de alto nível, com alto grau de instrução, querer virar ele da noite para o dia, não tinha condições. Às vezes você podia levar um mês. Porque você tinha que ter confiança. Eu vou soltar ele, e daqui a.... Vou marcar um ponto com ele para daqui a 30 dias, e ele irá a esse ponto, encontrar comigo. Ele irá a esse encontro. Se ele não for a esse encontro, acabou.
CEV-RJ - Mas, vamos voltar a Petrópolis. O senhor leva, saí do Rio, para Petrópolis, uma dessas pessoas, com o objetivo de virá-las. Elas eram viradas e eram infiltradas.
Malhães – Re..
CEV-RJ - Re... Reinseridas...
Malhães – Reinfiltradas.
CEV-RJ - Reinseridas.
Malhães – Reinseridas no contexto da..
CEV-RJ - Na sua organização, na sua...
Malhães – Mas, aí, você tinha... Ela tinha que ter capacidade... Você dava as barbadas, vai ter que justificar você estar tanto tempo fora, se passaram tantos dias, porque às vezes ela não tinha noção de quantos dias tinha ficado, nem sempre que ela via a luz do sol todo dia. Então, passaram-se tantos dias. Agora vamos arranjar, nós dois vamos conversar uma história para que você justifique porque você passou trinta dias sem cobrir ponto. Vamos lá, o que você acha que você vai dizer? 'Ah, eu posso dizer que fiquei doente, e tal'. Mas, ninguém sabe... ninguém da organização sabe onde tu mora? "Não, sabe'. Essa história já não dá. Então, vamos arranjar outra. Aí ficava-se discutindo, até arranjar uma história plausível de pingue-pongue. Estava aqui, foi para lá,... e a organização ia, à medida da importância do cara, ia abrindo mais a perna, e abrindo mais a boca, para trazer ele de volta. Então, era um jogo. Essa de dez horas foi engraçadíssima...
CEV-RJ - Um recorde....
Malhães – Foi recorde. Mas, foi engraçadíssima.
CEV-RJ - PCdoB, né? O senhor falou.
Malhães – Foi engraçadíssima, foi até uma coisa engraçada.
CEV-RJ - Por que foi engraçada?
Malhães – Porque, foi ... Eu nem sabia que ia levar esse tempo. Foi que nós cometemos um erro. Um erro que deu certo. Entendeu?
CEV-RJ - Não.
Malhães – Aconteceu um lance, que não estava previsto, durante o interrogatório dele. Então... que nós nunca nem pensamos em fazer aquilo. E ele sentiu tanto pavor com aquele lance que aconteceu com ele, que quando já voltou, ele já voltou disposto a trabalhar. E não foi nenhum tapa, nem nada.

CEV-RJ - Sofreu alguma coisa?
Malhães – Sem querer, mas sofreu.
CEV-RJ - Desmaiou?
Malhães – Não. Nós amarramos... Vou te contar, você é curioso. Nós amarramos ele em uma corda e tinha um poço, no porão da casa. E tinha uma roldana.
CEV-RJ - Em Petrópolis?
Malhães – Em Petrópolis. Mas, já não é nesse aparelho, não. Já no nov (ia fala, novo, mas muda) .. Já em outro aparelho.
CEV-RJ - Lá em Itaipava?
Malhães – Em outro aparelho. Já está curioso demais. Aí, quando nós estávamos dando linha na corda... Mas, não era para deixar ele mergulhar mesmo, só para ele ver...
CEV-RJ - A corda ruiu.
Malhães – A corda rompeu.
CEV-RJ - Com roldana, com roldana, coronel?
CEV-RJ - E ele mergulhou.
Malhães – Hun, Hun. Não, a corda rompeu....
CEV-RJ - Roldana? Roldana, assim?
Malhães – É. A corda rompeu
CEV-RJ - E ele mergulhou.
Malhães – E ele mergulhou. E eu tive que mergulhar também para buscar ele lá embaixo.
CEV-RJ - O senhor mergulhou amarrado?
Malhães – Eu mergulhei amarrado e trouxe ele de volta. Aquilo bastou para que ele pensasse que tinha sido proposital e aceitasse trabalhar. Mas, foi meramente casual. Ninguém ia fazer ele mergulhar na... nem eu queria ir mergulhar naquela água gelada que aquela terra lá tem uma água gelada que Deus me livre. Entendeu? Mas, não ia deixar o cara morrer sem...
CEV-RJ - Lá embaixo o senhor achou ele fácil?
Malhães – Foi fácil. Um poço é uma coisa fácil de achar. O cara só pode estar naquele buraco, não tem outro para entrar.
CEV-RJ - Mas, poço, poço, desses de...?
Malhães – É.
CEV-RJ - de, de.. rervatório de água.
Malhães – Poço. Não. Cavado na rocha.
CEV-RJ - Ah, sei.
Malhães - O dono da casa, mandou, como ele sabia que ali tinha uma mina
CEV-RJ - Um poço artesiano só que..
Malhães – Só que... Ali era uma mina e ele mandou cavar justamente para puxar água para a casa que não tinha água perto. A água era tirada daquela mina. Então, eu acho gozado por causa disso...
CEV-RJ - A ocasião...
Malhães – A ocasião.

CEV-RJ - Coronel, mas olha só, para eu entender, ai tá, tem um perfil de pessoas que valeriam a pena levar para esses...
Malhães – Para serem...
CEV-RJ - Virados. Só tem sentido virar para infiltrar depois. Mas, quem vai para lá? Esses, porque muita gente passou por lá, muito mais do que se fala. E aí os que desapareceram?
Malhães – Desapareceram.
CEV-RJ - Não, não estou falando dos.....
Malhães – É aquilo que eu estava falando para você, guerra é guerra. Então, existiam certas leis. Não vou dizer lei...
CEV-RJ - Condutas.
Malhães – Certas condutas que eram aceitáveis por todos. Então, se o cara não serve, ele não pode voltar para o meio dele. Porque, senão, ele vai contar o que aconteceu com ele. Então, encerrou o papo aí. Como? Se você leva.... É o que eu digo para você que a Inês Etienne mente. Primeiro a compartimentação, por esse motivo, era muito grande. Um não sabia da existência do outro, chama-se compartimentação. Segundo, que nenhum carcereiro ia contar quem teve ...
CEV-RJ - Nem o Camarão?
Malhães – Nem o Camarão contaria a ela..., mesmo porque o Camarão nem sabia quem era. Muitas vezes o cara nem sabia quem era.
CEV-RJ - Coronel, continua.
Malhães – É. Então, a gente tinha liberdade total de ação. Por exemplo, o erro da Inês Etienne, um erro clássico. A Inês Etienne é meio piroca da cabeça. Já começa por aí. Então ela não diz muito coisa com coisa, ela não... Ela nem me conheceu. Mas, eu sei disso porque, a gente sai jantando às vezes e comenta. Então, nunca que ela podia ser solta. O máximo que você podia fazer com ela, era fazer ele uma infiltrada amarrada.
CEV-RJ - O que quer dizer isso?
Malhães – Isto é, jogar ela, num casal, num casal, e ela ter sempre a companhia...
CEV-RJ - De um outro infiltrado.
Malhães – De um outro que não fosse infiltrado, fosse elemento de serviço, que aí controlaria ela. E por certo, ela tentaria fugir do cara, ou qualquer coisa dessas, então poderia ser até que ela não viesse a falar.
CEV-RJ - Quando ela diz que serviu de cozinheira, ficou na cozinha, não sei o que, é mentira?
Malhães – É.
CEV-RJ - Coronel, mas assim, desses.. assim, voltando aí, a pessoa infiltrada, né? Fica em contato com o senhor, alguns continuaram. Os que demonstraram que esta relação de confiança não estava estabelecida, desapareceram. Como regra, coronel, desapareceram mesmo?
Malhães – Pode ter desapa...
CEV-RJ - Porque só funciona...o senhor me falou mais ou menos umas..., o senhor falou sei lá, 40, 50 pessoas que o senhor lembra de ter...

Malhães – É, porque...
CEV-RJ - ...levado para lá.
Malhães – Então, os que eu não levei.... os que eu levei pra lá, cantei, e não aceitaram, que eu escolhi e não aceitaram, eles devem estar voando por aí. Não tem... Esse trabalho de infiltrados...
CEV-RJ - Mas, eles desapareceram?
Malhães – Desapareceram.
CEV-RJ - Mas, desapareceram por conta própria ou desapareceram lá?
Malhães – Alguns desapareceram por conta própria. Outros não desapare.... Não é lá que desaparecem não. Desapareceram.
CEV-RJ - Mas este trabalho tem o quê? o senhor estava falando....
Malhães – O quê?
CEV-RJ - Não, o senhor estava falando..
Malhães – Este trabalho você tem que julgar muito. Não sei.... Você tem que... pra... Você um dia sequestra alguém, um grupo que te interesse, ou manda sequestrar, e tenta fazer a cabeça do cara para você ver o seu problema que é. E aí eu poderia explicar para você. Porque, sem esta experiência, não há explicação. Por que o cara sumiu? Pô, que instinto mal tem esse cara de fazer sumir as pessoas. Não é bem assim, não. É uma questão de serviço. Isto o francês faz, o inglês faz, o americano faz, o chinês faz, o japonês faz, o israelita faz, o palestino faz. Quem mais você quer?
CEV-RJ - Todo mundo.
CEV-RJ - Coronel, eu queria saber o seguinte... o senhor tenta fazer alguém infiltrado. Se convence que esse alguém é infiltrado, solta. Mas, ele não passa a trabalhar para o senhor. O que acontece com ele?
Malhães – Provavelmente ele será recapturado e seguirá destino.
CEV-RJ - Há pessoas que... fizeram... Há pessoas que conseguiram sobreviver? Voltando para a organização?
Malhães – Deve ter. Os que contaram que foram cantados. Todos aqueles que contaram que foram cantados, que não são poucos....
CEV-RJ - Os senhores não conseguiram recapturar, é isso?
Malhães – Não. Não tinha nada para contar. A pessoa foi cantada. É o caso da Inês Etienne. Ela contou, contou uma porção de besteira, disse uma porção de mentira, e ficou aí. Não adianta eu, agora, que errei, querer me redimir matando.... mandando matar essa pessoa. Não foi ele que errou, quem errou fui eu. Porque eu pensei que ele tivesse convencido e ele não tinha se convencido. Você conhece a história do cara que fuma droga? O cara fuma droga, você leva um ano com ele numa clínica, leva mais um ano com ele em uma fazenda. Aí, você mora em Indaiatuba, aí quando o médico diz 'oh, está tranquilo, está bom', você pega e trás para Indaiatuba, o que vai acontecer com ele? Ele vai voltar a fumar, porque a rede de amigos dele é a mesma, não vai mudar. Ele vai entrar outra vez na rede de quem fuma, de quem cheira. A mesma coisa é o cantado. Ele vai voltar, só se ele tiver medo de que ele dizendo para os amigos dele que ele é infiltrado, os amigos dele matem ele. Como já aconteceu, eu li em uma reportagem também, escrita – essa não foi

do meu amigo, não – essa veio de São Paulo. Que..., os caras lá, de uma organização lá paulista, o cara veio, da cidade dele, foram na cidade vizinha matar o cara que eles achavam que era infiltrado. Você não leu não?
CEV-RJ - Não, não me lembro.
Malhães – Foi pouco depois de sair a história da Casa da Morte. Também saiu essa história. O cara confessando que ele tinha achado que o cara era infiltrado, tinha reunido um grupo e saído da cidade dele e matado. Ainda disse isso é um exemplo para aqueles outros que fizeram isso também.
CEV-RJ - Justiçamento.
Malhães – Você leu? Também, não. Leu? Então, é a história. Eu leio pouco O Globo, mas sempre algum amigo me informa.
CEV-RJ - Coronel. Eram quatro equipes, né?
Malhães – Aonde?
CEV-RJ - Em Petrópolis. Eram quatro ou tinham mais equipes?
Malhães – São sete equipes.
CEV-RJ - Mas, em todas as casas as sete ou dependendo da casa as sete atuavam?
Malhães – Dependendo de qual você fosse utilizar, poderia ser até você sozinha.
CEV-RJ - Mas, nesse caso lá da Casa de Petrópolis, e não sei quantas mais tinham na região...
Malhães – Tinham sete equipes.
CEV-RJ - Mas, lá em Petrópolis, na... O senhor exercia uma função de chefia, assim, nessa de Petrópolis, essa que era, que foi o início de tudo, assim?
Malhães – Não, ninguém se julgava chefe. É o que eu te digo, entre nós não havia hierarquia.
CEV-RJ - Entre os sete?
Malhães – É. Embora existisse até um coronel. A gente discutia o assunto e a maioria prevalecia no seu parecer.
CEV-RJ - Entendi.
Malhães – 'Ah, eu sou'... 'Vamos fazer isso' – eu já vi isso acontecer – 'Vamos fazer isso, porque eu sou coronel'. 'Vamos fazer isso porque você é capitão'. 'Vamos fazer isso por que'... Não. Isso é um trabalho... Você lá, passava a ser um agente da contrainformação, ou um agente de fazer infiltrados. Era tratado como agente. Porque, eu disse para eles, não era guerra. Guerra é que tem, né? capitão, coronel, tenente-coronel..., capitão, major, tenente-coronel e assim vai. Para a nossa guerra isso não valia. Eu podia chegar perto dele e dizer ora, esse camarada que você está lidando com ele, eu passei lá, dei – a gente tinha essa liberdade – 'dei uma conversada com ele e não gostei da atitude dele. Então você toma cuidado. Era natural'. O cara podia ser coronel, podia ser...
CEV-RJ - Entendi.
Malhães – Só que na Inês Etienne ninguém aceitou palpite de nada.
CEV-RJ - Mas, no caso dela, assim...
Malhães – A Inês...

CEV-RJ - O que aconteceu com ela? Por que ela ficou tanto tempo lá? Porque, não tem sentido ela ter ficado tanto tempo lá.
Malhães – Porque ela ...
CEV-RJ - Os outros ficaram tanto tempo que nem ela?
Malhães – Não. É que o cara cantava, cantava, cantava e ela não concordava. Aí, o cara achava que se cantasse mais ela ... O negócio dele é que ele tinha que fazer um infiltrado. Ele nunca tinha feito.
CEV-RJ - O Perdigão ajudou ele, não?
CEV-RJ - Então, coronel, e aí?
Malhães – Aí, ele nunca tinha feito. Aí eu tinha, uma porção. O Brant tinha. O sexto tinha. O sétimo... O sétimo era ele. O sétimo não tinha. Então, ele é que teoricamente ele seria o chefe. Então ele achou que ele como chefe tinha direito a fazer um infiltrado. Embora todo mundo fosse contra, ele dizia 'eu sei o que estou fazendo'. 'Meus parabéns. Só não quero que venha dizer depois que fui eu que cantei ela. Mas, meus parabéns'. É uma vida, eu acho excitante. Eu gosto de ter adrenalina no sangue. Agora, não, estou velho. Se eu botar muita adrenalina, meu coração para com adrenalina demais. Mas, eu gostava de botar adrenalina no sangue.
CEV-RJ - Quantos meses? O senhor lembra?
Malhães – O quê?
CEV-RJ - Ela foi a que ficou mais tempo lá? Ou não?
Malhães – Eu acho que eu fui viajar quando ela saiu, teve alguma coisa comigo...
CEV-RJ - Ela fala que ficou de 5 de maio a 11 de agosto.
CEV-RJ - Três meses e pouco... Mas, isso é muito tempo, coronel?
Malhães – É, tempo demais...
CEV-RJ - Para o tempo que vocês queriam é muito tempo.
Malhães – Tempo demais.
CEV-RJ - E o senhor acha que ela foi vítima de um atentado? Isso que... Sabe como ela está hoje, não?
Malhães – Não, não tenho nem noção.
CEV-RJ - Mas, o senhor soube que teve um assalto, um coisa assim? O senhor acha que isso pode ter sido um atentado?
Malhães – Não. Se fosse atentado ela estava morta.
CEV-RJ - Depois do... depois que ela fez a denúncia lá na OAB, isso o senhor já contou pra gente eu não vou.. não vou repetir, né? Que ela, enfim, o que ela falou, aquela discussão com o ministro do Exército e tal... Quem não era virado? Morria.
Malhães – Sumia. Desaparecia. O que não é 2% da população da época.
CEV-RJ - Entendi.
Malhães – Entendeu?
CEV-RJ - Entendi, entendi.
Malhães – Para quem tinha que mudar 30% da população, não foi 2% da população da época. 'Ah, foi um massacre'. Que massacre? Eu não sei por que eles acham que matar eles é crime, matar a gente não era crime.

CEV-RJ - E o que foi feito deles, coronel?
Malhães - Hun
CEV-RJ - O que foi feito deles? Desses sumidos?
Malhães – Aí é um grande mistério da vida. Eu quando morrer deixo por escrito, tá? Para vocês.
CEV-RJ - O senhor já pensou em uma coisa..., me ocorre isso agora, uma forma jurídica, de repente, alguma coisa assim, de o senhor poder fazer um registro disso, já que o senhor não se dispõe... O senhor não se dispõe a falar publicamente sobre isso?
Malhães – Nem publicamente, nem com uma autoridade como aqui, como representante, da ...né? estadual
CEV-RJ - Ela que é...
CEV-RJ - Alguma forma, coronel, de o senhor poder fazer um registro disso?
Malhães - Não
CEV-RJ - Jurídica.
Malhães – Acho melhor não.
CEV-RJ - Condicionada...
Malhães – É melhor as coisas ficarem como estão. O tempo...
CEV-RJ - Mas, como assim, o tempo?
Malhães – O tempo. Deve ter o quê? Eu e mais uns dez vivos da época.
CEV-RJ - Se muito.
Malhães – Se tiver isso tudo.
CEV-RJ - Se muito.
Malhães – Então, quando nós todos formos, o mistério estará descoberto. Tenha certeza disso. Se ele ainda está retido, é porque nós estamos vivos.
CEV-RJ - É, coronel, mas quem vai dar conta de contar essa história?
Malhães – Vai aparecer alguém pra contar.
CEV-RJ - O senhor já falou com muitas pessoas?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Conversas que nem esta que a gente está tendo, ao longo da sua vida, assim. Depois do período?
Malhães – Não. Mas tem gente que sabe, que é mais nova, bem mais nova do que eu.
CEV-RJ - Sabe, de ouvir falar ou sabe por que participou?
Malhães – Sabe por que participou.
CEV-RJ - Quantos participaram lá, na Barra?
Malhães – Não, na Barra não. Na Barra, não. Na Barra não sei quantos têm vivos.
CEV-RJ - Teve um grupo.
Malhães – Mas, um grupo relativamente pequeno e só de oficiais. E oficiais de capitão para cima. Então, mais ou menos, emparelha comigo.
CEV-RJ - São os sete?
Mallhães – Hun?
CEV-RJ - São os sete?
Malhães – Devem estar morrendo, também.

CEV-RJ - São os sete?. Aqueles mesmos sete?
Malhães – É, mais ou menos. Também não foram os sete.
CEV-RJ - O coronel também estava nessa?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Não. Então, como é que esse grupo ficou sabendo, se não participou na Barra? Soube, por participar lá dentro da discussão?
Malhães – É.
CEV-RJ - Antes? Essa discussão foi travada lá dentro com mais gente do que aqueles que foram à Barra?
Malhães – Foi. A solução veio de coronel a general.
CEV-RJ - O ministro sabia?
Malhães – Em?
CEV-RJ - O ministro sabia?
Malhães – O ministro sabia. Não sabia de muita coisa não, mas sabia de alguma coisa.
CEV-RJ - O destino final, soube? O Walter Pires?
Malhães – O Walter Pires era o mais enfronhado. O Walter Pires era homem de dar soco na mesa
CEV-RJ - Não, mas o Walter Pires não era ministro, quando os senhores fizeram isso. Era?
Malhães – Não. Mas o Walter Pires, como ministro, e até como general, era homem de dar soco na mesa de o Palácio do Planalto tremer. É o que eu digo para vocês os generais de antes e os generais de agora. Os Generais tinham uma ... eram combatentes. Porque você pra... já mostrei, provei para vocês que eu fui escolhido pelo tempo e pelo vento.
CEV-RJ - E pelo QI, mas o QI...
Malhães – Mas, eu não me arrependo não. Tudo o que eu fiz eu acho que fiz porque tinha razão de fazer. Eu racionalizei o meu problema. É uma figura da psicologia. Eu racionalizei o problema. Não tenho traumas..(inaudivel) 'Ah, porque'. Não. É coisa normal de trabalho. Era uma guerra. Ou a gente fazia com eles, ou se eles continuassem no crescimento que eles estavam, em poucos anos mais à frente eles estariam fazendo conosco.
CEV-RJ - Coronel, o senhor falou que o ministro sabia. O ministro, no caso, era o Orlando Geisel. Ministro do Exército do governo Médici. Isso significa que o presidente Ernesto Geisel ficou sabendo?
Malhães – Não.
CEV-RJ - O senhor acha que o Orlando Geisel não passou isso para o irmão?
Malhães – Não. Vou te contar a história dos dois Geisel. Você precisa saber disso. Os dois Geisel viveram a vida sempre assim, dois super cabeças. Tanto é que eles não tiravam nenhuma escola ao mesmo tempo. Tiravam sempre separados, porque eles diziam que a escola não tinha dois primeiros lugares. Aí tu vê a capacidade deles. E quando havia uma revolução, um entrava de um lado e outro entrava do outro. Conforme o lado que ganhasse, o que ganhasse trazia o outro. O Ernesto Geisel era antirevolucionário e o Orlando salvou ele de ser cassado. Era só isso, um jogo. Eu não tenho um irmão para estar hoje

escondendo no meio do mato como subversivo. Não tenho nem irmão, sou filho único. Então, eu acho que... mas os Geisel foram assim, a vida toda. Todas as revoluções que ocorreram no Brasil quando os dois eram oficiais, um salvou o outro. Tanto é que quando o Ernesto Geisel foi assumir, o Orlando chegou perto do Médici e disse, 'meu irmão quer ter uma entrevista com o senhor'. O presidente da República 'pode marcar'. 'Não, já está marcada. Marquei para amanhã'. E aí o Ernesto saiu presidente da República. Como o Ernesto tinha a obrigação de colocar o Figueiredo.
CEV-RJ - Por quê?
Malhães – Compromisso que ele assumiu com o ..... o para trás.
CEV-RJ - Médici.
Malhães – O Médici. Porque o Figueiredo tinha sido ajudante de ordem dele. O que aconteceu? O Frota .... Pegaram o Frota, botaram uma bucha no rabo do Frota, acenderam e começaram a abanar. E o Frota resolveu ser presidente.
CEV-RJ - Quem fez isso, a comunidade de inteligência?
Manhães – Não. A própria corriola dele. A gente até sacaneava. 'Já sei, vocês querem, quanto mais alto o boi, maior é a sombra que o boi faz'. Concorda comigo, não?
CEV-RJ - É.
Malhães – Então. Tanto é que tinha um oficial dele, que de presente ele tinha mandado para os Estados Unidos, para ser lá da comissão lá dos Estados Unidos, do Exército americano, e eu liguei para esse e disse para ele 'volta. O senhor quer fazer o favor de voltar'. 'Mas, por que Malhães?' 'Ou o senhor volta ou o presiden....o nosso general vai cair do cavalo'. 'Ah, eu vou resolver aqui e tal'...
CEV-RJ - E não voltou.
Malhães – Não.
CEV-RJ - Por que o senhor acha que ele voltando... ele tinha influência direta?
Malhães – Ele tinha influência e podia fazer o Frota desistir da candidatura dele. Porque eu tinha como infiltrado – agora vou te dizer – um compadre do Ernesto Geisel.
CEV-RJ - Infiltrado aonde?
Malhães – No... no grupo...
CEV-RJ - No Palácio?
Malhães. No palácio, no grupo. E ele me avisou. Ele pegou, chegou perto de mim e disse 'Malhães, diz ao seu general que se ele não parar com esse negócio de deputados frotistas, de não sei o quê, não sei o quê, ele vai cair do cavalo. O Geisel já está prontinho para remover ele. Eu fui..., foi gozado. Porque eu fui ao meu chefe, que era general também, 'general, eu queria que o senhor avisasse ao general Frota que ele ou desiste de ser presidente ou ele vai cair de ministro'. Ele disse 'Malhães eu não vou lá dizer isso para ele não. Vou levar você para você dizer. Você diz, lá na cara dele?' 'Pode me levar que eu vou, eu digo'.
CEV-RJ - Quem era o chefe do CIE nessa época? Era governo...?

Malhães – Era um gordinho, que a gente chamava ele de caçador e pescador, depois eu lembro do nome dele, era uma figura sem importância. Aí, eu fui. Aí, chegou lá ele disse 'O Malhães quer conversar com o senhor'. 'Oh, meu amigo, entra aí, senta aí'. Eu era amigo dele, era tratado como amigo dele.
CEV-RJ - Desde aquela época de 64 que o senhor...
Malhães – Aí,
CEV-RJ - ...passou o comando ao quartel.
Malhães – Aí, 'O que foi?' 'General, o senhor quer terminar ministro? Quando o governo estiver para acabar, quando estiver nas vésperas de acabar, o senhor entra com a sua candidatura que o senhor é eleito. Porque, se o senhor ficar agora insistindo com esse negócio de deputado frotista, fazendo pose de presidente da República, o senhor vai cair do cavalo'. 'Ah, Malhães, mas eu não posso fazer isso, eu já assumi certos compromissos, não sei o que'. Eu disse, 'não, estou lhe dizendo o que eu soube. Que o presidente está pronto para retirá-lo do poder. Se o senhor insistir nessa história. Então, se eu fosse o senhor, parava com isso. Aguardava o final do governo e no final do governo o senhor aparecia como candidato. Aí ele não tem mais o que fazer com o senhor. Não pode nem lhe tirar de ministro'. 'Ah, mas os generais de Exército são muito meus amigos, todos eles vão me acompanhar'. 'General, não vim aqui discutir com o senhor. Vim aqui lhe dizer o que o compadre dele me contou, que é meu infiltrado. Vive lá na corriola deles'. 'Ah, tá, eu vou ver, vou pensar'. Alguém disse para ele 'ih, não é de (???) porra nenhuma' e ele continua. O Geisel, um dia.... Ele estava tão perdido, tão perdido, tão perdido, que depois ele me contou que ele vinha... foi chamado, de repente, para ir para o Ministério do Exército, e que vinha passando e vu a bandeira do Comandante do Planalto, sinal de que o comandante do Planalto estava no comando dele, estava o quartel dele, ele ficou pensando, 'pô, o que o general fulano veio fazer aqui hoje?'. Era um domingo.
CEV-RJ - Não, um feriado[28]
Malhães – Um feriado. Ele aí, quando chegou lá, no ministério, recebeu a triste notícia que ele estava dispensado.
CEV-RJ - É aquele dia em que ele tentou reunir o alto-comando todo, chamou a Brasília os generais e aí o Geisel mandou uma turma no aeroporto fazer os generais passarem primeiro pelo Planalto e só depois irem para o Forte Apache.
Malhães – E os motoristas nos carros....
CEV-RJ - Não é isso? E que o Brilhante Ustra ainda tentou levar alguns generais direto para o Forte.
Malhães – Alguns generais, não. Tentou levar alguns trouxas (rindo)
CEV-RJ - Agora, é, nesse mesmo período, a história que o senhor contou do preso que teria sido enterrado como indigente no Caju, o comandante do I

[28] - O general Sylvio Frota caiu do cargo de ministro no dia 12 de outubro de 1977, feriado por ser dia de Nossa Senhora Aparecida.

Exército era o Reynaldo Mello de Almeida. Era esse que tinha pretensões, falava-se que podia ser na sucessão...
Malhães – Filho do José Américo.
CEV-RJ - Filho do José Américo Almeida. Foi ele que quase que... 'vou entregar o cargo, não sei o quê?' Porque tinha caído o Ednardo por conta da morte do Manoel Fiel Filho. Depois da ...
Malhães – Lá em São Paulo...
CEV-RJ - ... morte do Herzog. Porque primeiro morreu o Herzog, depois morreu o Manoel Fiel Filho, aí o Geisel derrubou o Ednardo e botou o Dilermano.
Malhães – Aí encontraram a solução para o problema dele.
CEV-RJ - O preso que tinha morrido no DOI.
Malhães – Aí, encontraram a solução para o problema dele e ele ficou na dele e ficou no....
CEV-RJ - E Brasília nem ficou sabendo?
Malhães – Nem ficou sabendo.
CEV-RJ - Isto foi antes da queda do Frota.
Malhães – Aí..
CEV-RJ - E era um preso de importância?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Era de que partido?
Malhães – Nem sei. Eu sei que era uma história...
CEV-RJ - O senhor disse que tinha um policial civil no meio e que estava trabalhando no CODI, é isso.
Malhães – Um troço idiota, idiota. Mas, o Frota caiu porque quis. Quando o Ustra chegou perto de mim 'Malhães, vamos pegar nas armas?' 'Eu não. Não vou pegar em armas nenhuma'. 'A gente vai lá, sequestra os generais, leva tudo lá para falar com o Frota'. 'Eu não vou...'
CEV-RJ - O Ustra chegou a propor isso?
Malhães – Nós não vamos conseguir não.
CEV-RJ - E ele, conseguiu algum dos senhores? Alguém foi?
Malhães – Primeiro que ele também não era muito confiável. Mas, vamos lá. Aí, ele...Não, se ele foi avisado, sabia que ia acontecer, você se achar... Eu, quando eu ia levar alguma sacanagem, eu sabia, eu me defendia antes. Que a minha vida também não era um mar de rosas não. Inventar que tinha acontecido isso comigo, que tinha acontecido aquilo comigo, e, tô te dizendo isso. O presidente me chamou para perguntar que historia é essa do argentino que tinha sido sequestrado no Brasil? Quem me alcaguetou? Só pode ser alguém da minha cadeia de chefia.
CEV-RJ - Voltando a Petrópolis,
Malhães – Ih, Petrópolis.
CEV-RJ - ...me explica, o senhor falou que a Ana Kuncisk não foi em Petrópolis.
Malhães – Não.
CEV-RJ - Que foi um caso da USP.

Malhães - É
CEV-RJ - Que houve um julgamento. O que é um julgamento? Julgamento por quem? Que tipo? Era comum essa coisa?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Foi uma excepcionalidade?
Malhães – Hun, hun (confirmando)
CEV-RJ - E que excepcionalidade foi esta?
Malhães – Ah, não sei.
CEV-RJ - Alguma coisa o senhor sabe. Foi julgada por quem? Pelo pessoal do serviço.
Malhães – Eu acho que não.
CEV-RJ - O senhor disse que foi a turma do serviço.
Malhães – Eu acho que não.
CEV-RJ - Que não foi a esquerda.
Malhães – Por que a turma do serviço faria isso?
CEV-RJ - Não sei. Eu perguntei, foi a esquerda? O senhor disse 'Não. Não vou creditar isso à esquerda, foi...
Malhães – Não vou creditar isso à esquerda.
CEV-RJ - .. foi do serviço'
Malhães – ...eu também... Eu não tinha certeza que tenha sido a direita. Porque muita coisa eu tenho que me lembrar. Você vê, você me embananou aí uma temporada grande com esse teu amigo que faleceu...
CEV-RJ - Rubens Paiva?
Malhães – Rubens Paiva.
CEV-RJ - Não embananei nada.
Malhães – Eu fiquei, eu fiquei encucado. Eu digo, porra, quem é esse cara? Eu não devia estar aqui, quando Rubens Paiva morreu.
CEV-RJ - Mas, estava quando Rubens Paiva foi desenterrado.
Malhães – Aí.
CEV-RJ - Chegou a um ano depois, isso?
Malhães – Eu acho que chegou, mais ou menos isso.
CEV-RJ - Mas esse da Ana Kuncisk, o senhor, me pareceu que sabia mais coisa. Porque o senhor falou que a Ana Kuncisk 'foi um caso uspiano'. Nós até perguntamos o que é um caso uspiano, coisa assim. O senho disse assim, 'não, houve um julgamento' – (mexendo nas anotações) eu estou tentando achar aqui, aonde está isso , olha aqui (lendo as declarações anteriores): 'Ana Kuncisk, professora de química, lembra disso. Ela era da USP', eu falei. O senhor falou: 'é um caso da USP mesmo'. Aí eu disse: 'Isso significa o quê, um caso da USP?' 'Que ela foi presa, foi julgada e foi executada. Não sei. Ou foi eliminada. Não sei. Se tornou um dos elos perdidos, aí eu não sei. Mas que não tem nada a ver com a gente'. 'Coisa da esquerda?' 'Não. Também não vou acusar a esquerda disso'. 'Coisa da direita, dos militares?' 'É coisa do serviço'. 'Do serviço? E não passou em Petrópolis?' – riso – Não. O senhor disse, não, não passou em Petrópolis.
Malhães – Não passou em Petrópolis, não.

CEV-RJ - O quê? Não foi, mas o senhor disse que foi coisa do serviço.
Malhães – Eu tenho que me lembrar desse caso direito.
CEV-RJ - A professora ...
CEV-RJ - Coronel, foto ajuda o senhor? Não?
Malhães – Eu sempre tive uma memória fotográfica boa.
CEV-RJ - Por isso que eu perguntei.
Malhães – Eu olhava assim para ele e não perdia ele nem entre mil...(inaudível). Entendeu?
CEV-RJ - Não, porque eu digo, desses casos que a gente também não sabe direito, que não sabe...
Malhães – É uspiana (????? – inaudível)
CEV-RJ - O que nós não queremos, coronel, é dizer que passou ou não passou em Petrópolis e amanhã ser desmentido, entende?
CEV-RJ - O senhor sabe qual é o meu dever, igual o senhor já teve muitos na vida? Eu tenho que escrever, para apresentar em abril do ano que vem, o relatório da Comissão da Verdade. Eu não quero, coronel, escrever mais uma vez na história, mentiras. Está cheio. Antes do senhor. Nós falamos aqui, já disse, o senhor meu deu uma aula de história sobre isso. E aí, eu já falei isso para o senhor, né? O senhor pode até não me falar, detalhar algumas informações. Mas, o senhor pode me ajudar a não mentir, pelo menos. Porque têm acusações contra o senhor, pessoas que... Inês Etienne e tantas outras pessoas que falaram coisas e o seu nome apareceu, que não tem sentido eu considerar isso verdade se eu tive oportunidade de perguntar para o senhor e o senhor me disser , não, isso não...
Malhães – Mas a, a a, ... ela no jornal disse que não me conhecia.
CEV-RJ - É
CEV-RJ - Não, dela estou dando um exemplo aleatório. Mas, ela falou várias coisas, de várias pessoas, o ideal seria que eu pudesse chegar nessas pessoas e perguntar sim ou não? E aí eu posso considerar isso. Porque eu acho que a pior coisa vai ser escrever..., porque, assim, o nosso trabalho, coronel, diferentemente de... ele não é, entendeu?, eu não vou..., eu não vou fazer uma reportagem, eu não vou escrever um livro, eu não vou ganhar um prêmio de jornalismo, não tem isso. Eu tenho que dar um sentido ao que eu vou fazer com estas informações que o senhor está me passando. Eu posso dizer que foi o senhor quem falou isso?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Não.
Malhães – Pelo menos foi o compromisso que você assumiu comigo[29].

[29] - Esse compromisso de não revelar o autor das informações contidas nestes enreviistas acabou seno quebrado,m em parte, quando o próprio Mlahães, após garantir que não conversair com mais ninguém as respeito desses assuntos, saiu dando entrevistas para o jornal O Glovo (em 16 de março, ainda sem revelar seu nome) na edição de O DIA, já indentificsando-0se e no dia 21 de março, novamente em O Globo, agora com a identidicação e citações dete depoimento à CEV-RJ. No dia 25 de marlo ele compareceu à CNV e repetiu, em parte, o que disseram nos depoimentos anteriores.

CEV-RJ - Sim. Aí, agora, eu faço o quê, com isso? Eu tenho pensado muito nisso, mas além de pensar nisso, mas além de pensar nisso, o que eu vou fazer?
Malhães – Eu acho...
CEV-RJ - Daqui a um ano, quando eu for escrever?.
Malhães – Eu acho, que você devia começar essa história com a que eu comecei hoje: guerra é guerra. Há um rei Ostrogodo, que quando dominou Roma ele cobrou um pedágio, tanto quilos em ouro, para que Roma fosse desocupada. Aí ele botou os pesos na balança e os romanos começaram a botar ouro. Tantos quilos. Aí os romanos foram a ele e disseram 'essa sua balança está com o peso errado. Não está certo'. Ele puxou da espada, jogou em cima da balança, onde estavam os pesos dele e disse, 'Aí dos vencidos!'. Então, eu acho que o que aconteceu foi o seguinte, eles... pode ser, você vai dizer, 'não, mas eles venceram agora'. Eu acho que não, porque não há uma unanimidade de consenso deles. Senão eles..., teríamos ai... precisamos de um Lenine, um Stálin, alguém de poder para poder formalizar este vencimento deles. Mas, nós vencemos a nossa etapa. Então, o que eu acho que você devia começar este livro, contando uma coisa que o pessoal de hoje não sabe, o que é uma guerra? Uma guerra, sem rosto, que a nossa guerra é uma guerra sem rosto, uma guerra sem farda e sem rosto. Porque não existe rosto. Então, uma guerra em que vale tudo. O que eu racionalizei foi isso. Eu disputei uma guerra em que valia tudo. Que não foi disputada só aqui no Brasil, não. Não foi só nós brasileiros que tivemos a honra (frisa a palavra) de fazer uma guerra sem rosto, não. Os Estados Unidos perdeu uma guerra porque quis lutar com rosto com quem estava sem rosto. O Comando Vermelho dos traficantes surgiu porque os comunistas que estavam presos juntos dos assaltantes de banco - foi um troço errado que se fez, fomos juntar... assaltante de banco é assaltante de banco, só que juntaram os comunistas assaltante de banco com ladrões, marginais assaltantes de banco, aí surgiu o Comando Vermelho. Porque os comunistas descobriram que eles tinham errado. Porque eles não tinham o povo, ninguém do povo para lutar com eles. Todos eles eram marcados. E o traficante não, ele se imiscui no meio da população e é um guerrilheiro. O que hoje o tráfico faz no Brasil, é uma guerrilha urbana, completa. Não tem que tirar nem por. Se você chegar e ler um livro sobre guerrilha urbana, vai dizer o tráfico no Brasil fez – fez só no Brasil, não, fez no México e em outros países – é uma guerrilha urbana, em que eles atacam aonde eles querem, quando eles querem e com meios mais vantajosos. Então, acabou. Isso é uma guerrilha. Para se opor a uma guerrilha, aí botam policiais fardados, com não sei o quê, que podem ser corrompidos facilmente, despreparados, para combater o tráfico. Aqui mesmo, eles me respeitam, meu quadradinho aqui, mas é que de vez em quando eu sento bala neles. Não duvida muito não porque eu vou, mesmo capengando assim, eu vou lá pra cima e sento bala neles. Anteontem, mesmo, eu dei uns tiros aqui. Porque eu não vou aceitar que o cara entre na minha casa sem perguntar para mim se pode entrar. 'Ah, mas nós somos do Movimento'. Movimento de que? De dá isso, de dá aquilo...(???) Fiquei

sacaneando eles. Comigo não. Comigo, ou vocês me respeitam ou me matem. Têm duas alternativas. Mas, enquanto eu for vivo, me sacanear, não. Então é isso que eu queria que você...
CEV-RJ - Coronel, é guerra. Mas quando acaba a guerra?
Malhães – A guerra acaba quando o adversário é derrotado, né? Isso é normal. Ou quando não existe mais força militar desse adversário para fazer frente, ele é.. é o que a gente diz, as organizações revolucionárias acabaram. Não tinha mais nenhuma organizada. A gente cortou a cabeça de todo mundo, era só cabeça, pé de chinelo dificilmente entrava. Não sei o que, comando central, comando regional, vai. Assaltou, matou, assaltou banco, matou gente, sequestrou, vai. Então acabamos com a cabeça. Como..., hoje você diz, 'não, mas subversivo', eles hoje fizeram uma ...
CEV-RJ - Coronel, mas ai tá... desculpe, eu interrompi o senhor...
Malhães – Fala.
Madine – Acabaram as cabeças. Teve a abertura. Alguns políticos voltaram para o país, conseguiram exílio???? (inaudivel) o senhor procurou as pessoas que o senhor tinha relação...
Malhães – E suspendi.
CEV-RJ - Tchau, era isso. Mas, aí, coronel, um caso que nem o Riocentro? Ainda era necessário?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Para que uma bomba na OAB, coronel? Na OAB? O que a OAB?... Aí tá, tudo bem, a Inês Etienne foi lá na OAB... é, é, é... quem era a Inês Etienne? ela tinha essa força para justificar uma bomba na OAB?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Ou foi por outra coisa?
Malhães – Mas aí..., aí você tem que entender que nem todo mundo entende as coisas e sabe fazer as coisas.
CEV-RJ - Porque, recentemente, saiu no Fantástico uma matéria enorme, saiu na Globo uma matéria sobre o Riocentro. O senhor viu?
Malhães – Vi.
CEV-RJ - Tem muita coisa errada ali, coronel, pelo o que o senhor lembra? Mal..., entendeu?
Malhães – O Riocentro foi uma coisa simples. Eles decidiram fazer o Riocentro. Vamos mostrar que nós a ... já tinha dito que havia paz, estava todo mundo tranquilo. Vamos mostrar que ainda existe guerra. 'Bom, como é que nós vamos mostrar?' 'Vamos fazer um atentado ao Riocentro. Pega um carro, pega umas bombas, põe dentro do carro, vai com sargento fulano, que é especialista de carro, vai no carro do capitão fulano, e vocês vão lá e jogam uma bomba lá'. O cara não fez levantamento do local..
CEV-RJ - Amador .
Malhães – O cara não fez nada. O cara foi lá à Bangu. Aí o sargento que tinha que levar a bomba pronta, foi montar a bomba dentro de um carro estreito e tocou com a correia do relógio dele – você não usa relógio...
CEV-RJ - Eu uso, meu relógio está no conserto e não me devolveram.

CEV-RJ - Eu não uso esse aí não.
Malhães – Não, esse aí não funciona.
CEV-RJ - Tem que ser aquele de corrente..
Malhães – Aquele de corrente. Foi, encostou no contato e a bomba explodiu.
CEV-RJ - Isso é uma maneira simplista de falar, por que por trás disso tem outras coisas. Tem gente que sabia, que ajudou a organizar.... O senhor mesmo falou que o ministro na hora mandou não fazer. O ministro era o Walter Pires.
Malhães - É, mandou não fazer.
CEV-RJ - Mas o Nini sabia. E fez. E deixou rolar.
Malhães – Não foi bem o Nini que fez...
CEV-RJ - Deixou rolar.
Malhães – Talvez ele também não tivesse poder de comando para dizer pára.
CEV-RJ - Ou seja, a tese de que se criou uma comunidade de informação que ficou sem comando não é uma mentira?
Malhães – Não.
CEV-RJ - A mesma comunidade que quis ser contra a abertura.
Malhães – Não.
CEV-RJ - Não é a mesma.
Malhães – Não, contra a abertura até eu fui.
CEV-RJ - - Mas, muitos foram.
CEV-RJ - A comunidade toda era.
Malhães – Eu só não concordei em assassinar presidente da República, general de Exército, não concordei com isso.
CEV-RJ - Que rolou na época a tentativa, a proposta...
Malhães – Para que outro general... Fazer, mais ou menos, o que a Dilma Rouseff fez agora. Condenaram o mensalão, pá, pá, pá, ela trocou quatro ministros, está querendo empurrar o Joaquim para fora, para ela trocar o STF todo e rever tudo, inocentar tudo, e tá tudo zero a zero, tá tudo igual. É a mesma coisa.
CEV-RJ - Mas, isso não foi feito. Nem... Não adiantava fazer o que ela...
Malhães – Não, ninguém topou. E eles resolveram fazer no peito.
CEV-RJ - Aquela matéria da Globo, o senhor viu, eu vi também no Fantástico. Aquilo ali está completo? Se eu tivesse que, assim, escrever sobre o episódio do Riocentro...
Malhães – Na moda jornalística que é obter sensacionalismo, está. O jornalista – desculpe o meu amigo – ele não visa muito a verdade ou a mentira, não.
CEV-RJ - Discordo do senhor. Discordo plenamente do senhor.
Malhães – Ele visa, se a matéria dele vai vender jornal ou não, e vai ser sensacional e ele vai ganhar por causa disso, ou prestígio, ou lá o que seja.
CEV-RJ - Reconhecimento.
CEV-RJ - Desde que seja verdadeiro.
CEV-RJ - Não necessariamente, mas enfim. Não vamos discutir.
Malhães – O meu problema ...

CEV-RJ - Não se fosse assim eu ligaria a televisão e acreditaria no que tá, e não é verdade. Eu leio o jornal todo dia e não é verdade o que está escrito ali.
Malhães – Eu também,
CEV-RJ - É, por aí, entendeu? Não necessariamente
Malhães – Eu concordo com você, eu também... nem leio mais jornal
CEV-RJ - Eu leio, desconfiando.
Malhães - Minha mulher adora ver telejornal, eu não gosto. Porque eu acho que muita coisa ali é efeito, é imaginável. Por exemplo, dá o nome da casa de Petrópolis, de Casa da Morte, sem explicar o que é, dar até a minha explicação. Era uma casa de conveniência, não tem nada a ver com casa da morte.
CEV-RJ - Sim, mas este é um nome que foi dado lá em 86...
Malhães – Se todo mundo que morresse passasse por lá, eu até concordo... eu acho que
CEV-RJ - Porque, na verdade, a morte lá – peraí – a morte lá era exceção?
Malhães – Era exceção. E a maioria dos que morreram não tem nada a ver com Petrópolis.
CEV-RJ - E a maioria de quem passou por lá... se ela tinha um objetivo, que era virar as pessoas que passavam?
Malhães – Então, por quê? Ele disse, 'Ah, foram meus editores que fizeram isso. Eu digo, eu não posso acreditar.
CEV-RJ - A culpa não é do Chico Otávio.
Malhães – É dos editores, mesmo?
CEV-RJ - Dá para acreditar nisso, coronel.
CEV-RJ - Dos editores e do fato de que em 86..., desde 81 se chama Petrópolis como Casa da Morte.
CEV-RJ - Mas, enfim.
CEV-RJ - Desde 81, quando Inês Etienne apareceu e falou, aqui foi feito uma casa, um centro de tortura, depois apareceu como Casa da Morte, começaram a surgir nomes de pessoas que teriam morrido lá.
CEV-RJ - O senhor diz assim não é a melhor forma de denominar
Malhães – Não é a melhor forma de denominar. É um aparelho. Os subversivos mataram quanta gente dentro de aparelhos? Eles também tinham aparelhos.
CEV-RJ - Posso lhe fazer uma pergunta? Há quantos jornalistas o senhor falou que aquilo não é Casa da Morte, é um aparelho?
Malhães – Só a ele, e aos senhores, agora.
CEV-RJ - E os seus colegas?
Malhães – Não sei.
CEV-RJ - Nenhum. Por que não apareceu a versão do Exército, fosse pelos senhores ou pelo Exército, dizendo assim, 'não, aquilo ali era um centro de conveniência'?
Malhães – Porque, eu vou dizer a você, eu já te falei, os generais são generais de ensino. Eles não são generais de combate. Então eles não sabem nem o que é aparelho, nem o que é casa de interrogatório, ou lá o que seja. Eles não sabem o que é isso. Eles sabem que um Batalhão tem que ter quatro

companhias, um regimento tem que ter três batalhões, o armamento e como se ataca e como se defende. Eu sei porque fiz a ESAO. Eu dizia muito simples, quando o cara dava a prova, 'vamos para a guerra de papel'. Porque não existia um Regtimento de Cavalaria, de Carros de Combate, pronto, no Brasil. E eu, comandava lá, uma Divisão de Carros de Combate. Tinha que ter pelo menos três batalhões de carros de combate contra o inimigo fictício, lá, que tinha ocupado uma região tal e eu tinha como obrigação montar um planejamento para tirar ele de lá. Tem até um caso gozado comigo, de um ataque, nós estávamos trepados em um morro aqui em cima, logo aqui, e o cara era capitão, o cara me chamou, e disse assim: "Malhães, como é que você atacaria dessa região para aquela região?' Eu digo, 'frontal. Pela proximidade, pelas vias de acesso'. Ele disse, 'Você não pode'. 'Por que não posso?' 'Porque você está dando flanco para o inimigo'. Eu digo, 'mas eu tenho um esquadrão de apetrecho pesado, que eu já comandei, vamos fazer uma cortina de fogo à direita e passar'. 'Não, está errado'. Tudo bem. Ai lá pelas folhas 14, ele foi mostrar um ataque lá em que ele também passou no flanco do adversário. Aí eu perguntei, 'coronel, o senhor está errando'. 'Por quê?' 'O senhor está dando o flanco para o seu inimigo. E o senhor de Infantaria não tem o esquadrão de apetrecho pesado. O senhor tem que arranjar a fumaça, no mesmo lugar que o senhor arrumou para mim, um esquadrão de apetrecho de cavalaria'. Aí, ficou todo mundo rindo olhando para a cara dele. Porque, o cara de combate, de escola é outra coisa. O cara vive outro mundo. Infelizmente, eu abri outro dia uma revista, estava lá no Exército, quando fui me apresentar, leio quem era o chefe do estado Maior, quem era o chefe do estado maior geral, era tudo cara com aquela barrinha de livro na (lapela) . Porra e o combatente? Aonde estão os combatentes? Aí o ministro do Exército, aceita ser..., deixa de ser ministro, quer dizer, ele deixa de ter uma situação política invejável, de participar da vida política do país, para ser comandante-chefe e botar como ministro da defesa um cara que nunca viu nem um revólver, ou então um guerrilheiro.
CEV-RJ - O senhor já ouviu falar no Élio Gaspari, já?
CEV-RJ - Do Riocentro eu entendi o que o senhor falou, essa coisa aí. Por que o senhor acha que teve uma bomba na OAB nesse período?
Malhães – Não tenho nem ideia.
CEV-RJ - Na época, isso não lhe....
Malhães – Isso pode ter sido uma ação individual, que a bomba da O... O ataque do Riocentro exigiu um grupo, mas a bomba do Riocentro (quis falar OAB) não, exige uma pessoa só.
CEV-RJ - O senhor sabe do inquérito da OAB?
Malhães – Não.
CEV-RJ - O senhor sabe ...porque, assim, tudo faz crer que o inquérito foi uma farsa. Na época, o delegado, tinha uma influência do SNI muito grande junto à Polícia Federal, que estava coordenando. Acusaram o Ronald Walters que era o mesmo lá da ... do Campo de São Cristóvão, que o senhor falou da..., ele que foi acusado de ter colocado a bomba, mas depois isso se comprovou que não

tinha sido ele. Então, assim, tem muita farsa nesse inquérito, é uma coisa...., é muito fácil, a pessoa não precisa ser muito inteligente para começar a ler aquilo e ver que é uma farsa. Só que isso foi em 80. Aí, destas coisas, eu mexendo aqui, conversando com um e com outro, vendo quem é quem na época, porque isso é mais recente, a gente tá falando de coisa aqui de 65, 70. Isso é 80. Tem muita gente que ainda lembra disso, que estava lá, no prédio, e coisa assim. O agente Guarany, o senhor sabe quem é?
Malhães – Sei.
CEV-RJ - Ele pode ter colocado essa bomba lá, na época?
Malhães – Aí eu não sei. Eu conheço o Guarany. Pode até ter sido enviado por alguém para colocar essa bomba. Ser, partir dele, não. Partir dele...
CEV-RJ - Mas ele teria condições de fazer um serviço desses?
Malhães – Teria. Pela prática, pelo exercício, pela...
CEV-RJ - Sim.
Malhães – ...pela iniciativa dele, por certas características dele, teria. Agora, não seria nunca iniciativa dele. Poderia estar cumprindo missão para alguém.
CEV-RJ - O senhor soube dessa reunião que esse Guarany teria tido com o Nini, após a bomba do Riocentro, em um hotel?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Coronel, mas essa coisa lá da OAB ainda, voltando aqui, o que tem, é muito... é isso o que a gente estava falando aqui, a gente não pode acreditar em tudo o que a gente lê, a gente vê assim, ele, eu também acho que ele poderia...
Malhães – Mas que não por ordem... não por iniciativa própria.
CEV-RJ - Mas não é, não é..., isso, mas assim, na sua cabeça, por mais que isso possa parecer estranho, a gente pode pensar, pela época, pelos agentes, quem estava no SNI, quem estava na Polícia Federal aqui no Rio, isso em 80, 81, 82, ali, nesse período. Com tudo que já estava a caminho de envolvimento de ...
CEV-RJ - Abertura política.
CEV-RJ - Não, não só da abertura, mas também da contravenção, coisa que a gente sabe que já estava acontecendo nesse período aqui no Rio, isso aí todo mundo sabe e não é novidade, dá fim de pensar em criar alguma relação entre a OAB e o Riocentro?
Malhães – Pode. Só não vou achar muita motivação. Eu sou como um detetive que inspeciona o crime: qual foi a motivação que o cara teve para matar fulano. Tem que ter uma motivação. A gente tem que ver primeiro qual foi o motivo que levou os caras a levarem essa bomba para o Rioce.....
CEV-RJ - Para a OAB.
Malhães - Para a OAB. Para o Riocentro eu sei. Foi aquela, 'não, não é bem assim', que o traficante fala hoje, 'tudo é comigo mesmo, eu é que sou'. Mais ou menos isso.
CEV-RJ - E na OAB?
Malhães – Então, ..

CEV-RJ - Se o senhor souber que o Perdigão estava atento a todos os passos da investigação feita pela Polícia Federal, na bomba da OAB, o senhor admite que o elo entre o Riocentro e a OAB possa ser o seu colega Fredie Perdigão?
Malhães – (silêncio)
CEV-RJ - Que estava no SNI, estava estourado... era estourado e
Malhães – Mas, será que não foi alguém que mandou ele acompanhar? Por que o Fred teria intenção de mandar uma bomba contra a OAB? Eu não tenho nada contra a OAB. Eu, por exemplo, não tenho nada.
CEV-RJ - Sim, mas é por isso que eu lhe perguntei, coronel, por que uma bomba na OAB, justamente naquele período?
CEV-RJ - Para tumultuar?
Malhães – E aí, tumultuar?. E o que interessava tumultuar?
CEV-RJ - Pertubar, mostrar que a comunidade de informação ainda tinha serviço a ser feito. Os senhores não jogavam bombas no Diário de Notícia, em 64....
Malhães – Hun, hun (concordando)
CEV-RJ - ... para dizer que era a esquerda que estava atuando?
Malhães – Não. Para dizer que era a esquerda, não. A gente escrevia MAC. Você pode procurar as fotografias daquela época que existia o nome MAC.
CEV-RJ - Sequestro do dom Adriano, bomba na casa do Roberto Marinho, bomba nas bancas de jornal, bomba no Riocentro, bomba na OAB.
Malhães – pode
CEV-RJ - Na ABI.
Malhães – Pode.
CEV-RJ - Na Câmara dos Vereadores, no gabinete de um vereador que era... que foi partidão
Malhães – Pode.
CEV-RJ - Não é tudo no mesmo contexto? A OAB não entra nesse contexto?
Malhães – Pode entrar.
CEV-RJ - Coronel, mas isso é depois da.. da, tudo isso é depois de 79, né?
Malhães – Pode.
CEV-RJ - Não é a comunidade de informação querendo mostrar que ela.. que não pode haver a abertura?
Malhães – Eu acho que a abertura vem (estala os dedos) bem antes...
CEV-RJ - Sim, vem do Geisel. Começam os primeiros sinais no Geisel.
Malhães – Então, já não tinha mais razões de ser evitada.
CEV-RJ - Não tem isso também.
Malhães – Não tem mais razão de ser evitada.
CEV-RJ - O que o senhor acha que é, coronel? Nesse período aí. Hoje, assim, olhando para trás
Malhães – Pode, até certo ponto, ser isso que ele falou. Um grupo achar que quer mostrar a força da comunidade de informações. Sendo que não seria assim, nunca, que a comunidade de informações mostraria a sua força. Então, a comunidade de informações mostraria a sua força se, se revoltasse e tomasse o Palácio, muito bem, aí eu ía. Se você dissesse, nós agora vamos

mostrar que essa abertura está errada, nós vamos nos armar e vamos bolar um ataque ao Palácio do Planalto. Eu ía, porque aí era troço de homem. Chegava lá depunha o presidente e nomeava um presidente que quisesse. Tão fácil tomar o Palácio do Planalto. Você acha que algum daqueles guardinhas ia atirar ao ver o poder de fogo maior que o deles? Nunca. Você tem que imaginar que aqueles guardinhas são pequenos enfeites. Os Bobs, são enfeites americanos, né, ingleses, né? O bobão, com aquele chapelão, nem pisca. E a mesma coisa, os Bobs brasileiros são aqueles lá.
CEV-RJ - Na nossa conversa anterior o senhor falou que foi contra a abertura e que até propôs que se fizesse alguma coisa contra. Mas, o senhor falou também que quando começaram a jogar bombinha o senhor disse que essa história não levava a nada...
Malhães – Como não levou.
CEV-RJ - O que o senhor imaginava fazer?
Malhães – Isso.
CEV-RJ - Tomar o poder?
Malhães – O Ustra, chegou a pensar nisso.
CEV-RJ - E chegou a articular?
Malhães – Não. Não teve articulação. Porque tudo, você para ter uma base forte, você não pode deixar um micróbio entrar. Se você deixar um micróbio entrar, ele vai se repro... o micróbio se reproduz em uma velocidade muito grande, quando você olhar o teu queijo está tudo bichado. Então, ali nós já estávamos... a reação era bem antes. Bem antes. Você vai dizer, 'ah, o Golbery'. O Golbery foi um dos maiores traidores que houve da revolução. E agora? Tudo porque arranjou uma amante de esquerda.
CEV-RJ - Quem era a amante de esquerda?
Malhães – Ah, sei lá quem era. Eu sei que é uma amante de esquerda. Os filhos são de esquerda, a mulher é de esquerda. Aí começou a falar dos arcanjos que vão voltar, se lembra disso? Foi quando ele falou que os caras vinham do exterior, voltar para o Brasil, os asilados. Então, o troço já estava bichado. Não existia mais força no contexto. Você apertava e ela escorria por entre os teus dedos. Você podia sim, montar um grupo – mas tinha que ser um senhor grupo – e tomar o Palácio do Planalto. Era o troço mais tranquilo do mundo.
CEV-RJ - Mas precisava ter um senhor grupo.
Malhães – Não tão assim, um armamento...
CEV-RJ - Mas, àquela altura, teria respaldo da população?
Malhães – Não sei, nós vamos ver. Normalmente tem. A população, tu bota um... aqueles caminhões que transportam carro de combate, no meio da rua, saí todo mundo correndo. Não precisa ter carro de combate não. Isso eu assisti. Tinha que ter alguém, um general, sim, um general era essencial, que reunisse.., que já tivesse uma tropa na mão. Né, por ser general. Que tivesse um exército na mão. Essa ideia, vou te dizer a ideia mãe de muito antes de acabar a revolução, só que os generais que nós escolhemos, nenhum deles foi eleito general de Exército. Um personagem seria de general de Exército,

nosso. Ele teria um exército, influência – general de Exército é homem de influência – e o resto a gente faria. Desde que esse general se pronunciasse, com o exército dele, contra aquele estado de coisas. Isso o grupo já fazendo guerrilha (pausa) fazendo guerrilha. Se não desse sucesso na primeira investida, fazia uma guerrilha. Seguia a teoria do foco de Regis Debret, vem cá ela é válida para o lado de cá, é válida para o lado de lá, pô. O maoísmo já é mais difícil, pegar o campo e levantar contra as cidades, aqui no Brasil é difícil, né? Existe região que tem meio habitante por quilômetro quadrado, então, é difícil. Mas...
CEV-RJ - Até aonde chegou a conversa?
Malhães – Assim, a nível de bate papo. Tentamos promover o general...
CEV-RJ - Seria o?
Malhães – Deixa isso para lá. Tentamos, não conseguimos. Todos os nossos generais de Divisão não saíram Exército. Mesmo os que não tinham Exército, nós não conseguimos general de Exército. Eles continuaram, foram cortados e iam embora para casa, então, acabou a história. Ainda assim eu insisti, vamos tomar o Palácio do Planalto. General... Getúlio fez general, à cavalo, na estrada do Rio Grande do Sul para cá. Nomeado capitão-general. Então, esse negócio de fazer general é bobagem. Foram grandes generais, até, os gauchinhos lá, seus compatriotas. Então, isso é bobagem. Você toma, faz o que Trótski fez, fecha as comunicações - vou te dizer o exemplo da Revolução Russa, hein? -, fecha as comunicações, ninguém mais fala com ninguém, telefone, televisão, rádio, não tem mais nada. Saiu do ar o país. E faz as ações, derruba o Kzar, faz tudo.
CEV-RJ - Ação de?
Malhães – De guerrilha. Toma tudo. Aí quando a nação acorda no dia seguinte, no nosso caso, porque eles lá não tinham televisão, bota o rádio, os correios para funcionar, já é o novo governo.
CEV-RJ - Falar, eu acho que á fácil.
Malhães – Não é difícil, não.
CEV-RJ - Tanto era, que não fizeram.
Malhães – Não, não fizemos porque não tinha... É o que eu digo para você, tudo é questão de oportunidade. Se teve esta oportunidade, no governo Geisel.
CEV-RJ - Mas se desperdiçou.
CEV-RJ - O Hugo Abreu? O Hugo Abreu apoiaria?
Malhães – Apoiaria. Mas, não seria só o Hugo Abreu não.
CEV-RJ - O próprio Frota.
Malhães – Havia um contingente muito grande.
CEV-RJ - Que foi esvaziado.
Malhães – Mas, o Frota ficou sonhando que ele era o candidato do sonho dos deputados. Os outros ficaram esperando o sol nascer. E a oportunidade foi perdida.
CEV-RJ - (mexendo em papéis) Coronel, estou fazendo barulho aqui porque eu estou querendo encerrar aqui.

CEV-RJ - Eu ainda acho que precisava esclarecer alguns nomes de lá da Casa da morte.. da casa.. do aparelho de Petrópolis.
Malhães – Não.
CEV-RJ - Se eles se transformaram, justificariam o nome de Casa da Morte ou não. Se morreram lá, ou não?
Malhães – Ninguém morreu lá. Lá dentro da casa, ninguém. Lá não era lugar de matar ninguém.
CEV-RJ - Por isso que o senhor diz que o outro mentiu ao dizer que pegou corpo lá?
Malhães - É.
CEV-RJ - Se alguém tivesse que desaparecer, não desapareceria ali.
Malhães – Dali.
CEV-RJ - Ali. Desapareceria dali.
Malhães – É, mas não. Por causa disso que eu digo, Casa da Morte é uma sacanagem. Por que Casa da Morte? Quem é que diz que morreu lá? Ninguém, né? Lógico, né. Quem é... a não ser a maluca, quem é que diz que viu outros que morreram lá? Porque eu vou dizer na cara dele 'é mentira, você não viu nada'. Aquilo era compartimentado. Sabe o que é compartimentação? É um troço fechado.
CEV-RJ - Não tem como um ver o outro.
Malhães – Não tem como um ver o outro. Seriamos uns idiotas....
CEV-RJ - (falando para Cristina) - Me arranja um copinho d'água.
Malhães - nós seríamos uns idiotas se permitíssemos que um visse o outro. Que o carcereiro conversasse com...Não tem.
CEV-RJ - Coronel, quanto tempo... o senhor lembra de cabeça até que ano funcionou lá em Petrópolis.
Malhães – Ih, não. De cabeça, não. Mas nós fechamos lá...
CEV-RJ - Depois do Araguaia...
Malhães – E fomos para um outro também bonzinho...
CEV-RJ - Em Itaipava
Malhães – Em Itaipava.
CEV-RJ - Perto de um rio, o senhor falou.
Malhães - É
CEV-RJ - O senhor saberia reconhecer... é, o senhor saberia aonde é este lugar?
Malhães – O de Petrópolis todo mundo sabe, né?
CEV-RJ - Mas, assim, o saberia dizer aonde é este outro lugar?
Malhães – Acho que seu eu fosse andando lá, conheceria.
CEV-RJ - Iria com a gente?
Malhães – Não
CEV-RJ - Passear em Itaipava.
CEV-RJ - Mas, com um mapa, hein coronel. Com mapa, com foto da região, mais ou menos assim.
Malhães – Primeiro, que ...
CEV-RJ - Não para o senhor ir, mas para o senhor dizer...

Malhães – Primeiro, que ocorre uma coisa que vocês não estão pensando. Se você viesse aqui há vinte anos atrás, você hoje chegasse aqui, não achava esse sítio. Certo? Então, o tempo passa...
CEV-RJ - Muda tudo.
Malhães – E os lugares mudam rapidamente.
CEV-RJ - O lugar onde eu era criança, hoje é outro lugar.
Malhães – Então, eu acho difícil eu chegar lá e achar. Eu posso me lembrar do rio, me lembrar das coisas que tinham...
CEV-RJ - mais ou menos .
Malhães ... agora, chegar à casa, isso é impossível.
CEV-RJ - O sítio lá de Jacarepaguá, também. O senhor acha que pode ser que já mudou totalmente, ou é possível a gente...
Malhães – Não sei, porque o dono do sítio já morreu. Antes de morrer ele tinha vendido o sítio.
CEV-RJ - Quem era, hein? Esse oficial da PM que eu tentei descobrir que não bateu continência. Eu soube de um almirante que não bateu continência para o Brizola.
Malhães – Ele foi um oficial da PM que também não bateu. Disse que não bateria continência para o Brizola.
CEV-RJ - Se ele já morreu, o senhor poderia lembrar o nome dele, né?
Malhães – Paulo Cardoso.
CEV-RJ - Paulo Cardoso.
Malhães – Famoso Paulo Peito de Aço.
CEV-RJ - Paulo Cardoso. Paulo Peito de Aço[30].
CEV-RJ - Coronel, mas este sítio aí, o senhor acha que ainda está lá?.
Malhães – Não sei, aí com esta mobilização imobiliária, se você chegasse aqui há 20 anos atrás, há vinte não, há 10 anos atrás só encontrava esse sítio aqui, o resto tudo era mato. Agora há um conjunto ali, estão fazendo outro.
CEV-RJ - O senhor chegou a usar outra casa em Petrópolis, ou não?
Malhães – (ianudivel)
CEV-RJ - Mas, a que durou mais tempo foi essa que todo mundo conhece, ou não? (05:31:15)
Malhães – Foi.
CEV-RJ - E essas outras foi mais para o fim...
Malhães – Por necessidade. Mas essas eram alugadas.
CEV-RJ - Alguma tinha alguma construção especial?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Mas, era sempre nesse modelo que o senhor falou. Um lugar mais afastado, no mato.
Malhães – Afastado, muito mato.

[30] - Segundo o deputado Paulo Ramos, Paulo Cardoso era conhecido como Paulo Peitaço;

CEV-RJ - Mas, lugares isolados, fora da casa. Por que alguém me falou de uma outra casa, que ela vez foi alugar e parecia um lugar que tinha lugares isolados fora da casa para manter pessoas isoladas.
Malhães – Não. Nunca seria do lado de fora da casa.
CEV-RJ - o quê?
Malhães – Nunca seria do lado de fora da casa. Você tem que admitir sempre que quando o troço era escolhido, era escolhido não pelo olhar crítico de uma pessoa, pelo olhar crítico de várias pessoas, que conheciam o assunto. Por exemplo, essa casa que você fala que é perto do rio, não sei o quê. Ela tinha um porão.
CEV-RJ - Tinha um?
Malhães – Porão. Maravilhoso. Foi só repartir o porão que você tinha cela. É aonde tinha o tal poço. Não posso lembrar que eu rio até hoje.
CEV-RJ - Coronel, e nos outros lugares do país, o senhor teve também outros aparelhos assim?
Malhães – Tivemos.
CEV-RJ - Mas, o senhor acha que aqui foi....
Malhães – O centro foi aqui. Aqui e São Paulo. São Paulo também tinha uns aparelhos bons, mas não eram mais da OBAN do que nossos. Nós podíamos usar, mas eram da OBAN.
CEV-RJ - E nas outras cidades?
Malhães – Nas outras cidades eram, praticamente, aparelhos de temporada.
CEV-RJ - Apartamentos, casas?
Malhães – Casas de temporada. Desculpa eu falar em apartamento. Casa de campo de temporada.
CEV-RJ - Sitiozinho, coisa assim.
Manhães – Sitiozinho de temporada. Passar uma temporada, quero alugar 30 dias e tal. Não era nada fixo.
CEV-RJ - E as cidades que tinha isso, coronel, o senhor lembra?
Malhães – Porto Alegre, Três Passos, as cidades quase todas que tinham unidades no Rio Grande do Sul, unidades militar.
CEV-RJ - Uruguaiana. Santa Maria, São Leopoldo...
CEV-RJ - Alegrete.
Malhães – Alegrete.
CEV-RJ - No Alegrete também?
Malhães – Regimento de cavalaria. Tem.
CEV-RJ - Mas tinha também estes aparelhos.
Malhães - Também
CEV-RJ - São Borja
Malhães – São Borja. Porque, foi como nós desmontamos a guerrilha do meu amigo, meu capitão e meu amigo, Lamarca. Organizou...
Malhães – São Borja. Porque..., foi como nós desmontamos a guerrilha do meu amigo, meu capitão e meu amigo, Lamarca. Organizou...
CEV-RJ - Foi colega de escola do senhor?

Malhães – Foi colega de escola. Eu sei até porque ele passou para o comunismo.
CEV-RJ - É?
Malhães – Sei. Se você quiser eu te conto.
CEV-RJ - Quero...
Malhães – Essa eu posso contar. Aí...
CEV-RJ - Essa eu quero.
Malhães – Aí, a gente teve que montar uma contraguerrilha, nessas cidades e fomos... Eu até te conto um fato interessante lá do Rio Grande do Sul. Nós entramos na primeira cidade, mais ou menos meio-dia, almoçamos na estrada, entramos meio-dia. Tínhamos que prender cinco pessoas nessa cidade. Só prendemos uma.
CEV-RJ - Só prenderam?
CEV-RJ - Só prenderam quantas?
Malhães – Uma. Quando nós prendemos a primeira a notícia chegou para a quarta lá. Porque a notícia lá vai com uma velocidade que parece até radar... Avisaram 'tão prendendo gente, tão prendendo gente'. O cara ó (sinal de que fugiu). Então nós descobrimos – você vê que tudo era experiência – que o negócio era chegar de madrugada, duas três horas manhã, e sair prendendo todo mundo. Aí, não tinha tempo de passar. Então, nós tivemos que desmobilizar esse esquema para o Lamarca nem tentar dar a partida na área dele. Como nós tínhamos prendido o chefe regional dele, ele ficou de pé e mãos atadas e teve que abandonar o projeto ali. Porque ali era o antigo caminho que o Gérson Cardin Osório seguiu, Três Passos, Foz do Iguaçu... Então, já tinha muita gente sensível à guerrilha na área, então nós tivemos que acabar antes que ela começasse. Graças a Deus, uma estrela deve ter iluminado a cabeça do general e o general concordou com a gente que, embora não tivesse começado a área de guerrilha, nós podíamos acabar com ela.
CEV-RJ - Sim.
Malhães – Porque é difícil você convencer. 'Mas não tem nada lá. Não deram um tiro lá'. 'Mas vai ser lá, o projeto é lá. Já está sendo montado. Vamos desmontar antes que eles montem'. Era difícil. Registro...
CEV-RJ - Registro, em São Paulo.
Malhães – São Paulo, outra área de guerrilha...
CEV-RJ - Mas, lá no Rio Grande do Sul o senhor conseguiu...
Malhães – Conseguimos.
CEV-RJ - Em Três Passos
Malhães – Conseguimos acabar com tudo. Lá foi ...
CEV-RJ - E o Lamarca sabia?
Malhães – De quê? Dessa... tipo de organização que eles fizeram?
CEV-RJ - Não, ele, porque assim.., como o senhor conhecer ele...Porque eu fiquei curiosa com isso aí. Ele sabia do senhor e o senhor sabia dele?
Malhães – Sabíamos.
CEV-RJ - Ele sabia que era o senhor que estava atrás dele?

Malhães – Sabia. Tanto que ele fez um comentário que ele ia me matar. Ele atirava muito bem.
CEV-RJ - Como é que o senhor via isso, coronel, de militares como o senhor estarem...
Malhães – Mas, era o futuro do nosso país, como é o futuro da Síria, como é o futuro desses países todos. É irmão contra irmão. Não tem jeito. Essa é a solução do momento. Irmão contra irmão.
CEV-RJ - O Cabo Anselmo, coronel?
Malhães – O Cabo Anselmo era infiltrado...
CEV-RJ - De quem, hein?
Malhães – Nosso.
CEV-RJ - Do Exército?
Malhães – É. Por incrível que pareça.
CEV-RJ - Não, isso é público...
CEV-RJ - Não, ele, ele , enfim, deixa o senhor falar.
CEV-RJ - Isso já é domínio público.
Malhães – Hun?
CEV-RJ - Mas quem fez esse trabalho.
Malhães – Não fui eu. Eu já peguei... eu fui o controlador dele.
CEV-RJ - Hun, hun.
Malhães – ... mas não fui eu que.. ele já vem cantado, eu acho que ele já foi infiltrado. Ele não foi feito filtro depois de estar no esquema, ele já...
CEV-RJ - Ele já participou do comício como...
Malhães – Já como infiltrado
CEV-RJ - E a partir de que momento o senhor controlou ele?
Malhães – Da fuga dele do presídio.
CEV-RJ - Que foi armada?
Malhães – Foi, lógico, né?
CEV-RJ - Mas, então, o Lamarca sabia.
Malhães – O negócio do Lamarca foi o seguinte. O Lamarca, a família dele era muito pobre, o pai dele era sapateiro, desses que tem sapataria, e ele tinha uma irmã de criação que morava, que o pai dele criava, a família dele criava, a mãe criava, a mãe morreu, mas o pai ficou criando a menina. Ele, como cadete, em uma dessas viagens de licença que a gente tinha, ele transou com a menina, engravidou a menina, o pai dele achou aquilo um absurdo e fez ele casar com a menina. Ele casaria quando saísse oficial. Mas eles fizeram tudo o que foi possível, chá, enfiaram a vara, não sei, enfiaram tudo o que era possível para ver se ela abortava o neném para que..., mas ela não abortou. Mas, em compensação o filho nasceu profundamente doente. Então o Lamarca gastava todo o dinheiro que ele tinha para a criança. E aí, o Lamarca estava no quartel, 4º RI, lá em São Paulo, que tinha um sargento que era do Marighella, que trabalhava no quartel. Aí, o Lamarca, com dificuldade financeira, aquele troço todo, pede um empréstimo ao Exército. O Exército nega esse empréstimo. O sargento, vendo isso, vai ao chefe e explica que tem um capitão perto de servir (??? – inaudível), é só ele dar o dinheiro que o cara

precisa. O cara dá o dinheiro. O sargento chega lá e canta, canta o Lamarca e dá o dinheiro ao Lamarca. Aí o Lamarca ficou ligado a ele.
CEV-RJ - Ao Marighella.
Malhães – Aí o Marighella queria o armamento que existia no 4º RI. Então eles montaram um plano para invadir o quar... o Lamarca seria o oficial de dia, e ele facilitaria a invasão do quartel para ser roubado o armamento para o Marighella. O Marighella até prometeu que ele seria o general do Exército dele, aquele negócio todo. Então está tudo... o esquema todo montado. Só que eles precisavam de um caminhão pintado da cor do Exército, para entrar e poder apanhar o armamento...
CEV-RJ - Para ninguém suspeitar.
Malhães – Então, eles foram pra uma ... em Itapecerica da Serra, eles foram lá, em uma oficina, para pintar o caminhão. Os caras começaram a pintar o caminhão. Uns garotinhos que brincavam na oficina, a oficina estava vazia, esse troço todo, começaram a brincar lá e o cara disse 'porra, esses garotos vão ver fazer isso, dá umas porradas nesses garotos e manda esses garotos embora'. Os caras deram uns cascudos nos garotos e os garotos foram embora. Os garotos chegaram lá, na casa da mãe deles e abriram a boca. 'Mamãe tem uns caras pintando um caminhão lá que deram porrada na gente, não sei o que'. E a mãe deles foi na delegacia. A delegacia foi lá ver o que era e para a surpresa do delegado ou sei lá de quem foi, viu um quar..., um carro sendo pintado da cor do Exército. Aí botou a boca no trombone: 'estão pintando um carro aqui da cor do Exército e tal'. Aí, movimentaram gente para ir para o 4º RI. Conclusão, o plano do Lamarca, ele só fugiu com o armamento que tinha na Companhia que ele comandava. Ele só conseguiu fugir com ele, no próprio caminhão do quartel. Daí pra frente ele passou a ser um desertor. E foi assim que surgiu o capitão Lamarca.
CEV-RJ - E o senhor soube dessa história na época, já?
Malhães – Já, um pouco depois. Um pouco depois.
CEV-RJ - Vocês eram jovens.
Malhães – Não, nós éramos até amigos não muito perto.
CEV-RJ - Mas, essa coisa de São Paulo, isso foi bem antes da sua ida lá para o Rio Grande do Sul
Malhães – Muito antes.
CEV-RJ - Mas, o senhor andava no rastro dele?
Malhães – Não, daí pra frente é que eu passei a andar no rastro dele. Aí ele arranjou, nessa de ficar na esquerda, ele assaltou banco, matou PM em São Paulo, pintou e bordou. Ele arranjou uma namorada, Iara Iavelberg, e se sentiu muito pressionado em São Paulo, fugiram para a Bahia. Ela ficou em Salvador e ele ficou no interior da Bahia, na região do agreste baiano e mineiro, organizando uma guerrilha. Aí dado vai, dado vem, dado vai, dado vem, se descobriu essa área. Alguém delatou essa área dele, que o Lamarca estava montando na Bahia. Nós fomos para lá. (Tem uma frase inaudível) Essas histórias. Aí chegamos lá encontramos o pessoal dele, houve um tiroteio, todo mundo dele foi pro cacete, mas ele (estala os dedos) ...

CEV-RJ - conseguiu ...
Malhães – ....fugiu. Aí tem um garoto, que é chamado até de menino, da organização, que é o que leva recado. Aí, o garoto ficou com a Iara Iavelberg, qualquer coisa que vai dizer ao Lamarca.
CEV-RJ - Isso, de Salvador.
Malhães – De Salvador. Aí nós descobrimos aonde era o apartamento da Iara e matamos a Iara[31]. Aí ele soube que aconteceu alguma coisa com a Iara. Ele aí veio em direção a Salvador, nós soubemos, pegamos o garoto, trazendo mensagem, e o garoto disse 'ele está vindo aí'. Aí nós cercamos Salvador. Aí encontramos ele – ele estava doente à beça, tinha bebido água...
CEV-RJ - O senhor estava junto, na hora?
Malhães - ... tinha bebido água, dessas águas podres, né?
CEV-RJ - Sim.
Malhães – Então estava com desarranjo intestinal danado, estava fraco, postado lá em uma árvore...
CEV-RJ - Ele já sabia da morte dela, ou não?
Malhães – Não. Sabia que tinha acontecido alguma coisa, não sabia da morte.
CEV-RJ - O senhor estava com o general Nilton Cerqueira[32]?
Malhães – É, Nini.
CEV-RJ - E aí, coronel?
Malhães – Aí... foi o fim dele.

---

[31] - - O jornalista Elio Gaspari, em seu livro As Ilusões Armadas, A Ditadura Escancarada (2002) relata em detalhes o que seriam os momentos de cerco e morte de Iara, por suicídio. Ela e Lamarca fugiram para a Bahia em julho de 1971, após o sequestro do embaixador Bucher e a desarticulação da organização guerrilheira. Iara (codinome "Clara") separou-se dele em Feira de Santana, depois indo para Salvador, enquanto Lamarca seguia para o interior baiano. Com a prisão de um dos integrantes da organização na capital baiana, sabedor do paradeiro do casal e que, após duas semanas de tortura, passou informações à repressão, na manhã de 20 de agosto dezenas de agentes dirigiram-se a um prédio na rua Minas Gerais, na Pituba, onde esperavam encontrar Lamarca. Lá quem estava era Iara. O prédio e o apartamento indicados, 201, foram envolvidos por bombas de gás lacrimogênio e após a invasão, dele saíram os policiais com três presos, uma empregada e dois menores. Um menino morador do apartamento vizinho, porém, quando os policiais se retiravam, descobriu Iara agachada, de arma na mão, no vão entre os dois apartamentos, e chamou a policia de volta. Encurralada num quarto cheio de gás lacrimogêneo, ela matou-se com um tiro que trespassou o coração e o pulmão. O cadáver foi levado ao IML de Salvador e somente algumas horas depois descobriu-se que aquela era a mulher de Carlos Lamarca. Seu corpo foi deixado por mais de mês numa gaveta do necrotério, como isca para Lamarca. Nilda Cunha, a adolescente secundarista de 17 anos capturada na batida ao apartamento, era integrante do MR-8 e lá morava sozinha com o namorado, também militante, até receber ordens da direção da organização para hospedar Iara. Torturada pelos militares num quartel e obrigada a tocar no cadáver da guerrilheira, enlouqueceu, teve cegueira e foi internada várias vezes, morrendo numa de suas crises, com um prosaico "edema cerebral a esclarecer" como seu atestado de óbito. Meses depois, sua mãe, Esmeraldina Cunha, suicidou-se, enforcando-se com o fio de uma máquina de calcular elétrica. A certidão de óbito dá a morte de Iara, oficialmente, como 20 de agosto de 1971, assinada pelo legista Dr. Charles Pittex, informando ainda que ela foi sepultada pela família no Cemitério Israelense de São Paulo. Seu corpo foi entregue à família em caixão lacrado, com a proibição explícita de que fosse aberto. Carlos Lamarca morreria menos de um mês depois, em 17 de setembro, em Pintada, no sertão da Bahia. Exumação - Em 2003, após anos de negativas, através de um mandado judicial do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, os familiares de Iara, inconformados com a versão oficial da morte dela por suicídio, conseguiram que a Federação Israelita de São Paulo fizesse a exumação do corpo da guerrilheira, que havia sido entregue à família em caixão lacrado. O resultado da nova autópsia descobriu que Iara tinha sido morta com vários tiros. Os restos mortais da guerrilheira puderam assim, mais de trinta anos depois, ser removidos da ala de suicidas, onde tinham sido enterrados, para perto do túmulo de seus pais, em outra área do cemitério judeu

[32] - Ná época, Nilton Cerqueira era major, comandante do DOI-CODI baiano e chefe da 2ª Seção do Estado-Maior da 6ª Região Militar;

CEV-RJ - Na chegada da cidade...
Malhães – É, chegando à cidae. Mas ainda faltava alguma coisa.
CEV-RJ - Mas, na rua, assim, coronel? Na estrada?
Malhães – No meio do mato, no meio do mato.
CEV-RJ - Tem uma foto, famosa, dele debaixo de uma árvore.
Malhães – Só que ele morreu a facada[33].
CEV-RJ - Por quê?
Malhães – Não sei, foi o Nilton Nini é que resolveu na hora: 'com faca'. Aí matou ele a facada. Quem matou mesmo foi o Nilton.
CEV-RJ - Mas, vocês arrancaram alguma coisa dele na hora ou não fez diferença?
Malhães – Não, só matamos. Aí acabou o que a gente chamava de vergonha do Exército. Porque a vergonha do Exército era ter um traidor. Embora tivesse sargentos, isso tudo a gente conseguiu pegar. Mas, um capitão, do Exército, como tinha um coronel, também, que era traidor Passarinheiro (??? Inaudível), também foi embora. Então, a história do Lamarca que ficou famoso porque ele montou várias áreas de guerrilha. Um militar, experiente, fez vários projetos, alguns deram certos, outros não, e foi em um desses projetos lá de São Paulo que o Leonidas... como é mesmo o nome do cara? Não é Leonidas...
CEV-RJ - Leonidas Pires Gonçalves?
Malhães – Não. Esse é o.....
CEV-RJ - Waldir Pires (erra o nome Walter Pires)?
Malhães – Leonidas Pires Gonçalves deixou ele fugir...
CEV-RJ - Quem?
Malhães – O Lamarca, do cerco.
CEV-RJ - Aonde? Em São Paulo?
Malhães – Em São Paulo. Depois quis culpar o sargento que era que dirigia a viatura.
CEV-RJ - Mas ele, uma coisa dessas, uma coisa de vocês, ele andou lá no Rio Grande do Sul na mesma época que o senhor.

[33] O destino de Lamarca começa a ser traçado em 21 de agosto, quando o guerrilheiro César Benjamin, fugindo de um cerco policial em Ipanema, no Rio de Janeiro, deixa no carro que ocupava um diário de Lamarca e cartas dele para Iara, descobertas pela polícia. Cruzando os dados de topografia e vegetação descritos nelas, junto com informações conseguidas com militantes do MR-8 capturados na Bahia, os militares identificam a área de Buriti Cristalino como o provável esconderijo do ex-capítão. Um dia antes, 20 de agosto, informações extraídas de um guerrilheiro capturado em Salvador, José Carlos de Souza, permitiram aos agentes localizarem Iara Iavelberg num apartamento no bairro da Pituba, na capital. A mulher de Lamarca é morta à tiros escondida num quarto cheio de gás lacrimogênio, após a invasão do local pelas forças de segurança. A versão oficial de sua morte, suicídio, só seria desmentida mais de trinta anos depois, quando seus restos mortais foram exumados em São Paulo. Os dois – Lamarca e José Campos Barreto, o Zequinha, ex-metalúrgico organizador de várias greves no ABC Paulista em 1968 - fugiram por trezentos quilômetros durante vinte dias até chegarem à localidade de Pintada, um povoado no meio do nada com apenas cinquenta casas, no distrito de Ibipetum. Um menino viu os dois homens deitados descansando sob uma baraúna e em pouco tempo a notícia chegou aos perseguidores. As três horas da tarde de 17 de setembro, os homens de Cerqueira chegaram ao local e surpreenderam a dupla. Zequinha, ouvindo o barulho de um galho estalado, avisou o chefe e tentou correr, sendo morto por uma rajada de metralhadora. Lamarca foi morto com sete tiros quando tentava se levantar. Um dos tiros atravessou-lhe o coração e os dois pulmões.64 Seu corpo foi pendurado num pau e levado até uma camionete, de onde foi transportado à Baraúna e de lá para a base aérea de Salvador, onde os corpos foram fotografados no chão de cimento. Lamarca ainda tinha os olhos abertos.

Malhães – É. Não peguei ele lá por pouco. Eu estourei a VPR de Porto Alegre, depois é que eu fui para Três Passos.
CEV-RJ - E o senhor esteve em quais outras cidades lá, coronel, além de Três Passos. Porque em Três Passos o senhor fez a ....
Malhães – A, Medianeira... Tive naquelas cidades ...Cidades onde tinha unidade militar eu estive em todas elas.
CEV-RJ - O senhor esteve no presídio da ilha, lá em Porto Alegre?
Malhães – Não. Lá não. Tive, na sua terra quase.... Você nasceu aonde?
CEV-RJ - Canoas.
Malhães – Não. Canoas não tem unidade militar.
CEV-RJ - Tem base aérea, né?
Malhães – É.
CEV-RJ - Santa Maria?
Malhães – Santa Maria eu estive.
CEV-RJ - Em todas essas cidades, mesmo que por pouco tempo, é...
Malhães – Era prender três, quatro, cinvo pessoas. Porque ele tinha preparado isso. Porque ele fez um plano útil. Ele ia fazer uma guerrilha de Três Passos até Tubarão em Santa Catarina. Seria a guerrilha dele. Então, em cada unidade militar, nesse trajeto, ou perto desse trajeto, ele colocou um grupo para provocar explosão, dar tiro, fazer, para as unidades militares não poderem sair das cidades em que elas estavam, porque era um absurdo largar a cidade e ir em direção à área..., ao traçado que ele ia fazer. Então, por causa disso, a gente, primeiro, teve que acabar com os caras das cidades, né? Porque, aí, as unidades podiam se deslocar à vontade. Quer dizer, o trabalho nosso foi ao contrário do que ele fez.
CEV-RJ - Mas eram sempre poucos, coronel?
Malhães – Hun?
CEV-RJ - Eram poucos? Numericamente.
Malhães – Eram poucos, cinco, seis, sete pessoas. Teve uma unidade que era um sargento, que fornecia munição para eles. Foi Santa Maria? Não. Uruguaiana.
CEV-RJ - Uruguaiana.
Malhães – Até foi gozado, porque eu cheguei lá e fui falar com o coronel comandante da unidade e disse para ele, ‘coronel eu vim comunicar que nós vamos vir aqui na sua unidade prender um sargento seu que é responsável pelo paiol de munição’. ‘Meu sargento do paiol de munição?’ ‘É’. ‘Por quê?’ ‘Porque ele está roubando munição do quartel e está vendendo para o pessoal do Lamarca, subversivos’. ‘Ah, meu sargento eu duvido, ih, vocês estão completamentre enganados. Meu sargento é homem da minha confiança’. ‘Nós vamos prender ele’. ‘Tá bem, pode prender’.
CEV-RJ - isso em Uruguaiana?
Malhães – É. Aí nós fomos, prendemos o cara, apertamos o cara, e o cara confessou que realmente ele saía com uma saca do que ele comprava no quartel, de alface, essas coisas assim e no meio ele levava munição. Aí o coronel quase caiu duro para trás.

CEV-RJ - O Ceveda[34] (o nome certo é Cerveira) também não era desertor?
Malhães – Era.
CEV-RJ - Coronel, também?
CEV-RJ - É de Pelotas, não? O senhor teve em Pelotas?
CEV-RJ - Aí, com ele foi o quê? Ele esteve nessa do Lamarca? Ele estava junto...
Malhães – Não.
CEV-RJ - Ele estava montando o quê? Ele estava montando algo também.
Malhães – Acho que ele nem chegou a montar, ele pensou em montar.
CEV-RJ - Mas ele foi infiltrado, não é, coronel?
Malhães – Por isso que eu estou dizendo, ele pensou em montar.
CEV-RJ - É ele não tem como.
Malhães – Ele era o passarinheiro. Né?
CEV-RJ - Junto a que grupo?
Malhães – Hun?
CEV-RJ - Junto a que grupo?
Malhães – Não era nem o do Lamarca.... O principal, não, mas o dele eu acho que era em São Paulo. São Paulo tem de tudo.
CEV-RJ - E por que ele precisou ser desaparecido?
Malhães – Ah, não foi preso meu.
CEV-RJ - Mas foi do CIE.
Malhães – Ou foi do primeiro Exército.
CEV-RJ - Foi do Primeiro Exército?
Malhães – Foi. Do Primeiro Exército, general mesmo.
CEV-RJ - Hun, hun.
CEV-RJ - Frota, não.
Malhães – Não, não é o Frota não
CEV-RJ - Sizeno.
Malhães – Sizeno. Por causa de uma história de que ele era ligado ao Sizeno e o Sizeno estaria dando cobertura a ele, facilidades a ele, aí o Sizeno mandou segurar ele. O Sizeno eu acho até sabia onde ele estava..
CEV-RJ - Sizeno o quê? Até sabia..
Malhães – Acho que sabia. Mandou segurar ele e mandar ele embora. Mas foi o próprio Sizeno.
CEV-RJ - Sem participação em Petrópolis.
Malhães – Sem participação em lugar nenhum.
CEV-RJ - DOI-CODI, DOI?
Malhães – Talvez o DOI. Se não foi o pessoal da segunda mesmo. (2ª Seção do Primeiro Exército)
CEV-RJ - Pode ter sido da segunda?
Malhães – Pode. A segunda, lá, era boazinha.
CEV-RJ - Era boazinha?

[34] - Joaquim Pires Cerveira, gaúcho, major do Exército, militou na Frente de Libertação Nacional (FLN) e é dado como desaparecido desde que foi preso, possivelmente na Argentina, em dezembro de 1973; Há outras citações a ele, como na pagina 359.

Malhães – Era. Teve um grande chefe, né?
CEV-RJ - Miltinho? Quem, Milton?
Maçlhães – Não, o chefe da segunda teve....
CEV-RJ - Ednardo?
Malhães – Não, estou de sacanagem. Teve um grande cheffe lá que organizou a segunda.
CEV-RJ - Paulo Malhães.
Malhães – Paulo Malhães. Estou brincando com vocês, dizendo que teve um grande chefe...
CEV-RJ - O senhor organizou lá?
Malhães – A segunda do Primeiro Exército fui eu quem organizei.
CEV-RJ - Ah, a segunda do Primeiro Exército. Estou entendendo Segundo Exército.
Malhães – Não.
CEV-RJ - Um bom chefe.
Malhães – Teve um bom chefe. Então tinha um pessoal também aguerrido.
CEV-RJ - Com ele tinha outro, né? Foi pego outro com ele.
Malhães – É. Nem me lembro. Isso, o comandante de Exército mesmo, resolveu por ele.
CEV-RJ - Coronel, desses nomes que eu lhe falei aí, ele estava entre eles, né? Eu tenho uns outros aí, mas eu não tenho muita...
Malhães – Eu acho que ele não participou da Casa da Morte, não. Ele foi direto.
CEV-RJ - Não passou por lá.
Malhães – Não. Ele foi direto. Porque eu também tinha tempo em que eu estava lá e tinha tempo em que eu não estava lá.
CEV-RJ - É, porque o senhor viajava muito. Mas, aqueles ali que eu falei para o senhor que viraram, que esses eu sei que viraram.
Malhães – É, provavelmente estão vivos.
CEV-RJ - Não, a maioria já morreu. Ali, a maioria já morreu.
CEV-RJ - Viraram lá?
Malhães – Aonde?
CEV-RJ - Não, viraram em Petrópolis, coronel?
Malhães – Foi.
CEV-RJ - Estes todos ai que ela falou?
Malhães – Não, alguns dos que ela falou. Todos que ela falou, não. Tem gente que eu nem conheço.
CEV-RJ - É, tem gente que o senhor não conhecia.
CEV-RJ - Mas dos que o senhor conhece, que prestou serviço, foi lá no aparelho de Petrópolis?
Malhães – Na casa de Petrópolis. Eles tem o ...
CEV-RJ - Menos o do Paraná?
Malhães – Não, do Paraná, não. Do Paraná ficou lá, dava muito trabalho trazer os caras do Paraná para o Rio de Janeiro. Voce também inventa cada uma.
CEV-RJ - O senhor gosta de viajar.

Malhães – Paraná, com o Parque Nacional ali, Foz do Iguaçu
CEV-RJ - Cataratas
CEV-RJ - O senhor tinha aparelho lá?
Malhães – Não. Montei um acampamento.
CEV-RJ - Dentro do Parque Nacional, não é coronel?
Malhães – Sendo que o acampamento era uma área de guerrilha dis, quer dizer, disfarçada.
CEV-RJ - Coronel, todos eles ficaram lá?
Malhães – Ficaram.
CEV-RJ - É que lá não tinha nenhum sentido fazer outro... deram para os bichos comer, coronel?
Malhães – Não.
CEV-RJ - – Dar para os bichos é uma solução?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Por que não?
Malhães – Porque...
CEV-RJ - Não foi a solução que o goleiro Bruno achou para,,,, os cães Rottweiler
Malhães – (rindo) Eu não sei se foi essa não. Não está certa que foi essa, não.
CEV-RJ - Do Bruno?
Malhães – É
CEV-RJ - Por que não era uma solução, como o senhor ia falar?
Malhães – Porque fica resto. Amanhã pode.., pode estar passando um pessoal... o que você pensa que está escondidinho, não está escondido. De vez em quando passa uma pessoa no local, sem que você espere.
CEV-RJ - Isso também valeu para não enterrar de novo.
Malhães - É
CEV-RJ - Não, não, mas lá no parque foi enterrado, não é coronel? Lá no Parque Iguaçu?
Malhães – Não foi bem enterrado...
CEV-RJ - Pelas Cataratas?
Malhães – Foi despachado.
CEV-RJ - Despacho se faz com água...
Malhães – Normalmente é, para Iemanjá...
CEV-RJ - Iemanjá, junto à água.
Malhães – É.
CEV-RJ - É isso?
Malhães – Pode ter sido.
CEV-RJ - A Usina estava pronta, já, não é?
CEV-RJ - Lago da Usina. Mas, na Barra da Tijuca não tinha usina nem lago.
Malhães – Não.
CEV-RJ - Tem lagoa.
Malhães – Não, mas na Barra da Tijuca foi levado para outro lugar, completamente diferente.
CEV-RJ - Foi? Mas o senhor disse que não podia ser distante.

Malhães – Não, podia. Não podia ser daqui a Salvador, mas daqui até...
CEV-RJ - Itaipava, por exemplo...
Malhães - ...ao Estado do Rio de Janeiro podia.
CEV-RJ - Campos?
Malhães – Não, especificamente, Campos não.
CEV-RJ - Rio Paraíba.
Malhães – É um nome bonito.
CEV-RJ - Rio Paraíba....
Malhães – Eu conheço o rio.
CEV-RJ - Porque cidade o senhor gosta mais de ver o rio Paraíba?
Malhães – É ali no caminho mesmo..., você saindo de Petrópolis e indo para.... tem uma porção de ponte que você atravessa..
CEV-RJ - Passando por Itaipava...
Malhães – Tem uma porção de ponte...
CEV-RJ - Mas, ali não passa o Rio Paraíba.
Malhães – Passa não?
CEV-RJ - O rio Paraíba passa mais lá em cima.
Malhães – Então é mais lá em cima....
CEV-RJ - Três Rios. Não, é Três Rios? É pela Rio-Teresópolis, subindo pela Rio Bahia. Você vai cruzar ela pela Rio Bahia[35], não?
Malhães – Não é tão longe assim não. Então o Rio Paraíba eu não conheço, conheço um outro rio, talvez menor que o rio Paraíba[36].
CEV-RJ - Como é que é o nome? Não, agora é sério. Como é o nome daquele que passa em Itaipava, ali? Tem um que passa ali...
CEV-RJ - Não, mas ali é pequeno...
CEV-RJ - Não, mas é um...
CEV-RJ - ...desagua em... tem que um de... um que leve, que desague no mar, não é isso?
Malhães – É, de preferencia. Não quer dizer que não pode ser um que desaguem em um, que desague no mar, que leve a desaguar... Você joga no outro rio e vai desaguar no mar.. Pode ser.
CEV-RJ - Porque rio corre....
Malhães - Hun?
CEV-RJ - O rio corre.
Malhães – É, ainda mais... eu vou te ensinar depois como é que você faz isso.
CEV-RJ - No saco, com muita pedra, não?
Malhães – Não. Com muita não, contrabalançada. Tem que ser proporcional ao peso do adversário para que ele não afunde, nem suba.
CEV-RJ - Como proporcional? Juntos, somar o peso para que não...
Malhães - É uma proporcionalidade. Depois lhe dou umas aulas, como é o nome dele? O das águas? É um professor das águas, químico das águas. Como é o nome dele? Que tem aquele esquema de água, depois te ensino...

[35] - É possível se chegar ao Paraíba pela BR-040 (Rio- Belo Horizonte), justamente no município de Três Rios;
[36] - O Rio Piabanha desce beirando a BR-04 (Rio Belo Horizonte) e a Estrada União Indústria e desagua no rio Paraíba em Pilões, no município de Três Rios.

CEV-RJ - E não é em qualquer saco.
Malhães – Não. É proporcional. Proporcional de modo que o cara nem afunde, nem vá para o fundo...
CEV-RJ - Nem fique boiando.
Malhães – Nem fique boiando. Vai caminhando com o Rio.
CEV-RJ - Por baixo d'água.
Malhães – Por baixo d'água. Aí ele pode ser solto, por exemplo, vou citar um exemplo, em Foz do Iguaçu e você esperar ele lá na foz do rio Uruguai.
CEV-RJ - Lá no rio da Prata, em Montevidéu.
Malhães – Em Montevidéu. Aqui, você joga aqui e vai para o estuário dele lá e está assim de presuntos.
CEV-RJ - Assim de?
Malhães – Presuntos.
CEV-RJ - Aqui, qual? O Guandu?
Malhães – É. Mas são os caras aí que matam e jogam dentro do rio. Não tem nada a ver comigo não.
CEV-RJ - O senhor gostava mais da serra.
Malhães – Não. Não era gostar. Era contingência do destino. (silêncio) Não é você gostar..
CEV-RJ - Mas, eu imagino que uma viagem com o corpo fedendo não deve ter sido nada agradável.
Malhães – É. Ossos do ofício.
CEV-RJ - Coronel, aqueles sacos verde oliva, do Exército? Aquele tipo de tecido?
Malhães – Hun?
CEV-RJ - Aqueles sacos verde oliva/ aquele tipo de tecido?
Malhães – Não, mais impermeável.
CEV-RJ - Mais lona?
Malhães – Mais impermeável.
CEV-RJ - Aquilo é tecido mesmo.
Malhães – Para não ...para que não molhe, entre água e afunde.
CEV-RJ - Ah, o saco era impermeável porque se entrasse água...
CEV-RJ - Coronel, e lá no Araguaia, a mesma trabalheira?
Malhães – Sim senhora. Porque que não? Amanhã, o meu sargento chega aqui, chega aqui, 'olha aqui, senhora, eu estive aqui com o coronel e nós jogamos aqui'. Dá um azar de o cara estar lá no fundo do rio e a senhora vai dar um show de reportagem.
CEV-RJ - Ela não é jornalista.
CEV-RJ - Não sou jornalista.
CEV-RJ - Ela é historiadora.
CEV-RJ - Não sou historiadora.
Malhães – Você daria, não é?
CEV-RJ - Eu daria. Uma bela reportagem. Mas, de qualquer maneira...
CEV-RJ - Mas não vai dar. Não vai dar

CEV-RJ - de qualquer maneira, nós estamos fazendo um trabalho que não é para dar jornal, é para apresentar à sociedade.
CEV-RJ - Não é para fazer reportagem
Malhães – É o que eu digo para ela, vai ser difícil o povo entender o que se viveu naquela época.
CEV-RJ - Sabe o que é difícil, coronel? Falando seriamente. Vamos pegar um caso. O senhor pegar o Lamarca em um choque, morreu, aí é guerra, um de um lado e outro do outro. Agora, o senhor prender o Lamarca. Está preso, levou para o quartel...
Malhães – Não, mas ele não chegou a ir para o quartel...
CEV-RJ - Não, estou supondo. Levou para o quartel e ele morreu lá dentro apanhando para abrir a boca. Aí, as pessoas começam a dizer que é exagero.
Malhães – Mas, porque não viveram na época. Porque na época, na época mesmo dos fatos, em que assaltavam bancos, faziam uma série de coisas, ninguém dizia que era feio, todo mundo queria que aquilo acabasse.
CEV-RJ - A própria sociedade.
Malhães – A própria sociedade queria que aquilo acabasse. É diferente. Você hoje condena Hitler por ter queimado os judeus, condena?
CEV-RJ - Sim.
Malhães – Mas, você sabe por que ele fez isso?
CEV-RJ - Por quê?
Malhães – Então você não pode...
CEV-RJ - Porque ele não queria ....
Malhães – Nada disso. É porque você não sabe o por quê?
CEV-RJ - O senhor sabe?
Malhães. Sei, felizmente, sei. Porque quando Hitler quis transformar a Alemanha...
CEV-RJ - E com o apoio de quase toda a Alemanha, ele fez isso.
Malhães – Com o apoio de toda a Alemanha, de toda a nação Alemã..
CEV-RJ - De todo o povo.
Malhães – Ele mandou chamar os representantes de cada nacionalidade que estavam lá. E disse para os caras: ‘olha, nós vamos desenvolver um trabalho. Uma fábrica de detergente vai se trabalhar em uma fábrica de gás, uma fábrica de sabão vai se transformar uma fábrica disso, então nós vamos preparara assim. Todos concordam?’ O israelense levantou a mão: ‘Eu não. Eu não sou alemão’. ‘Você não é alemão? Você não nasceu na Alemanha?’ ‘Nasci”. ‘Você não construiu sua fortuna na Alemanha?’ ‘Construí’. ‘Como é que você diz que não é alemão?’ ‘Não, eu sou judeu. Judeu é judeu. Por enquanto nós não temos pátria, mas somos judeus pelo mundo todo. Judeus. Judeus não têm nada a ver com a sua guerra. O senhor faça a sua guerra mas, apoio, das minhas empresas, dos meus negócios, não’. ‘Ah, quer dizer que vocês estão na Alemanha, ganharam dinheiro na Alemanha e não são alemães, são judeus?’. ‘É’. Está bem’. Ele quis provar que quem estava na Alemanha tinha que ser alemão, não podia ser judeu. Então, a história tem....As pessoas dizem ‘pô! Matou dois milhões de judeus, não sei o que, pê, pê, pê’. Por que ele fez

isso? Vamos procurar saber o por quê? Porque ele queria uma raça ariana pura? Ele não precisava fazer isso. Fez por causa disso. Porque o cara disse que não era alemão, era judeu.
CEV-RJ - Coronel, o senhor leu aquele livro do Elias, Os Alemães?
Malhães – Não. Conta essa história? Ainda bem que alguém...
CEV-RJ - Mas, coronel, me diz uma coisa agora. A guerra. Voltamos ao nosso deputado. Como é que eu posso chegar, coronel, hoje...
Malhães – Você não vai justificar nunca.
CEV-RJ - Não, como é que eu posso chegar hoje, pensando em uma coisa bem pessoal, assim... Eu conheço os filhos dele... Eu fico imaginando na vida da gente mesmo, independente da guerra, da política, mas assim, chegar hoje, na frente deles e dizer assim, olha, saiu no jornal que o Avólio viu pela porta, não sei o que, o fulano estava pulando em cima, ele foi morto, ele saiu do DOI-CODI, foi enterrado no Alto da Boa Vista, lá não era um bom lugar, tiraram o corpo de lá, levaram para a Barra da Tijuca, tiraram da Barra da Tijuca, porque lá também iam descobrir, tanto que depois foram lá e encontraram a tíbia, tudo isso que eles já sabem, nessa história contada, aí pegaram os...
CEV-RJ - O saco
CEV-RJ - ...os ossos, os restos do pai de vocês ..
CEV-RJ - Puseram em um saco.
CEV-RJ - ... botaram em um saco e jogaram no Rio e assim acaba a história. Boa Noite. É isso, coronel?
Malhães – Mas, é....
CEV-RJ - Mas, o senhor entende isso assim. Não estou nem falando... O senhor entende, isso assim, dar esse...
Malhães – Eu entendo.
CEV-RJ - ...dar esse fim para essa história, para as pessoas, para um filho ouvir isso, às vezes é melhor nem ouvir, coronel.
Malhães – É melhor nem ouvir. Eu concordo com você. Porque ..
CEV-RJ - Ou é melhor ouvir?
Malhães – Não.
CEV-RJ - É melhor por um ponto final nessa história.
Malhães – Eu acho que não.
CEV-RJ - O que o senhor acha? Sabe, estou lhe perguntando assim porque o senhor...
Malhães – Porque, é...
CEV-RJ - Como é que eu chego para uma pessoa e digo isso?
Malhães – Me diz uma coisa, como é que uma criança, vamos dizer que ele tenha um filho mais novo...
CEV-RJ - Não, tudo adulto.
Malhães - ... vai engolir?
CEV-RJ - Não engole.
CEV-RJ - Com tudo o que ele já passou na vida? Ter o pai desaparecido de casa,,,
CEV-RJ - Não, mas é diferente, deixa assim coronel?

Malhães – Como é que ele vai entender isso?
CEV-RJ - Posso lhe fazer uma pergunta pessoal, no âmbito familiar? Seus filhos têm quantos anos? O senhor tem filho em que faixa etária?
Malhães – Ah, ...
CEV-RJ - O mais novo?
Malhães – O mais velho 50 ..
CEV-RJ - E o mais novo?
Malhães – O mais novo... deve ter uns vinte e pouco.
CEV-RJ - Eles já lhe questionaram sobre suas atividades?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Nem sabem do que o senhor fez ou deixou de fazer?
Malhães – Alguns sabem. Porque alguns são até inquiridos no próprio lugar em que trabalham, meus filhos mais velhos. Eu tenho uma filha de 50 anos...
CEV-RJ - Nenhum deles é militar?
Malhães – Não. E essa minha filha foi questionada. 'Você é filha do Malhães?' 'Sou'. 'Seu pai...' 'Isso é problema do meu pai'.
CEV-RJ - Coronel, mas isso ai que eu falei para o senhor, da família...
CEV-RJ - Se fosse com seus filhos? Como é que o senhor acha que deveriam tratar eles?
CEV-RJ - Como é que contam uma história assim para alguém, coronel?
CEV-RJ - O senhor gostaria que eles não soubessem nunca como é que o pai desapareceu?
Malhães – Gostaria. Preferia do que saber que o pai sumiu. Isso é psicológico. Você pode criar um trauma neles de que ele nunca mais volta.
CEV-RJ - Depois de tudo o que eles passaram? Conviver com a ausência; não ter atestado de óbito; demorar a reconhecer que foi morto; ser filho de pai desaparecido, mas não dado como morto; Isso tudo, não teria muito mais chances – e o senhor sabe o que aconteceu com o filho dele, ou o senhor não sabe?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Um belo dia, jovem de 18, 19 anos, mergulha em um rio com a turma de amigos, bate com a cabeça na pedra..
CEV-RJ - Tetraplégico.
CEV-RJ - tetraplégico. E virou um dos grandes escritores deste país. Anda de cadeira de roda....
CEV-RJ - Mas, enfim, coronel, é melhor...
Malhães – Eu acho. Eu acho. Eu não causaria o impacto dessa notícia a um filho de um amigo meu, nunca. Eu não causaria esse impacto. Porque eu posso provocar uma reação em cadeia no corpo dele. Tem uma menina aqui, que ela adorava o irmão dela. O nome dele era até Paulo. A Ruth. Aí, o irmão dela, de repente, teve um câncer de pulmão e rápido, em uma velocidade, ele atinge o cérebro logo então mata de uma vez. Ela parou de andar.
CEV-RJ - De trauma.
Malhães – Tem que tomar muito cuidado com isso. Eu não estou dizendo que quem fez está certo. Eu acho que está errado. Mas não tem...

CEV-RJ - Agora, não tem...
Malhães - ...não tem retorno. Certo? Se dissesse, não, o pai dele ainda está enclausurado, lá na Fortaleza de Santa Cruz, vão libertar ele e ele vai... Foi o que aconteceu com o filho de um recente, que pegaram, aí deram o atestado de óbito, provaram que ele esteve no DOI, deram o atestado de óbito dele, aí o jornalista chegou 'está aqui meu filho, a certidão de morte do seu pai'. Esta história quem conta é meu amigo, seu amigo também.
CEV-RJ - Não sei, esta história. Você lembra?
CEV-RJ - Do Drumond, o senhor está falando?
Malhães – Não me lembro quem foi.
CEV-RJ - Não me lembro, pode ser que...
Malhães – Quando mataram aquele tenente coronel, Molinas, pegaram na casa do Molinas um registro de permanência do pai...
CEV-RJ - É do Rubens Paiva.
Malhães – Do Rubens Paiva?
CEV-RJ - É, da permanência do Rubens Paiva.
Malhães – Aí, chegaram à conclusão de que ele tinha realmente passado pelo DOI e tinha morrido.
CEV-RJ - Sim, mas isso os filhos já sabiam, da passagem dele pelo DOI. Só o Doi que não admitia. O Exército não ... porque foi...
CEV-RJ - Não, mas para os filhos, pros filhos foi uma informação nova.
Malhães – Eu também acho que foi, pelo o que eu li, foi.
CEV-RJ - Foi. Eles não sabiam disso. Eles não tinham uma prova, um documento, que tivesse uma assinatura.
CEV-RJ - Tinham,...
CEV-RJ - ...um carimbo
CEV-RJ - ... levou o recibo do carro.
CEV-RJ - Sim, mas assim, ali, dizendo assim, o que o seu pai tinha no bolso, uma caneta Bic
CEV-RJ - Ali era o material apreendido.
CEV-RJ - Isso, assim, é quase um atestado de óbito para a pessoa, saber que...
Malhães – Eu acho que óbito nunca vai existir. Quem que vai dar atestado de óbito?
CEV-RJ - Mas, coronel, essas famílias, de alguns casos, né, desses que a gente está falando aqui.., tem gente, coronel, que está há - o senhor sabe disso – há 30 anos e eles..., e é uma...., parece assim, quanto o sentido da vida deles é essa busca.
Malhães – É essa busca.
CEV-RJ - O sentido da ...
Malhães - Eu já senti isso
CEV-RJ - O sentido da vida. Não é uma coisa,,, não é um trabalho, como eu estou fazendo de investigar, de esclarecer. É o sentido da vida, é uma coisa quase metafísica, assim. Para a gente é muito difícil entender isso. Quem não

sofreu esse tipo de coisa, é difícil entender. E aí, como chegar para essas pessoas, coronel?
Malhães – Não tem como você contar.
CEV-RJ - O senhor acha que é melhor..., é isso assim, é melhor não....
Malhães – É deixar ele nessa meta... enquanto ele estiver nessa metafísica ele tem uma finalidade para estar recebendo todos os hormônios do corpo dele. O dia em que você acabar com isso, você paralisa ele.
CEV-RJ - Mas, como o senhor me falou que, não agora, mas daqui a uns anos...
Malhães – Isso vai vir a público ....
CEV-RJ - ...essa história vai vir à tona...
Malhães – Mas, aí, nem os filhos dele estarão mais vivos.
CEV-RJ - Quem contaria essa história, traria essa história à tona se não forem os partícipes dela e os partícipes dela já estão em idade muito mais avançada?
Malhães – Eu acho que essa ... todas as histórias dessa República sempre vieram a público.
CEV-RJ - Cedo ou tarde.
Malhães – É o único país que não tem segredo absoluto. É o Brasil. Então, eu acho que, por que causar um trauma agora?
CEV-RJ - Mas, a gente empurra esse trauma para ir adiante? Deixa que o futuro...
CEV-RJ - Só que a gente não pode... Eu, por exemplo, coronel, a gente, quando eu tiver que escrever um relatório e apresentar isso daqui a um ano, mais uma vez na história vai estar tendo uma lacuna, entendeu? Porque vai ser..., vai falar um pouco de alguns casos, mas...
CEV-RJ - O nosso papel, nesse caso, é esclarecer o caso.
Malhães – Então, esclareça.
CEV-RJ - Mas, o senhor acha que o custo disso é muito alto?
Malhães – Acho que o custo vai ser alto. Mas, vocês têm o direito de esclarecer. Acho que o custo vai ser alto. É só vocês procurarem saber em casos, não semelhantes, porque não existem semelhantes, mas em caso de gente que na vida normal não sabia onde estavam os filhos, ou não sabia onde estava o esposo, e descobre, de repente, que ele morreu.
CEV-RJ - Mas, esse é diferente. Porque esse sabe que morreu. Não tem a presença física e nem a expectativa de vê-lo vivo. Há muito tempo, em um primeiro momento eles poderiam ainda ter esperança de que o pai aparecesse....
Malhães – Então, esses que você está falando que não pode falar, também não têm esperança que o pai esta vivo.
CEV-RJ - Esses, não.
Malhães – Então.
CEV-RJ - Esses já estão convivendo com a morte do pai.
Malhães – Então, não há novidade nenhuma.
CEV-RJ - A novidade é saber o que aconteceu com o pai. Eles não sabem que fim foi dado ao pai.

Malhães – Não sei se isso é tão importante como saber se ele está vivo ou está morto.
CEV-RJ - Morto eles já sabem que está, e a ...
Malhães – Então
CEV-RJ - ...e a Justiça já reconheceu.
Malhães - ... então, acabou o problema.
CEV-RJ - Mas, coronel, independente da religião da gente, da...,, da crença que cada um tem, isso é, né..., tem um.., o senhor diz, tem uma..., tem um ritual de despedida. Tem uma coisa, sei lá, na minha família, tem enterro, tem missa de sétimo dia, tem a missa de 30 dias e depois tem a missa de um ano. E aí são meios que a gente aprende a conviver com o luto e vai se preparando para essas despedidas na vida. Essas pessoas ela...., estão há, como se fosse há 40 anos, em algo que não é bem um luto, porque elas não viram o defunto na frente delas....
Malhães – E vão ver?
CEV-RJ - Não. Não sei. Algum saco desses já voltou à tona?
Malhães – Eu não sei nem se tem saco e se tem que voltar à tona. Mas, que eu saiba não.
CEV-RJ - Mas, é isso coronel, se elas não vão ver...
Malhães – Lógico que não.
CEV-RJ - Do jeito que é, não volta à tona?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Não existe a possibilidade de elas terem essa... matéria?
Malhães – Há quantos anos sucedeu-se isso?
CEV-RJ - Sim, há 31 anos[37], isso.
Malhães – Acabou.
CEV-RJ - Mais, 32...
CEV-RJ - 40
Malhães – Acabou.
CEV-RJ - Mas, nesse meio tempo, nunca voltou à tona?
Malhães – Não. Acabou.
CEV-RJ - Nem, lá no Araguaia, que o rio é mais longe do desembocar no mar?
Malhães – Não. Acabou.
CEV-RJ - Coronel, como é que o senhor vê todo esse investimento do estado, do governo, desde o Fernando Henrique Cardoso, de começar buscas pelos mortos e desaparecidos políticos, de fazer expedições, de .... Cada vez que o senhor via isso, qual a reação que o senhor tinha?
Malhães – É uma tentativa - o chinês usa muito – de dar ópio ao povo. O chinês usa muito isso. Porque, o mundo já girou não sei quantas voltas sobre o seu próprio eixo, o céu, estrelas já explodiram, estrelas já nasceram, constelações já desapareceram, então é um troço muito... Eu não acredito que, em sã consciência, alguém ainda pense em achar um corpo...

[37] - O cálculo certo são 43 anos.

CEV-RJ - Mas, lá no Araguaia, coronel, em 80, quando as primeiras famílias começaram...
CEV-RJ - As pessoas correram atrás achando que estavam enterrados...
CEV-RJ - ...sabe, coronel, quando as primeiras famílias foram lá, em 80 isso, depois em 92, encontraram, lá no cemitério de Xambioá, eu já estive lá não sei contar as vezes, aí encontraram, perto, de um, era tipo um.... – como é que chama isso, das velas, assim? – cruzeiro, aí encontraram... porque na..., os primeiros – isso é a informação que se tem – os primeiros que morreram, que ainda não sabiam muito bem o que fazer – depois enterraram na floresta, limparam, trocaram de lugar – mas, esses primeiros foram enterrados no cemitério, alguns dos primeiros. E eles encontraram umas ossadas. Aí levaram lá para Brasília, ficou um tempão em laboratório, foi para Campinas e tal. A Polícia Federal identificou por DNA. Isso o senhor sabe?
Malhães – Hun, hun (consentindo)
CEV-RJ - Eu tenho dois que foram. Um é o Bergson Gurjão que era um dos guerrilheiros, lá do Araguaia e a Maria Lucia Petit, que acho que foi pela... mas tudo isso ainda, os que tinham arcada dentária, porque depois nada disso mais teve. Então, isso gerou para algumas família ...
CEV-RJ - A expectativa...
CEV-RJ - ah, se aqueles lá, daquela família, encontraram, nós não vamos desistir nunca. E aí, o senhor acha que o ópio responde a isso? O ópio ao povo, é essa a ...
Malhães – É uma tentativa de mostrar.... Por exemplo, a nossa presidenta andou dando umas escorregadinhas, algum tempo atrás, a primeira coisa que ela botou no ar é que iam punir os...
CEV-RJ - Responsáveis .
Malhães – repressores. Que não adiantava esse negócio de anistia, já era... Então, é só acontecer o fato político qualquer que precise de um ouro para atrair a atenção pública, que eles colocam isso no ar. Agora, eu pergunto a você, eu tenho um filho, meu filho chega perto de mim ‘vou ser guerrilheiro’. Deve ter chegado perto da mãe ou do pai e ter dito isso. ‘Vou para Goiás, lá para o raio que o parta’. O pai não disse nada para ele: ‘não vai, meu filho, porque é perigosos, você corre o risco de morrer’. Agora, você quer botar a culpa em quem lutou para impedir que eles fizessem besteira? Não. Está errado. Meu filho, ‘quero cheirar pó’. ‘Não, você não vai.... – graças a Deus nunca tive esse problema – você não vai cheirar, porque cheirar faz mal, vai te trazer problemas mais tarde, pode trazer a tua morte’. Agora, se ele quiser cheirar, o que eu posso fazer? Nada. Eu, pai, é que tenho que impedir que ele cheire. Agora, eu hoje, vivendo a expectativa, muitas vezes falsas, se você analisar e tal - não estou dizendo que é o caso dos meninos que você conhece – você vai dizer que não são falsas, são verdadeiras. Mas, se você analisar bem, se a nossa Dilma Rousseff resolver dar R$ 50 mil para cada um, todo mundo esquece. A história não é bem...
CEV-RJ - Mas, eles todos já receberam dinheiro, coronel.

Malhães – Então querem mais. Eu receberia dinheiro – vou me colocar no caso deles, vou inverter minha posição – eu tenho um filho que foi guerrilheiro. Ele morreu, desapareceu, ninguém acha ele. Aí o governo vem 'ah, por causa disso você vai receber R$ 20 mil'. Eu digo, 'eu não quero. Não é isso que eu estou procurando. Não é R$ 20 mil que vão trazer o meu filho de volta'.
CEV-RJ - Algumas famílias fizeram isso. Exatamente isso que o senhor está falando.
Malhães – Então, eu acho que tudo tem um contrabalanceio. O mundo, infelizmente, não é aquele paraíso que a gente... Os sentimentos humanos são uma coisa muito difícil de você ter, levar em consideração. Você vê aí, os caras matam, os caras roubam, fuma, cheiram e tal aí a polícia vai mata 'meu filho, meu filho era estudante. Meu filho vivia dentro de casa. Vão matar o meu filho?'. Não estou te botando em uma encruzilhada não. É que você tem os argumentos para adiantar o seu lado. Para pensar na sua vida. Estou botando os opositores a estes instrumentos. Não é porque eu queira me defender não. Estou anistiado, tenho mais três ou quatro anos de vida, se Deus deixar.
CEV-RJ - Mais.
Malhães – Não, não acredito. Não acredito. Meu organismo já está muito... só a não recuperação desse problema que eu tive...
CEV-RJ - Já é um sinal...
Malhães – ... Já é sinal de que eu estou deficiente, senão eu já devia ter me recuperado. Então é um problema que eu já sei que é uma deficiência.
CEV-RJ - Tem colegas seus que estão com outras deficiências.
CEV-RJ - Mas, coronel, na sua opinião é isso, então? O melhor é ..
Malhães – Deixar.... isso..., quem é que está correndo atrás, que você diz que está desesperado, que leva invocação isso sempre? De buscar...
CEV-RJ - Eles estão...
Malhães – Eles quem?
CEV-RJ - Não, tem uns que estão mais, outros não.
CEV-RJ - Tem uns que estão mais outros menos.
CEV-RJ - Tem uns que estão mais, outros menos
Malhães – Então, é um sinal que não é bem assim.
CEV-RJ - Mas, esses que estão mais, o que o senhor acha?
Malhães – Tem que,,, você tem que se tornar uma pessoa fria e analisar o fato. Ver se eles realmente estão mais. Se realmente estiverem mais....
CEV-RJ - Deixa eu puxar só um fio de meada aqui para colocar uma ordem cronológica na coisa. Na última.., na vez que estivemos aqui passada, o senhor deixou claro que os senhores foram chamados para consertar uma cagada. E aí se reuniram. Por conta desta cagada que tiveram que consertar, ou esta reunião foi anterior e esta não foi a primeira vez que vocês usaram esse método. A discussão desse método do saco, aconteceu pela primeira vez quando tiveram que resolver o caso Rubens Paiva, ou ... porque o senhor disse que acabou usando esse método para outras...
Malhães – Esse método do saco, talvez seja o mais antigo da história. Então, não tem novidade nenhuma. Isso foi usado por gregos, romanos, chineses.

CEV-RJ - Mas, no caso de vocês do CIE?
Malhães – Lá no CIE foi uma conjuntura.
CEV-RJ - Essa conjuntura se deu no momento do Rubens Paiva?
Malhães – Não. Não é do Rubens Paiva
CEV-RJ - Então por que houve dez discutindo e dez sabendo que iam desenterrar?
Malhães – Porque precisava dos dez. Ou você acha que é fácil..., você...'foi por aqui'...
CEV-RJ - Não. Eu digo, antes, na discussão. O senhor disse que houve uma discussão em que participaram mais do que os que participaram do desenterro.
CEV-RJ - Não, para encontrar não era fácil. É isso.
Malhães – (inaudível) não era fácil.
CEV-RJ - Precisava ter gente de alto nível.
Malhães – Não era fácil. Eu queria nunca ter encontrado. O espetáculo que eu vi e que eu cheirei, eu vomitava. Eu botei um pano no meu nariz eu vomitava dentro do pano.
CEV-RJ - Foi o senhor quem foi levar também?
Malhães – Não. Eu ajudei.
CEV-RJ - Coronel, além dele, outro caso, desse jeito, assim?
Malhães – Não, é difícil.
CEV-RJ - Ou esse é o que veio na sua cabeça, assim, como o mais...
Malhães – É. É difícil. Porque eu acho que...
CEV-RJ - Coronel, o que fazim com os outros? Que morriam lá dentro do DOI-CODI.
Malhães – Eles davam o destino deles. Eles também não comentavam com a gente não.
CEV-RJ - Mas este método, eles sabiam?
Malhães – Não, completo não.
CEV-RJ - No caso, por exemplo, do Stuart, coronel. Do CISA. Que é um caso... o senhor sabe qual é o caso.
Malhães – Aí eu não sei. Quem fez pode ter levantado vôo...
CEV-RJ - Hun, hun.
Malhães – Voado quatro, cinco, seis quilômetros a dentro e aberta a comporta das bombas e descia quantos cadáveres você quisesse. Isso eles ofereceram.
CEV-RJ - Eles ofereceram?
Malhães – É, lógico.
CEV-RJ - Para os senhores?
Malhães – É.
CEV-RJ - E por que...
Malhães – Devia ser..
CEV-RJ - - não aceitaram?
Malhães – Porque você ia dividir ... segredos.
CEV-RJ - Ou seja, eles não ofereceram em um caso específico, ofereceram genericamente?
Malhães – É, e você ia dividir...

CEV-RJ - Segredos.
Malhãesd - ... ia ter que dizer quem estava ali, esse troço todo.O cara chegou 'mas, conta pra mim, e aí? quem é?' Então. Mea culpa, minha máxima culpa ...
CEV-RJ - Minha única culpa.
Malhães – ... minha única culpa. (silêncio) Eu digo tem... são três casos, o outro, terceiro, eu vou me esquecer...
CEV-RJ - Qual o segundo?
Malhães – Ladrão só, puta só, falta um... que eu acho que são as coisas que você tem que fazer sozinho. Você não tem que ...
CEV-RJ - Hun, hun.
CEV-RJ - Formar quadrilha, nem frequentar ...
Malhães – E matador só. O último é matador. Só.
CEV-RJ - deixa eu lhe fazer outra pergunta sobre o Rio Grande do Sul.
Malhães - Faz
CEV-RJ - O senhor participou da busca dos freis que davam fuga pela divisa do Uruguai lé?
Malhães – Não, aquilo foi operação do Rio Grande do Sul mesmo.
CEV-RJ - Vamos?
Malhães – Ela está pensando.
.
Malhães – Eu vou lhe ensinar o seguinte. Você pense e decida o que está no seu coração. A melhor coisa que a gente faz na vida é decidir aquilo que vai dentro do nosso coração. Você vai pensar, vai julgar, vai analisar, vai... e no fim, quem vai responder é o teu próprio coração. Eu sempre fui a favor disso. Eu, nas minhas crises, nos meus momentos em que estou envolvido em briga de família, essas coisas todas, eu sigo o que o meu coração... pode não agradar nenhum dos meus filhos, não faço.... Já disse para eles, 'pode esquecer porque eu não faço questão de agradar a ninguém. Quero decidir o que vai no meu coração. Então meu coração, já que vocês não querem falar comigo, eu também não quero falar com vocês'. 'Ah, mas nós agora queremos falar com você'. Não, agora é tarde. Vocês passaram tantos anos desligados de mim, agora querem voltar, porque eu estou para morrer, vocês estão de olho na minha herança, e tal, não sei o quê. Negativo. Continuamos... meu coração me disse isso. Continuamos distante um do outro, cada um vivendo a sua vida. Porque eu começava a interferir na vida deles... eu tenho um genro cafetão. Então, a minha filha seria uma excelente médica, mas ele obrigou minha filha fazer aborto, obrigou minha filha a vender esta dispensa de trabalho... O negócio dele é grana. Ele quer um carro do ano, mesmo que seja taxista, para ele namorar e sair, dar uma cheiradinha também. Dar uma cheiradinha. E eu não concordei com aquilo. Então, cheguei perto da minha filha e conversei com ela. Você está jogando sua carreira fora e como é que vai ser? E o trabalho que eu tive, o meu esforço, o meu dinheiro, que eu apliquei em você? Para onde vai? 'Ah, mas eu sou apaixonada por ele'. Acabou. Não temos mais o que conversar. Outro meu filho saiu médico também, mas é um vagabundo. É diferente. Ele é que é vagabundo. Não quer nada, faz dívidas,

pinta e borda. Só a mim ele deu umas três ou quatro pipocadas. Também falei com ele, encerramos o assunto. Não me peça nada, trabalhe que você vai ter alguma coisa. Você estudou, eu te dei condições de você estudar, botei você na faculdade, dei condições de estudar e você não desemboca nem... por quê? A terceira é uma mulher muito bonita. Mas só arranja vagabundo. É, um tocador de violão, da banda, que ela vai assistir o baile, aí eu cheguei perto dela e disse 'peraí. Tu vai...' é advogada, mas não quer estudar mais, prometeu para mim que ia sair juíza quando se formasse e tal. Paguei faculdade, fiz, fez pós-graduação e tá, né? com a banda do marido dela. O que você quer que eu faça? Falei com ela, 'Ah, não. Eu gosto dele'. Então, cada um...
CEV-RJ - É, não tem mais o que o senhor fazer.
Malhães – Agora, também não quero vocês perto de mim. Vocês só sabem menti... telefonar para mim para pedir. Vocês acham que eu vou fazer o quê? Então, eu me isolei da vida. Dou graças a Deus por isso.
CEV-RJ - O senhor tem netos, coronel?
Malhães – Tenho.
CEV-RJ - E o senhor não sente vontade de conviver mais com eles?
Malhães – Por causa dos pais, não. Eu, realmente, a primeira neta é você. Eu te chamei de neta, estou de brincadeira mas, é porque eu admirei você então resolvi fazer de você minha neta. Não quero ofender seus avós, de maneira nenhuma. Eu tenho filhas de amigos meus que me chama de pai eu chamo ela de filha, uma médica também. Ela veio aqui, salvou minha vida. Eu tive uma crise de hipertensão, ela que salvou minha vida. Então, eu tenho mais carinho dos estrangeiros, dos que não são sangue do meu sangue, como diz o outro, do que do sangue do meu sangue. Então, é difícil. A vida é difícil. O coração... aí eu vivo aqui tranquilo, estou com vontade de me mudar daqui para aonde eu sempre quis ir.
CEV-RJ - São três filhos, só?
Malhães – Não, são cinco.
CEV-RJ - Mas, se mudar daqui para aonde coronel? O senhor está tão bem aqui.
Malhães – É, como é o nome do lugar, meu Deus? É aqui para cima, é pertinho. (chama a mulher) Cris!. Cris!
CEV-RJ - Ela também quer?
CEV-RJ - Mendes?
Malhães – Não. (pergunta alto à mulher) Qual o lugar que nós queremos nos mudar
Cris – É o quê?
Malhães – Qual o lugar que npos queremos nos mudar? (06:43:26)
Cris – Não sei. Você falava Paulo de Frontin.
CEV-RJ - Mendes, Paulo de Frontin, é ali do lado. Um do lado do outro. Lugar sossegado.
Malhães – Aqui eu já cansei. Eu aqui....
CEV-RJ - Mas faz muitos anos que o senhor mora aqui!

Malhães – Moro. Também sou muito conhecido. Aí eu conheci garotinho desse tamanho que hoje passa por mim e já é um homem.
CEV-RJ - Já é um marmanjo.
Malhães – Diz. 'Oh, coronel, como é que vai o senhor'. Eu digo, 'Oi, como é que vai?' Aí eu digo pra ela 'quem é?' Ela diz, 'eu não sei'. Eu também não, vamos tocando.
CEV-RJ - Vamos embora?
Malhães – (fala se referindo à Cristina) Aí você vai reclamar que eu arranjei uma mulher nova para ..
CEV-RJ - Não. O amor não vê idade.
Malhães – Pra me casar.
CEV-RJ - O amor não vê idade.
CEV-RJ - Quanto tempo vocês estão juntos?
Cristina – Já perdeu as contas.
Malhães – (pensa um pouco) Vinte e.... vinte e sete anos. Então..
CEV-RJ - Léo e Ciro Et (soletrando) E tch goy
Malhães – Etchegoyen (06:44:32)
CEV-RJ - Etchegoyer, que fala?
Malhães – Etchegoyen. ... (voltando ao assunto) Porque é assim, eu fico velho e ela pode cuidar de mim, porque ela ainda está nova. Se nós dois fossemos dois velhos...
CEV-RJ - Ia estar um agarrado no outro...
Malhães – Ia estar um pendurado no outro. Aí, ela está novinha... apesar de ....
CEV-RJ - mas, quando ela precisa de ajudar, o senhor ajuda.
Malhães – Eu ajudo. Aí ela tem que me carregar, mas já caiu comigo e tudo. Diz que com 80 quilos é assassinato.
CEV-RJ - Bom coronel, foi uma ótima conversa, igual a outra.
Malhães – Tá bem, quando vocês quiserem...
CEV-RJ - Vamos voltar, se precisar.
Malhães – Deixa ela resolver os problemas íntimos dela, de conta, não conta, fala, não fala. Já está com a cereja no bolo.
(Final da primeira parte da 2ª entrevista)

INÍCIO DA 2ª PARTE DA SEGUNDA ENTREVISTA NO DIA 11/03/2014

CEV-RJ - (continuando a gravação) mesmo assim ainda tem muita história para contar.
Malhães – Seu amigo fez uma força para arrancar esta cereja, danada e..
CEV-RJ - Ele soube do Rubens Paiva? Não. Ele comentou com o senhor sobre Rubens Paiva?
Malhães – Não, ele não falava do Rubens Paiva,
CEV-RJ - Ele falou só em....
Malhães - ... ele fala em...
CEV-RJ - Sim, o que o senhor fazia com as pessoas depois da Casa da Morte, tipo
Malhães – É. Ele perguntou sobre Petrópolis, aí eu contei...
CEV-RJ - Se continuar perguntando eu vou fazer contigo, eu teria respondido assim...
Malhães - ... eu contei a história de Petrópolis para ele, que era uma casa de conveniência e nós fazíamos infiltrados, e tal. Ele disse também que era OFF, que nem você disse. É OFF é OFF.
CEV-RJ - Não.
Malhães - Uma semana depois estava uma reportagem.
CEV-RJ - No início o senhor falou que poderíamos conversar à vontade. Mas, tudo bem, a gente... O senhor não quer que apareça seu nome?
Malhães – Não, não gostaria. Depois que eu morrer você pode até botar à vontade. Um ano que ela vai fazer o programa dela, quando ela fizer o programa dela pode ser que eu tenha morrido.
CEV-RJ - Não.
CEV-RJ - (rindo) Eu vou fazer... Eu vou esperar o senhor morrer então, vamos fazer assim.
Malhães – Aí... eu não...
CEV-RJ - Mas vai se eu morro antes, aí ferrou, né?
Malhães – É. Que nada, você é uma menina nova.
CEV-RJ - Aí, sim. O senhor vai sentir remorsos. O senhor vai dizer ah... o senhor vai lá no meu enterro;
Malhães – Mas, ...
CEV-RJ - A gente brinca, mas a gente nunca sabe, né?
Malhães – É a vida, a gente bate um bom papo, você foi puxando, puxando, puxando e foi saindo a cereja. Aí um dia eu te explico, a relação...
CEV-RJ - A relação peso do corpo... a proporcionalidade peso do corpo com o peso que tem que ser posto no saco.
Malhães – Você tem que se lembrar o seguinte. Um estudo de anatomia.
CEV-RJ - Hun...
Malhães - Que todo mundo que mergulha na água, fica na água, ele quando morre tende a subir...
CEV-RJ - É.
Malhães – Porque...
CEV-RJ - inchação
CEV-RJ - incha..

Malhães – Incha, aqui se enche de gás (mostra no próprio corpo a barriga)
CEV-RJ - forma-se uma boia.
Malhães – Então, de qualquer maneira você tem que abrir a barriga, quer você queira, quer não. Não é? Então, é o primeiro princípio. Depois, o resto, é mais fácil.
CEV-RJ - Não precisa decapitar?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Vai inteiro.
Malhães – Vai inteiro. Eu gosto de decapitar, mas é bandido aqui.
CEV-RJ - Sem vergonha.
CEV-RJ - Mas, no caso, quando o senhor encontrou, ainda estava inteiro?
Malhães – Estava inteiro, mas estava bem...
CEV-RJ - Quer dizer, estava de... mas já.... sem membros, essas coisas?
Malhães – Estava todo deteriorado.
CEV-RJ - É tão ruim o cheiro...
Malhães – Eu tenho... aconteceu um fato gozado. Tem um...
CEV-RJ - O senhor cavou? Foi o senhor quem cavou ali?
Malhães – (parece que ele diz 'um deles' ou 'ajudei', mas o som está ruim)... Tem um major, que tomava conta da segunda casa, lá em Petrópolis. Então, tinha um jogo do Brasil, uma Copa, uns oito anos, uns doze anos atrás...)
CEV-RJ - É mais...
Malhães - ... e ele tinha... ele queria ver o jogo. Em Petrópolis não passava. Então o que ele fez, ele abriu um buraco, enterrou o cara e encheu de cal virgem na sepultura do cara. E fechou. Aí ele me contou...
CEV-RJ - Cal, cal, de...?
CEV-RJ - Cal, cal
Malhães – Cal virgem. Mas, do virgem, aquele que queima. Aí, ele me contou. 'Pô, mas não pode fazer isso. Nós combinamos, discutimos'. 'Ah, mas eu tenho que ver o jogo do Brasil'. Me leva lá. Eu abri a sepultura e o cara estava inteirinho no cal virgem.
CEV-RJ - Preserva,
Malhães – Preservado. Né? 'Oh, o que tu fez? Agora nós vamos ter que partir em pedacinho...', porque virou pedra...
CEV-RJ - Calcifica
Malhães -... para mandar a destino. Já pensou se... porque, naquela casa de Petrópolis eles cavucaram ela toda, você soube disso, né?
CEV-RJ - É.
Malhães – Porque para todos os efeitos nós tínhamos enterrado alguém lá. Ninguém enterrou ninguém. Vou te dizer, lá não era a casa da morte, talvez por causa disso não tenha ninguém enterrado lá. Mas, você viu que o cara deixou um furo porque queria ver o jogo.
CEV-RJ - Na outra casa?
Malhães – Na outra casa. Também não era casa da morte.
CEV-RJ - Mas, houve morte;

Malhães – Sempre há. A guerra, é o que eu falei para ela, ela tem que tentar, ou talvez até...
CEV-RJ - Contextualizar...
Malhães – Vou, vou... eu talvez não, porque eu estou cansado. Mas eu talvez preparasse para você uma introdução sobre a guerra. Só sobre isso. O que é a guerra? Os meandros da guerra? Por que o fulano fez isso, o beltrano fez aquilo. (barulho do gravador sendo mudado de lado) ... ele não conhecia. Pensou que o cara matou Hitler porque ele queria a raça ariana pura. Não tem nada disso. O cara matou os judeus porque os judeus não quiseram trabalhar na reformulação da nova Alemanha. Então, citava umas historias assim, embora eu achasse que o povo não fosse compreender, mas, talvez, os mais cultos entendessem. Porque, esta história para o povo não tem finalidade.
CEV-RJ - Não, mas o senhor tem que pensar coronel, é que o povo vinha..., as pessoas, se a gente sair na rua... primeiro que as pessoas não estão nem querendo saber disso. O senhor sai agora e pergunta.... Agora, por exemplo, quem ensina, quem é professor, né? Quem ensina história, então, eu acho que este cuidado a gente deve ter assim, para não... pra gente não ficar reproduzindo... eu acho que isso é meio que uma responsabilidade, assim, sabe? O ideal seria que as pessoas assistissem essa aula e entendessem isso. Mas é isso que não acontece. As pessoas não sabem. Não sabem. Os jovens de hoje não fazem a mínima ideia.
Malhães - Não
CEV-RJ - A mínima ideia. Nem do que o senhor viveu, nem do que aconteceu antes...
Malhães – É uma pena.
CEV-RJ - E não sabem, não adianta achar que sabe. Acho que nós vamos tentar
Malhães – Acho que nós vamos tentar, não é? Eu vou entrar para o tráfico e vou fazer uma nova revolução.
CEV-RJ - Que nada. Próxima vez eu vou lhe trazer um livro que escrevi sobre facções criminosas. Analisei várias histórias.
Malhães – Que bom, vou aprender alguma coisa.
CEV-RJ - Bom, vamos?
CEV-RJ - É cedo ainda.
CEV-RJ - (rindo) É cedo ainda.... sabe que horas são? Nove e pouco da noite...
Malhães – Ela chegou aqui eram cinco horas.
CEV-RJ - Não, chegamos duas e pouco. O que está faltando ainda?
Malhães – Pergunta. (Falando para Cristina: Põe um café lá). Quer café?
CEV-RJ - Se aparecer... eu tomo. Se aparecer eu tomo.
CEV-RJ - Sabe coronel, eu fico, fico impressionada com essas coisas. Mas, assim, como é que o senhor se vê nisso? Porque o senhor teve um papel muito importante. São poucos os que tiveram o papel que o senhor teve?

Malhães – É tudo uma questão da... Eu podia nunca estar metido nisso. Eu podia ser hoje... Hoje não, hoje eu estaria em casa, mas teria sido... Seria um general de Exército....
CEV-RJ - Mas é isso, coronel. Quantos, como o senhor....
Malhães – Mas, eu desisti de ser general de Exército.
CEV-RJ - Forraram (inaudível), o senhor sabe disso.
CEV-RJ - Em que momento?
Malhães – Hein?
CEV-RJ - Em que momento? Na hora de ir para a escola
Malhães – No momento em que eu decidi trabalhar em informações, eu sabia que não ia sair general de Exército. É o ciclo da história. É uma senóide a história. A história é uma senóide. Se você pegar, desde a antiguidade você vai descobrir que a história é uma senóide. Que talvez nós estejamos perto do fim desta senóide. A nossa civilização está bem perto do fim. Porque não há mais desregramento que possa... todos os impérios, Império Romano, Império Grego, os impérios que detiveram poder no mundo, perderam quando eles desregraram. Então, um cara dizer que ... Apresentar na televisão um diálogo de viados, um cantando o outro. O que está passando para quem está vendo? Um viado beijar o outro na boca. Me dá nojo. Uma mulher beijar a outra na boca. A mulher eu ainda aceito, mais ou menos...
CEV-RJ - (rindo) Aí é o machismo, né?
Malhães – Não, mas eu acho que, o homem..., não sei... O homem é uma figura mais impar, mais... né? a mulher é mais feminina, sente por todos os sentidos, como me disse uma mulher uma vez. É que eu entendo uma mulher melhor do que você. Vai ser difícil, você entender melhor do que eu. Porque uma parte da minha vida eu estudei sobre sexo, no Kama Sutra, nos árabes, nos ... eu estudei... Estudei. Então...
CEV-RJ - Sabe isso.
Malhães – Eu hoje me acho, com 76 anos, uma potência sexual. Já que ela tem aqui (fala, referindo-se à Cristina, que está ao seu lado) eu posso perguntar a ela se isso é mentira. É mentira?
Cristina – (meio que envergonhada) Não.
CEV-RJ - Também.
CEV-RJ - Agora, coronel, voltando ao que a ela estava falando do seu papel...
CEV-RJ - O senhor fez.., o senhor fez uma escolha ideológica.
CEV-RJ - Uma escolha ideológica. O senhor já se arrependeu, em algum momento, do caminho que seguiu?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Perdeu noite de sono, com dor de consciência?
Malhães – Poxa, não. Até... é... perdi noite de sono estudando. Até hoje eu estudo, expliquei isso para vocês.
CEV-RJ - O senhor usa internet, aqui?
Malhães – Uso. Compro as coisas pela internet. Tenho três computadores na minha sala de computadores. Então, não. Eu acho que não fiz uma escolha

ideológica. A vida me levou até aquela posição X, dali pra frente quem decidiu fui eu. Mas a vida me levou até....
CEV-RJ - Coronel, quando é que o senhor decidiu, se preservar mais, ficar mais reservado...
CEV-RJ - Se retrair...
CEV-RJ - ...ficar mais reservado, tocar a sua vida, cuidar das suas plantas?
Malhães – Quando o meu mundo começou a virar. Quando eu fui sentindo que nós, que tínhamos lutado, que tínhamos... nós – digo nós, mas não fomos tantos assim – mas nós, estávamos perdendo poder.
CEV-RJ - Isso foi no governo Sarney ou foi depois do governo Sarney?
Malhães – É mais ou menos no governo Sarney.
CEV-RJ - O senhor não chegou a estar trabalhando com o governo Collor?
Malhães – Não. Em tão eu cheguei a esta conclusão. Digo, nós caímos. Eu já tinha chegado a conclusão de que íamos cair há bastante tempo. Mas nós caímos. Então, não tem mais. Posso aproveitar essa minha inteligência? Ou a minha capacidade? Não digo inteligência, mas a minha capacidade? Posso. Entro para uma organização criminosa dessas, reúno ...
CEV-RJ - Mas, o senhor aproveitou de outra forma, o senhor ...
Malhães – Reúno eles, transformo eles em vez de ser em várias organizações, em uma só...
Marcelp – Mas, isso, quem tentou não conseguiu, foi o Fernandinho Beira-Mar....
Malhães – A gente tenta.
CEV-RJ - Ficaram brigando entre eles e se mataram um ao outro.
Malhães – Nem que a gente tenha que eliminar os concorrentes. Mas, a gente tenta. Consegue. E aí, escrever uma outra história.
CEV-RJ - Agora, acho bom o senhor se aquietar. O senhor não tem que estar tendo essas ideias aí.
Malhães – É. É uma vida.
CEV-RJ - Mas, coronel, eu falei com o senhor o negócio das famílias, né? Da cereja. Isso aí a gente já venceu. Agora, o senhor sabe que tem um peso muito forte isso que o senhor falou dos infiltrados, na história. O senhor sabe disso. Mais pra frente a gente faz o que com uma informação dessas?
Malhães – Vocês é que vão escolher. O que o coração de vocês disser.
CEV-RJ - Mas, essa aí não dá para ser só com... essa aí tem... eu vou precisar de uma racionalidade. O senhor entende? eu não posso chegar e falar uma coisa dessas, não digo agora, daqui a um ano, daqui a dez anos... Eu não posso simplesmente falar uma coisa dessas, porque é muito leviano eu falar isso. Eu falar isso. Como, algum dia, na história, alguém me falou isso, mesmo sem...
CEV-RJ - Alguém nos falou isso, sem revelar...
CEV-RJ - ... mesmo sem que o senhor nunca apareça.
CEV-RJ - ...e nós não podemos dizer quem nos falou isso.

CEV-RJ - Independente disso. A história em si ela... Embora tenha muita gente dentro da esquerda, das organizações, que acuse isso, que fale que isso acontecia, e tal, é sempre...
CEV-RJ - Nós, como Comissão não podemos...
CEV-RJ - ...é sempre um pessoal se esquivando, né? 'Existia, mas eu não sei'. É sempre assim. Fazer o quê com isso?
CEV-RJ - Uma coisa seria, por exemplo, um dia o coronel Paulo Malhães estar diante de uma comissão e numa troca de conversa pública ou não, falar, 'não, aconteceu isso'. Outra coisa é nós ouvimos de um depoimento, de uma pessoa que nós não podemos revelar, que fulano, fulano e fulano, trabalharam infiltrados. Entendeu?
Malhães – Não...
CEV-RJ – Eu teria muita dificuldade em dizer assim, 'eu ouvi, de uma fonte minha, que fizeram isso com o corpo', é uma coisa. Agora, 'eu ouvi de uma fonte minha que Joaquim José aceitou ser infiltrado', é uma acusação muito pesada...
Malhães – Mas, você não sabe o nome de todos os infiltrados.
CEV-RJ - Não, não, não é isso não. Mas a minha questão não são os nomes, coronel. Minha pergunta não é em relação aos nomes. É em relação à técnica. (16:35)
CEV-RJ - A técnica.
CEV-RJ - Porque, talvez, aí pensando pra frente, não hoje, então, pra gente pensar, ir com o dever de casa de pensar nisso, assim, é..., talvez o senhor possa ajudar, sem se comprometer, não é uma questão de o senhor... a autoria disso ou não, assim, as organizações eram essas. Eu perguntei quais eram? Praticamente todas o senhor teve... E assim, a consequência disso, por exemplo, na ALN, ao fazer isso, em..... mesmo que o senhor não precisa precisar a data, mas se desmantelou. Porque isso é importante para a história. Porque a História ela é feita de pessoas, mas a gente também não pode achar que as pessoas – aí eu vou, eu não posso dizer que a culpa de uma organização é porque o José da Silva era infiltrado e ele é o responsável pela... Não é isso, não foi isso que aconteceu. O que interessa é que a organização se desmantelou por causa de uma técnica que vocês tiveram um trabalho de inteligência , foi ... Isso é importante para a História. Como foi importante na Alemanha o que o Hitler fez. Para a história, isto é que é importante. O senhor sabe disso. Só que não pode ser leviano. Eu não posso... eu acho que isso vale a pena, coronel, a gente pensar, entendeu? Como tratar essa informação do ponto de vista de registro histórico.
Malhães – A infiltração...
CEV-RJ - Não é uma técnica só daqui, não é uma coisa
Malhães - ...ela é mais antiga que o Império Chinês. Sun Tzu[38], que é o pai das informações, foi quem fez o decálogo das informações. Não me lembro de

[38] - **Sun Tzu** (544 a.C. – 456 a.C.), estrategista chinês

todos os itens. Mas ele é que cria 'não há fortaleza mais forte que eu não possa entrar com um burro carregado de Ouro'. Isso é um dos itens. Então, faz parte da própria historia da China - daí o sistema de informações deles ser para mim o mais importante do mundo, a tal de Mala Preta -, eles aplicaram isso tudo. Aplicam até hoje. O israelense, como condição de sobrevida, o israelense (Israel) é um país que você com uma atiradeira travessa de lado a ado com uma pedra. Como é que ele sobrevive, naquele cercado de inimigos? O inglês. O americano já... O russo. São serviços de informações que pesam. O que eu acho, que foi jogado fora – podiam até querer punir a gente, e tal – mas, o que eu acho que foi jogado fora, foi a experiência adquirida. Foi feita uma experiência. O Brasil adquiriu uma experiência. Como é a exploração de petróleo. O Brasil hoje é experiente em exploração de petróleo. Mas, por quê? Ele foi adquirindo experiência. A experiência adquirida foi jogada fora. Não precisava me dar general de Exército, me dava a função de instrutor que eu dava aula de informações, sempre dei. Graças a Deus, ainda devo me lembrar de tudo de informações que se estuda em uma escola. Então, essa experiência que eu acho... Primeiro, que eles não querem que essa experiência... já pensou se um jornal publica com letras deste tamanho que o seu presidente é infiltrado, ou foi infiltrado. Ele é infiltrado. Não, o jornal publicou (faz sinal com os dedos de pequeno) ... porque... Aí ela fala, 'não, mas, o povo tem que saber'. Mas, o povo vai saber o que a mídia quer mostrar. Não é a realidade.
CEV-RJ - Hoje em dia, com a internet, nem tanto.
CEV-RJ - Coronel, e os outros colegas seus, da época, né? Que tinham mais ou menos a mesma hierarquia na época, o senhor acha – tem uns que já morreram – mas, o senhor acha que eles tem uma visão parecida com a do senhor hoje?
Malhães – Não. Há uma revolta muito grande. Essa história que eu brinco de entrar para o crime, é da maioria deles também;
CEV-RJ - Que alguns entraram...
Malhães – Alguns entraram. Se deram bem.
CEV-RJ - Mas já entraram na época, não é? Não foi depois. Já desde aquela época...
Malhães – Mas, hoje não seria tão difícil, assim não.
CEV-RJ - Sim, nada seria tão difícil. Mas estou dizendo que estes 'alguns' não foi por uma questão política-ideológica,
Malhães – Foi uma questão....
CEV-RJ - ...Nem de desgosto. Foi uma questão de oportunismo e ...
Malhães – Roubo.
CEV-RJ - ... e roubo, mesmo.
CEV-RJ - Mas, e aí, coronel?
Malhães – Então eu acho que hoje não seria difícil. Os paulistas queriam que a gente organizasse um sistema de informações para trabalhar para eles. Eu não gostei das teorias do serviço de informações deles, eu desisti e a maior parte desistiu e acabou não havendo. O americano já me cantou umas dez vezes para mim montar um esquema de informações para eles, no Brasil e em outros

países. Eu disse que no meu país eu não trabalho contra o meu país. Então, também não quero. E não me agrada o estilo americano. Então, aí eu parei no tempo. Eu tenho uma reserva em dinheiro. Tô ganhando pouco, agora, estou né? A Dilma resolveu acabar com os milicos mesmo. Mas, isso vai parar um dia. Eu acredito que o comandante supremo das Forças Armadas, o comandante supremo do Exército, um dia grite. 'Não, peraí. Você dá 35 para eles e dá 8% pra gente?' Acredito que um dia aconteça. Pode ser que nunca aconteça mas, aquela historia da expectativa, também vivo das expectativas. Mas, dá para mim sobreviver. Eu não vivo em boates, eu não vivo em altos jantares, a gente raramente almoça fora. Então, dá para viver. Bem. Eu não vivo mal, tenho uma piscina aqui, com 60 mil litros de água, é água pra cacete.
CEV-RJ - Seus netos vêm muito aí?
Malhães – Vêm. Os netos. Os netos vêm.
CEV-RJ - Sem os filhos.
Malhães – Sem os filhos. Os filhos vêm, largam eles aí, eu fico tomando conta 'Ah, vou apanha segunda-feira'. Tudo bem, pode deixar aí. Então, não é grandes problemas. Não tenho grandes ambições
CEV-RJ - Mas o senhor sente, coronel, de ter tido um papel como o senhor teve e ... o senhor gostaria de hoje ter um reconhecimento maior, dos seus colegas, não digo do Estado...
Malhães – Não, porque eu não vou ter. A maioria dos meus colegas, já que quem hoje comanda o Exército é a outra classe, não é dos combatentes, é dos... Nós não deveríamos ter feito o que fizemos. Eles resolveriam pelo livro, não sei como, mas resolveriam. Então, eu acho, eu não estou desesperado, não estou contra ninguém, não estou contra. Guardei esse segredo porque ninguém sentou aqui um dia para conversar comigo.
CEV-RJ - E o que passa para o senhor nessa conversa toda? Assim, a medida em que a gente foi conversando, a primeira vez que eu vim aqui, o senhor pareceu receoso, não não quero falar, no telefone...
Malhães – Não, porque, eu, eu, a minha religião é Espírita.
CEV-RJ - O senhor é Espírita
Malhães – Espiritismo não aquele espiritismo branco, espiritismo...
CEV-RJ - De terreiro.
Malhães – É. Então eu digo que o meu santo...
Cristina – Bateu.
CEV-RJ - Bateu?
Malhães - Bateu. O que eu posso fazer?
CEV-RJ - Com o meu ou com o dela?
Malhães – Com os dois. Não posso falar que é só com o dela... eu chamo ela de minha nora..
CEV-RJ - De minha neta ..
Malhães – De minha neta, porra.
CEV-RJ - Minha nora, se é esses filhos aí que o senhor está falando....(rindo)
Malhães – A minha neta, por causa disso. Eu tenho o hábito de chamar as pessoas de filha e neta. Tenho esse hábito.

CEV-RJ - Sim, mas o que o senhor, durante... depois da conversa, da nossa primeira conversa, quando o senhor ficou sozinho aí..
Malhães – Eu fico matutando.
CEV-RJ - E aí matutou o quê?
Malhães – Que.. primeiro que eu estava correndo um grande risco. Segundo...
CEV-RJ - O senhor achou que ia aparecer tudo no jornal no dia seguinte?
Malhães – podia ser. Porque, porque...Porque foi a experiência que eu tive com o seu amigo particular.
CEV-RJ - Meu amigo particular.
Malhães – Eu conversei com ele....
CEV-RJ - Veio ele e a Juliana aí, ao que parece. Juliana, não?
Malhães – Acho que é. Não me lembro o nome da menina, não. Veio, conversou comigo, ele é um sujeito simpático, agradável, mas eu não toquei em nada de importante com ele. Só falei da Casa de Petrópolis. Perguntou 'Ah, consta que o senhor foi ... trabalhou na Casa de Petrópolis'. Eu disse tá, não tem nada demais trabalhar na Casa de Petrópolis, qual é o problema? Casa de Petrópolis é uma casa de conveniência. Porque eles devem ter um certo receio de eu abrir a boca e dizer como o filho do de São Paulo fez, 'fulano, fulano, fulano e fulano foram meu infiltrados. Pergunta a eles, bota eles na minha cara e pergunta a elas se não foram?' E eu (VOU???) dar uma cacetada nessa República. Entendeu?
CEV-RJ - Coronel, quando aparece aquela matéria lá, da Casa. Colocando o nome do senhor, o senhor acha que os seus colegas...
CEV-RJ - Protestaram?
CEV-RJ - Não, quando eles viram aquilo, ele, eu imagino que eles tenham se retraído, no sentido assim, se alguém chegar perto deles para perguntar alguma coisa, eles vão ficar....
Malhães – Vão.
CEV-RJ - que aquilo...
CEV-RJ - Alguém ligou, para reclamar?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Mas, o senhor acha que isso é natural que tenha acontecido...
Malhães – Única pessoa que ligou para reclamar foi a minha filha.
CEV-RJ - Sim
Malhães – Devem ter sacaneado ela no serviço dela e ela disse 'fica você com os pecebezinhos'. Tá bem.
CEV-RJ - Mas, o senhor acha isso, assim, que os...
Malhães – Não. O Camarão me procurou, mas acho que ele estava mais morto do que vivo.
CEV-RJ - Camarão era patente alta?
Malhães – Não. Camarão era soldado.
CEV-RJ - Mas e aí, ele procurou o senhor...
Malhães – Mas nós não chegamos a conversar.
CEV-RJ - Mas, ele ficou meio tenso, achou que podia dar problema. Nesse sentido?

Malhães – Não sei, ele veio, eu estava de saída para ir ao médico. Aí ele veio eu disse 'olha, você vem outro dia, porque hoje eu não posso porque estou indo ao médico e tal'. (30:15) Eu estava ali no meio da estrada. Também não estava muito a fim de conversar. Foi um cara que eu protegi muito. Tanto é que ele é meu compadre. Mas, que me decepcionou muito. Depois eu vim saber de umas besteiras que ele fez, e tal, não sei o que. Então aquilo me causou uma decepção muito grande. Então... O meu problema não é eu me olhar no espelho. É eu olhar para a cara dos outros e ver que aquele pessoal que eu achava que era um cara trabalhador, decente, honesto, integro e dedicado ao problema, realmente não era. Só isso. Agora eu estou meio baleado, quer dizer, não estou nem ligando muito para isso, não.
CEV-RJ - Coronel, o senhor não quer, o senhor já pediu, né, o senhor não quer que a gente divulgue isso como sendo informações dadas pelo senhor. Independente de quando for, se for agora, for daqui a seis meses, daqui a um ano. Por enquanto você não quer?
Malhães – Não.
CEV-RJ - E eu também não quero o contrário. O senhor entendeu, né?
Malhães – Eu dizer que disse para vocês. Não, você não corre esse risco. Tá?
CEV-RJ - Não agora.
Malhães – Não, não corre esse risco.
CEV-RJ - Não, eu digo porque assim, eu estou fazendo o meu trabalho, coronel, que sempre fiz, de uma forma muito séria. E a pior coisa que tem é, o senhor sabe? A ciumeira, como o senhor falou. Sabe o significado disso? Tem muita gente que... então, por enquanto, acho é bom assim a gente ... acho que é melhor para todos nós. Porque... têm diferentes versões, entendeu? Têm pessoas que falam coisas diferentes do que o senhor está falando, desse período. O Claudio Guerra da vida entre outros.
Malhães –É, mas o Claudio Guerra é um débil mental. Sempre foi. Ele se aproximou da gente, não foi só de mim. Mas eu relaxei, ele... já achei ele meio.. O Perdigão é que ficou colado com ele. Não tenho nada com isso. Problema do Perdigão e... coitado, já até morreu, foi um bom amigo, nós tínhamos um bom relacionamento, mas, se eu vê o Claudio Guerra eu nem conheço.
CEV-RJ - Coronel, o que o senhor acha, por exemplo, de um cara que nem o Avólio – o senhor conviveu com ele – porque ele está falando as coisas agora? Qual o interesse dele de começar a falar, de falar para a Comissão, e falar para jornal? Por que ele está falando?
Malhães – Aparecer.
CEV-RJ - Só isso?
CEV-RJ - Mas, antes ele foi no Ministério Público e negou tudo do Mário Alves, por exemplo.
Malhães – Mas, ele agora quer aparecer. Ele queria alguma coisa. Pediu a alguém alguma coisa, para ficar calado, e não ganhou. Eu não pedi nada a ninguém para ficar calado.
CEV-RJ - Mas, é por aí, coronel?

CEV-RJ - Ele é do estilo do Ronald Leão? De querer aproveitar para ter interesses pessoais?
Malhães – É. São vinhos da mesma pipa.
CEV-RJ - E o Belham?
Malhães – Não. O Belham é um homem sério.
CEV-RJ - O senhor acha que ele não vai mais falar? Da forma que o Avólio falou, de dar nomes, de dizer....
Malhães – Acho que não. Acho que o Belham não fala não.
CEV-RJ - E o Paim?
Malhães – Paim Sampaio se afastou da gente há muitos anos. Paim escolheu uma mineradora lá no alto do Amazonas. No alto não, no médio Amazonas, para ser chefe de segurança. Aí se aproveitou de estar ali próximo a Manaus e começou a fazer um contrabando, de Manaus para cá. Aí deu um rolo...
CEV-RJ - Deu rolo?
Malhães – Deu. Ele saiu da... Aí nunca mais eu tive contato com ele.
CEV-RJ - Mora em Resende, hoje.
Malhães – É, ele tem um... ele tem um sítio lá. Ele queria fazer lá um hotel, uma coisa dessas.
CEV-RJ - Ele, o senhor acha que ele fala?
Malhães – Acho que não. O Paim Sampaio também não sabe de tanta coisa assim não.
CEV-RJ - Mas, se ele falar, ele vai falar coisas muito mais importantes que o senhor.
Malhães – Não acredito...
CEV-RJ - Não, digo menos. Ele sabe muito menos.
Malhães – Ele sabe muito menos.
CEV-RJ - O Brant, coronel?
Malhães – O Branzinho, é difícil de o Branzinho falar. Só se o Branzinho estiver sendo sacaneado.
CEV-RJ - O senhor acha que tem alguém, ainda hoje, controlando isso, se vocês estão falando ou não estão falando?
Malhães – Não sei. Mas pode ter. Eu, por exemplo, não falo no telefone tudo aquilo que eu penso.
CEV-RJ - Na dúvida.
Malhães – Na dúvida.
CEV-RJ - Dos se...
CEV-RJ - No e-mail, o senhor escreve?
Malhães – Nem pensar.
CEV-RJ - Nada disso.
Malhães – Nada.
CEV-RJ - Depois que o Obama está vigiando lá.
CEV-RJ - Não, mas eu digo assim, o senhor... eu entendi
CEV-RJ - Dos sete, quem mais está vivo. Brant, Paim, o senhor, o Ciro e o Leo ainda estão vivos?
Malhães – O Ciro...o Léo eu disse para você que não trabalhou lá.

CEV-RJ - O Léo era o general.
Malhães – O Ciro é que trabalhou lá.
CEV-RJ - E o Ciro, está vivo?
Malhães – Não sei.
CEV-RJ - Ele é de São Paulo?
Malhães – Não, ele é do Rio. Os outros dois você me falou o nome.
CEV-RJ - Quatro. Eu falei quatro, mais o Perdigão, cinco e tem mais dois.
Malhães – Você me falou o nome deles.
CEV-RJ - Nome ou ...
Malhães – Codinome.
CEV-RJ - Eu falei o codinome de vários. Um é o que o senhor me falou que era próximo do Ciro e por isso a Inês deve ter conhecido, que era o Guilherme, não é isso?
Malhães – É
CEV-RJ - Tá vivo?
Malhães – Não sei;
CEV-RJ - O senhor não vai contar para nós o nome dele?
Malhães – Nem eu sei.
CEV-RJ - Nome?
Malhães – Nome, nem eu sei.
CEV-RJ - Nem o nome de guerra?
Malhães – Era esse que você falou.
CEV-RJ - Não. Esse é codinome. Nome de guerra é o nome oficial.
Malhães – Vou tentar me lembrar e depois eu falo. Tem o.... E falou o nome do outro.
CEV-RJ - Codinome.
Malhães – Codinome
CEV-RJ - Codinome eu tenho um monte, coronel. Codinome, a gente fez uma lista,.... Nem é tão grande, mostra, eu falo pro senhor, olha só os nomes.
CEV-RJ - Aqui, olha.
CEV-RJ - Aqui ó. Quem trabalhou lá que aparece aqui, Amilcar Lobo, falecido.
Malhães – Nunca trabalhou no CIE.
CEV-RJ - Não, no CIE, não. Estou dizendo lá em Petrópolis, que esteve em Petrópolis;
Malhães – Não.
CEV-RJ - Antônio Freitas da Silva, o Baiano.
Malhães – Até você me surpreende, com certos nomes. Mas, vai.
CEV-RJ - Éber Teixeira Pinto
Malhães – Não
CEV-RJ - Dr. Bruno. Um coronel da Aeronáutica. Teve lá?
Malhães – Não me lembro.
CEV-RJ - Félix Freires Dias, o senhor já disse que não. Dr. Magno ou Dr. Magro.
Malhães – Não, o Magro trabalhou em Serra Pelada.
CEV-RJ - Serra Pelada

CEV-RJ - No Araguaia ele esteve lá.
CEV-RJ - Freddie Perdigão Pereira que era Roberto ou Nagib. Jacy Ochsendorf de Souza
Malhães – Traba... não trabalhou não, o Jacy Ochsendorf é de Brasília.
CEV-RJ - O Jacy ou o Jurandir que é de Brasília? O Jurandir.
Malhães – É um dos dois, é o Jurandir
CEV-RJ - Eram dois irmãos
CEV-RJ - O Jacy é o baixinho gordinho, não esteve em Petrópolis?
Malhães – Esteve.
CEV-RJ - É..., um que já morreu, que era PM, Jarbas Fontes, Pardal.
Malhães – Hun, Hun (consentindo)
CEV-RJ - José Brant Teixeira
Malhães – É o Branzinho
CEV-RJ - Que é o Branzinho, Dr. Cesar.
Malhães – Ou Zoinho.
CEV-RJ - Ou?
CEV-RJ - Zoinho
Malhães – Zoinho
CEV-RJ - Zoinho.
Malhães – É que ele é vesgo;
CEV-RJ - Jurandir Ochsendorf de Souza, esse é o de Brasília e não teve em Petrópolis.
Malhães – Não
CEV-RJ - Luiz Carlos Azeredo Viana.
CEV-RJ - É o Luizinho
Malhães – É o Luizinho.
CEV-RJ - É o Luizinho, ou Laurindo.
Malhães – É o Luizinho
CEV-RJ - Mas, Laurindo, o codinome.
Malhães – Cabo Laurinho
CEV-RJ - Cabo Laurinho?
Malhães – Era de sacanagem.
CEV-RJ - Luiz Timóteo de Lima, agente da polícia civil, do DOPS. É o Timóteo.
Malhães – Não, lá em cima não.
CEV-RJ - Não? Mas, ele era do DOI. É... Orlando de Souza Rangel, parece que era Dr. Pepe, delegado de Polícia Federal.
Malhães – Não era delegado de polícia.
CEV-RJ - O quê?
Malhães – Não era delegado de polícia.
CEV-RJ - Ele era o quê?
Malhães – Ele era tenente-coronel, como eu.
CEV-RJ - O quê?
CEV-RJ - Coronel.
Malhães – Tenente-coronel do Exército.
CEV-RJ - Esse é um... é o sexto?

Malhães – É
CEV-RJ - Está falecido, esse.
Malhães – Faleceu?
CEV-RJ - Faleceu. Paulo Manhães, Ricardo Agnesi Fayad não foi lá em cima, como o senhor falou.
Malhães – Não. Quer dizer, comigo.
CEV-RJ - Com o senhor.
Malhães – Durante a minha.
CEV-RJ - O senhor não tem notícias dele lá em cima.
Malhães – Dele lá em cima.
CEV-RJ - Riscala Corbage.
Malhães – Não sei nem que é.
CEV-RJ - É o da PM, que foi S-2 da PM depois que saiu do DOI-CODI.
CEV-RJ - Tinha um codinome.
CEV-RJ - Dr. Nagib
Malhães – Também nunca foi lá em cima.
CEV-RJ - Rubens Marins de Souza, Leacato ou Larcato Bezerra
Malhães – É sargento.
CEV-RJ - É sargento. Foi? Teve lá?
Malhães – Tô pensando aqui.... eu acho que não.
CEV-RJ - Rubens Paim Sampaio.
Malhães – Foi
CEV-RJ - Dr. Teixeira. Severo, o Raul
Malhães – Sargento.
CEV-RJ - Sargento? É o Severo Ciriaco, não?
Malhães – Não
CEV-RJ - Ciriaco é um outro.
Malhães – É
CEV-RJ - Severo Ciriaco
Malhães – É, mas este também não foi lá em cima.
CEV-RJ - Não foi lá em cima. Este é cabo?
Malhães – Deve ser cabo ou sargento...
CEV-RJ - Mas, era do CIE?
Malhães – Deve ser. Deve ter sido.
CEV-RJ - Ubirajara Ribeiro de Souza
Malhães – Sargento.
CEV-RJ - Sargento, que virou advogado.
Malhães – Não foi
CEV-RJ - O quê?
Malhães – Não esteve lá em cima.
CEV-RJ - Ele não esteve lá em Petrópolis?
CEV-RJ - Ué, este esteve, parece que ele era jogador de basquete com o Breno.
CEV-RJ - É de Minas
CEV-RJ - Foi de Minas

CEV-RJ - O senhor lembra dele? O senhor sabe quem ele é?
Malhães – Sei...
CEV-RJ - O Bira, mora na Tijuca.
Malhães Então ele... então não esteve no meu tempo.
CEV-RJ - Mas, não esteve mesmo?
CEV-RJ - Porque dizem que o Breno o reconheceu como... porque o Breno jogou basquete com ele, em Minas.
Malhães – Não conheço ele, não. Repete o nome dele.
CEV-RJ - Ubirajara Ribeiro de Souza, Zé Gomes ou Zezão.
Malhães – Existe.
CEV-RJ - Lá em cima.
Malhães – Como Zezão.
CEV-RJ - Zezão. Wantuil ou Wantuir. Wantuir ou Wantuil, Camarão.
Malhães – É
CEV-RJ - É um sargento, que o senhor falou?
Malhães – Não, é um soldado.
CEV-RJ - Soldado. Ai vem, Dr. Guilherme. Que a gente não sabe o nome. Márcio, que o senhor falou que é um sargento.
Malhães – Sargento.
CEV-RJ - Do Exército?
Malhães – Não. É.
CEV-RJ - Do Exército. José de Ribamar Zamith não esteve lá em cima.
Malhães – Não.
CEV-RJ - Ailton Guimarães Jorge não esteve lá em cima.
Malhães – Não esteve lá em cima.
CEV-RJ - Marcelo, militar do Exército.
Malhães – Se não me engano foi o que morreu salvando o comandante lá na Amazônia. Se lembra dessa história? Que um cabo enlouqueceu porque o comandante não quis dar o tempo integral de serviço dele, aí o cabo partiu para cima do coronel com um revólver e ele entrou no meio do coronel...
CEV-RJ - Não sei.
Malhães – ...foi baleado, acho que é este. Morreu.
CEV-RJ - Disse que ele era parente até do Carlos Heitor Cony?
Malhães – Não sei. Não sei.
CEV-RJ - Otávio, codinome. André? Depois tem aqui, Dr. Ney, Ênio Pimentel Silveira....
Malhães – Foi o que se matou no quartel[39]...
CEV-RJ - É o coronel?
Malhães – Mas ele é chefe da OBAN.
CEV-RJ - É o quê?
Malhães – Chefe da OBAN.
CEV-RJ - E ele esteve lá.

[39] - O caso do coronel Enio Pimentel Silveira foi citado na página 186.

Malhães – Não.
CEV-RJ - Esse é o que esteve em Pernambuco?
Malhães – É
CEV-RJ - Mas não esteve em Petrópolis.
Malhães – Não.
CEV-RJ - General Everaldo José da Silva, esteve visitando a Etienne em Belo Horizonte. É do ID4, comandante do ID-4. O que é ID.
Malhães – É Divisão de Exército. Mas, ID-4 é Minas.
CEV-RJ - É.
Malhães – É Minas.
CEV-RJ - Foi quando a Etienne esteve internada em Minas.
Malhães – Mas ele foi fazer o que lá?
CEV-RJ - Depois que ela foi solta.
Malhães – Mas o que ele foi fazer lá?
CEV-RJ - Ele esteve visitando ela lá, porque parece que estavam pensando que ela fosse ser infiltrada. Ela conta isso no relatório dela.
Malhães – É, pode ser.
CEV-RJ - Major Bofla?
Malhães – Não
CEV-RJ - Major Orlando.
Malhães – Se você tiver outro nome você me diz.
CEV-RJ - Não. Não, esse é do ID-4 também. E o Francisco Homem de Carvalho, que era o coronel da PE.
Malhães – Da PE.
CEV-RJ - Nunca foi lá em cima?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Quer dizer, só está faltando aqui saber o ..
CEV-RJ - O Guilherme
CEV-RJ - ... o Guilherme
Malhães – Só o nome do Guilherme que eu não me lembro.
CEV-RJ - O Guilherme é aqui do Rio, coronel?
Malhães – É. Acho que morreu, esse rapaz também.
CEV-RJ - Guilherme?
Malhães – É
CEV-RJ - Se o senhor lembrar o nome eu vou saber se ele morreu ou não.
Malhães – Aí você vai ter que esperar, para mim entrar em contato...
CEV-RJ - - Entrar em contato?
Malhães – Pra mim levantar o nome do Guilherme. Ou eu me lembrar.
CEV-RJ - Não. Se o senhor lembrar, depois....eu ligo para o senhor, aí o senhor diz, lembrei, aí eu venho aqui já que o senhor não quer falar por telefone.
Malhães – Mas, eu posso dizer, o nome daquele passarinho é fulano de tal. Entendeu como é que é.
CEV-RJ - Agora, tinham mais, além destes?
Malhães – Não, na Casa não tinha não.

CEV-RJ - Não?
Malhães – Tem gente aí que foi só de visitante. Ou foi uma vez.
CEV-RJ - Por exemplo.
Malhães – Agora eu não...
CEV-RJ - O Amilcar Lobo diz que foi duas ou três vezes...
Malhães – Eu nunca vi o Amilcar Lobo lá
CEV-RJ - Eu vou lhe ler um texto aqui, sobre a casa. O senhor conhece o Elio Gaspari,?
Malhães – Hun.
CEV-RJ - Jornalista. O Élio Gaspari recebeu os arquivos do Golbery, todo o arquivo pessoal do Golbery. Por isso o Élio Gaspari fez uma trilogia sobre o período militar: A ditadura escancarada, A ditadura encurralada, ditadura não sei o quê... Aí ele começa o texto assim (procurando no livro). Aqui é da Comunidade de Informações que outra hora eu vou ler para o senhor isso. Mas tem um... deixa eu ver se é aqui....
CEV-RJ - (começando a leitura do livro na pág.) "*Era a segunda vez, que o major Rubens Paim Sampaio recorria ao tenente Amilcar Lobo.....* (ao se referir a um atentado a bomba de que participou Perdigão, dou a explicação) Aí ele fala aqui que este é um dado fornecido por José Amaral Argolo e outros "*A Direita explosiva do Brasil, trata-se da explosão do depósito de papel do Jornal do Brasil no Rio de Janeiro"*. Houve está bomba, não?
Malhães – (concorda com a cabeça sem nada falar).
CEV-RJ - (continua a leitura) "*Anexado ao Doi carioca, passara a interrogar e torturar presos*". *Depoimento de Sérgio Ubiranta Manes e Tânia Chal, no Projeto Brasil Nunca Mais*". O Ubiratan, também... o Manes, o Perdigão participou, ou foi o senhor?
Malhães – Não, eu não.
CEV-RJ - Não é o cara aqui... o Manes, aqui da família Manes?
Malhães – Foi. Esse é o Manes, é?
CEV-RJ - É, está falando, que depoimento de Sérgio Ubiratan Manes denunciando o Perdigão como interrogador e torturador... (continua a leitura) "*passara a interrogar e torturar presos. Passara a mancar de uma perna, desde que o terrorista lhe dera dois tiros durante uma batida*"
Malhães – É verdade.
CEV-RJ - É o Fayal, né? O cara que ...
Malhães - É
CEV-RJ - E o Fayal está vivo?
Malhães – Não.
CEV-RJ - Depois vocês foram atrás e pegaram ele? E aí virou desaparecido?
Malhães – Eu acho que... não sei não.. mas, eu acho, que na época... (nota: Fayal está vivo. Foi trocado pelo embaixador alemão)
CEV-RJ - Foi o próprio Perdigão que correu atrás ou os colegas dele?
Malhães – Os amigos dele.

CEV-RJ - (continua a leitura) "*De acordo com as normas da casa, Lobo fora rebatizado e tornara-se Carneiro.... assim como procedera em 69*"... – No caso do preso que eu não lembrei da Vila Militar, era Chael Charles Schreier ...
Malhães – Hun.
CEV-RJ - (continuando a leitura) *o hospital central do Exército divorciou-se do porão"*. Porque, no caso do Chael, eles deram um laudo confirmando que ele tinha sido torturado.
CEV-RJ - O senhor lembra disso, não é coronel?
Malhães – (confirma com a cabeça)
CEV-RJ - O senhor fez a prisão dele?
Malhães – Não.
CEV-RJ - (continuando a leitura) '*transferiram-na para o Hospital Carlos Chagas e de lá para a Casa de Petrópolis*". Depois que o HCE não deixou interrogar lá. (continuando a leitura) "*Carneiro suturou os ferimentos da presa durante duas horas e voltou para o Rio de Janeiro com Teixeira. No caminho, o major do CIE contou-lhe a história da casa*". Olha as versões que correm, esse livro aqui foi editado, só para o senhor ter noção, em 2011, mas acho que a primeira edição dele é de 2002.
CEV-RJ - É anterior.
CEV-RJ - É de 2002. A versão que já corria. (volta à leitura) "*Segundo as memórias de Amilcar Lobo, publicadas 18 anos depois...*", - (aponta a xerox do Livro de Lobo que foi levada) Está nesse livro – (volta à leitura) "...*o ministro Orlando Geisel ordenara a morte dos prisioneiros banidos que regressassem ao país*".
Malhães – Tá.
CEV-RJ - Isso é verdade?
Malhães – (concorda com a cabeça)
CEV-RJ - É. Seis, Amilcar Lobo a Hora do Lobo, a Hora do Carneiro, página 35 deste livro que lhe dei. "volta à leitura) "*A casa, Rua Artur Barbosa, 668, funcionaria como um aparelho de torturas e de assassinatos*". Esta versão a referência é a Isto É, fevereiro tal...
Malhães – Isso?
CEV-RJ - Isso já é o Elio gaspari falando. O Amilcar Lobo só diz que ouviu.. Eu não sei se é o Elio gaspari falando ou o Elio Gaspari transcrevendo o que o Amilcar Lobo falou que teria ouvido do Paim Sampaio. "*O aparelho de Petrópolis, codinome de Codão*..." Tinha esse codinome?
Malhães – (Concorda com a cabeça)
CEV-RJ - (voltando à leitura) "*era uma base do Centro de Inteligência ...."*
Neste ponto o gravador desliga por falta de memória. Sem gravação, Malhães acaba lembrando da passagem de Inês Etienne por Petrópolis que, anteriormente ele disse que não tinha visto. Admite que a viu por lá, sem ser visto por ela. Desmente que ela tenha trabalhado na cozinha e garante que ela não tentou suicido se jogando contra um ônibus, mas que o acidente ocorreu quando os militares tentaram mata-la. Primeiro, pensaram em jogá-la da passarela sobre a linha do trem para que fosse atropelada pelo mesmo.

Depois, resolveram jogá-la na frente de um ônibus, o que contraria a versão oficial de Etienne.